

ANN BRASHARES



SEGUNTO



ANN BRASHARES

TUDO JUNTO
E
MISTURADO

Tradução
CRISTIAN CLEMENTE

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

*Com reconhecimento e amor profundos às queridas amigas
Nancy Easton, Bethany Millard, Janice Meyer e Elizabeth
Schwarz, que me ajudaram na elaboração desta história — e
de todas as minhas histórias — ao longo de muitos
quilômetros e muitas estações do ano no Central Park.*

SUMÁRIO

A família Thomas-Harrison, em resumo

1. Altos e baixos de um relacionamento que não existiu
2. Um estranho muitíssimo estimado
3. Milho ou Matthew?
4. Soma-zero
5. Sugestões para uma sensibilidade que você possivelmente tem
6. Nunca me perguntei sobre isso
7. Mexendo em vespeiro
8. A impressão que ela me deu quando eu não sabia quem ela era
9. Ganhar força abrindo mão das coisas
10. Ou/ e
11. Uma família muito estranha
12. Caixas (e latas)
13. E passamos para a próxima preocupação
14. E por falar em conseguir mais do que se esperava
15. O preço a pagar
16. Como jogar sujo
17. Pés tortos
18. A verdade e dois cortadores de grama
19. Quem semeia ventos...
20. Eu não estava chorando, mas não pude me conter
21. Depois disso, você faz uma limpeza
22. “A arruda é pra você e essa aqui é pra mim...”
23. Tenros e encolhidos
24. A magia mais profunda
25. Abertura

A FAMÍLIA THOMAS-HARRISON, EM RESUMO

LILA HARRISON *se casou com* ROBERT THOMAS.

Juntos tiveram três filhas:

EMMA, 22 anos

QUINN, 21 anos

MATTIE, 19 anos

Lila e Robert se divorciaram.

LILA *se casou com* ADAM RIGGS.

Juntos tiveram um filho:

RAY RIGGS, 17 anos

(Adam teve dois filhos do casamento anterior:

ESTHER e GEORGE, *ambos beirando os trinta anos.)*

ROBERT *se casou com* EVIE STONE.

Juntos tiveram uma filha:

SASHA THOMAS, 17 anos

CENÁRIOS

Casa à beira de um lago em Wainscott, no Braço Sul de Long Island A casa de Lila e Adam no Brooklyn

A casa de Robert e Evie em Manhattan

1

ALTOS E BAIXOS DE UM RELACIONAMENTO QUE NÃO EXISTIU

PARA ELE, O CHEIRO DO LAR ERA, mais do que qualquer outra coisa, o cheiro de uma garota que ele não conhecia.

Seu lar não era a casa de tijolinhos com três andares na rua Carroll, no Brooklyn, onde ele morava a maior parte do tempo. Seu lar era aquela casa grande na beira de uma lagoa que transbordava para o oceano no Braço Sul de Long Island, numa cidadezinha chamada Wainscott. Ali ele passava metade das semanas do verão e metade dos finais de semana de quase todos os anos da sua vida.

Ray estava sentado no quarto em meio a pilhas de livros, roupas, brinquedos velhos, cobertores, capas de chuva, tralhas de pesca e equipamentos esportivos, e respirava fundo, em busca de vestígios dela em tudo que pertencia a ele.

Era um cheiro antigo, íntimo e nostálgico, associado à felicidade e à liberdade do verão, à brisa fresca que entrava casa adentro. Também era um cheiro novo, reavivado toda semana, enriquecido com partículas de um xampu novo, de um vestido novo, da coisa brilhante que ela passava nos lábios.

Com aquela sensação plena e dolorida, ele levantou e deitou na cama, onde o cheiro dela era sempre mais intenso. Inspirava-lhe o conforto das coisas conhecidas e do aconchego da noite. Ele sempre tinha os sonhos bons ali, quase nunca pesadelos. Na sua cama no Brooklyn, ele tinha pesadelos.

Ficou deitado de bermuda e camiseta, pés descalços sujos de areia pendendo para fora da cama, por respeito. Não costuma pensar em coisas desse tipo.

O sono naquela cama, apesar de doce, se tornara entrecortado havia mais ou menos um ano. Docemente entrecortado. Docemente frustrante. O cheiro, com suas notas extras e novas, passou a ficar tão estimulante quanto era reconfortante. Ele não sabia direito que notas eram aquelas que agitavam sua noite de um jeito novo.

— Como estão as coisas por aqui?

Ele sentou na cama. Sua mãe sempre batia e entrava no quarto sem a menor hesitação.

— Já está tirando uma soneca? — ela perguntou.

— Não, eu só estava...

— Você tirou tudo do closet?

Ele se voltou para o closet escuro, com a porta aberta.

— Quase tudo. Tentei deixar as coisas da Sasha como estavam. Mas tem algumas coisas misturadas. E outras que não sei de quem são.

— Seria bem mais fácil se tivesse uma luz lá dentro — a mãe observou.

Ele assentiu. Fazia uns dois anos que ele não trocava a lâmpada, e bem mais tempo que não limpava o closet.

— Já estou liberado?

Lila lhe lançou um olhar de reprovação.

— Sério? Você simplesmente jogou tudo no chão. Vai ter que dar um jeito nisso.

— Foi por isso que voltei para a cama.

Ela amarrou um pano na cabeça. Suas calças estavam cobertas de manchas de tinta velha e barro.

— Sorte a sua que não pedi para você me ajudar na cozinha. Você devia ver o tamanho da bagunça por lá.

Ele levantou, sem se sentir sortudo.

— Por que a gente está fazendo isso de novo?

— As meninas organizaram a casa.

— Para mim, a casa está ótima.

— A outra família vai fazer isso também, semana que vem.

— Devíamos ter deixado que eles comessem.

— Volte ao trabalho, Ray. Deixei sacos de lixo e caixas no corredor. Ponha nas caixas o que você quiser guardar. Quando terminar, pode levá-las para o depósito e arrumá-las direitinho nas prateleiras.

Ele examinou as prateleiras ao longo da parede do quarto. Ele e Sasha tinham seus acordos e desacordos silenciosos quanto à divisão das gavetas, das estantes e do espaço no guarda-roupa.

Quase todos os livros eram dela. A coleção completa de Harry Potter ainda estava ali, junto com as Crônicas de Nárnia e a trilogia Fronteiras do Universo. Ray tinha contribuído com *O Hobbit* para os volumes de O Senhor dos Anéis. Ele lia quase todos os livros dela, às vezes ao mesmo tempo que ela, exceto os que eram muito de menininha. Ficava indignado quando estava lendo algum dos livros, como o último do Harry Potter, e Sasha levava o exemplar para a cidade.

Ele pegou um saco de lixo reciclável para seus quadrinhos velhos e sua pilha de trabalhos de escola. Entre eles, encontrou uma antiga prova de Ciências (nota 9,1) e um relatório de Sasha sobre *A menina e o porquinho*. Ninguém nunca confundiria a caligrafia arredondada e regular dela com os garranchos de Ray.

O armário que guardava conchas, pedrinhas coloridas do mar, pedras lisas, cascas de ovos e dentes de tubarão era propriedade compartilhada. Ele não fazia ideia de quem tinha encontrado o quê. Ambos eram grandes saqueadores da praia. E tudo aquilo pertencia ao mar, não? Ele se

livrou de alguns corais quebradiços e deixou o resto do jeito que estava.

Ray não ligava para a cômoda — ele deixava Sasha ficar com todo o espaço desde o sexto ano, exceto o gavetão de baixo, com malhas e blusas velhas que ambos usavam. O guarda-roupa dele, pequeno e nada impressionante, limitava-se a duas prateleiras e um cabideiro no lado esquerdo do enorme closet. Pelo menos noventa por cento do armário de remédios era tomado por coisas dela. Verdade: ele mal tinha produtos de higiene pessoal, principalmente porque usava os dela. Ficava feliz em usar o xampu de Sasha e andar por aí com o cheiro dela. Fazia anos que ele não trazia para a casa de praia pasta de dente ou fio dental.

Havia um monte de porcarias quebradas ou inúteis para jogar fora. Ele levou um bom tempo inspecionando os equipamentos de pesca. Tinha de admitir que ocupavam mais do que a sua metade do closet, mas Sasha podia muito bem usá-los, contanto que cuidasse direito. Os dois compartilhavam uma prancha de bodyboard, que ele ainda usava de vez em quando.

Será que ela usava? Ray não sabia. Ele torcia para que sim. Sempre imaginou que Sasha, tanto quanto ele, amava aquele lugar, aquela lagoa, aquela praia, a casa estranha, a velha cama dobrável sob a claraboia.

E as pranchas de surfe que guardavam na garagem.

Embora dormissem na mesma cama (confortável, irregular) e observassem a lua da mesma claraboia, os dois não se conheciam. Tinham três meias-irmãs mais velhas em comum — Emma, Quinn e Mattie —, mas não eram parentes consanguíneos. O pai de Sasha, muito tempo atrás, fora casado com a mãe dele.

Ray tinha visto o rosto de Sasha bem de longe, no outro extremo do Radio City Music Hall, na formatura das irmãs mais velhas. Nunca a tinha visto de perto porque os dois pares de pais coreografavam os assentos e os festejos pós-cerimônia de um jeito que um jamais encontrasse o outro. As festas de aniversário das irmãs também eram assim. Duas, sempre separadas: uma com a família dele, com pão de abobrinha caseiro e presentes artesanais na mesa da cozinha da casa do Brooklyn; outra que, pelo visto, era em salões exclusivos em restaurantes da moda a que uma pessoa comum jamais poderia ter acesso. Ele nunca tinha ido a uma dessas festas, claro.

Ele tinha visto fotos de Sasha pequena pela casa. Sempre ficava de olho, à procura de fotos novas, mas fazia tempo que não aparecia nenhuma.

Ray tentou ser amigo dela no Facebook no oitavo ano, mas Sasha não aceitou. Ele ficou com raiva, depois a respeitou e, por fim, se sentiu aliviado. Na verdade, ele não queria ver Sasha daquele jeito: mais uma garota abraçada com as amigas de biquíni, ostentando aparelhos nos dentes e sinais de paz e amor em Paradise Island. Ele queria manter a ideia de que ela era diferente.

No começo do ensino médio, ele deletou seu perfil no Facebook porque não queria ver mais ninguém daquele jeito. A exibição de felicidade fingida irritava depois de um tempo. Ele tinha uma tendência a críticas severas, e o Facebook só piorou isso. “Você quer viver isolado”, Mattie tinha lhe dito. O que não era bem verdade. Ele usava o Snapchat e o Rapchat tanto quanto os

amigos.

Ray sabia que Sasha frequentava uma escola só de meninas no Upper East Side, onde todas as alunas usavam uniforme. Mattie, fazendo pouco caso, comentou que havia apenas quarenta e duas garotas na turma de Sasha. Ray imaginava Sasha de sainha plissada, mas evitava insistir nesse tipo de divagação.

Ray frequentava uma escola pública em Fort Greene, no Brooklyn. Eram 1774 alunos e poucas saias plissadas.

O mundo das escolas particulares de Nova York era como um clube: isolado, presunçoso e bem chato, e Ray não fazia parte dele. Suas irmãs faziam, porque o pai delas era rico. Era estranho ser de uma classe econômica diferente da de sua própria família.

Por isso ele não conhecia Sasha por nenhuma das vias normais. Sua sensação era de que a conhecia de um jeito mais antigo e profundo. Tinha brincado com seus brinquedos, lido seus livros, dormido sob seus cobertores, amado suas irmãs e brigado com elas. Era quase como se Sasha fosse parte dele. Ray era o seu amigo ideal em muitos sentidos: sempre ao seu lado, nunca decepcionava. Sasha nunca lhe dera a chance de julgá-la de modo superficial.

Quando chegou à pilha de sapatos, ele começou a dividir, porque dividir era a especialidade deles. Não conseguia se lembrar de quem eram os chinelos velhos e surrados de quando eram pequenos, então jogou a maior parte no saco de lixo. Torcia para que ela não se importasse com isso. Quando estava de bom humor, ele sempre lhe dava o benefício da dúvida. Quando estava de mau humor, as opiniões dele sobre ela tendiam a piorar. Mas mesmo em seus momentos de muita raiva, capazes de pôr tudo a perder, não conseguiam prejudicar sua relação com Sasha.

As velhas sapatilhas aquáticas dela. Dele. Quando os dois eram mais novos, seus pés eram quase do mesmo tamanho, e eles podiam compartilhar coisas assim, e às vezes era isso que faziam. Mas ela costumava usar um tênis ortopédico especial em que Ray não podia nem encostar, e isso criou uma ternura inesperada por ela. Não sabia bem por quê, mas o jeito como o tênis ficava lá — estação após estação, um pouco mais volumoso e sempre a postos no closet — permitia imaginar exatamente a postura dela ao usá-lo. Nos últimos anos, o pé dele cresceu muito, e o dela, pelo que ele via, permanecia bem pequeno.

Os tênis dela, dele.

Dividir era tudo o que faziam. Conforme a combinação de seus pais, dividiam a casa, dividiam o ano, dividiam os feriados, dividiam a comida, dividiam artigos de papelaria, dividiam os custos igualmente — bom, igualmente na teoria. Havia controvérsias entre os pais em quase todas as divisões: os afazeres domésticos, o gramado, a manutenção da piscina. As irmãs dele também eram divididas.

Os pais de Ray pareciam desfrutar de um casamento tranquilo, mas foi o casamento acabado havia tempos e o divórcio amargo entre sua mãe, Lila, e o pai de Sasha, o quase mítico Robert Thomas, que moldou a vida deles. Além das três filhas, a casa na praia era a única coisa de que nem Lila nem Robert consentiriam em abrir mão.

Existia uma trégua tensa, rodeada de farpas antigas. Durante o ano letivo, a troca ocorria à meia-noite do domingo, para que a casa tivesse cinco dias úteis para descansar, para se esquecer de uma família e recuperar a lembrança da outra. No verão, porém, o uso da casa era constante. O horário da troca mudava para o meio-dia do domingo, tornando aquela uma hora maldita, em que as vidas das duas famílias se chocavam, forçando a boa disposição da velha casa.

No verão, havia o perigo e a excitação de ver a outra família, quem sabe avistar de relance o carro deles na saída. A cada dois domingos, Ray imaginava que a casa preservava vagos aromas deles, a agitação na piscina, talvez o quentinho da cama. A regra levada a ferro e fogo no verão era nunca sair da casa depois das onze e quinze da manhã de domingo e nunca chegar antes de quinze para a uma. Eles jamais arriscavam um encontro com a outra família. E apesar do desejo secreto de Ray, nunca se encontraram. Mantinham meia vida entre meia família em meia casa por meio ano. Se você juntasse os dois lados, ia ter um todo. Mas isso nunca acontecia.

No closet havia uma fileira de calçados evidentemente femininos: sandálias rasteirinhas com tiras, outras com salto. Nada mais de tênis ortopédicos volumosos. Ele refletiu um pouco sobre aqueles sapatos de gente grande, tentando imaginar a garota, agora mais velha, que os calçava, mas não insistiu nisso e não os tocou. Por causa do problema da cama que parecia ter vida, ele receava transformar a companheira de quarto em algo real.

O Brooklyn era a sua casa de verdade, e lá seu quarto era só dele, mas mesmo assim ele nunca se sentia tão inteiro quanto na casa da praia.

Carregando as duas primeiras caixas, ele passou pela porta de correr da cozinha, pelo caminho de lajotas, pela cerca em volta da piscina e chegou à casinha da piscina. O cômodo da frente, que dava para a piscina, continha coisas que têm a ver com piscinas — uma geladeira, estantes e ganchos para pendurar boias e toalhas —, mas o cômodo maior, nos fundos, sem janela, era um depósito para coisas raramente utilizadas.

Ele bateu a parede para achar o interruptor. Fazia muito tempo que não ia ali. Cheirava a mofo e bagunça.

Logo de cara, o berço velho e empoeirado chamou a sua atenção. Tinha sido dele e também dela. Ele viu a capa de plástico que cobria o colchão infantil para protegê-lo de vômitos. Vômitos dele, para ser exato.

Que história eles tinham juntos, não juntos. Dois bebês que dormiram ali e cresceram atrás daquelas grades. Usavam o mesmo berço, mas nunca ao mesmo tempo.

Enfiados debaixo do berço estavam brinquedos velhos. Por quê, afinal, eles ainda guardavam aquelas coisas?

Ao olhar mais de perto, ele ficou feliz por ainda estarem guardadas. Havia uma caixa comprida cheia de peças de Lego. Durante um verão e um outono mais chuvosos que o normal, eles construíram uma cidade, não ao mesmo tempo, mas em sequência, cada um acrescentando uma parte a cada semana. Ele fez o aeroporto, ela fez o zoológico. Havia dois parques de diversão, quatro parquinhos e uma biblioteca, mas nada de escola, pelo que ele se lembrava, nem mesmo

de lojas. Havia uma harmonia natural entre eles no planejamento urbano. E as circunstâncias o impediam de ser autoritário e mandão. Ray não tinha escolha exceto ser paciente e deixar Sasha usar todo o tempo que tivesse. Ele se lembrou da emoção de chegar na casa e correr escada acima para ver o que ela tinha acrescentado.

Ray amava aquela cidade. Ele fez um escândalo quando uma empresa de limpeza contratada pela outra família a desmontou um pouco antes do Dia de Ação de Graças. Será que Sasha ainda se lembrava da cidade?

Havia bolas e sabres de luz com pilhas fazia muito tempo sem carga. Outra caixa guardava os animais de plástico que tinham colecionado e dividido ao longo de vários aniversários e Natais. Havia animais de pelúcia cobertos de pó que ela amava com ternura e que ele usara como projéteis. Havia o avião da Barbie, de que ele caçoava em público, mas com que tinha brincado escondido durante o longo mês de julho em que ambos tiveram catapora.

Ele correu os dedos pela grade do berço antes de sair.

Uma vez, quando tinha uns nove ou dez anos, Ray roubou um dos cobertores da cama deles e levou para a sua cama no Brooklyn, na esperança de que ele também funcionasse como um amuleto para espantar os sonhos ruins. Mas o cheiro dela foi embora, e o cobertor acabou sendo só mais uma roupa de cama com o cheiro dele.

— Meu Deus, Quinn, eu não vi você. Parece até uma assombração.

Empoleirada na cômoda da mãe, Quinn deu risada.

— Há quanto tempo você está aí?

— Uns minutos. Vi você esvaziar a gaveta de meias.

Lila arqueou uma sobrancelha para ela.

— E depois colocar tudo de volta.

— Então faz um tempo que você está sentada aí.

A mãe dela não era muito boa em se livrar das coisas, Quinn notou. Não que fosse de juntar tralhas, mas de repente alguma coisa ganhou um mundo de significado, e ela ficou pasma e fechou a gaveta.

— E o seu quarto?

— Terminei.

— Tudo?

— Não tenho tanta coisa assim.

A mãe pensou um pouco.

— Não tem mesmo. É verdade.

Quinn guardava com cuidado tudo o que possuía. Tinha o mesmo tamanho desde os catorze anos, o que facilitava as coisas quando se tratava de roupas e sapatos. Ela não julgava Lila — Quinn também não gostava de jogar coisas fora quando ainda dava para usar.

Mattie adorava fazer compras, mas Quinn não. Esse era mais um motivo porque ela tinha poucas coisas. Shoppings e lojas de departamento a deixavam abatida e estranhamente exausta. Mattie a tinha arrastado até a Target de Patchogue, mas Quinn se conhecia o bastante para esperar do lado de fora.

Houve muitos resmungos por causa da faxina, mas Quinn sabia uma coisa que os outros ainda ignoravam. Emma, a mais velha e mais mandona, insistia na ideia porque estava se apaixonando. Quinn desconfiava que Emma via as coisas de um jeito diferente, muito além do borrão da rotina. Emma queria que tudo parecesse melhor.

Emma ainda não tinha admitido. Quinn não sabia quem era, mas sabia que era alguém importante.

— Por que você não lida com a sala de TV?

— O.k. Acho que dá.

A marca do avô Harrison estava em toda a casa, principalmente na sala. As paredes eram de pinho e tinham armadilhas para caça e pedaços de madeira encontrados na praia presos a elas por montes de arame torcido. No canto da sala ficava o bar, com uma máquina de gelo da década de 1970 quebrada. A maioria das prateleiras vergava sob o peso de livros de capa dura, como *Quem é quem na América*.

Quinn nunca sentiu a presença do avô na casa. Porque ele estava morto, para começo de conversa, mas esse não era o motivo principal. Ele tinha sido um rejeitado, falido, ultrapassado. Eles tinham apenas que lidar com as coisas dele, e como eram coisas, eram dóceis, fáceis de ignorar, e ficavam à espera de dias melhores.

Ela se voltou para as caixas-arquivo de papelão empilhadas num canto atrás da escrivaninha. Ali havia fotos, quase todas negativos e slides. Quinn pegou os vários envelopes e sentou, de pernas cruzadas.

A primeira caixa estava quase lotada de fotos dos seus avós no clube de campo com os amigos. Estava na cara que eles gostavam de golfe e coquetéis. Algumas eram fotos de família posadas demais, em que se viam a pequena Lila e seu irmão Malcolm, ainda menor, em pé, com roupas engomadas, parecendo pouco à vontade.

Agora o tio Malcolm vivia no deserto em Novo México com sua esposa vietnamita e o filho deles de dois anos, Milo. Malcolm dizia que odiava a Costa Leste e evitava ao máximo ir para lá. Dava para ver na foto — pelo colarinho apertado, o macacão de lã grossa e os sapatos de bico quadrado — por que as coisas tinham chegado àquele ponto.

A caixa seguinte guardava fotos dos pais de Quinn, do breve momento em que as aspirações de suas vidas coincidiram. Uma foto tirada no gramado daquela mesma casa mostrava Lila, com o cabelo loiro escorrido até o umbigo, e Robert, moreno, jovem, de jeans e camiseta. Eles divergiam praticamente em tudo, queriam coisas diferentes. Dava para perceber observando a foto com atenção: ela era espalhafatosa, ele era impaciente. Lila queria usá-lo — usar a sua origem étnica indiana — para desafiar os valores dos pais. Robert queria abraçar esses valores,

enquanto ela esperava que ele os contestasse.

Meses depois, Lila engravidou e eles se casaram, partindo para o próximo estágio da vida, onde as grandes decisões foram tomadas antes que se dessem conta. O avô Harrison, como esperado, ficou chocado e horrorizado por sua filha ter engravidado de um homem moreno. Agora ela trazia na barriga um bebê provavelmente de pele morena, e nem estava casada.

Anos depois, quando Robert “salvou sua lavoura”, o avô Harrison se aproximou dele. Na verdade, o avô acabou tratando Robert como um herói. Mesmo depois do divórcio. Robert conquistara um sucesso nos negócios que o avô jamais tinha conseguido alcançar. “Robert acha que pode comprar todo mundo”, era o que Lila dizia. Lila gostava mais dele quando o avô Harrison o odiava.

Assim que o choque foi desaparecendo, o casamento balançou. Quinn sentiu isso antes de perceber os fatos. Ela era a criança de olhos grandes, com uma paciência incomum, que ficava debaixo das mesas e nos cantos, captando informações e levando-as para o quarto ou para debaixo de uma árvore, processando-as quando conseguia. Por um tempo, os dois trocaram acusações, xingamentos e gritos, três policiais foram chamados em casa ao anoitecer, houvera uma guerra pela custódia. Não havia fotos de nada disso na caixa. Suas irmãs pareciam não conhecer nem se lembrar dessas coisas, e Quinn não queria que elas lembrassem.

Então vieram os segundos casamentos, dois bebês que nasceram no mesmo mês, felicidade em ambos os lados da divisão. O longo e amargo silêncio instalou-se entre seus pais. A luta continuava, mas dissimulada e surda.

Uma foto no fundo da caixa atraiu a atenção de Quinn. Era pequena e quadrada, com uma borda branca curvada, diferente das demais.

O rosto era jovem, virado levemente para o lado, quase tímido demais para sorrir. A mão de Quinn começou a tremer ao segurá-la. Ela nunca a tinha visto antes, mas ao mesmo tempo sempre a tinha imaginado. O cabelo escuro da garota estava amarrado num coque; os olhos eram grandes, escuros e muito expressivos. Um ponto reluzia ao lado do nariz; um bindi aninhado entre as sobrancelhas escuras e marcantes. Ela usava brincos de ouro trabalhado.

Quinn correu escada acima o mais rápido que pôde.

— Ei, mãe, quem é essa?

Lila examinou a foto atentamente. Observou o verso à procura de uma data.

— Você achou na sala?

— No fundo de uma das caixas.

— Uau. Não sei por que isso estava lá. — Lila olhou de perto. — Pelo que me parece, é uma foto da sua avó biológica. Veio com os documentos da adoção do seu pai.

— Eu sabia que era ela. Tinha que ser. Olhe o rosto.

— Meu Deus, ela parece um pouco você, não parece? São os olhos?

— Essa boca confiante lembra um pouco Emma, não acha?

Quinn achou que ela tinha uma semelhança misteriosa com Sasha, mas não comentou sobre

isso.

— Dá para ver. De verdade.

— Desejei tantas vezes ver a minha avó. Que sorte. Você sabe o nome dela? Sabe alguma coisa sobre ela?

Lila pareceu cautelosa.

— Você devia perguntar ao seu pai. Ele deve ter a papelada da agência canadense encarregada dos bebês de Bangladesh depois da guerra. Não havia muita coisa, mas me lembro de uns documentos e dessa foto. — Ela examinou a imagem de novo. — Não a vejo desde que vocês eram pequenininhas. Não me dei conta da semelhança. Meu Deus, quase choro só de pensar.

Quinn ficou tocada com a confusão de sentimentos que via no rosto da mãe. Era difícil separar amor e ódio na família deles. O amor de Lila pelas filhas e pelas origens delas, a felicidade que desejava para elas nunca conseguiu se dissociar do pai delas, que Lila evitava, ressentida. Apesar de todas as barreiras que os pais de Quinn tinham construído entre suas vidas, as que importavam de verdade nem sempre ficavam de pé.

— Vou perguntar para o meu pai — ela disse.

Lila assumiu uma expressão de advertência.

— Bom, não é um assunto de que o seu pai gosta de falar. Pelo menos não gostava.

— Eu sei. — Quinn segurou a foto com cuidado. — Mas tenho que tentar mesmo assim.

2

UM ESTRANHO MUITÍSSIMO ESTIMADO

ÀS VEZES SASHA SE SENTIA ESPECIALMENTE ESTRANHA naquela casa. O lugar era lindo: mar reluzente, árvores gigantes e verticais, vegetação exuberante e uma lagoa subtraída ao oceano. Ela tinha um amor irracional por tudo aquilo. Esperava impaciente durante as longas semanas em que a outra família ficava com a casa; ansiava pela primeira vista das árvores arqueadas na entrada da garagem quando era a sua vez. Mas como a casa era dividida, as coisas mais insignificantes eram capazes de fazê-la se sentir uma impostora, deixando-a do lado errado das alianças familiares.

Seu pai gostava de lembrar que a casa era tanto dela e de Evie quanto dos outros. Ela se sentia mal ao ouvir isso, mas ele sempre dizia. A casa tinha sido construída pelo avô de sua ex-mulher, Lila Harrison, num terreno comprado pelo bisavô dela. O pai de Lila a reformara nos anos 1960 para instalar vários painéis de pinho, um tipo de madeira decorativa, e um bar para praticamente todos os cômodos.

Lila foi a primeira mulher do seu pai, antes de ele conhecer sua mãe, Evie. Lila era a mãe das irmãs de Sasha (meias-irmãs, melhor dizendo) e também a mãe de Ray, que não era meio nada de Sasha, mas tinha a mesma idade dela, usava o mesmo quarto na casa de praia e (era melhor admitir) era um estranho muitíssimo estimado. Lila não era nada de Sasha, além de um membro da família Harrison que produzia artesanato esquisito.

Quando Sasha chegou à idade em que começou a pensar sobre essas coisas, perguntou ao pai por que a casa não tinha ficado com Lila depois do divórcio e por que ela, o pai e a mãe ficavam com ela a cada quinze dias.

— Porque quando nos divorciamos o pai da Lila já não era o proprietário da casa — seu pai respondera com o seu jeito direto. — O avô Harrison era idiota e bêbado, e se eu não tivesse quitado as dívidas dele e comprado esta casa, ele teria que abrir falência e se mudar para uma pensão barata.

Sasha se lembrava de ter se perguntado se o pai dava a mesma explicação para suas irmãs.

Embora a casa ainda fosse conhecida na cidade como a casa dos Harrison, seu pai sempre procurava deixar claro que fazia um favor a Lila ao deixá-la usar metade do tempo. Mas Sasha também sabia que não havia favores entre seu pai e Lila.

O avô Harrison podia mesmo ter sido um idiota e bêbado, mas o pai de Sasha não fazia o mínimo esforço para remover os retratos dos antepassados mais respeitáveis de Lila da parede junto à escada. Sasha pensava nisso ao passar pelos velhos senhores com ternos e togas que tinham assinado, julgado e fundado coisas; mas eles não diziam nada, apenas refletiam a imagem de Sasha no vidro dos retratos. Eles pertenciam a Lila e às filhas de Lila. Também pertenciam a Ray.

— Você já se sentiu incomodado com o olhar inquisidor da família Harrison quando desce a escada? — ela perguntou uma vez ao pai.

Robert deu de ombros como se nunca tivesse pensado sobre o assunto.

— Eu gosto dessas fotos. Elas nos conectam com a nossa história — ele disse sem ironia.

Ela ficou atônita demais para reagir. Será que ele tinha mesmo se convencido de que os parentes de Lila eram parentes dele também? Embora o mais provável fosse que eles amaldiçoassem seu rosto moreno em vez de apertar a sua mão? Robert pegava o que queria do mundo e deixava o resto de lado. Era um tipo de dom. Tinha de ser.

Sasha encontrou a mãe na cozinha remexendo no gabinete da pia, rodeada de sacos de lixo. Eles estavam fazendo sua parte na “Grande Operação de Desentulho”, idealizada pela irmã mais velha, Emma, e iniciada pela outra família na semana anterior. Evie sacou um objeto feito de tela de arame torcida, quase impossível de ser reconhecido como uma saboneteira.

— Você acha que a gente pode jogar isso fora?

— Sim — Sasha disse. Às vezes ela odiava a timidez da mãe. Odiava a própria timidez. O lado errado da aliança familiar incluía principalmente a sua mãe.

— E se foi Lila quem fez?

Sasha riu. Não sabia se a mãe estava brincando. Nunca dava para saber que artesanato bizarro tinha sido obra de Lila.

— Se foi ela quem fez, deve estar bem ansiosa para que alguém se livre disso.

— Não sei não...

Sasha resolveu se mostrar ousada, tirou a coisa da mão da mãe e jogou no saco de lixo mais próximo.

A mãe foi pescar a peça do saco.

— Acho que a gente devia fazer uma pilha com as coisas que a gente não sabe bem o que são e perguntar para a Emma.

— Nós sabemos bem — Sasha disse mal-humorada.

Sasha não gostava das distinções que tornavam Emma e Quinn e Mattie — e até Ray —, juízes legítimos de uma saboneteira de arame, e ela não. E não era porque guardava rancor das irmãs, mas porque as amava. Não queria estar de um lado que não fosse o delas.

Ela passava muito tempo achando que não pertencia a lugar nenhum. Se perguntava se as irmãs também achavam que não pertenciam a lugar nenhum. Desconfiava que não. Era uma dessas identidades negativas em que você se imagina com relação àquilo que não tem.

O pai lhe dissera uma vez que os americanos dos estados do Norte não pensavam muito na Guerra Civil e mal se identificavam como nortistas, porque tinham vencido a guerra e a deixaram para trás. Nessa analogia, Sasha se sentia o Sul.

É uma coisa muito triste da natureza humana. Passamos muito mais tempo pensando no que não temos ou no que perdemos do que pensando no que temos. Sasha com certeza não tinha herdado o dom especial do pai.

Através das portas de correr da sala de estar, ela observou a trilha que descia até a lagoa, sombreada por tílias enormes e antigas. Mais tarde, ela lamentaria muito não ter curtido aqueles dias. Tentou forçar uma admiração, acionar sua mente como se ela funcionasse igual a um motor de barco. Não era fácil conseguir isso.

Por acaso era possível ver a beleza no momento em que ela surge? Ou a gente precisa de tempo, experimentar perdas e talvez um pouco de dor?

— Terminou de arrumar seu quarto? — sua mãe perguntou.

Sasha encheu um copo de água e bebeu.

— Por incrível que pareça, Ray até que trabalhou bem. Só preciso terminar o banheiro. Vou voltar lá para cima. Ainda tenho esmaltes do quinto ano lá.

— Não o verde-limão, né?

— Esse mesmo. E a coleção de batons com sabor, inclusive o de salgadinho e o de bacon.

A mãe balançou a cabeça.

No banheiro, Sasha esvaziou quase todo o armário de remédios. Hesitou diante do batom sabor de bacon, mas não por muito tempo. Quase desejou poder pegar aqueles batons e um monte de outras coisas que estavam descartando e montar um brechó. Ela se lembrava que, muito tempo atrás, Emma armou uma banquinha e vendeu coisas velhas na entrada da garagem, na estrada Eel Cove. Mas naquela época aquele já não era um bairro muito aberto para esse tipo de coisa, e agora era menos ainda.

Parada ali, ela se deu conta de que não eram os batons de sabor ruim que a deixavam nostálgica. As coisas que não lhe pertenciam é que evocavam seus sentimentos mais profundos: o tubo sem tampa da pomada ressecada para micose, o limo nas prateleiras, os pelinhos de barba na cuba branca da pia.

Ray não era o companheiro de quarto ideal. Era famoso por seus vômitos frequentes. Pelo menos era o que todos diziam, e mais de uma vez ela teve de dormir em cima de manchas deles. Mais tarde, seus maus modos seriam comprovados com o assento mijado da privada, um tubo de pasta de dente seca por ficar destampado tempo demais (por que ele não era capaz de tampar as coisas?), algas marinhas no ralo do chuveiro e, recentemente, havia mais ou menos um ano, pelinhos de barba na pia.

— É estranho dividir o quarto com um garoto — sua amiga Willa disse em um tom de reprovação, em pé diante daquela pia, quando foi dormir lá.

— Eu não divido o quarto com ele. Nem cheguei a conhecer esse garoto — Sasha disse a

resposta-padrão. Embora verdadeira, não era uma resposta muito honesta. Ela dividia, sim, um quarto com ele. E um banheiro, para o bem ou para mal (mas mais para o mal). Era mais do que isso. Dividia a vida com ele, pelo menos na sua cabeça. Livros e brinquedos e areia nos lençóis. Um zoológico de animais de plástico. Conchas, irmãs, uma vista da lua. Ela não o conhecia, talvez, mas quantas vezes pensava nele? Por quanto tempo vivera naquele quarto, naquela casa, da mesma forma que ele?

Antes, Sasha queria conhecê-lo. Ela se imaginava brincando com ele e inventava jogos que pudessem curtir juntos. Tinha uma inveja profunda do fato de as irmãs terem Ray como irmão e ela não.

Mais tarde, porém, ela começou a achar que era melhor não o ter conhecido. Ele tinha as melhores qualidades de um amigo imaginário. Era paciente, simpático e compreensivo, dividindo em silêncio coisas e espaços. Era exatamente o que ela queria, às vezes o que necessitava.

Então dessa forma, Ray era o companheiro de quarto ideal.

3

MILHO OU MATTHEW?

EMMA NÃO ERA DE GUARDAR SEGREDOS. Ela gostava de pensar que agia assim por causa de seu elevado caráter moral, mas também por ser meio chata. Emma era conformista, obediente, a típica garota certinha. As coisas que ela gostava de fazer eram mais ou menos as coisas que devia fazer. Só queria garantir que no final das contas tirasse um dez.

— Te encontro na esquina da MacDougal com a Prince — ela cochichou ao celular. — Se você sair do escritório em dez minutos, chegamos lá ao mesmo tempo.

— Te amo — Jamie disse.

— Também te amo.

— Emma?

A mãe dela estava de pé no corredor escuro da casa do Brooklyn. Dava para ouvir cada palavra pronunciada naquele lugar. Cochichar raramente adiantava.

— Sim?

— Quem era?

— Ninguém. Uma amiga.

Emma pegou a mochila.

— Você vai sair de novo?

— Sim. E vou dormir no meu pai.

Ela começou a descer os degraus rangentes, e sua mãe foi atrás.

— De novo? Por quê? — A mãe parecia magoada.

— Porque estou indo para Manhattan e ficar lá é mais fácil.

— Você não gostava da casa nova.

— Bom, tenho um quarto lá. E o meu pai gosta muito que eu vá.

Lila pareceu ressentida e fez um comentário irônico: — E você não tem mais quarto aqui?

— Não foi isso que eu disse.

Na verdade, Emma não ia dormir na casa do pai, mas sua mãe jamais saberia disso. Lila preferia ligar para Donald Trump do que para o ex-marido. Emma odiava se aproveitar da hostilidade entre seus pais, como Mattie sempre fazia, mas às vezes vinha a calhar.

— Você vai voltar para Wainscott de manhã?

— Vou, meu trabalho começa ao meio-dia.

A mãe a seguiu até a porta da frente. Foi meio desconcertante.

— Por que você vai o tempo todo para o centro? — Lila perguntou queixosa. — Nos últimos verões você só voltava se fosse obrigada.

— Sou *adulta*, mãe. — Ela sabia que aquela forma de falar invalidava o argumento da mãe. — Já me formei na faculdade. Tenho coisas para resolver. — Ela abraçou a mãe. — Te amo. Te vejo na segunda, se não antes.

A mãe prolongou o abraço mais que de costume.

— Está bem, está bem.

Ela permaneceu à porta e ficou observando Emma descer as escadas e virar para a esquerda, rumo ao metrô.

Emma olhou para trás.

— O que foi, mãe?

— Nada. Só que... de todos os filhos, sempre penso que você vai ser a única a NÃO fazer mistério.

Mattie tornou a encher os baldes de girassóis sobre o longo balcão de madeira no quiosque da Fazenda Reese, que ficava sob dois carvalhos gigantes na orla da propriedade da família Reese na estrada Parsonage, Sagaponack, Long Island. Mattie borrifou água nas alfaces dispostas nas prateleiras. Junho era um grande mês para as alfaces. Durante toda a manhã, sua irmã Quinn, Matthew Reese e Patsy carregaram acelga, repolho, rúcula, espinafre e couve-manteiga das plantações até as grandes mesas atrás do quiosque, à sombra das lonas. Mattie separava tudo em maços e os prendia com elásticos.

Outro produto típico da estação eram os morangos. Mattie começou a tirá-los dos baldes e ajeitá-los em caixas de papelão verde. Devido às estilingadas dos elásticos e ao suco da fruta, os dedos dela já estavam vermelhíssimos quando trocou de lugar com Dana sob o sol alto da uma da tarde.

— Todo seu — Dana cantarolou, roubando um morango antes de se retirar.

Mattie acertou a nuca dela com um elástico.

As pessoas pensavam que Mattie era avoadada, mas Dana fazia Mattie parecer o Albert Einstein. Dana usava a calculadora para somar cinco com dois. Postava no Instagram fotos de qualquer carro melhorzinho que passava por ali, de preferência com alguma parte da sua cara de tonta. Metade das fotos não passava de borrões, por causa dos carros em movimento.

— Como vão as vendas, Matilda?

Mattie cerrou os olhos por causa do sol e encarou a sra. Reese. Matthew Reese era seu neto e, com vinte e poucos anos, o gerente da fazenda, mas a sra. Reese, com pelo menos oitenta anos, sempre sabia o que estava acontecendo.

— Muito bem. Vendemos mais de duas dúzias de caixas de morango nesta última hora. Parece que a estação começou bem.

— Notei que estamos ficando sem morango. O Matthew sabe?
— Sim, senhora. Ele está trazendo mais. Quinn e Patsy estão colhendo agora mesmo.
— Ninguém comprou girassol?
— Acabei de colocar mais.
— Como vai a sua mãe? Ainda fazendo partos?
— Sim, alguns. Mas ela tenta não fazer muitos no verão.
A sra. Reese assentiu. Seu rosto enrugado raramente mudava de expressão.
— Ótimo — disse ela, encerrando a conversa com o comentário um tanto enigmático.

A sra. Reese sempre perguntava sobre Lila, mas nunca perguntava sobre seu pai ou sobre Adam, seu padrasto. A sra. Reese os censurava sutilmente, por não serem “gente da região”, com o agravante de não ser branco, no caso do seu pai, ou cristão, no caso de Adam.

Mattie viu Matthew e Quinn carregando os dois últimos baldes de frutas ladeira acima. Matthew usava uma bandana azul desbotada em volta do pescoço, o que ficaria esquisito em qualquer pessoa normal, mas caía tão bem nele que causava boa impressão. O cabelo dele era claro por causa do sol, e a pele se tornara morena. Sua fama ecoava pelo East End, e não era à toa. Havia uma piada na cidade: as mulheres iam ao quiosque dos Reese atrás de milho ou do Matthew?

Quinn vestia um macacão velho e um top, o cabelo escuro e curtinho grudava no pescoço pelo suor. Ela e Matthew conversavam animados, mas Mattie não conseguia ouvir detalhes.

— A Dana foi? — Matthew perguntou a ela.

— Foi.

— Você podia embalar estas aqui e ficar de olho no balcão?

Mattie fez uma careta. Odiava quando a obrigavam a fazer duas coisas ao mesmo tempo.

— Está bem movimentado.

— Não tem ninguém no estacionamento — Matthew comentou.

— Bom, tinha um monte de gente um minuto atrás — ela odiava soar rude, mas o dia tinha sido cansativo.

— Tudo bem, princesa — Matt suspirou. — Eu cuido dos morangos.

Bem que ela queria que ele a chamasse assim para flertar, mas sabia que Matt queria pura e simplesmente irritá-la.

Quinn o ajudou, claro. Os dois separaram e encaixotaram os morangos como profissionais, enquanto Quinn brindava Matthew com a história de um garotinho a quem ajudara em Main Beach um dia antes. Ele tinha fispado um robalo listrado de um metro e meio com uma vara de brinquedo das Tartarugas Ninja e, juntos, puxaram o peixe para fora da água.

Mattie ficou amargurada no balcão enquanto nenhum carro estacionava, ouvindo Quinn, a fascinante contadora de histórias. Ela tentava se desinteressar, mas não conseguia.

Um dos problemas era ser impossível ficar com raiva de Quinn, por mais que quisesse. Ela nunca era chata, nunca era previsível, nunca era metida nem egoísta.

Além disso, não dava para ter ciúmes dela de um jeito tradicional. Quinn não estava dando em cima de Matthew. Nem tentava. Sua amizade com a sra. Reese tinha essa mesma profundidade, e o seu laço mais estreito era com o velho sr. Reese, que ficava junto à janela da sala, sentado em sua cadeira de rodas.

Quinn trabalhava quantas horas quisesse, comia metade da salsinha da estufa, andava de bicicleta em círculos dentro do celeiro e se vestia feito uma cigana. Mesmo assim os Reese a idolatravam e lhe imploravam para voltar todos os verões. Quinn se recusava a ficar no balcão para atender aos clientes, mas os clientes a amavam. Regava e plantava à sua própria maneira, bem esquisita por sinal, mas parecia que as frutas e verduras também a amavam.

Mattie chegava ao trabalho pontualmente todos os dias. Dificilmente ficava no celular e só mandava mensagens quando não havia clientes. Prendia o cabelo em duas tranças loiras e atraentes e brindava tanto empregados quanto clientes com uma visão de suas pernas longas no shortinho bem curto. Mas os Reese não a amavam, talvez com a exceção de Cameron, o irmão de dezoito anos de Matthew, que era um verdadeiro homem das cavernas.

Matthew Reese, sobretudo, não amava Mattie. Não achava lindo eles terem quase o mesmo nome. Ele a chamava de princesa sem segundas intenções, e já lhe tinha dito certa vez para parar de insistir em se bronzear.

Esse mesmíssimo Matt chegou bufando, equilibrando uma pilha de caixas de morangos. Começou a ajeitá-las nas prateleiras da vitrine.

— Pelo menos esta parte eu consigo fazer — Mattie reconheceu.

— Você é mesmo uma funcionária exemplar — ele disse ironicamente.

Mattie o acertou no ombro com um elástico vermelho. Por via das dúvidas.

Emma foi a única que enxergou a situação: *Todo mundo gosta mais da Quinn, e ela nem se esforça para isso.*

4

SOMA-ZERO

O IRMÃO E A IRMÃ MAIS NOVOS DE EMMA nasceram com duas semanas de diferença, uma simetria perfeita. Ali em Wainscott, dormiram no mesmo berço, trocaram de fralda sobre a mesma mesa. Meio como gêmeos, só que quase o oposto disso. Nem se conheciam. Eles existiam para as irmãs numa alternância perpétua, jamais dando o ar da graça no mesmo lugar ao mesmo tempo.

— Eles não se conhecem mesmo? — Jamie tinha perguntado durante o jantar em Manhattan na noite anterior.

— Não. Eu te falei. Meus pais se evitam completamente.

Para Emma não parecia estranho amar pessoas que não se amavam mutuamente. Ela estava acostumada.

— E Ray e Sasha dividem um quarto em Wainscott? — Jamie insistiu, sobrancelhas arqueadas.

— Não sei direito se *dividir* é a melhor palavra. Nunca estiveram no quarto ao mesmo tempo. Mas acho que a resposta é sim. Sempre tiveram o mesmo quarto. — Quando o assunto era a própria família, era difícil se lembrar de quão estranhas as coisas podiam ser. — Quando Sasha nasceu, minha madrastra montou um quarto de bebê completo, com tudo a que se tem direito. Você conhece a minha mãe. Ela não se incomodava de deixar o bebê Ray num berço rosa e amarelo, se não precisasse comprar um novo.

Para Emma, seu irmão e sua irmã eram opostos que se equilibravam. Sasha era a sombra, Ray era a luz. Sasha era pequena, Ray era grande. Sasha falou primeiro, Ray andou primeiro. Sasha tinha um problema no pé. Ray não conseguiu pronunciar o som do “κ” até os cinco anos, de maneira que “cachorro” virara “tachorro” e “carro”, “tarro”. Eles diziam que o garoto falava Raymondês.

Como os dois bebês não tinham nem pais nem genes em comum, cabia a Emma ficar de olho nesses detalhes. Sasha tinha cólica, mas Ray era o senhor dos vômitos. (Até completar um ano, chamavam aquilo de golfada.) Mattie sempre favoreceu Ray porque ele era menino, e ter um irmão era uma coisa nova e empolgante. Emma e Quinn se viam na obrigação de serem imparciais.

Nem Ray nem Sasha reconheciam o esforço dela, mas Emma cuidava dos dois. Quando Ray ficava resmungão e arrogante, ela o punha na linha. Quando Sasha ficava tímida e se punha para baixo, Emma a animava. Emma se preocupava quando um tirava notas baixas (Ray) ou ficava de fora de algum time da escola (Sasha). Se preocupava quando não saíam com ninguém (Sasha) ou

quando saíam com alguém imbecil demais para ser levado em conta (Ray e Violet).

Naquela manhã, enquanto juntava suas poucas coisas no Brooklyn para voltar a Wainscott, Emma ouviu Ray arrastando os pés no andar de baixo, na cozinha. Ela estava frustrada porque era o segundo ano seguido em que tanto ele como Sasha tinham sido tão moles que não conseguiram um emprego de verão em Wainscott. Verdade: era mais difícil para os dois do que para as outras irmãs. Emma, Quinn e Mattie podiam ficar na casa o tempo todo, enquanto Sasha e Ray só iam a cada quinze dias.

Emma pensou na conversa que tivera com Jamie na noite anterior, principalmente na palavra “dividir”, e foi assim que teve a ideia.

— Tive a ideia mais incrível de todos os tempos.

Ray tirou os olhos do cereal e percebeu que era a única pessoa, além de Emma, na pequena cozinha da casa deles no Brooklyn.

— É? — ele perguntou depois de uma longa pausa, torcendo para que ela não esperasse uma resposta sua.

Ela esperava.

— E é para você — ela acrescentou.

— Ah, não.

Emma revirou os olhos.

— Na verdade você quis dizer “Ah, sim”. Porque te arranjei meio emprego.

Ele pôs a colher sobre a mesa.

— Sério? — Não era uma pergunta de verdade e não mostrava qualquer expectativa.

— Sério! Você vai ser estoquista no mercado Black Horse de East Hampton e ganhar treze dólares e oitenta a hora.

Ele enxergou o problema na hora.

— E você vai ser a chefe?

— Não. — Ela revirou os olhos novamente. — Você não serve para a panificação. Ainda não. Está brincando?

Ele ficou aliviado o bastante para sorrir.

— Verdade. Então para que eu sirvo?

— Imperecíveis. Não dá para errar nisso.

— Hein? — Dessa vez a pergunta era de verdade. — É mesmo? Treze e oitenta a hora é um bom salário. O gerente sabe que só posso trabalhar semana sim, semana não?

— Essa é a questão.

Claro que havia uma questão.

— A vaga era para estoquista do sexo masculino ou feminino.

— Eu preciso ter dois sexos?

Emma riu.

— Não, seu tonto. Perguntei para Francis, o gerente, se você podia dividir a vaga. Essa foi a minha sacada.

Ray afastou a tigela. Estava agradecido o suficiente para não virar de um gole as poucas colheradas de leite que restavam, porque Emma odiava isso.

— O que isso quer dizer?

— Francis precisa de alguém em período integral, mas sabe que você só pode trabalhar semana sim, semana não.

— Certo.

— E eu conheço outra pessoa à procura de um emprego semana sim, semana não.

Emma sempre fazia jogos de adivinha. Jogos chatos, mas antes das dez da manhã eram especialmente torturantes. Ele apoiou a cabeça na palma da mão.

— Você poderia fazer o favor de me dizer de quem está falando?

— Sasha!

— Sasha.

— Juntos vocês ficam período integral todos os dias. Certo?

Ele se endireitou um pouco mais na cadeira, embora odiasse agradar Emma quando ela já estava cheia de si.

— É, acho que sim.

— Vocês assumiriam a vaga juntos. Em semanas alternadas. Francis disse que tudo bem.

— Você já falou com a Sasha?

— Vou falar logo. O que você acha?

Ele pensou. Inspirou todos os aromas da cozinha.

— Ele não precisa de nós dois juntos? Nunca?

— Exatamente isso: nunca. Essa é a sacada. Juntos vocês formam um empregado só.

Certo.

— E se ela der mancada? — *E se eu der mancada?* — Não dá para ele mandar embora meio funcionário.

Emma levantou os ombros e em seguida os abaixou, num gesto dramático.

— Vamos ser otimistas por enquanto, o.k.? Até porque nem vocês dois conseguem dar mancada no setor de imperecíveis.

O Black Horse era um mercado metido a chique, muito caro e localizado no irritante congestionamento sem fim de verão conhecido como Montauk Highway. Mas treze e oitenta por hora era muito bom.

— Quando começa?

— Semana que vem. Segunda.

— Sasha vai primeiro.

— Isso. E então?

— Se ela topar...

Então uma ideia ocorreu a Ray. Ela lhe pareceu incrível e um pouco maluca.

— Acha que devo ligar para ela?

Era de esperar que a mítica Sasha tivesse um celular. Estava a alguns dígitos de distância, como qualquer outra pessoa. Certo? Não era apenas uma ideia, uma ficção, uma coleção de pertences, um cheiro.

— Pode ser, eu acho. — As sobrancelhas de Emma confirmaram a estranheza daquilo.

Mas por que era estranho?

— Se quiser — Emma disse. — Mas por quê?

Parecia algo natural, mas mesmo assim Ray não conseguiu pensar em nenhum motivo. Eles tinham sido treinados para manter as famílias separadas. Era um reflexo. Uma questão de segurança. Mesmo para ele. Quem despencasse no vácuo entre as duas famílias poderia acabar caindo indefinidamente.

— Não precisa se preocupar — Emma lhe garantiu, evitando uma crise e poupando o espaço-tempo. — Eu falo com ela.

Ray teve a sensação de murchar um pouco, mas não queria que Emma notasse.

— Muito bem. Então agora você pode me arranjar meio emprego no Brooklyn?

— E o Ray é bom nisso? — Sasha perguntou a Emma ao celular enquanto cortava metade de um brownie no meio e depois no meio de novo.

— Ele tem muita disposição — Emma garantiu.

Sasha largou o brownie e sentou à mesa banhada do sol da cozinha de Wainscott. Pôs o celular no viva-voz e o deixou à sua frente.

— Segunda agora?

— Isso.

— Uau. Tudo bem. E o seu gerente sabe que não tenho experiência em mercado?

— Sabe. Vai dar tudo certo.

Sasha refletiu um pouco sobre o assunto. Era incrivelmente perfeito. Ela ganharia dinheiro, deixaria o pai feliz, teria uma folga da mãe e uma desculpa aceitável para ficar na praia durante os dias de semana. Nas semanas de folga em Nova York, poderia estudar para os vestibulares e ser voluntária nos programas de férias do City Garden.

— Que maravilha. Obrigada, Em.

— Imagina.

Sasha levantou, pegou o celular e se pôs a andar em volta da mesa.

— É meio esquisito dividir mais uma coisa com o Ray.

— Mas é genial, não é? — Era difícil elogiar Emma o suficiente, porque ela sempre superava você. — E não é que você e Ray tenham que ficar juntos ou algo do tipo — Emma continuou. —

A questão é justamente que vocês nem precisam estar lá ao mesmo tempo.

Sasha suspirou. Queria dizer que não tinha nenhum problema com Ray. Que os dois não eram representantes dos pais. Que não tinha sido ideia dela que os dois lados da família jamais se encontrassem. Mas ela não conseguiu pensar num jeito simples de dizer isso.

— Você consegue arranjar um professor particular para a gente dividir também? — Sasha brincou afinal.

— Com certeza — Emma disse, séria.

— Não, não. Não precisa fazer isso.

— Ah, Matthew, você é um jovem muito solitário.

— Não sou, não.

— Sim, você é. Dá para ver.

— Tenho meus avôs. Tenho você. Tenho os aspargos.

Quinn riu, embora também considerasse como entes queridos os brotinhos de aspargo que começavam a abrir caminho na terra.

Como Matthew, ela tinha muitos amores na Fazenda Reese, e ele estava entre os mais queridos e confiáveis. Havia o sr. e a sra. Reese, os conhecidos canteiros de flores e de hortaliças; ela conhecia de cor cada centímetro de cada fileira. Havia o cheiro do velho celeiro caindo aos pedaços. Também havia Cameron, para quem ela não dava a mínima.

Nos dois últimos verões ela dizia a si mesma que devia partir para algo mais desafiador. Uma fazenda de legumes orgânicos e ervas medicinais em Northwest Harbor. Aulas de jardinagem para crianças em Springs. Mas ela não conseguia abandonar suas velhas plantas perenes da Fazenda Reese: aspargos, alcachofras, ruibarbos, espinafre, morangos, damascos e ameixas eram seus velhos amigos. Ela não conseguia deixar de verificar como elas estavam no fim da primavera e imediatamente depois de ser recontratada.

Em todos os verões ela e as irmãs voltavam para aquela praia. Emma recebia propostas atraentes de bancos de investimento e empresas de tecnologia, mas, em vez de aceitar, passava os verões dando laços em caixas de tortas com a fita vermelha do Black Horse. Mattie dizia amar viajar, mas passava dia após dia comendo a poeira dos carros que entravam e saíam do estacionamento da Fazenda Reese.

Havia entre elas uma sensação não confessa de necessidade de se apegarem à velha cidadezinha. Porque ela mudava a cada olhar. Uma nova mansão surgia no lugar de um campo ou bosque. E em volta da mansão aparecia uma cerca, de modo que as ruas se tornavam túneis. Mudava tão rápido que elas tinham medo de olhar para o lado e a cidade sumir ou virar um lugar que não reconheciam mais.

— Fico contente de você ter voltado — Matt disse.

— Eu também.

Ela colheu papoulas silvestres ao lado da horta de melões para Myrna Chapman e entrou para encontrar o sr. Reese.

Ele estava sentado à janela, seu lugar de sempre.

— Quinn Hardy Thomas, reconheço você pelos passos — ele disse sem se virar. — Bem-vinda ao lar.

Ela se aproximou, lhe deu um beijo na bochecha, arrastou uma cadeira para perto dele e se sentou. Sobre a mesa ao lado de Reese, ela deixou um saco de papel pardo com os alhos-silvestres que tinha colhido na mata perto da casa.

— Me conte sobre a fazenda — ela disse.

Quinn segurou as mãos do sr. Reese por um instante, se achegando a ele, a sua boa disposição e calor especiais. Ele sempre gostava de começar falando sobre a fazenda. As outras histórias partiam daí.

Enquanto ele falava das tempestades, do degelo e do governo local, Quinn teve a sensação familiar de flutuar acima de si mesma. Sentiu o esforço e a fricção das cordas vocais dele, as ondulações suaves na pele de seu pescoço, os músculos contraídos dos braços, a agitação na extremidade de suas pernas. Ela baixou os olhos para o mapa-múndi que se desenhava nas costas das mãos dele.

Quinn fazia isso desde que se entendia por gente, e passou a fazer mais ainda. Ela se desligava de si mesma e planava em direção aos outros. Ela encontrava o caminho de entrada nas fendas de seus rostos. Nada de forçar, apenas sentir e encontrar. Às vezes o sofrimento dos outros a esmagava. Será que ela aliviava alguma coisa com sua presença? Ela não sabia, mas em alguns casos tinha a sensação de que o tipo especial de conforto que podia propiciar era necessário.

Dentro do sr. Reese existia uma escuridão em que se podia afundar, caso não se tomasse cuidado. Pequenas mágoas desciam girando até as maiores. Café sem açúcar, depois café sem leite, depois nem café. Sem pés para se erguer perante o gerente de contas chorão, sem pés para se erguer perante a esposa, sem pés para se erguer. Perda e perda e mais perda.

Mas ele ainda estava lá. Ainda se sentava à janela. Ainda sorria quando ela chegava. Por quê? Quinn tinha de ser cuidadosa e se segurar na beira do precipício. Não cair, mas também não recuar. Esse era o desafio da sua vida. Não recuar diante da dor. Não a negar, mas a acolher. Dar-lhe uma voz, se necessário. Aceitar que a dor tinha direito de existir.

O sr. Reese tinha perdido o primeiro pé para a diabetes e só estava esperando o mundo acabar. Até que perdeu o outro pé junto com parte da perna, do joelho para baixo, mas o mundo continuou a girar teimosamente.

Ele tinha preservado os dois pés, os dois olhos, as vísceras, os nervos e até a mente ao longo da Segunda Guerra Mundial, para depois perder todos para o açúcar.

— Você aprende a confiar mais na amargura do que na doçura — ele dissera a Quinn.

5

SUGESTÕES PARA UMA SENSIBILIDADE QUE VOCÊ POSSIVELMENTE TEM

ACONTECEU CERTA NOITE, EM MEADOS DE ABRIL. No dia 14, para ser preciso. O pai dela estava dando uma festa chique para os jovens analistas de sua empresa. Eles ganhavam canapés de lagosta em troca de suas cem horas de trabalho ao longo de cinquenta e duas semanas..

Emma tinha vindo da faculdade para passar o fim de semana e fazer a solicitação de moradia para o primeiro semestre da escola de Direito da Universidade de Nova York. Era raro ela ficar na casa do pai em Manhattan. Desde que ele e Evie venderam o velho apartamento na rua 81, Emma se sentia mais à vontade na casa da mãe, no Brooklyn. Mas no ano anterior, a mãe e Adam alugaram o primeiro andar da casa para um casal gay que tinha celebrado o casamento no quintal minúsculo dos fundos. O já pequeno espaço que tinham na rua Carroll tinha ficado ainda menor, e as três irmãs, agora todas na faculdade, tinham que dividir o mesmo quarto. Lila e Adam precisavam de dinheiro, Emma entendia. E ter inquilinos no térreo ajudava bastante.

Como sempre, suas duas famílias seguiam direções opostas. Sua mãe e Adam recebiam um aluguel modesto de Andy e Hank, enquanto seu pai e Evie compravam um sobrado geminado suntuoso na 74E, onde todas as quatro garotas tinham seus próprios quartos, embora apenas Sasha ocupasse um de fato. A casa tinha uma adega climatizada no subsolo, piso reluzente e aquecido, ramais, um sistema quase divino de ar-condicionado e um sistema de segurança em que ninguém jamais ousava tocar. Não dava a sensação de lar.

O pai tinha implorado que ela fosse à festa. Ele tinha orgulho da cultura de sua empresa, de sua jovem e ambiciosa brigada de estudantes de universidades de elite. Tinha orgulho de sua jovem e ambiciosa filha, estudante de uma das universidades de elite. Emma tinha resistido a ir porque... bem... quem em sã consciência gostaria de ir àquela festa?

No fim das contas, por sentir que era um dever como filha — o que ela sentia com frequência —, Emma pôs um vestido e carregou suas baixas expectativas consigo escada abaixo.

Sabe-se lá por quê, havia um rapaz de pé à porta do closet do pai dela. Como ouviu passos ao descer as escadas, ela entrou para ver o que era.

— Desculpe interromper, mas o que você está fazendo?

Ele se virou rápido. Sua camisa estava desabotoada pela metade, e o paletó, dobrado num

braço. O rapaz parecia horrorizado.

— Caramba, que susto. — Ele baixou os olhos para a camisa aberta. O rosto brilhava de suor. Sentindo-se culpado, mostrou o desodorante em bastão. — Só isso. Eu sei que não devia.

De estatura mediana, tendendo para “alto”, ele era um pouco magro, com o cabelo castanho-escuro em um corte para agradar os pais.

— Espero que o chefe não se importe. — Ele ria nervoso. — E principalmente que não descubra. Espero que ele nunca descubra. Meu Deus.

Emma sorriu para ele. Não conseguiu se conter. A expressão no rosto dele era franca e atenta. Ela queria se mostrar aborrecida, mas não conseguia.

— Não vou contar para ele.

— Está quente aqui, não? Você acha que ele aumenta a temperatura de propósito para ver quem aguenta?

— Quem?

— O sr. Thomas.

Emma quase riu, porque a verdade era bem mais inofensiva. Ninguém fazia ideia de como operar aquele sistema de ar-condicionado maluco.

— Já é meio desesperador estar na casa dele. Sou bem novato ainda. Nunca tinha visto o chefe fora do escritório.

— Acho que ele não...

— Você parece bem legal. Acabou de começar?

— Começar?

— Na Califax. Acho que nunca vi você no escritório. Em que andar você trabalha?

— Ah, eu...

Ele percebeu o desconforto dela e deu a impressão de querer apagar o mais rápido possível o que o causou.

— Comecei no ano passado. Desculpa, na verdade foi mais para um ano e meio atrás. Ou será que foi em abril? Bom, eu me formei em janeiro e comecei logo em seguida. A Califax não costuma contratar quem se forma no meio do ano letivo, mas me disseram...

Ele parou. Guardou o desodorante.

— Desculpa. Eu falo muito quando fico nervoso. Desculpa. Eu peço um monte de desculpas quando fico nervoso.

— Tudo bem — ela disse.

— A gente devia voltar lá para baixo. — Ele vestiu o paletó e se virou de costas. — Dá para ver alguma mancha de suor? Minha irmã me falou para ter um paletó para o verão, de linho ou algo assim, mas só tenho dois de tweed. Merda.

— Não — Emma mentiu. — Não dá para ver nada.

Ela o seguiu até as escadas.

— Dá para acreditar nesse lugar? Eu nunca tinha visto uma casa de verdade em Nova York.

Onde, tipo... as pessoas moram e tudo mais. Você tinha visto?

— Bem, eu... — ela disse, evitando se comprometer.

— Tem, tipo, cinco andares. É maior do que a minha casa em Columbus. Bem maior.

— Então você é de lá?

— De Columbus. Isso. Ohio. Merda. Não sou nem capaz de imaginar quanto custa uma casa assim. Você faz ideia?

— Eu também não sei.

— Dava para encaixar o meu apartamento inteiro neste corredor. — Ele lançou um olhar para trás. — Duas vezes.

— Nossa.

— Não que eles não paguem bem na Califax, sabe? Não estou reclamando. Bom, de vez em quando eu reclamo. Você está no primeiro ano? Eu ainda tenho que pagar o crédito educativo da faculdade, e esse é um dos motivos de eu viver em...

Ele parou para encará-la.

— Você é... Quero dizer, você está usando um vestido... bonito. — Ele balançou a cabeça. — Desculpa.

— Obrigada.

— Você quer beber alguma coisa? Você bebe? Minha irmã me falou para não beber, porque seria muito fácil você fazer papel de trouxa. — Ele parou. — Eu. Desculpa. Eu fazer papel de trouxa, não você. Dá para notar que você jamais faria isso.

Ela riu. Ela lembraria muito bem aquela primeira sensação de coração subindo pelo peito até a garganta.

— Certo, entendi.

Ele respirou fundo.

— Desculpa. Eu queria muito conseguir parar de falar.

— Tudo bem. Até que estou gostando.

Ela o seguiu até o primeiro andar, onde a maior parte da festa estava acontecendo.

Agora ela se sentia mal por ter sido tão chata com o pai quando ele a convidara. De repente a festa começou a ficar interessante.

Pensou vagamente em fazer as pazes com o pai, e então o viu logo de cara, o que não queria de jeito nenhum. A mais ou menos um metro do fim da escada, o paletó chique de linho lhe dava ares de grandeza e comando.

Ah, não. Ela ainda não queria fazer as pazes. Não queria vê-lo naquele exato momento. Será que devia disparar escada acima? Haveria algum jeito de escapar sem que ele a visse? *Merda.*

Tarde demais. Ele a viu. O rosto do pai abriu-se num sorriso largo.

— Você desceu! Essa era a minha esperança.

Mais tarde, ela se lembraria de olhar para seu novo e suado amigo. Haveria algum jeito de deixar a situação mais confortável?

A pele dele brilhava mais do que nunca por causa do suor. *Merda.*

Os olhos do pai de Emma se voltaram para o novo amigo da filha.

— Emma, você conhece o Jamie? — ele perguntou de repente.

Emma e o jovem tinham chegado ao fim da escada juntos, no exato momento em que o pai veio na direção deles, taça de vinho na mão. Emma se deu conta de que não havia como evitar aquilo. Seu pai dava muito valor a uma boa apresentação: — Emma, este é James Hurn, um dos melhores da leva de dois anos atrás — ele disse, orgulhoso. — Princeton, turma de 2013.

Ela olhou para o garoto, estendeu a mão e apertou a dele com firmeza, como lhe ensinaram desde a mais tenra infância.

James Hurn parecia estar passando mal, como se temesse algo. Ou talvez fosse imaginação dela.

— Jamie — o garoto disse debilmente, tentando evitar fazer uma careta de dor.

— Jamie, esta é a minha filha mais velha, Emma — o pai disse com ainda mais orgulho. — Princeton, turma de 2016.

A expressão de sofrimento e devastação completa de Jamie durante o aperto de mão protocolar era tão adorável que Emma teria rido se não tivesse sentido, de repente, um interesse muito grande pelo bem-estar do rapaz. Ela deu de ombros, desculpando-se.

— Desculpa — ele fez com os lábios.

— Desculpa — ela respondeu do mesmo jeito.

Emma tivera um namorado no último ano do ensino médio. Kyle Bowen. Ele tinha um monte de pelos no peito. Quando Kyle parou de ligar depois da formatura, ela mal percebera. Em Princeton, Emma tinha ficado algumas vezes com Graham Cartwright, o capitão do time de lacrosse. Ele assumia ares de superioridade durante o jantar. Emma se lembrava de um comentário de Mattie sobre ele: — As pessoas acham que é preciso ser inteligente para entrar em Princeton, né? Bom, na verdade não precisa.

Emma sempre esteve ocupada com os estudos, os esportes e o trabalho. Namorar era uma experiência que ela ainda sentia necessidade de tentar. Nunca tinha sentido de verdade empatia, carinho ou uma queda por alguém até aquela noite de abril. E então, sabe-se lá por quê, tudo aconteceu ao mesmo tempo.

*

— O terreno dos Reese vale milhões de dólares — o pai de Mattie disse durante o jantar de sexta em Wainscott, enquanto comiam uma sobremesa com morangos que Mattie trouxera da fazenda. E não era a primeira vez em que ele dizia aquilo. — Paula Reese usa uma das propriedades mais cobiçadas do mundo para cultivar espinafre.

— E morangos — Evie disse, lançando um olhar animado de gratidão para Mattie.

Sasha levantou a colher.

— Melhor espinafre do que mais uma mansão gigante com catorze banheiros e um heliporto.

Você prefere mais uma dessas?

Robert assumiu a expressão de espanto e ansiedade que exibia quando Sasha discutia com ele à mesa.

— Não é da minha conta o que as pessoas fazem com o próprio dinheiro.

— Não, não é, mas talvez a sra. Reese esteja pensando na comunidade. Digamos que outro bilionário compre o terreno, que é exatamente o que aconteceria, e o esconda atrás de muros de quatro metros de altura. Aí ninguém mais iria aproveitar o lugar. Nem mesmo o bilionário, que deve ter outras cinco casas. Ele vai passar uma semana por ano no local e nem vai alugar a casa para os outros, porque não precisa do dinheiro. Mais um pedaço do East End... — Sasha estalou os dedos — já era.

— Sasha — Evie disse num tom de quem dava um primeiro aviso. Evie sempre assumia o papel de árbitro sereno. Nunca chegava a se envolver de verdade.

Mattie levantou para retirar seu prato. O show de Robert e Sasha lhe causou um tédio instantâneo. Supunha que os dois tinham discussões parecidas todas as noites, quer Mattie estivesse lá para ser incomodada, quer não.

— Graças aos Reese — Sasha continuou —, temos a oportunidade de dirigir por campos de plantações abertos e de comprar os cereais e os morangos mais frescos possíveis de imaginar. E pessoas como Mattie e Quinn arrumam emprego.

Mattie fechou a cara.

— Me deixa fora dessa. Se eu fosse a sra. Reese, pegava o dinheiro num piscar de olhos.

Robert afastou o prato e deu umas batidinhas na barriga.

— Graças a Deus já guardei o dinheiro para pagar a faculdade de Direito da Sasha — disse, reclamando e se gabando ao mesmo tempo, como sempre.

Mattie se lembrava de quando era pequena — talvez com seis ou sete anos — e perguntava ao pai se ele amava mais Sasha, porque amava a mãe de Sasha e não a mãe dela e das irmãs. “Claro que não”, ele respondia, como se a ideia fosse ridícula. “Amo todas do mesmo jeito.” Mas com certeza a ideia não parecera ridícula a Mattie. E talvez o pai tivesse sido mais convincente se tivesse gastado pelo menos um segundo para pensar nela.

“Você sempre a protege”, Mattie o acusara.

“Bom, ela é bem menor do que vocês”, tinha sido a resposta do pai.

Então Mattie parou bem no meio da cozinha e se virou para trás.

— E você guardou dinheiro para eu fazer o quê? — perguntou.

Seu pai a olhou com carinho:

— Comprar um vestido que tape as suas costas.

Tanto Evie como Sasha permaneceram quietas. Emma teria rachado de rir e continuado a brincadeira se estivesse ali, mas Evie e Sasha precisavam ser cuidadosas sempre, e Mattie sabia. As duas não tinham permissão nem para sorrir.

— Muito obrigada, papai — Mattie disse, fingindo indignação. — E com a diferença entre o

custo do vestido e o da faculdade de Direito da Sasha, você pode me comprar um loft em Williamsburg.

— Posso?

— Pode.

Mattie parou de novo à porta da cozinha. Um impulso mesquinho dentro de si ainda não completamente satisfeito: — Sobre o que você e Evie vão conversar quando Sasha for para a faculdade de Direito?

— Ray, por aqui.

Sasha virou para olhar. Sério mesmo que ela ia atender pelo nome de Ray? Parecia uma capitulação bem grande logo no primeiro dia de trabalho no mercado. Mas Francis, o gerente, não parava de chamá-la de Ray, e ela não parava de ignorá-lo, o que seria insustentável a longo prazo. Por que Emma tinha que ter posto a droga do nome de Ray primeiro na droga da ficha de inscrição?

Sasha abandonou a pilha de caixas de macarrão e se aproximou devagar do gerente.

— Hum, bem, na verdade meu nome é Sasha — ela explicou de novo.

Francis balançou a cabeça.

— Escuta, não tenho tempo para conhecer *dois* empregados. Para o que me interessa, vocês dois são uma pessoa só.

— Mas...

— Algum problema... Ray?

— Ah.

— Ei! Polly! — ele urrou para a primeira operadora de caixa. — Mostre para a Ray aqui como fazer a reposição.

Polly bocejou e pressionou as têmporas enquanto explicava o que fazer com os produtos descartados que se acumulavam nos caixas.

Então Francis chamou de novo:

— Ray, vem cá.

— O.k.

— Umas coisinhas.

Ela o seguiu para fora da loja, para perto das lixeiras dos fundos. A porta quase bateu na sua cara.

— Nada de tênis. Nem de bermuda. Mantenha a sua camisa do Black Horse limpa. Nada de jeans. Nada de chiclete. Odeio chiclete. Nada de tatuagens à mostra. Aqui é uma loja requintada. Não gosto dos piercings que vocês jovens usam. Tire as quinquilharias antes de vir trabalhar. Deu para entender? E um sorriso. Um sorriso no rosto o tempo todo. Diga isso ao seu irmão ou seja lá o que ele for.

Ela o seguiu de volta ao estoque, quase correndo para não ficar para trás: — Meu irmão?

— O outro Ray. Não quero ter que repetir tudo isso.

— Certo. Então. A questão é que ele não é meu irmão.

Francis estava mexendo em um tablet. Será que ao menos estava escutando?

— Porque... Olha só, na verdade, não somos parentes. Na verdade, nem nos conhecemos.

Francis tirou os olhos do tablet, impaciente.

— Ele é irmão da Emma.

— Sim...

— Você não é irmã da Emma?

— Certo, eu sou, mas...

Ele já estava na metade da seção de pães.

— Não tenho tempo para isso, Ray.

Sasha se aproximou de Francis casualmente algumas horas depois, quase no fim do seu turno. A última remessa de produtos do dia estava arrumada nas prateleiras, as caixas já tinham sido levadas embora. Os músculos dos braços de Sasha tremiam de fadiga, mas ela sentia ter conseguido fazer o papel de estoquista, pelo menos por um dia.

Francis estava comendo um cookie. Era comum encontrá-lo perto do setor da padaria.

— Como vão as coisas, jovem Ray?

Ela o encarou.

— Ei, Francis?

— Sim?

— Eu tenho uma ideia. Se você fizer o verdadeiro Ray atender pelo nome de Sasha, então eu, Sasha, vou atender pelo nome de Ray.

Confuso, Francis continuou a mastigar o cookie. Quando finalmente entendeu o que ela tinha dito, começou a rir.

6

NUNCA ME PERGUNTEI SOBRE ISSO

— SEMPRE ME PERGUNTEI SE ELA ERA MUÇULMANA ou hindu. Mas achava que hindu era mais provável.

O pai de Quinn observava a foto de uma linda garota bengali, mas sem prestar muita atenção. Devolveu-a à filha.

— Por que você se perguntava?

— Você não?

— Nunca me perguntei sobre isso.

— Ela era sua mãe. Como você nunca se perguntou?

O pai fez que não com a cabeça.

— Não sei bem o que a Lila te disse, mas não sei quem é essa pessoa. Não cheguei a conhecer essa garota. Minha mãe, de Califax, Ontário, se chamava Matilda Thomas. Que Deus a tenha. Era uma cristã fervorosa.

Não era a primeira vez que uma conversa entre os dois tomava esse rumo.

— Você tem alguma outra informação sobre essa garota? Sabe o nome dela?

Robert tinha voltado a observar a tela do computador.

— Estava nos papéis da adoção, acho.

— E onde eles estão?

— Para ser sincero, eu não sei. Nem sei se algum dia os tirei da casa do Brooklyn. Estavam no arquivo de metal no porão, e não lembro de ter levado na mudança.

Quinn examinou por mais um tempo o rosto da garota que podia, ou não, ter cuidado do próprio filho.

De fato, Quinn tinha se perguntado. Por mais que admirasse a eloquência e a beleza do Corão e do Hádice, as imagens dos deuses hindus lhe inspiravam sonhos desde que ela se entendia por gente, como se tivessem passado para ela com o sangue do pai. Ele não ligava para os seus encantos, mas Quinn os sentia intensamente. Agora tinha quase certeza de que era hindu. Por causa do bindi.

— Queria ter conhecido Matilda — Quinn disse, sensível ao estado do pai. Os pais adotivos de Robert eram um casal sem filhos que já estavam na casa dos cinquenta quando o adotaram, um milagre, a pequena força vital deles. Ambos faleceram antes de Robert completar 26 anos.

O pai dela tirou os olhos do computador, com a expressão do rosto mudada.

— Eu também queria que você a tivesse conhecido, minha querida.

Para um homem tão poderoso, o pai dela chorava fácil ante alguns assuntos, como a mãe e as filhas dele.

— Você sabe que ela te segurou no colo quando você era bebê. Tenho uma foto na parede do escritório. Você já viu.

Quinn assentiu e saiu da sala. Guardou a foto da avó biológica na segurança de sua primeira gaveta.

Seu coração se compadecia do pai às vezes, embora ele não se compadecesse de si próprio. Seus traumas guardados rondavam a casa como órfãos, e Quinn lhes dava acolhida.

Ela imaginava aquele bebezinho no campo de refugiados. Houvera quem o embalasse? Houvera leite para alimentá-lo? Quem, se houvera alguém, aplaudira seus primeiros passos? Em que língua ele dissera as primeiras palavras?

Matilda Thomas pode ter carregado Emma e Quinn quando eram bebês, mas só carregou o próprio filho quando ele já tinha mais de dois anos.

Quinn ouviu uma vez Lila dizer ao irmão, Malcolm: — Ele era tão jovem quando nos conhecemos que às vezes ainda tinha terror noturno. Acho que a memória dele ainda remetia aos dias do campo.

Na época, Quinn estremecera de emoção, mas se contivera para não se intrometer na conversa com todas as perguntas que queria fazer, porque, para começar, sabia que não deveria nem ter escutado aquilo. Desde então, em muitos momentos de silêncio, ela relembrava daquelas palavras, que pairavam em sua mente.

Seus pais se viram pela primeira vez no curso de verão da Escola Andover. Sua mãe estava no segundo ano, e seu pai era calouro. Nas primeiras cartas, a mãe o chamava de Bobby.

A certa altura, seu pai se transformara em Robert e já não tinha mais os mesmos sonhos. Lila fora a última pessoa a conhecê-lo antes da transformação se completar.

Talvez fosse um alívio para seu pai estar com Evie, para quem ele nunca tinha sido Bobby e ao lado de quem nunca tinha sonhado com o campo de refugiados de Bangladesh, seu primeiro lar.

Caro Ray,

Espero que tudo bem eu te mandar este e-mail. Quinn me passou seu contato. Aqui é a Sasha, sua companheira de quarto desconhecida (desculpe pelo acidente com a tela semana passada), coirmã das suas irmãs, e coempregada no Black Horse. É meio estranho te escrever depois de todo esse tempo, eu sei, mas Francis, o gerente, pediu para eu passar algumas informações para você e ele “não está de brincadeira”. Então, aqui vai: nada de tênis, nada de bermuda, mantenha a sua camisa do Black Horse limpa, nada de jeans, nada de chiclete, nada de tatuagens ou piercings visíveis. Ah, e “mantenha um sorriso no rosto o tempo todo”. Mesmo no estoque e, ao que parece, mesmo nos fundos da loja, perto das lixeiras. Acho que isso é tudo.

Aproveito para dizer que é uma honra dividir o quarto e três irmãs com você todos esses anos.

Sasha

Cara Sasha,

Passei praticamente a vida inteira esperando para pedir desculpas pelos vômitos. Todos eles. Desculpe. Eu odiaria dividir o quarto comigo.

Gosto de pensar que está tudo no passado. Por isso, de olho no futuro, já peço desculpas pelos fiozinhos de barba. Estou tentando melhorar, mas acho que esqueci de limpar na semana passada.

Eu precisava muito dizer isso.

Obrigado pelos avisos do Francis.

Ray

Obrigado também por tentar manter as prateleiras arrumadas e por regar o velho vaso de calandiva (descanse em paz) porque eu nunca regava, e por ter um monte de livros bons ao longo dos anos, que eu lia sem pedir. E por fazer várias anotações inteligentes nos seus livros da escola, o que me permitiu ir melhor nas aulas de redação. E por fornecer pasta de dente por, literalmente, ANOS. E por ter aquela coisa tipo uma camisola de seda que você deixa ao pé da cama às vezes. E por deixar os lençóis com um cheiro tão bom que eu mal consigo dormir.

Ray deu uma olhada no último parágrafo e apagou tudo.

Francis encarou Ray, que estava à porta do estoque do Black Horse.

— Então você é a outra metade do meu novo empregado.

— Sim, senhor.

Ray supôs que Francis o estava analisando à procura de possíveis tatuagens ou buracos reveladores de piercings.

— Você é grande para ser só metade — Francis concluiu.

Ray deu de ombros.

— Mas sou simpático.

— Não tanto quanto a outra metade. Nem tão bonito. Não tem nem metade da beleza.

Ray não sabia ao certo o que dizer.

— Vou tentar dar um jeito nisso.

— Você sabe que não é para vir de jeans, nem...

— Sei de tudo.

— Recebi ordens para te chamar de Sasha.

— Recebeu de quem?

— Do Ray.

— Eu sou o Ray.

— O outro Ray.

— Existe outro Ray?

— A sua irmã.

— Você está falando da Emma?
— Não, a outra.
— Quinn, Mattie?
— Você tem um monte de irmãs.
— É, mas nenhuma se chama Ray, pelo que eu saiba.
— A pequena. Bonita. Olhos cor de mel. O nome dela é Ray.
— Meu nome é Ray. Acho que você está falando da Sasha. Ela não é minha irmã.
Francis balançou a cabeça.
— Ei, quer saber, Sasha?
Ray estremeceu.
— O quê?
— Foda-se.

Cara Ray,

Você podia, por favor, retirar as ordens de me chamarem de Sasha?

Sasha

— Que Deus nos ajude. O papai está cortando a grama de novo. — Emma estava de pé à porta de correr da cozinha de Wainscott, celular na mão, olhando de um lado para o outro. — Onde ele arranjou esse cortador?

— Acho que ele alugou — Mattie respondeu, largando a louça do café da manhã na pia. — Acho que a mamãe parou de pagar as contas de novo.

Era uma história antiga. Os advogados dividiram as contas para a manutenção da casa; Robert pagava as suas religiosamente, e Lila não. “Sinto muito, mas não temos dinheiro este mês”, Lila dizia abertamente a quem perguntasse.

A rixa era séria demais para que Robert simplesmente pagasse a parte dela. O dinheiro nem o incomodava; o que ele não podia tolerar era a rendição. Por isso gastava dez vezes o custo da manutenção do gramado em cartas ameaçadoras para Lila, escritas pelos seus advogados caros. Emma sabia de primeira mão que a mãe jogava todas as cartas dos advogados no lixo reciclável.

Sasha deixou a torradeira de lado e se virou para as irmãs, com um ar divertido.

— É bom para ele. Sair daqui de dentro e se mexer. Se não, estaria no computador ou no celular enchendo os caras sobrecarregados de trabalho do escritório. O papai se exercita, os empregados têm uma folga. Todo mundo sai ganhando.

— Ninguém conta para a Lila — Mattie disse.

Emma baixou os olhos para o celular. Ela se orgulhava de não ser do tipo que olha o celular a cada segundo. Quantas vezes ela não tinha feito cara feia para Mattie? Mas agora era ela esse tipo de pessoa.

E, claro, foi Mattie que a pegou no flagra.

— Aha! Olha só quem está saindo de fininho de novo.

Emma lançou um olhar autoritário para Mattie em sua lenta e despreocupada caminhada rumo ao corredor. Então disparou escada acima, longe dos ouvidos das irmãs.

— Oi — ela disse. — Onde você está?

— Bridgehampton.

— Estou a caminho. Me encontra no Olive's. Já tomou café da manhã?

— Só café. Olive's não é um lugar meio público?

— Não se preocupe. Meu pai está cortando a grama.

— Eu odeio ficar me escondendo.

— Eu sei.

— Eu me sinto mais culpado por dormir com a filha dele ou por faltar no escritório hoje?

— Oi, Matt.

Aceno, sorriso.

— E aí, Mattie.

Sorriso, aceno.

Era constrangedor o tanto de gente que ela conhecia no Black Horse. A quantidade de parentes seus que havia lá.

Era o seu dia de folga na fazenda, e ela parou no mercado grande e climatizado para comprar tomate-cereja.

Ainda não era época desse tomate na região, e a mãe dela precisava deles para uma receita. Mattie devia ter passado no Stop & Shop, onde custariam metade do preço, mas não conseguiu resistir a um café com leite e um bolinho amanhecido gratuito de Emma, a uma olhadinha no recém-contratado Ray empilhando caixas de cuscuz sem muita animação, e à vantagem do desconto de funcionário dos dois.

Ray estava no intervalo de descanso, fumando um cigarro com Julio nos fundos do mercado.

— O que você está fazendo? Você não fuma — Mattie disse.

— Só fumo com o Julio — Ray disse.

Ela balançou a cabeça.

— A que horas você sai?

— Às sete.

— A mamãe disse que o jantar é às sete e meia.

— Tudo bem. Eu vou estar lá.

Ela voltou para dentro do mercado pela porta dos fundos. Passou um tempo examinando os tomates.

Mattie sentiu uma sombra sobre si, que se demorou um pouco demais. Ela virou para trás.

— Você é Matilda Thomas?

Era um homem bem-vestido, beirando os sessenta, com um cabelo claro que era uma mistura de branco, cinza e loiro. Ele parecia um tanto inseguro e passava uma impressão de familiaridade.

— Mattie. É... eu...

Ele estendeu a mão.

— Jonathan Dawes. Sou um amigo da sua família há muito tempo, antes do...

Ela ergueu o braço como um maestro, interrompendo o senhor e deixando claro que já tinha captado a mensagem. O terremoto que acabara com o casamento dos pais tinha sido tão gigantesco que todo mundo ou tinha escolhido um lado ou tinha caído no vácuo produzido pelo rompimento. Mattie era jovem demais para se lembrar com clareza do evento em si, mas sua vida parecia uma série de tremores secundários e esforços de reconstrução.

Por que aquele homem lhe parecia familiar? Ela tentou pensar. De repente, se lembrou de uma coisa. Uma fotografia.

— Você dava aula de surfe, certo?

Ele sorriu.

— Sim, isso mesmo.

— Você deu aulas para a minha mãe? — Ela examinou sua memória em busca de uma lembrança muito nebulosa.

— E algumas vezes a você e suas irmãs.

Ele observava o rosto dela com atenção. Talvez pensasse que ela se parecia com a mãe naquela época. As pessoas mais velhas muitas vezes diziam isso.

— Lamento informar, mas não deu muito certo para mim. Sou péssima no surfe.

Ele riu, mas de um jeito levemente distraído.

— Mas a minha irmã Quinn não faria o senhor passar vergonha. Ela é muito boa mesmo.

Ele prestava mais atenção ao rosto dela do que a suas palavras.

— Desculpe — ele disse, talvez se dando conta disso. — Você me lembra a...

— A minha mãe.

Ele fez uma pausa antes de assentir.

A aparência dele lhe agradava. Ele tinha o rosto bonito, quadrado, bronzeado, atento, enrugado em lugares que lhe eram favoráveis. Parecia o tipo de pessoa que não dizia as coisas apenas para ouvir o som da própria voz.

— Ela ainda surfa? — Ele parecia um pouco magoado, mas também ansioso, pelo jeito como se inclinou para a frente.

Mattie gostava do rosto daquele homem. De repente, porém, se deu conta de que queria fugir dele.

— Quem?

— A sua mãe.

— Às vezes, sim. — Ela pegou os tomates. — Preciso voltar para casa. Minha mãe precisa dos tomates para uma receita.

— Tudo bem.

Ele ainda ficou ali, parado, observando-a ir até a fila do caixa. Ela ajeitou o cabelo atrás da orelha um tanto constrangida, tentando agir como se não soubesse que estava sendo observada. Mattie já tinha feito esse jogo antes. Ele não a observava com malícia, porém. Não era isso. Ela tinha um radar de paquera muito sensível, e estava bem certa de que não era o caso. Mas havia alguma coisa.

— Ainda surfo todo dia em Ditch Plains — ele disse. Ela estava a meia loja de distância, mas a voz chegou diretamente a ela, sem que ele precisasse gritar, meio que se depositando no seu ouvido. — Se quiser aparecer algum dia...

Por que ela iria querer aparecer?

— Tudo bem — ela disse de forma evasiva.

— Manda um “oi” para a sua mãe — sua voz soou séria.

Mattie não se virou para ele nem uma vez enquanto saía para pegar a bicicleta, mas assim que manobrou para fora do estacionamento, olhou para trás. Ele ainda estava lá, perto dos tomates.

7

MEXENDO EM VESPEIRO

O MOVIMENTO NO MERCADO ESTAVA DEVAGAR, e as entregas da manhã já tinham sido descarregadas e guardadas. Emma a chamou com um gesto enquanto ia para o caixa quatro.

— O papai disse que o jantar hoje é às sete. Que horas você sai?

— Às sete. Você pode avisar que vou me atrasar uns minutos?

— Claro.

Francis caminhava em círculos grandes e lentos em volta do balcão da padaria, como sempre.

— Quer um croissant de ontem? — Emma perguntou.

— Não, obrigada. É melhor eu ir atrás de alguma coisa para fazer. Francis está me olhando atravessado.

Emma fez cara de tédio e esperou o chefe desaparecer atrás do balcão da padaria.

— Ano passado ele usava uma touquinha e servia sorvete num carrinho em frente à loja.

— O poder corrompe.

— Com certeza.

Sasha debochou com uma seriedade fingida:

— Mas isso foi antes de ele terminar o MBA, né? O que quer dizer *Masters in Business Administration*, na Universidade de Fordham.

Emma riu e fez a sua imitação de Francis.

— Depois de concluir o MBA, ganhei uma nova visão do merchandising...

Francis reapareceu e Sasha tratou de dar o fora.

Francis a encontrou minutos mais tarde repondo uma pilha de grão-de-bico.

— Emma é *subgerente* do setor da padaria — ele informou a Sasha. — Não pode ficar te levando pela mão o tempo todo.

— Ah, eu sei. Claro, você tem toda a razão.

Sasha adorava saber que Francis achava que ela e Emma só falavam sobre o trabalho.

Ele a encarou desconfiado.

— Você disse que já terminou os enlatados.

— Achei que talvez pudesse arrumar melhor.

Francis assentiu em sinal aprovação.

— Você se parece um pouco com ela, sabia?

Sasha ouviu a tosse fingida de Julio a alguns corredores de distância.

— Com a Emma, você quer dizer? — ela perguntou. Como ela conseguiria prolongar o trabalho de empilhar as latas de feijão por mais meia hora? — É, as pessoas sempre dizem isso.

— Mas não se parece com o seu irmão.

— Certo — Sasha disse. — Ele não é meu irmão, então isso explica.

Àquela altura, Francis já a tinha deixado falando sozinha, como ela previra.

Querido Outra Sasha,

O Governante do Black Horse, Senhor dos Mercados, solicita que você trabalhe no turno da manhã amanhã.

Sasha Original

Outro Ray,

Você não tem permissão para deixar sapatos ou livros no nicho da estante de um dia para outro.

Cumprimentos,

o Faraó de Fordham

(conforme ditado ao Ray original)

— Aí eu encontrei um cara no Black Horse uns dias atrás que me pediu para te mandar um “oi” — Mattie comentou, cotovelos apoiados no balcão da cozinha, observando a mãe lavar os pés de alface que ela tinha trazido da fazenda.

Era uma coisa perfeitamente normal de se dizer, o lugar era frequentado por diferentes gerações das mesmas famílias, mas Mattie tinha ensaiado três vezes antes de dizer aquilo. Tomava um cuidado estranho quanto ao modo e o momento de dar a informação.

A mãe estava distraída. Não parava de lançar olhares para o celular, incapaz de fazê-lo desembuchar um recado de voz ou coisa assim.

— Ah, é? — Ela pôs o cabelo atrás da orelha. — Quem?

— Jonathan Dawes.

A mãe parou o que estava fazendo e se virou. O celular deslizou pelo balcão. Dois punhados de alface caíram no corredor. Mattie procurou um sinal de agitação no olhar da mãe e o encontrou.

— Você deve se lembrar dele — Mattie acrescentou.

— Sim. Claro — a voz saiu quase natural, mas a pele não estava da cor normal. — Ele dava aulas de surfe.

— É, dá para imaginar.

A mãe limpou a garganta.

— Ele te reconheceu?

— Acho que sim. Ou talvez ouviu alguém dizer o meu nome. Não sei.

A mãe recolheu a alface, mantendo a cabeça baixa.

Talvez ele fosse um ex-namorado. Alguém que um dia já foi importante para ela.

— Vocês cresceram juntos por aqui? — Mattie perguntou. Talvez ele tenha sido um caso de verão, uma paixão de escola. Ela endireitou a postura e sentou no balcão. Queria ver o rosto da mãe de um ângulo melhor.

Sua mãe parecia querer um ângulo pior. Abandonou a alface e foi até a geladeira.

— Er, não. Acho que eu o conheci mais tarde. Ele morava em Los Angeles. Foi lá que ele cresceu. — Ela encarava a prateleira de laticínios com olhos perdidos. — Veio para Nova York por causa de um emprego. Trabalhava com publicidade, acho, e vinha aqui surfar de fim de semana.

— Ele é casado?

A mãe não se virou.

— Era casado quando morava em Los Angeles, mas ele se separou faz tempo, quando veio para cá. Não sei nada dele agora.

— O que aconteceu?

— Como assim? — a mãe retrucou, ainda de costas para a filha.

Mattie desceu do balcão. Sentiu o coração acelerar, pesado. Nem ao menos sabia por quê.

— Eu só queria saber por que você não sabe nada dele agora. Por que não continuaram amigos?

A mãe finalmente se virou para ela. Parecia impaciente. Agarrou o celular e rumou para fora da cozinha, a alface ainda molhada e murchando, a porta da geladeira aberta.

— Mattie, por que o interrogatório? Que importância isso tem?

Mattie queria segui-la, mas não o fez.

— Muitas amizades se perdem com o tempo — a mãe falava por cima do ombro. — Não precisa de motivo.

No fim do corredor, Mattie ouviu uma porta se abrir e outra se fechar.

Ray tirou os olhos do sanduíche que preparava e encarou irritado o celular do pai gritando “Ice, Ice Baby” no balcão da cozinha de Wainscott. Seu pai com certeza tinha saído para correr e deixado o celular em casa. Mattie tinha mudado o toque do celular de Adam dois anos antes, imaginando, corretamente, que ele não saberia mudar de volta.

Era mais uma coisa de gente velha que seu pai fazia, Ray refletiu meio desgostoso. Quando Ray saía para correr, tinha músicas para ouvir, claro, e um aplicativo com mapas e outro sobre corrida que alimentava um terceiro sobre condicionamento físico. Se ele não levasse o celular, mal dava para dizer que fizera uma “corrida”.

O telefone fixo começou a tocar, então Ray atendeu como se fosse um telefone falso no cenário de um programa de culinária.

— Alô?

— Oi, aqui é o George Riggs, quem...?

— Ah, hum. George. — Ray começou a andar de um lado para outro, arrependido de ter atendido. — Oi. Aqui é, hum, o Ray... Riggs.

Por que ele acrescentou “Riggs”? Que coisa mais bizarra.

— Ótimo. Uau — George disse, com toda a sinceridade que se podia esperar. — Como vão as coisas, Ray?

— Tudo bem. Então... como vai tudo... aí? — Ele sentiu as costas da camiseta começarem a molhar com seu suor. Ray se deu conta de que estava forçando a voz para ficar mais grave, para parecer mais velho. Seria tarde demais para desfazer a mudança?

— Ótimo.

Meu Deus. Que constrangedor. Ray era capaz de jurar pela própria vida que não conseguia se lembrar do nome da empresa em que George trabalhava nem o nome da namorada ruiva e linda dele. Ele sabia que ia se lembrar de ambos assim que desligasse.

Se fossem dois estranhos ao telefone, teria sido fácil.

— O.k., você provavelmente quer falar com... — Milhares de cálculos inúteis: “seu pai, Adam, pai”... — Quer falar com o pai? — ele ouviu a própria voz dizer com culpa e insegurança.

— Hum, é. Ele está por aí? Tentei no celular, mas...

— Não está, ele saiu para correr. Eu digo que você ligou.

— Ótimo. Obrigado, Ray.

— Ótimo.

— Certo. Bom, a gente se vê logo, espero.

— O.k., então. Legal falar com você.

Ele disse isso mesmo?

Ray pôs o telefone no gancho e sentiu vontade de chorar. Aquele era o seu irmão.

— Volto no ônibus das quatro.

— Tudo bem. Estou com saudade. Você tem certeza do que vai fazer?

— Tenho. É só passar na casa do Brooklyn hoje à noite e damos conta do primeiro encontro. Superinformal. — Emma andava de um lado para outro em frente à lixeira atrás do mercado, fingindo não ver Francis observando-a da janela dos fundos. A pausa para descanso tinha acabado, mas Francis costumava fazer vista grossa para uns minutinhos extras. — Andei pensando nisso e tenho a sensação de que, se eu o apresentar, ela vai começar a fazer um monte de perguntas.

— E se você não me apresentar?

— Só algumas perguntas.

— Agora eu fiquei nervoso. Se eu começar a pedir desculpas o tempo todo, você me chuta por baixo da mesa?

Emma riu.

— A questão é que eu quero que a minha mãe vislumbre que pessoa espetacular e adorável você é, para quando descobrir o seu trabalho e tudo o mais, não pense apenas sobre isso. Ela vai gostar de você antes de poder te odiar.

— Mas e se hoje à noite ela perguntar qual é o meu trabalho logo de cara?

— Acho que ela não vai perguntar isso. Podemos ficar muito tranquilos. Ela se acha superior aos pais que perguntam logo de cara aos amigos dos filhos o que fazem e que faculdade frequentam.

— Que estranho. Mas isso ajuda.

— Então chegue umas nove. Dizemos que vamos ao Prospect Park com um pessoal. Vamos fingir que somos amigos recentes, quase só conhecidos, certo?

— Isso está longe da verdade, Em. E sou um péssimo ator.

Ela riu de novo.

— Só seja simpático, certo? Você não vai precisar atuar.

— O.k., entendi.

Ela o ouvia bater o pé contra a escrivaninha, o que não era bom sinal.

— Te vejo lá. — Ela fez uma pausa. — Te amo.

— Meu Deus, como eu te amo.

— Pensei que você estivesse pescando na praia.

Ray se virou para trás. O velho cais entrava pela lagoa como um dedo cinza e torto, e Quinn borboleteou pelo lugar, evitando as tábuas um pouco soltas com cuidado. Ele tornou a encarar a linha dentro da água parada da lagoa.

— Eu ia. Mas preferi vir aqui.

— O que houve?

— Nada. Por quê?

De repente, ela estava sentada perto dele, balançando as pernas. Ele tinha a sensação estranha de que o tempo passava de forma especial para Quinn. De pé aqui, sentada ali, ora de joelhos, de repente deitada. Você nunca a via no momento de transição de uma posição para outra.

— Você pesca na lagoa quando está triste.

Ele se virou para ela.

— Não é verdade.

Era verdade?

— E no mar quando está feliz.

Não, ele não fazia isso. Ou fazia?

Quinn nunca insistia num assunto. Apenas abria as mãos e o soltava como um vaga-lume. Você podia escolher pegar ou não. Ainda que não pegasse, tenderia a notá-lo piscando pelo ar,

distraíndo você.

— Quem ligou agora há pouco? — ela perguntou.

— Do que você está falando?

— Do telefone da cozinha.

Será que ela tinha ouvido a conversa toda? Ela era silenciosa às vezes. Não era como se espiasse; apenas se inclinava e absorvia a informação.

— Ah, certo. Era o George. — Ele observou as tripas de minhoca em sua mão.

— George Riggs?

— É. — Ele ficou feliz por ela não ter dito “o seu irmão George”. — Ligou querendo falar com o Adam.

Ela enfiou a mão no balde de Ray, pegou seu único e agitado ocupante e o jogou na água.

— Ei.

— Você não pode ficar com esse pequeninho.

— Agora não posso mesmo. — Ele enrolou a linha e colocou uma nova isca no anzol.

— Se você jogar a linha de novo, pode ser que o pegue de novo.

Ray riu. Às vezes ele chegava a ter a suspeita infeliz de que fisgava sempre o mesmo robalo. Isso bastava para deixar qualquer um triste, se ainda não estivesse.

— Como ele está?

— O George?

— É.

— Sei lá. Bem.

— Você não falou muito com ele.

Ray permaneceu em silêncio por um tempo.

— Não. Não muito. Não.

Ela também ficou em silêncio.

— Nunca consigo pensar em nada para falar para ele — Ray ouviu-se dizer. Às vezes, a boca fechada de Quinn fazia a dele se abrir e expressar sentimentos inesperados. Por quê?

Ela assentiu.

— Ele é um cara ótimo. Eu sei.

Quinn sorriu.

Ele se sentiu burro, irritado consigo mesmo. Queria não ter dito essas palavras, mas elas continuavam a vibrar no ar.

— Você é amiga dele, não é? Quer dizer, fora de toda essa bagunça.

A “bagunça”, no caso, significava a estranha e esgalhada família deles. Quinn era coirmã de George, mas não tinha qualquer ligação sanguínea. Não partilhava com ele o DNA de um pai inconstante, como era o caso de Ray.

— Claro. Mais ou menos. — Ela deslizou os dedos do pé pela superfície da lagoa. — Às vezes eu mando umas sementes para ele.

— Sementes?

— É. De nabo, girassol, inhame. Ele trabalha na horta comunitária de Oakland.

Claro que George fazia isso. Ele plantava tubérculos numa horta comunitária quando não estava trabalhando cem horas por semana numa startup de softwares ou salvando golfinhos de vazamentos de petróleo.

De repente Ray se sentiu desanimado demais para dizer as meias-verdades que costumava dizer sobre seu desejo de morar mais perto de George.

— Eu não o conheço bem — ele disse, em vez do discurso de sempre. — Não vejo o cara faz uns... dois anos.

Ele encarou a irmã. As unhas largas, curtas e sujas estiradas no cais, as pernas bronzeadas mesclando-se com as tábuas. Seus antebraços tinham veias saltadas como os de uma pessoa mais velha, mas o cabelo bagunçado, ajeitado atrás das orelhas, a fazia parecer mais uma criancinha. Ela era a única garota de cabelo curto que ele conhecia, mas será que algum dia chegara a cortar o cabelo?

— Triste — ela disse.

— Acho que sim.

O fato de George ser seu irmão tinha alguma importância, pois do contrário Ray teria apenas três irmãs. Quatro, porque também havia a Esther. Ray ainda tinha em seu mural uma foto da vez em que George o levava a um jogo dos Nets, quando ele tinha doze anos. Era meio sentimentalmente guardar a foto, mas não conseguia jogar fora.

Quinn bateu o tornozelo contra o dele.

— Você sabe que não foi por sua causa.

A princípio Ray reagiu como se não tivesse compreendido o que a irmã dizia, mas ele compreendera.

— Adam se mudou da Califórnia antes de você nascer — ela disse.

Ray deu de ombros.

— Foi injusto com eles. Eu sei. Mas você não fez nada de errado.

Ray também não fez nada de certo. Simplesmente ficava ali, agindo feito um pirralho, enquanto George entrava na Universidade de Stanford e ganhava algum prêmio importante de engenharia. Se um cara assim não merecia um pai presente, quem mereceria? Ray não, com certeza.

Quando Adam conhecera a mãe de Ray, George e Esther ainda estavam no ensino fundamental. Adam já tinha se divorciado de Gina, a mãe deles, mas morava a poucos minutos de distância, em Sausalito, e, pelo que Ray sabia, costumava passar religiosamente os finais de semana com eles. Seis meses depois, Adam se apaixonou por Lila e atravessou o continente para ficar com ela. Depois disso, só voltava para a Califórnia duas vezes por ano. Até terminarem a escola, George e Esther vinham passar uma semana na casa de Wainscott a cada verão. Depois disso, nunca mais apareceram. Ray mal conseguia se lembrar daquela época.

Adam e Lila se casaram no quintal da casa do Brooklyn, quando ela já estava visivelmente grávida de Ray. Ele cresceu bem consciente de ter nascido por acidente. Por que ter mais um filho se você não se dá ao trabalho de cuidar dos dois que já tem?

Ray só sabia do casamento pelo que vira nas fotos. E admitia ter um certo fascínio por elas. Tinha observado principalmente a aflição de seus cinco meios-irmãos. Imaginara até os preparativos do casamento: Gina resmungando ao despachar George e Esther da Califórnia em suas melhores roupas. No casamento, os dois pareciam reféns num vídeo feito por sequestradores. As três meninas de Lila, com seus vestidos hippies de segunda mão, pareciam estar na festa errada. Até Emma parecia insegura naquele dia. Quinn arregalava os olhos, séria. Observando com atenção, dava para ver que ela segurava a mão de Mattie em todas as fotos.

Por que os pais faziam os filhos assistirem ao seus recasamentos? Ray imaginou um livro de mesinha de centro de uma fotografia tipo a Diane Arbus, ótimo para ser lançado perto do Dia das Bruxas: *Crianças assistindo aos pais se casarem com gente que não são seus pais*.

— Desculpa, qual é o seu nome? — Emma ouviu a mãe perguntar na entrada da casa do Brooklyn no começo da noite.

Eram 20h56 segundo o seu celular, e ali estava Jamie, emoldurado pela porta de entrada da casa, uma figura esguia, bela e nervosa. A garota disparou pelo corredor e logo parou atrás da mãe. Claro que ele não chegaria na hora. Claro que chegaria mais cedo.

— É James Hurn. Hum, Jamie. — Ele estendeu a mão como se fosse cumprimentar o presidente. — Amigo da Emma. — Ele forçou um pouco demais ao dizer “amigo”.

— Eu sou a Lila. Mãe da Emma — Lila disse observando-o de alto a baixo.

— Oi, Jamie — Emma soltou um gritinho, talvez animado demais. O coração disparava. — E aí?

— Entre — Lila convidou, dando espaço para ele e fechando a porta em seguida. Ela vestia jeans, pantufas e um cardigã com um grande buraco de traça na parte de trás. Dava a impressão de não ter lavado o cabelo havia uma semana. Emma estava tão preocupada com o que a mãe ia pensar de Jamie que se esqueceu de se preocupar com o que Jamie ia pensar de sua mãe.

— Estava indo para o Prospect Park com uns amigos e passei aqui para ver se a Emma queria vir junto.

Ai, senhor. Parecia que ele estava lendo um roteiro.

— Que casa incrível — ele acrescentou da maneira mais não casual possível. Era o tipo de comentário evasivo que não combinava com ele. E havia algum tipo de comentário que combinava?

A mãe tinha se voltado para Jamie nesse meio-tempo. Estudava-o cuidadosamente.

— Quer beber alguma coisa?

Emma correu os olhos pela sala e notou como o ambiente parecia pequeno devido à madeira

escura e aos bilhões de livros. Não havia uma única superfície que não estivesse entulhada de coisas. Agora tinha que se preocupar com isso também. Imaginou a casa limpa e arejada de Jamie no subúrbio, com uma grande janela panorâmica com vista para um gramado ensolarado e uma garagem com um telhadinho para o carro.

— Água? Água com gás? Vinho? Cerveja? Você é maior de idade, não é? Está com fome? — Lila sempre era amistosa com os amigos dos filhos. Sempre gostara de lhes servir comida e lhes perguntar o que andavam lendo ou assistindo.

— Sim, senhora — ele respondeu rápido, lançando um olhar para Emma em busca de alguma orientação.

Emma respondeu dando de ombros, uma tentativa de comunicar que ele deveria dizer o que quisesse.

— Quero dizer, sim, sou maior de idade. E não, obrigado, não estou com fome. Acabei de comer.

Lila lançou um olhar inquisidor a Jamie, depois a Emma, depois a Jamie de novo. Os dois estavam rígidos feito tábuas, separados por uma distância não natural. Pareciam à espera de uma sentença. Uma situação nada confortável.

— Posso te oferecer uma bebida pelo menos?

— Desculpe. Só, hum, água? — ele respondeu.

— Claro — Lila disse. — Pode sentar. A não ser que você esteja com pressa. Emma?

— Hum, obrigado, sra. Harrison — Jamie disse após um breve momento de silêncio. — Não, senhora. Quero dizer, sim, senhora. Não, não estou com pressa. Sim, eu gostaria de me sentar — ele disse, olhando desesperado para Emma.

— Talvez a gente devesse ir — Emma disse alto o bastante para que a mãe, ocupada em encher um copo de água na cozinha, pudesse ouvir. Ela sentia que a coisa estava indo ladeira abaixo.

Num segundo Emma estava de sapatos, segurando a bolsa. Mas era tarde demais. Jamie já tinha se empoleirado todo tenso no sofá, de frente para a mãe dela, com o copo de água.

— Emma, sente. Espere um minuto. — Lila farejava algo. Emma já podia sentir.

Emma sentou. Parecia a opção mais diplomática.

— Só um minuto — ela disse.

— Então, de onde você conhece a Emma? — Lila perguntou a Jamie.

Emma cerrou os punhos. Ladeira abaixo e rumo ao precipício. Aquela tinha sido uma ideia horrível. De quem fora essa ideia horrível, aliás? Deus, ela odiava quando a ideia horrível era dela. Ela lançou um olhar de incentivo para Jamie.

— Nos conhecemos num... evento da empresa — Jamie disse.

O que, afinal, Emma podia esperar dele? Jamie era patologicamente sincero. Era uma das características que ela amava nele.

Lila pareceu perplexa, talvez devido ao fato de o mercado Black Horse não organizar muitos “eventos da empresa”.

— E o que você faz? — Lila continuou.

— Jamie trabalha com negócios — Emma interveio, percebendo no mesmo instante que não tinha ajudado.

— Que tipo de negócios?

Emma soltou o suspiro que estava segurando. Desde quando sua mãe hiponga era da Gestapo?

— Mãe. — Ela sabia que estava falando como se tivesse doze anos.

— O quê? É segredo? Você é um espião?

— Negócio de investimentos — Jamie disse baixo.

Aquela resposta não seria adequada em nenhuma circunstância. Lila se mostraria mais receptiva se ele fosse frentista de um posto de gasolina do que banqueiro.

— Em que empresa?

Jamie olhou para Emma na mais triste agonia, e Emma apenas balançou a cabeça. Nenhum dos dois falou nada.

— O que está acontecendo com vocês dois? — Lila quis saber.

— O que você quer dizer? — Emma perguntou debilmente, sem conseguir exprimir nem um pouco de indignação. — Nada.

— Há quanto tempo vocês estão saindo?

Silêncio. Eles não conseguiam nem olhar um para o outro.

— Nove semanas — Jamie respondeu afinal, aliviado por ser sincero ao menos uma vez.

Lila encarou Emma com cautela.

— Muito bem. Isso explica muita coisa sobre você, minha querida.

Emma retribuiu o olhar.

— Do que você está falando?

Lila sorriu.

— Eu *sabia* que tinha alguma coisa. Eu sabia que você estava envolvida com alguém. Só não conseguia descobrir quem. Mas por que vocês dois estão se comportando de maneira tão esquisita? Por que tanto segredo?

Emma e Jamie trocaram mais olhares agoniados.

— O quê? O que foi? Agora vocês estão me deixando nervosa.

Emma estalou os dedos. Jamie parecia muitíssimo perturbado. Emma respirou fundo para se recompor. Abriu a boca e não conseguiu dizer nada.

— Meu Deus, você está grávida? — Lila perguntou.

— Não! — Emma apressou-se em responder. — Como você pode fazer uma pergunta dessas?

— Eu sei que tem alguma coisa acontecendo. Contem logo o que é.

Jamie não conseguiu aguentar mais.

— Sou analista da Califax Capital — ele finalmente confessou, como se tivesse assassinado alguém. — Trabalho para o sr. Thomas. Não diretamente para ele. Quero dizer, ele é, tipo, o chefe do meu chefe.

Lila desabou na cadeira.

— Sério? — Parecia mais enojada do que aliviada.

— Sério. — Jamie baixou a cabeça.

— E foi assim que vocês se conheceram? Através do Robert, suponho?

— Mais ou menos — Emma respondeu.

Lila lançou um olhar que revelava uma suspeita imensa.

— Ele não armou isso, armou?

— Não — Emma disse rápido. — Nada. Ele nem sabe.

Lila suspirou.

— Entendi. — Ela balançou a cabeça para Jamie. — Vocês garotos que trabalham para o Robert são piores do que uma seita.

Emma se levantou.

— Mãe, você não está entendendo. E que coisa mais horrível de se dizer!

Ela agarrou a bolsa. Jamie também se levantou, olhando para Emma e a mãe, inseguro.

Lila suspirou de novo.

— Acho que eu preferiria que você estivesse grávida — ela disse a Emma.

— Meu Deus, mãe!

Lila voltou-se para Jamie.

— Mas não de você — disparou.

*

Querido Outra Sasha,

A frase do dia do nosso intrépido gerente:

“Estranho. Numa semana Ray é mais bonito e trabalha melhor. Na semana seguinte, sorri demais e carrega caixas pesadas”.

Não consigo saber quem é quem.

A propósito, ele começou a me chamar de Pequena Ray.

Sasha Original

— Não parecemos muito tranquilos — Jamie lamentou quando os dois, desanimados, se sentaram à mesa de uma cantina na Sétima Avenida.

Emma estendeu o braço e segurou a mão dele.

— Acho que tranquilidade não é a melhor estratégia para nós. Não somos bons atores.

— Posso tentar melhorar — ele propôs.

— Não quero que você tente. — Ela tomou um gole de chá gelado. — O problema é da minha mãe, não nosso. Ela é louca. Meus pais são loucos. Enlouquecem um ao outro. — Ela deu de ombros. — Se não fosse isso, até poderiam ser gente boa.

8

A IMPRESSÃO QUE ELA ME DEU QUANDO EU NÃO SABIA QUEM ELA ERA

— O QUE ESTAMOS FAZENDO AQUI?

Ray não tinha avançado muito além da porta da frente. Rondava as portas que havia no hall de entrada, sem passar por nenhuma delas. Parker disse que as garotas do Upper East Side eram mais gostosas, e talvez fosse verdade, mas considerando os sapatos de salto altíssimo e o comprimento curtíssimo das saias, Ray teve certeza de que preferia as do Brooklyn.

O que ele estava fazendo ali? Praticamente só havia alunos de escolas particulares, que ele preferia evitar, mas Parker conhecia alguém que conhecia alguém. Ray não estava lá para pegar garotas. Pensou em Violet, em East Hampton. Ele e Mattie tinham voltado para a cidade àquela noite para buscar umas coisas e dar uma carona para a mãe até Wainscott pela manhã. O turno de Ray só começava à uma da tarde. Violet tinha reclamado que não ia se divertir enquanto ele estivesse fora e o incentivou a também não se divertir. Ele observou ao redor. Bom, estava cumprindo a sua parte.

Havia uma garota de pé, sozinha, em frente à cozinha. Ray não conseguia saber se estava esperando uma amiga, a fila do banheiro ou o que fosse. Ela não usava uma saia minúscula nem mesmo leggings, mas calças de verdade. Era pequena, com cabelo longo e escuro. Era morena. Talvez fosse latina, ele pensou. Não era sua intenção ficar secando a garota, mas quando ela se virou para deixar um copo de plástico sobre a mesa do hall, ele notou a curva generosa de seus quadris, bem marcados em relação à cintura. E logo em seguida, embora a blusa dela não fosse particularmente apertada ou decotada, dava para perceber que, apesar do corpo pequeno, seus peitos eram grandes e redondos. Parker sempre ia atrás de garotas altas e atléticas, mas aquela garota tinha o tipo de corpo que atraía Ray loucamente.

Ela não parecia impaciente, e ele não avistou nenhum banheiro por perto. Ray só conseguia observar o seu perfil. Embora o cabelo lhe cobrisse a maior parte do rosto, dava para saber que ela era bonita. Ela não fazia nada com as mãos. Isso era outra coisa que o intrigava.

Quando estiver sozinho, olhe o celular. Era um princípio básico e indiscutível. Por que a garota não estava olhando o celular dela? Ela o encarou. De repente, Ray se deu conta de que também estava sozinho e sem olhar para o celular. Ficou com medo de parecer um personagem de

desenho animado, com os olhos saltando das órbitas, ao observá-la.

E agora? Era óbvio que ele tinha sido pego. Ray acenou. Ela sorriu e retribuiu o aceno, um pouco constrangida. Ela lhe parecia um tanto familiar. Será que ele a conhecia de algum lugar? Talvez simplesmente gostasse do rosto dela.

Ray sentiu necessidade de desviar o olhar. Será que devia fazer alguma coisa? Seria muito constrangedor, mas será que ambos já não tinham alcançado o ponto em que não dizer nada seria ainda mais constrangedor? Ele não costumava pensar tanto assim.

Uma amiga dela saiu da cozinha. Membro da tribo das loiras de minissaia. Ele aproveitou a oportunidade para observar mais um pouco a garota. Será que a conhecia? Ela o encarou mais uma vez antes de a amiga a arrastar pelo corredor. Pego de novo.

Ela tinha um jeito próprio de andar, arrastando os pés. Faíscas brilharam na memória de Ray, mas se consumiram antes que ele pudesse pensar no que significavam. Morena e modesta, sua figura contrastava com a da amiga imponente de salto-agulha. Ray viu os garotos virando a cabeça e babando pela loira, mas a garota de andar arrastado era beleza de verdade, com seu lindo corpo escondido sob roupas modestas. Era o tipo de beleza que só alguém profundo como ele compreendia. Ray riu de si mesmo com a ideia, mas insistiu nela mesmo assim, como se ele próprio tivesse inventado a beleza da garota.

Você não está aqui para pegar garotas, ele lembrou a si mesmo, abalado e um pouco desorientado enquanto a garota se afastava.

Parker, na sala de jantar, parecia perdido à sua maneira. A luz da tela do celular iluminava seu rosto. Ele levantou os olhos.

— Cara, vamos embora.

O que significava que Parker não conhecia ninguém ou que a cerveja tinha acabado. Dez minutos antes, Ray teria saído porta afora com toda a alegria, mas agora queria esperar.

— Tem cerveja na cozinha — avisou.

— Já tomei três. As garotas ficaram mais bonitas, mas não mais simpáticas.

— Tem gente jogando *beer pong* num dos quartos.

— Com, tipo, dez caras na fila de espera.

— Tudo bem. Vou mijar e a gente vai embora — Ray disse.

Ray começou a dar uma volta lenta pelo apartamento. Sabia quem estava procurando, mas não sabia o que fazer se a encontrasse. Foi de cômodo em cômodo, tentando não parecer um maníaco nem dar muito na cara. Prendia de leve a respiração a cada esquina que dobrava. O que estava acontecendo com ele?

Mas a garota não estava em nenhum dos cômodos. Ele até esperou perto dos banheiros, mas ela não saiu de nenhum deles.

Ela devia ter ido embora. Ele sentiu uma dor perturbadora e prolongada e, por trás dela, uma pequena brisa de alívio. Teve uma daquelas certezas que a gente tem sem explicação: naquele andar arrastado havia potencial para um monte de sentimentos complexos. Do tipo que ele nunca

sentira por uma garota. Agora ele não chegaria a senti-los. Ele não precisaria senti-los.

*

Mattie e Ray tinham voltado juntos para o Brooklyn no fim da tarde, ela para pegar roupas e ir ao dentista. Ele foi a uma festa de alguma garota em Manhattan. Ela ficou em casa e fuçou por toda parte até encontrar a fotografia num arquivo no porão.

Mattie tinha quase uma noção sobrenatural de onde procurar as coisas no meio das relíquias: pilhas de estampas retorcidas, negativos indistintos exibindo dentes negros de parentes fantasmagóricos.

Estava numa pilha de fotos presas por um elástico e envoltas por uma tira de papel em que se lia “1997” na letra da mãe. Eram fotos de praia, nada de excepcional, mas o elenco era diferente. Em vez do sempre jovem e sutilmente deslocado pai — com seu calção de banho florido e seu Ray-Ban marca registrada —, havia um homem loiro, de bermuda de mergulho desbotada, segurando uma prancha de surfe, parecendo ter nascido diretamente da areia. Ora conduzia Emma numa prancha em miniatura. Ora segurava a minúscula mão de Quinn, que tentava se equilibrar na ponta da prancha dele. Ora aparecia com Lila, a muito jovem Lila, os pés dos dois misturados na areia e na espuma do mar. Mattie imaginava que fora a mãe que tirara as outras fotos, mas quem teria tirado esta última? Sem um motivo específico, desconfiava que os retratados ignoravam a existência daquela câmera.

A pergunta era a de sempre: como aquilo se relacionava com o resto de suas vidas? Qual sua relação com o Grande Cataclismo? Ele veio depois, mas não muito depois. Talvez uns poucos meses. Tão perto do momento da devastação, e ao mesmo tempo com aquele ar de tranquilidade.

Mas a foto que ela continuava segurando, a que ela não conseguia parar de olhar, mostrava o mesmo Jonathan Dawes que aparecera no Black Horse, erguendo a bebê Mattie pelos pés. Na foto, ela está de pé sobre as mãos abertas dele, pairando bem acima da areia, com um misto de medo e alegria no rosto. Seria possível que ela se lembrasse daquilo? Procurando apoio no ar sobre duas mãos, antecipando o tombo na areia fofa? Não, era pequena demais. Provavelmente só se lembrava por ter visto a foto.

Ela analisou o rosto que a olhava no alto, franzido por causa do sol. Um sorriso largo; ele era todo emoções. Talvez não todo emoções. Parecia um tanto cauteloso também.

Quando Ray saiu da festa, sua mente estava cheia, e seu olhar, ausente. As portas do elevador se abriram, as pessoas se empurraram para entrar, e de repente ele se viu bem atrás dela, a menos de trinta centímetros. Ele sentiu o cheiro de seu cabelo antes de vê-la. O aroma, que o deixou zozinho, pegou um atalho para uma parte de seu cérebro que não operava com palavras. Ele não tinha a intenção de baixar os olhos para o peito dela, mas o que podia fazer? De repente, sentia-se eletrizado e desconfortável.

Ao lado dela estava uma outra amiga, uma garota com o cabelo preto preso no topo da cabeça.

— Você é Parker Murray? — a amiga perguntou ao amigo.

Parker tirou os olhos do celular.

— Sou.

— Você é amigo do Zach Kaplan.

— Sou. Achei que ele fosse aparecer hoje — Parker disse. — Você estuda no Trindade?

— Não. No Sagrado Coração. Conheço o Zach da praia.

Os dois mantinham uma conversa normal, e o elevador descia seu trajeto entre bipes. Ray estava mergulhado nas profundezas da própria mente, esforçando-se para chegar à superfície, sentindo-se entorpecido e ao mesmo tempo um tanto temeroso. Ele fitou a risca do cabelo escuro dela, que não era muito reta. Ray se sentia atraído por algo que não compreendia.

De repente, ela virou a cabeça e o encarou. Ela tinha um rosto pequeno, delicado, queixo pontudo e olhos grandes que pareciam bronze-amarelado àquela luz. Ele foi pego no flagra, nu e indefeso, incapaz de disfarçar sua emoção a tempo.

Ela não parecia aborrecida; ele não desviou o olhar. Ela também tinha sido pega de surpresa, também estava indefesa. A garota virou o rosto para a frente e o manteve assim.

O coração de Ray batia tão forte que ele se perguntava se dava para ver pela camiseta, se a garota conseguiria detectar a vibração nos poucos centímetros entre ambos.

De novo a pergunta: ele a conhecia de algum lugar?

Entorpecido, Ray seguiu os outros pelo saguão. Todos pararam meio constrangidos na calçada sob o imponente prédio quando a garota de cabelo preto preso no alto da cabeça se virou diretamente para Ray e disse:

— Meu nome é Chloe Neil. Já nos conhecemos?

— Não sei. Acho que não. Meu nome é Ray.

A garota de cabelo escuro emitiu um som, respirando de forma audível. Foi um som baixo, mas o sacudiu. Ele podia sentir que a garota o estava encarando. Ele olhou para ela em estado de alerta.

Depois, parecia que ele estava vivenciando o presente, prevendo o que iria acontecer e se lembrando do que tinha acontecido, tudo ao mesmo tempo.

Chloe lançou um olhar impaciente à amiga e meio que a empurrou com o quadril.

— Oi? Você sabe falar?

— Meu nome é Sasha — ela disse a Ray, cravando os olhos estranhos e lindos nos dele.

Demorou um pouco para que a estranha possibilidade se revelasse. Ele raciocinava devagar, através de quilômetros de ar e líquido, nuvens de água chiando em seus ouvidos. *Isso significa que...? Será que é ela?*

Não. Havia outras Sashas. Havia montes de Rays. No mínimo, havia um punhado de outros Rays. Mas o jeito como ela o encarou e o jeito como falou...

Ela também pensou isso, não pensou? E se pensou, será que não seria o caso?

— Você não é... Sasha Thomas — ele disse. Tinha de perguntar. Sentia-se preso à possibilidade.

— Vocês se conhecem? — Chloe perguntou, percebendo o clima estranho.

Chloe e Parker ficaram observando, incomodados, Ray e Sasha se fitarem.

Sasha o encarou abertamente.

— Você... não... você não é. Você é mesmo o Ray?

Ele meio que era o Ray. Não muito o Ray. Ele não sabia que porra que era naquele exato momento. A boca adiantou-se ao pensamento.

— De vez em quando atendo por Sasha.

Ela soltou uma gargalhada, inesperada por ambos. Todos observavam ao redor tentando entender de onde aquela risada tinha vindo. O coração de Ray se inflou e se exaltou àquele som.

Ela ainda ria. Tinha um sorriso belíssimo.

— E já me chamaram de Ray — ela disse.

— Obviamente vocês se conhecem — ele ouviu Chloe dizer de algum lugar no segundo plano. Era evidente que Chloe não gostava de piadas internas.

— Não — Sasha disse afinal, a voz abafada.

Ele se sentiu arrastado em direção a ela.

— Não — repetiu. — Nunca chegamos a nos conhecer.

Chloe tinha chamado um Uber. Estava conferindo o celular, ligando para o motorista, puxando Sasha para a esquina.

Sasha mal se mantinha de pé, mal tinha consciência dos pés. Ray (Ray!) se afastava dela na calçada.

— O burro do motorista foi para a rua 88 — Chloe disse. — Eu falei Lexington, e ele que vem gritar comigo.

Ray ficou ali, observando-a. Seu amigo já caminhava devagar no sentido oposto.

Sasha queria dizer algo, mas não sabia o quê. Havia coisas demais a serem ditas para que ela pudesse dizer apenas uma. Nenhum papo trivial, nenhuma conversa solene e nada entre isso podia tocar seus sentimentos.

Ele também queria dizer alguma coisa. Ela percebeu e desejou não estar sendo arrastada com tanta força por Chloe, a usuária de Uber maluca.

Sasha ficou meio desesperada. Os pensamentos chocavam-se, sem nunca formar uma sequência lógica. E se ela não o visse nunca mais? E se aquela fosse a única vez?

E ela nem ao menos fora capaz de dizer alguma coisa.

Sasha acenou sem jeito para ele logo antes de dobrar a esquina. Sentiu vontade de chorar, com raiva por perdê-lo de vista. Ela podia se desvencilhar de Chloe, mas o que faria depois? Correria até Ray para continuar sem dizer nada? Ela tinha uma ideia geral da aparência dele. Sabia que seu cabelo era claro e liso como o de Mattie. Que ele era alto e atlético como Emma. Já tinha visto algumas fotos ao longo dos anos. Elas não bastavam para reconhecê-lo fora de contexto,

mas lhe permitiam encaixar as peças do quebra-cabeça.

Mas ela não fazia ideia de como Ray era de verdade, o seu jeito de se movimentar, de falar, de respirar pessoalmente, em três dimensões. Não sabia que seu corpo era quente e magnético, mesmo a um metro de distância. Sasha não estava preparada para isso.

Ela tinha muitas referências e muitos dados para fazer conjecturas, mas ele era diferente ao vivo. Esse Ray era o Ray dela. Esse era o Ray que lia seus livros e dormia em sua cama. O Ray dela era o mesmo Ray que aquela pessoa. Aquela pessoa era o Ray, e pertencia a si mesmo. Na verdade, ela não tinha um Ray.

— Vamos, Sasha!

O motorista buzinou para elas. Antes que Sasha se desse conta do que estava acontecendo, Chloe já estava no carro.

Sasha sentia que, assim que entrasse no carro e fechasse a porta, aquele momento desnorteante teria um fim abrupto e completo, como se nem tivesse acontecido.

— Sasha! Eu tenho quatro minutos para chegar em casa dentro do meu horário. E você já estourou o seu.

Será?

— E foi você quem insistiu para ir embora.

Entorpecida, Sasha entrou no carro e fechou a porta. Ela olhou através da janela quando o motorista embicou na rua, deixando Ray para trás.

Chloe se virou para ela.

— O que foi isso? Achei que você tinha falado que não o conhecia.

Sasha não estava pronta para se abrir com Chloe. Queria guardar as últimas imagens de Ray. Houvera tanto Ray imaginado e tão pouco Ray real. Ela não queria o ponto de vista de Chloe atrelado àquela experiência, mais uma distorção de tudo.

Sasha não queria nem mesmo a confusão do próprio ponto de vista. Queria apenas conservá-lo do jeito que ele era. Sua força especial na risada, na postura, no sorriso. Suas mãos, seus olhos, a forma como seus pés se acomodavam no tênis. Nenhum traço específico, mas a sensação que ficara deles, a sensação de Ray como uma pessoa de verdade, concreta.

A garganta de Sasha doía por segurar as lágrimas. Desejou ainda estar perto dele, sentindo o calor estranho que seu corpo emanava. Será que tinha imaginado aquilo?

— Com certeza ele deu a entender que te conhecia — Chloe comentou, ainda a encarando, na expectativa.

Sasha deu de ombros.

— A gente tem conhecidos comuns, só isso.

— Ele é bem bonito, não é? Devíamos ter pego o número dele. Podemos mandar alguma mensagem no Facebook. O amigo dele também não é de se jogar fora.

Chloe revirou a bolsa atrás de um chiclete para disfarçar o hálito de cerveja e cigarro.

Sasha poderia ter informado à amiga que Ray não tinha Facebook, mas não o fez. Sabia disso

porque ele tinha enviado uma solicitação de amizade mais ou menos no sétimo ano, e ela ficara com vergonha de aceitar. Um ano e meio depois se arrependera da decisão, mas quando finalmente tinha criado coragem para ir atrás dele, ele não estava mais lá. “Ele deletou a conta”, Mattie comentou, de passagem, deixando Sasha ávida, como sempre, para saber pelo menos mais alguma coisa.

— Acho que ele deve ter saído com a Piper Greenlow — Chloe continuou a falar. — Conhece? A do colégio Chapin? Ela estava se gabando que um amigo superlindo do amigo do Zach Kaplan, do Brooklyn, estava ligando para ela.

Sasha não conseguia responder. Fitou o semáforo na Park Avenue e desejou que ele ainda não ficasse amarelo. Sentiu-se aliviada quando o carro entrou na rua 74.

— Tchau. Obrigada pela carona — ela se despediu e bateu a porta. Não estava pensando em Chloe. Ou estava, mas que desejava não ter deixado que ela a arrastasse para longe de Ray. (Ray?)

Mas era inútil, Sasha pensou enquanto digitava o código e entrava em casa. Era hora de olhar para si mesma, considerar a própria idiotice. Ela não gostava do rumo que seus pensamentos estavam tomando. Precisava de tempo para chacoalhar a si mesma até acordar.

Ray não era seu amigo. Não era seu namorado. Não era seu de forma alguma. Eles não tinham um relacionamento nem jamais teriam. Ainda que dividissem um quarto e ela fingisse que tinham algum vínculo especial, eles não tinham. Ele só existia na cabeça carente dela, e em nenhum outro lugar. Viviam nos lados opostos de um abismo criado por duas pessoas que se odiavam.

Assim era e assim sempre seria. Não havia motivo nem nada a ganhar ao tentar transpor o abismo. Não tinha o menor cabimento querer conhecer a única pessoa no mundo situada além de seus limites.

E se ela tivesse ficado com ele na calçada? O que seria preciso dizer ou fazer? Ela não conseguia pensar em nada.

*

Ray falou a Parker que ele podia ir. Ele queria caminhar. Parker não queria deixar Ray sozinho. Continuou caminhando ao lado dele até os trens expressos na rua 59.

— Por que você está tão esquisito? Você conhece a garota ou não?

Ray não estava com vontade de responder. Estava preocupado demais, assustado demais. Não parava de relembrar o rosto dela, o riso, tentando entender aquilo, guardá-la na memória. Mas assim que os dois começaram a chacoalhar no trem quatro em direção ao centro, ele respondeu:

— Conheço e não conheço. Não conheço, mas nossos pais foram casados. Minha mãe e o pai dela.

— Está brincando?

— Não. — Ele olhou para o teto do vagão do metrô. Passou os dedos pelo cabelo, deixando-o

arrepiado. Emma odiava quando ele fazia isso. Ajeitava os cabelos dele como se fossem responsabilidade dela.

— Meeeu Deus — Parker deixou escapar um longo suspiro pelo nariz. — Então ela é aquela menina. A que deixa as tralhas largadas no seu quarto.

Ray apreciou a consideração de Parker.

— No quesito colega de quarto, ela tem bem mais do que reclamar do que eu — ele murmurou indiferente.

— Ela parecia legal. Bem bonita.

— A coisa mais foda de tudo é que eu não fazia ideia. — Ray sentiu seu rosto ficar quente ao pensar no corpo de Sasha, na força de sua atração. — Talvez eu devesse ter reconhecido, mas não. Eu estava olhando para ela como se ela fosse... sei lá... uma garota.

Parker pareceu não entender o que o amigo quis dizer.

— Ela é uma garota.

— Não é. Não para mim.

— Como você pode dizer o que ela é para você? Acabou de contar que nem a conhece.

— Eu não tenho chance. — As luzes no trem piscaram. — De conhecer.

— Por que não? Vocês nem são parentes consanguíneos. Não são.

Ray quase soltou uma risadinha.

— Se você precisa dizer isso, talvez não seja um bom sinal.

9

GANHAR FORÇA ABRINDO MÃO DAS COISAS

EMMA INTERCEPTOU JAMIE NA ENTRADA DA CASA de Wainscott. Ele estava muito bonito de casaco e calça cáqui. O cabelo penteado. Ela teve certeza de que ele estava se esforçando ao máximo.

— Nada de estratégias dessa vez, prometo — Emma lhe disse em voz baixa, beijando-lhe o rosto. — Nada de segredos. Conteí tudo para eles hoje cedo. Meu pai está tão animado que talvez corra para te dar um abraço.

Jamie estava nervoso demais para rir, mas aparentou coragem e esperança, e as cordas do seu coração estavam tensas e vibravam com as de Emma.

Ela já era capaz de prever as atitudes do namorado: dedos se mexendo sem parar e pés sapateando quando ansioso; um cantarolar baixo de contentamento quando estavam a sós; polegar apertado contra a têmpora quando concentrado no trabalho, olhar aberto e sincero em todas as condições.

Sem saber por quê, Emma tinha alimentado a ideia de que devia escolher um homem forte e não muito aberto. Mas foram as costuras expostas de Jamie que o fizeram atingir o ponto fraco de seu coração.

Ela segurou a mão dele com força.

— Melhor é impossível. Você só precisa ser você.

— Este aqui é um dos lugares mais lindos que já vi na vida — Jamie disse, como se lesse um roteiro, enquanto contemplava a vista do terraço para o gramado e a lagoa.

O resto da família manteve-se por perto, aprovando a cena. Ao ver todas aquelas cabeças balançando em sinal de aprovação, Quinn teve de se segurar para não rir.

Falar bem da casa era o caminho mais rápido para o coração da família. Talvez por causa de tudo que custava estar ali, manter aquilo. Todos os acordos e impasses. E também porque era linda.

Dentro da casa, a mesa grande estava posta. Quinn observou Emma conferir o ângulo de cada colher e garfo como se fosse um mordomo de *Downton Abbey*. E Evie tinha sido esperta o bastante para deixá-la livre, como sempre.

Era para Evie ser a rainha daqueles domínios, mas quem se mostrava totalmente confiável, leal e sempre do lado dela? Emma e Mattie é que não. Conheceram-na poucos anos depois de terem

conhecido a própria mãe, mas continuavam tão cétricas que até parecia que ela tinha acabado de chegar. Sasha era o centro da vida de Evie, mas Quinn sabia que Sasha estava ansiosa para se reconhecer nas irmãs mais velhas. Robert amava Evie, mas sentia o peso dos desejos e das leis de suas poderosas filhas mais velhas. Quinn entendia como a mente do pai funcionava: *As meninas foram as vítimas aqui, certo? São só crianças. Nada disso é culpa delas.* Gus, o porquinho-da-índia, estava do lado de Evie, a não ser que outra pessoa se lembrasse de lhe dar comida. Considerando as encrencas que tinha com a lava-louças, nem mesmo os pratos confiavam totalmente em Evie.

Parecia injusto Evie ter de bancar a chfona, quando na verdade tomava palmadas como se fosse uma das filhas, sem nenhuma das compensações. Evie era generosa de uma forma muito discreta. Nunca tentava levar crédito por colocar o jantar na mesa, a comida na geladeira, a gasolina no carro. Nunca ficava estirada na cadeira, apenas se sentava na beirada por alguns instantes, como se estivesse no assento preferencial da parte da frente do ônibus, esperando que uma pessoa mais merecedora do lugar aparecesse.

Naquela noite Emma tinha permitido que, sob seu olhar atento, Evie separasse queijos e biscoitos e uvas para servir. Agora todos estavam comendo, sentados rígidos ao redor da mesa de centro, e Quinn mais uma vez tinha a sensação de carregar uma borboleta dentro de si. Seu espírito precisava visitar cada um dos presentes. Não dava para aguentar. O misto de esperança e medo a atraía como pólen.

Jamie parecia entorpecido, e, no entanto, um enorme entusiasmo corria logo abaixo do torpor. Ele era bonito e forte, mas sem qualquer traço de arrogância. Não era de surpreender que o pai delas, sentado em sua poltrona, demonstrasse uma felicidade suprema.

— Sasha, você é a mais nova? Não é?

— Sim. Com exceção de Ray. Do outro lado. Ele também tem dezessete.

Quinn percebeu o esforço que Sasha fez para soar espontânea.

Jamie assentiu. Ele sabia o significado de “o outro lado”?

Quinn reconheceu a atitude amável dele, que se dispunha a conhecer a todos de verdade, mas sem se intrometer em nada.

— Ray é filho de Lila e Adam — Evie se apressou em dizer, animada e rápida, antes que Robert interviesse. Quinn viu a familiar expressão de desculpas no rosto de Evie. — Somos uma família complicada, não é?

— Isso não é nem metade — Mattie disse, irônica.

Jamie não sabia ao certo o que dizer. Quinn imaginava o cálculo delicado na cabeça dele, seu desejo de ser gentil com Evie sabotado pela falta de paciência de Emma com ela.

— Para mim parece uma família ótima — ele arriscou, em um tom um tanto baixo.

Quinn percebeu o empenho de Emma, sua ansiedade crescente provocada por pequenas coisas, tipo, se havia manchas no sofá ou se os biscoitos estavam murchos. Para ela, aquilo tudo era diferente de simplesmente desfilar por aí com o cara bonito do time de lacrosse. Será que Emma

tinha noção de quão mais vulnerável tinha se tornado de repente?

E havia Sasha, espremida no canto do sofá, olhar fixo nas uvas, implorando internamente que a mãe não dissesse nada vergonhoso. Quinn quase conseguia enxergar os soldados cansados da guerra batalhando no cérebro de Sasha. Sasha queria defender a mãe e ao mesmo tempo estar do lado de Emma.

Sasha, como Ray, era uma pessoa querida e leal, mas pouco recompensada por isso. Sua lealdade era rejeitada por Mattie e protegida por Emma. Ironicamente, dentre todas as pessoas da família dupla, só Ray, a um mundo de distância de Sasha, era capaz de valorizar o que ela tinha a oferecer.

O único modo que Sasha descobrira para agradar Mattie tinha sido deixar de se destacar em tudo aquilo em que Mattie se destacava. Mattie era a caçulinha; a garotinha do papai, a linda, a gata, a namoradeira. Sasha cedeu com graça em tudo isso e ainda mais: escolheu outras áreas para se afirmar, pois ela se fortalecia abrindo mão, e Mattie se enfraquecia satisfazendo a si própria.

Sasha nascera consciente de que tinha de ser cuidadosa porque tinha pais que se amavam. O pai era dela o tempo todo. Foi criada por uma mãe/ madrasta cautelosa, mas não tinha padrastos de quem se ressentir ou que se ressentissem dela.

O jantar começou, com pratos tinindo, tigelas passando e coisas gostosas o bastante para inspirar elogios rasgados. Quinn observou a expressão ansiosa no rosto ruborizado de Emma, que dava a impressão de querer obrigar os bifes a ficarem deliciosos.

Depois do jantar, vieram uma sessão de ajuda na limpeza da parte de Jamie e um bom crumble de mirtilo. Em seguida, uma longa caminhada pela praia para Emma e Jamie. E o resto deles ficou pela casa, como cinco versões da ama de *Romeu e Julieta*.

*

As esperanças de Emma eram tão visíveis que Quinn ansiava por realizá-las. Queria que o vento soprasse na medida certa, que a lua se revelasse por trás das nuvens. Desejava poder fazer tudo do jeito perfeito. Mas mais do que isso, queria proteger a irmã das esperanças em si. *Você quer isso mesmo? Esse tipo de amor desvairado sempre acaba passando.*

Quinn se dispunha a abraçar a dor, mas se deu conta de que era menos capaz de abraçar a esperança, nada menos que a mãe da dor. A esperança era a coisa que a assustava.

Era uma fraqueza conhecida, não querer que as pessoas que amava desajassem demais alguma coisa. A proteção que lhes oferecia só podia chegar até esse ponto.

“Você acha que eu não tenho esperança”, Mattie lhe dissera uma vez, e isso tinha ficado em sua mente.

“Só não quero que você tenha esperança demais”, Quinn rebatera na época, e se arrependera disso milhares de vezes.

— Acho que ela gosta mesmo dele — Evie disse com um suspiro.

Aquilo era tão óbvio que nem mesmo Mattie conseguiu achar uma maneira de refutar.

— Acho que ela adquiriu bom gosto — o pai dela disse, sorrindo feito um idiota.

A esperança é traiçoeira com as pessoas que você mais ama. É mais perigosa do que carros em alta velocidade e cães bravos. Quinn compreendeu por que pais de todo o mundo deixavam os filhos sentados em cadeiras fofas observando telas o dia inteiro.

Querida Outro Ray,

Então, que bizarrice foi aquela?

Desculpe se fiquei sem palavras. Eu estava...

Ray permaneceu com os dedos no teclado, encarando a tela por um longo tempo. Como? Como ele tinha estado?

Surpreso. E meio atrapalhado porque não percebi que era você. E achei...

Seus dedos pararam de novo. O que ele tinha achado?

E se ele fosse sincero?

que você é muito bonita, e por isso rodei a festa inteira (perdedor/ stalker) tentando te ver de novo. Me sinto culpado de te olhar DESSE JEITO e de pensar em você DESSE JEITO, que parece meio tarado e inadequado nas nossas circunstâncias.

Aliás, foi cientificamente comprovado no elevador que o seu cheiro é melhor do que o de qualquer outra coisa no mundo.

Como vou conseguir dormir na nossa cama agora?

Ele deletou tudo em seguida, para não cometer uma besteira, como enviar o e-mail, por exemplo.

*

Matthew circulava pela fazenda com a temível prancheta.

— Eu já marquei minhas horas esta semana — Mattie disse. Ela esticou as pernas sobre a bacia virada de cabeça para baixo no chão.

— Eu sei. Estou fazendo o cronograma para o resto do verão. Quando você vai voltar às aulas? Ela virou o rosto para o sol e soltou um longo suspiro.

— Não sei. Não sei se vou voltar — ela falou em tom meio displicente.

— Por que não?

Ela se sentou. Normalmente, já teria perdido a atenção de Matthew àquela altura da conversa. Não havia esperteza, malícia ou flerte que conseguisse prendê-lo. Ela tinha tentado por três anos.

Ele estava mesmo a encarando sério.

Ela bem que podia continuar sendo sincera.

— Não sei o que estou fazendo lá. Não ligo muito para as aulas... Você sabe, a minha irmã Emma é a superaluna de Princeton e não sei mais o quê. Agora arranjou um namorado, e não me surpreenderia se acabasse casando. A Quinn é, bom... ela é a Quinn.

Matthew sorriu. Ela não precisava explicar. Ele sentou na cadeira em frente à dela. Mattie não sabia se já o tinha visto se sentar alguma vez.

— Eu não sei quem eu sou nem o que devo fazer da minha vida. Por que gastar o tempo e o dinheiro de todo mundo e voltar para a faculdade?

Mattie já estava meio espantada consigo mesma. Tudo o que dissesse era verdade, mas ela ainda não tinha consciência de que se sentia assim.

Matthew a encarou nos olhos.

— Para mim faz sentido. Eu não fiz faculdade. Ainda não, pelo menos. Talvez arranje um motivo para fazer algum dia. Mas não quero ser como essas pessoas que fazem faculdade porque não conseguem pensar em coisa melhor para fazer. Sempre tenho muito o que fazer por aqui.

Mattie quase observou ao redor para ver se alguém sairia da porta do depósito com uma câmera e anunciaria uma pegadinha. Aquilo era tão estranho.

Ela assentiu, compreensiva.

— Eu também não quero ser uma dessas pessoas. E estou preocupada porque acho que eu sou. Não que alguém espere alguma coisa de mim. Meu pai acha que a Universidade de Syracuse é para imbecis e baladeiras. Sei que ele me ama, mas não me leva a sério.

Matthew esfregou a sola da bota no chão.

— Que horror. Quero dizer, é um horror se você quiser que ele te leve a sério. — Ele então a encarou nos olhos. — Você quer?

Será que alguém tinha posto um soro da verdade no suco de maçã? Ela se sentia meio zozza. Como qualquer um, Mattie sempre estava pronta para mentir, mas, no momento, não queria. Pensou seriamente na pergunta.

— Se eu quero que ele me leve a sério? — Ela balançou a cabeça devagar. Suspirou. — Não sei.

Ele deu de ombros, levemente constrangido.

— Como meu avô sempre diz, você deve começar com você mesma.

— Como assim?

— É a frase favorita do Howard. Eu tiro sarro dele, mas é verdade. Se você quer ser levada a sério, seja séria. Se leve a sério.

Ela o encarou, os olhos grandes um pouco medrosos.

— O.k. — ela disse.

Matthew levantou.

— Em todo caso, você pode trabalhar aqui até outubro se quiser. Maçãs, segunda safra de grãos, abóbora e cidra nos mantêm ocupados até o outono. Mas fechamos para o inverno. Não posso te oferecer nada depois de outubro.

Uma hora mais tarde, enquanto pedalava para casa, Mattie ainda estava em transe. Tinha a sensação de ter ganhado um presente, mas ainda não sabia ao certo de que tipo.

O fazendeiro bonitão Matthew Reese havia pronunciado palavras tão sábias que abriram brechas nos truques e trejeitos típicos dela. Ela sentia o ar entrar num espaço em que antes não entrava. Como se alguém tivesse aberto as janelas de uma casa abandonada, cheirando a mofo.

Será que quero ser levada a sério?

Talvez quisesse.

E de repente ela compreendeu perfeitamente o tipo do presente de Matthew. Ele a tinha levado a sério.

*

Para Sasha, a sensação de estar em seu quarto em Wainscott era diferente agora. Era diferente sentar, quanto mais deitar, na cama. Era diferente escovar os dentes. Era vergonhosamente diferente tirar a roupa.

Ela não conseguia observar as prateleiras de livros do mesmo jeito, não conseguia olhar pela janela, não conseguia se ver no espelho. A cama dele, os livros dele, a imagem dele, o rosto dele. Ela sempre sentira sua presença ali, ao longo de todos os anos em que dividiram o quarto. Mas não desse jeito.

Ray. O Ray de verdade. Quem era o Ray, na verdade? O que era “Ray”? Em inglês, “arraia”, um peixe chato que parece ter asas. Ou “raio”, unidade de luz solar ou esperança.

Ele sempre fora uma versão imaginada por ela. De repente, ele era a própria versão de si mesmo, o que tornava tudo absolutamente diferente. Ray tinha reassumido quem era. Parecia meio egoísta da parte dele suplantiar desse jeito, em apenas um encontro, a versão que ela alimentara cuidadosamente.

Sasha lembrou que quando compraram a casa nova na rua 74, a companhia de eletricidade não conseguira ter acesso ao relógio de força, de modo que a conta da família tinha sido baseada no consumo estimado durante seis meses. A sétima conta tinha sido bem mais alta, e quando o pai perguntara o porquê da diferença, a mãe tinha dito: “Bom, a companhia finalmente conseguiu ler o relógio”.

Agora que Ray era real, ele passou a ser diferente para ela, e ela passou a ser diferente para si mesma. Ela precisava lidar com um sentimento de tensão em relação a ele que nunca existira antes. Ela queria apegar-se à imagem que construía dele, mas o tempo todo tentava evocar sua

imagem real: ombros, sobrancelhas, cabelo um pouco enrolado atrás das orelhas. Sasha desejava poder recuperar o Ray imaginário. Sasha desejava poder respirar o Ray de verdade, sentir de novo o calor dele.

Não sei se quero sentir algo assim.

No oitavo ano, os dois tiveram que ler para a escola *O sol é para todos*. Ela tinha deixado o seu exemplar na casa de Manhattan no fim de semana em que precisava escrever um ensaio sobre o livro, e entrara em pânico. Já tinha pedido mais prazo. Praticamente obrigara Emma a levá-la de carro até a biblioteca, que estava fechada, e até a livraria em East Hampton, que não tinha o livro. Naquela época não era possível baixar um e-book. Ao meio-dia do domingo, ela já estava aos prantos e chegara a sugerir aos pais para voltar mais cedo para a cidade, coisa que jamais quisera fazer.

Então, ao deitar-se na cama, uma miragem flutuara diante dela sobre o criado-mudo. Ali estava, com a capa para baixo, *O sol é para todos*. O livro dele, a salvação dela. Ela o abriu cuidadosamente, temendo que o título e as palavras saíssem do lugar se tentasse ler. Na contracapa, tinha visto o nome de Ray escrito com a letra dele. Havia sublinhados e anotações que ele tinha feito, e fichas de leitura no final do livro.

Sasha se vira seguindo os pensamentos de Ray, quase se esgueirando para dentro da mente dele.

Vivemos no mesmo lugar, mas nunca juntos.

Às seis da tarde, o ensaio estava pronto. Sasha tinha ficado tão fora de si que acrescentara seus próprios sublinhados e notas ao livro. Tinha esquecido que talvez não devesse fazer isso no livro de Ray. Mas quando voltara, duas semanas depois, viu que ele tinha acrescentado mais coisas, palavras que serpenteavam entre as suas, retomando ideias que ela tinha escrito.

Ela pegou o velho exemplar da prateleira compartilhada. Lembrou-se das vezes em que tentara separar os livros dos dois, mas tudo acabava se misturando de novo. Ela observou as velhas caligrafias entrelaçadas — a dele, em esferográfica azul; a dela, em preta.

Ela pegou um pedaço de papel em branco e o fitou por alguns instantes.

“Prazer em te conhecer, Ray”, escreveu, dobrou o papel e o enfiou por baixo da capa do livro.

Ray estava deitado na cama. Sentia saudade dela quando estava no Brooklyn. Como podia sentir saudade de Sasha? Só a tinha visto uma vez.

Mas sentia. Sentia saudade de estar na cama dela. Sentia saudade do cheiro e da sensação dela. Lembrava-se, um pouco insatisfeito, do cobertor que servia para afastar pesadelos. E se ele trouxesse para lá aquela espécie de camisola sedosa? A extravagância da ideia o fez rir de si mesmo. Que tipo de pervertido era ele?

Ele não tinha esperança de estar com ela em nenhuma cama, claro, mas em Wainscott sentia que era possível. Imaginava que tinha estado. Não tinha nada de sexual. Ou não totalmente

sexual. O.k., havia outros aspectos que não apenas os sexuais.

Não houve comunicação entre eles, nada de e-mails, por mais de uma semana. Nada desde o incidente na avenida Lexington. Também sentia saudade do incidente. Agora que a tinha visto pessoalmente e sentido seu cheiro pessoalmente, não sabia ao certo o que escrever para ela.

Ray adorava ver o nome dela surgir quando checava os e-mails no celular. Se sentia um pouco vazio cada vez que o atualizava e não via o nome dela, o que acontecia praticamente sempre.

Será que Sasha pensava nele por um milionésimo do tempo que ele passava pensando nela?

Mesmo um milionésimo já seria animador.

Ele precisava arranjar um jeito de retomar o contato sem que a coisa parecesse obsessiva ou precipitada. Nem precisavam falar do que acontecera. Ray pegou o celular. Seu dedo foi de um lado para o outro até escrever uma mensagem curta:

Querida Outro Ray,

O Francis está dando em cima da Emma ou o quê?

Outra Sasha

Apertou enviar.

Conferiu os e-mails mais ou menos mil vezes durante os vinte minutos seguintes. Então viu o nome dela.

Querido Outra Sasha,

100% de certeza que sim.

Espero que seja sua semana quando ele descobrir sobre o Jamie.

Outro Ray

Foi uma alegria.

Quanto tempo ele tinha que esperar para responder sem parecer obsessivo ou precipitado?

10

OU/ E

EMMA CORREU OS OLHOS PELAS OUTRAS MESAS. Será que estava vestida à altura? Jamie não tinha avisado que a levaria ao restaurante mais chique de Southampton. De repente, desejou ter arrumado mais o cabelo e passado rímel.

— É uma data especial ou algo do tipo? — ela perguntou a ele. — Com certeza ainda não fizemos um ano de namoro.

Os dedos dele começaram a se mexer.

— É quase isso. Três meses.

O garçom serviu duas taças de champanhe, que ela não se lembrava de ter pedido.

— Uau, que legal — ela disse.

Os dois formavam um desses casais que celebram uma série de datas? Será que Jamie era do tipo que comemora meio aniversário às escondidas? Emma não sabia muito bem o que pensar sobre o assunto.

— Ganhou um aumento?

Ele riu, mas seu rosto parecia denunciar uma leve irritabilidade.

— Não.

Os pés dele começaram a batucar no chão. Hum.

Duas tigelas de sopa verde-clara apareceram.

— Ervilha e hortelã — o garçom anunciou.

Ela observava Jamie intrigada. Ele estava fazendo pedidos por telepatia?

— Eu adoro sopa de ervilha — ela disse.

— Eu sei — ele disse. — Você sempre pede.

Ela enfiou a colher na sopa e provou.

— Deliciosa.

Ela comia satisfeita. Ele permanecia estranhamente calado.

— Então... eu vi uma coisa muito engraçada no YouTube — ela disse, sem saber direito o motivo de aquilo ter surgido em sua mente. — Um cara levou a namorada para um restaurante com um plano secreto de pedi-la em casamento. Pensou que ia ser supergenial e romântico esconder a aliança na parte de baixo da fatia de cheesecake da namorada. Aí a garota começou a mandar ver no cheesecake, e deu para notar que ela estava bem concentrada em comer. Ela era bem gorda e parecia uma escavadeira, mas qual o problema? De repente ela começou a engasgar

e...

Emma não conseguiu ignorar a expressão de pânico no rosto de Jamie.

— Jamie, o que foi?

Ela nunca tinha visto o rosto dele ficar completamente vermelho antes. Era novidade.

— O quê?

Será que ele não tinha gostado da história? Não gostava do cheesecake? Será que conhecia uma das pessoas do vídeo?

Jamie encarava horrorizado a tigela de Emma.

Ela baixou os olhos para a sopa. Manteve a colher erguida.

— Jamie?

Ele estendeu o braço e tirou a tigela de sopa dela.

— Ei... Jamie?

Ele fechou bem os olhos. Envolveu a tigela com as mãos para que Emma tivesse que lutar se a quisesse de volta.

As engrenagens começaram a girar devagar na cabeça dela.

— Jamie... você não...

Ele manteve os olhos fechados. E assentiu.

— Não?

Ele assentiu de novo.

— Sério?

Emma começou a rir. Não conseguiu se segurar. Pegou a tigela de volta, apesar de ele tentar impedir.

— Sem chance. Sem nenhuma chance.

Ela mexeu a colher de um lado para outro até ouvir um tinido e sentir um peso extra na colher. Levou à boca.

— Nham.

— Emma!

Pôs a colher na boca, sugou a sopa e tirou de novo, limpa e brilhante.

Jamie não sabia se ria ou se chorava. Tomou a aliança da mão dela, mas ela tinha segurado tempo o bastante para ver que era um anel largo e achatado, de platina, o que teria escolhido. O diamante era grande demais para não pesar tremendamente nas finanças de Jamie.

Ele se ajoelhou diante da cadeira dela. Àquela altura, a maior parte das outras pessoas no restaurante já observava os dois.

— Em, podemos simplesmente apagar esse último episódio? Fingir que nunca aconteceu? Recomeçar? Por favor?

Ela ainda ria, nervosismo e entusiasmo deixavam seu coração num estado novo de alegria.

— Jamais.

— Sim. Vou recomeçar já. — Ele limpou a garganta. — Emma Thomas?

— Sim.

— Embora eu seja um idiota e péssimo para fazer brincadeiras e sempre consiga passar vergonha perto de você, você quer casar comigo?

O rosto de Emma ficou trêmulo e sério. Ela fingia pensar.

— Sei que somos bem jovens, principalmente você, e sei que talvez fosse melhor esperar, mas não consigo.

Ela fez que sim com cabeça, lacrimejando.

— Você não precisa responder agora. Pode esperar um ano ou cinco ou até dez, se quiser. Eu só precisava colocar as cartas na mesa. Quero que saiba das minhas intenções e que não estou escondendo nada de você.

Emma começou a chorar copiosamente.

— Quero ficar com você para sempre. Quero construir um lar e uma família e fazer tudo junto com você. Sei que sempre sou um tanto instável, mas você me dá uma segurança e uma felicidade que nunca senti na vida.

Ela secou os olhos.

— O.k., eu quero. — Na verdade, ela nem precisava pensar.

Antes de conhecer Jamie, Emma tinha pensado que decidir se casar seria uma verdadeira agonia. Como saber?

Como é possível saber? Como alguém pode ter certeza? Especialmente com o histórico de seus pais. E naquele momento ela não pensou nem um pouco. Só teve certeza.

— Sério?

— Sim.

Emma estendeu a mão e ele pôs a aliança em seu dedo. Os dois estavam tremendo. A aliança serviu bem. Era puro amor em platina e diamante.

— Sério? — Ele se aproximou e a levantou da cadeira.

— Sim.

Ele a girou no ar.

— Simples assim?

— Simples assim.

Ele a beijou.

— Tem certeza?

— Tenho, Jamie.

— Não acredito.

Ela levou a boca ao ouvido dele.

— Eu preferia ir namorar na praia a ficar aqui com todo mundo nos assistindo.

— Meu Deus, eu também.

Jamie pagou a conta e os dois trataram de sair dali o mais rápido possível. Caminharam rumo à praia quase escura e se dirigiram à parte vazia.

Ele a abraçou. Emma ergueu a mão para que Jamie visse a aliança, que ele beijou.

— Merda, saiu tudo errado e ainda assim estou mais feliz do que nunca.

Ela assentiu, sentindo a mesma felicidade.

— É, foi uma surpresa. Completamente.

Sasha, que estava no pátio, conseguia ouvir Emma falando ao celular na sala de estar. Enxergava a parte de trás da cabeça morena de Emma, ombros tensos e erguidos, sentada no sofá. Sentia a emoção de Emma, seu entusiasmo transbordante, sua ansiedade, certeza, incerteza avolumando-se e enchendo a sala, atravessando as portas. Sasha imaginou como seria uma vista aérea da casa se fosse possível captar a energia da irmã como uma cor, tipo infravermelho, num filme.

Aquele pensamento combinado com a ventania que vinha da lagoa provocou arrepios em Sasha. Ela dobrou os joelhos e puxou a blusa por cima das pernas até os pés. O tecido guardaria a lembrança de como costuma ser, mas não voltaria completamente ao comprimento original.

— Eu sei, eu sei.

Era a mãe de Emma, claro. A primeira ligação seria para Lila.

Sasha sentiu uma tensão da parte de Lila por um evento importante como aquele ter acontecido no fim de semana que não era o dela, mas confiava que Emma contornaria a situação.

— Estamos pensando em junho do ano que vem. Quase um ano... É, na casa.

Sasha nunca tivera contato com Lila, mas a imaginava com frequência. Era embaraçoso para ela às vezes ter de lembrar a si mesma que Lila não era sua mãe e que, na verdade, nem a conhecia. Sentia vergonha de enxergar o mundo através dos olhos das irmãs com tanta facilidade, de respeitar a autoridade de Lila, de ver a própria mãe através dos olhos críticos de enteadas.

— Não tão grande. Acho que podíamos arranjar uma tenda.

Emma ficou quieta por um tempo, ouvindo o que Lila dizia. Sasha tinha vontade de escutar escondida os dois lados da conversa, mas ao mesmo tempo se censurava por escutar um deles.

— Até lá, vou estar com vinte e três anos. — Ela ouviu Emma dizer irritada.

Emma ficou quieta por mais alguns minutos. Sasha sentia o ânimo da irmã diminuir. Não conseguia escutar, mas podia imaginar alguns motivos para Lila não mostrar nenhum entusiasmo com aquela história.

— Será que você não pode simplesmente me dar parabéns? Não pode simplesmente ficar feliz por eu estar feliz?

Sasha se levantou para sair às escondidas pela outra porta.

— É, ele está aí? Posso falar com ele?

Sasha parou.

— E aí, irmãozinho? — A voz de Emma soava mais suave.

Sasha aproximou-se da porta de tela. Não podia mais sair.

— Eu sei, eu sei. Obrigada. Loucura, né? — O jeito de Emma falar com Ray era diferente de como falava com qualquer outra pessoa. Ela não usava aquele tom quando falava com Sasha, usava?

Lá estava de novo. O alto e o baixo. O jogo de soma-zero entre ela e Ray, evocando inseguranças e sentimentos antigos. Elas tinham um irmão e Sasha não, e ele morava com elas num lugar legal como o Brooklyn, o lugar aonde iam quando partiam e ao qual ela jamais poderia ir, e ele era engraçado e irritante, e fazia sons nojentos ao comer cereal e os amigos dele eram garotos, e o que ela era além de mais uma garota?

Mas agora Sasha tinha acesso direto a Ray, por mais limitado que fosse. Tinha acesso a ideias só dele e seu coração zunia quando ela via o nome dele surgir na caixa de entrada dos e-mails.

O tom de voz de Emma mudou de novo.

— O que você quer dizer?

Ela ficou quieta por um tempo bem mais longo do que o normal.

— Acho que todo mundo. — Breve incerteza. Pausa. — É, todo mundo *todo mundo*. Ninguém pode faltar, certo? Eles vão ter que lidar com a situação.

Nunca era bom escutar uma conversa só do lado de Emma. Ela quase sempre dizia o que você achava que diria, mas um dado sinistro começava a transparecer, mesmo de Emma.

“Todo mundo *todo mundo*”, eram, na verdade, duas pessoas.

Dava para sentar em lados opostos de um auditório durante uma formatura. Dava para assistir a uma peça em noites diferentes. Dava para dividir a temporada esportiva. Dava para fazer duas festas de aniversário e de formatura, mas não dava para celebrar dois casamentos.

Ouvindo Emma, Sasha compreendeu exatamente o que Ray estava dizendo. “Todo mundo *todo mundo*” eram o pai e a mãe de Emma, que mal tinham trocado uma palavra desde que Sasha nascera.

— Todo mundo. Por que não? — Emma logo atropelou a incerteza e preferiu a estridência. — É o meu casamento. Todo mundo — ria, mas tensa.

E o que era ainda mais estranho, mais sinistro, mais surpreendente era que “todo mundo *todo mundo*” significava todo mundo mesmo: ela e Ray. Lila e Evie. Robert e Adam. Até George e Esther da Califórnia, provavelmente.

Nesse caso único, eles passariam de “ou” para “e”.

— Enfim, só vai ser em junho. Eles têm um ano para se resolver.

Fosse lá o que Ray tenha respondido, Emma não ficou feliz. Estava de saco cheio.

Quinn dizia que Ray muitas vezes falava a verdade que ninguém queria ouvir.

Emma levantou do sofá de modo tão brusco que derrubou duas almofadas no chão.

— Não seja estraga-prazeres, Ray — disparou. — Não pense que isso não vai acontecer só porque nunca aconteceu.

Sasha Grande,

Já conheceu o Jamie?

Pequena Ray

PR,

Já. Emma o trouxe aqui no Brooklyn no final do mês passado. A Lila nem esperou ele sair para começar a reclamar.

SG

SG,

O Robert trata o sujeito como se ele fosse o novo messias, então provavelmente a Lila gosta dele na proporção inversa.

PR

Haha, a Lila chegou mesmo a dizer algo como “A Emma só está com ele porque Robert juntou os dois. Vai acabar assim que ela conhecer alguém de que goste de verdade”.

Ai!

Sei como é. Sei muito bem.

Como a Lila recebeu a notícia do noivado?

Ela disse “Não sei pra que a pressa” e me passou o telefone.

Sabe-se lá por quê, eles sempre comemoravam o aniversário de Adam com um jantar no Lemongrass, na Sétima Avenida. Mattie não achava a comida das melhores, e o lugar era sempre bem barulhento. Era o tipo de restaurante em que as pessoas iam terça à noite, depois de sair do metrô, para pegar alguma coisa para comer em casa. Não era o tipo de restaurante em que se comemora o aniversário. Os atendentes não viam problema em servir de graça um sorvete nojento de feijão-azuki, mas sempre tinham pressa para cantar qualquer “Parabéns a você” para alguém. Talvez esse fosse o motivo da escolha.

Adam nunca pedia um peixe inteiro, porque era caro. E olhava feio para Ray se o garoto pedisse camarão.

Em contrapartida, o pai de Mattie pediria dois peixes inteiros e cinco quilos de lagosta, quando o restaurante tinha, porque em algum momento da vida ele chegou à conclusão de que lagosta era sinônimo de sucesso. Robert não olharia os preços. Isso é, se fosse àquele restaurante, o que ele não faria, porque era o tipo de restaurante em que as pessoas iam terça à noite, depois de sair do metrô, para pegar alguma coisa para comer em casa. Mattie se perguntava se sua mãe se importava com essa diferença. Sua mãe sempre jurara ódio ao dinheiro e à ostentação do pai

delas, e Mattie acreditava no que ela dizia. Sua mãe amava Adam porque ele era intelectual e simples, sem qualquer traço de materialismo. Mas Mattie se perguntava, e não pela primeira vez, o quanto a mãe apreciava a falta de dinheiro.

“Adam não é pobre, só é econômico”, Emma tinha dito uma vez, daquele seu jeito impensado, como se melhorasse a situação.

Mattie observava a mãe do outro lado da mesa. Sua mãe era capaz de pegar amendoins um por um com pauzinhos e assentir animada para as coisas que Ray dizia, embora Mattie duvidasse que ela fosse capaz de ouvir metade delas. Não dava para conversar naquele lugar. Talvez fosse esse o motivo da escolha. Quando a mãe viu que Mattie a encarava, Lila logo desviou o olhar.

Desde que pronunciara o nome inflamável de Jonathan Dawes, Mattie não conseguia que Lila a encarasse nos olhos, quanto mais ficar a sós com ela.

Depois do jantar, sua mãe andava de braços dados com Adam ao longo da Sétima Avenida rumo à casa. Emma disparou na frente, falando ao celular, enquanto Ray aparecia o tempo todo ao lado de Mattie, não importava quantas mensagens ela tinha mandado ou em quantas vitrines tinha parado para ver.

— Qual é o problema? — ela perguntou afinal, de um jeito amistoso.

— O que você quer dizer?

— Quer me contar alguma coisa?

— Não.

— Quer sim.

— Nada em especial.

— Conselho sobre alguma namorada?

— Meu Deus, não.

— Violet não vai te abandonar?

Ele deu de ombros, desdenhoso.

— Muito bem, o que é?

Ele fechou e abriu o zíper da jaqueta algumas vezes.

— Te contei que conheci a Sasha?

Mattie enfiou o celular no bolso.

— Minha irmã Sasha? Não. Como assim?

— Encontrei com ela numa festa em Manhattan. Na maior parte do tempo, eu nem sabia que era ela.

— Do que você está falando? Você já *conhecia* a Sasha.

Ele deu de ombros.

— Vi o rosto dela do tamanho de um pontinho do outro lado do Radio City Music Hall na sua formatura. Já vi fotos dela de quando era mais nova. Claro, divido um quarto com ela há dezessete anos. Mas não, não a conhecia.

Mattie ficou atônita, e não só por causa da intensidade incomum de Ray.

— Isso não pode ser verdade.

— Claro que é verdade.

Claro que *era* verdade. Quando seus pais tinham ficado à distância de um grito nos últimos dezessete anos?

— Agora nem sei se acho mais estranho você não a ter conhecido antes ou ter conhecido agora.

— Ela mordeu a unha do dedão. — Estou tentando imaginar. — E só de pensar nisso ela ficou tensa. Ela estava bem acostumada a manter as duas famílias separadas. — Sasha sabia que era você?

— Só descobrimos no final da festa, quando estávamos indo embora. Uma amiga dela conhece um amigo meu, esse tipo de coisa.

Ela assentiu.

— Acho que ia acontecer mais cedo ou mais tarde. O que você falou? O que ela falou?

Mattie queria continuar, com muito boa vontade. Mas alguns sentimentos antigos e sombrios pairavam sobre ela, sentimentos que jamais tivera em relação a Ray antes.

Será que Sasha era mais uma pessoa que Ray podia considerar mais inteligente e séria que Mattie? Ela sempre experimentara uma pequena sensação de liberdade por não ter que se preocupar com Sasha daquele lado. Seus dedos já coçavam de vontade de ligar para Sasha e saber o lado dela da história. Por que a irmã não tinha comentado nada com ela?

— Não me lembro. Acho que estávamos surpresos demais para falar muita coisa. Foi meio estranho.

Na sua maneira de falar, Ray soava imaturo, confuso e um tanto melancólico. Era claro que ficara impressionado com Sasha.

Os sentimentos sombrios rondavam Mattie: com certeza Ray devia ter notado, caso tivesse ido além das roupas escuras e largas de Sasha, além da cabeça curvada e do pé torto, que ela tinha um corpinho excepcionalmente curvilíneo e o rosto mais lindo das quatro irmãs. Mattie se sentia uma meia-irmã malvada às vezes, por querer que as pessoas não reparassem nos encantos discretos de Sasha, em contraste com os seus, mais evidentes. E a verdade pura e simples era que geralmente ninguém reparava.

Mattie se lembrou de quando confidenciara suas inseguranças em relação a Sasha para sua amiga Sophie Marlow. “Sério, Mattie? Você é bem mais bonita, bem mais engraçada, bem mais legal e muito, muito mais popular do que ela”, Sophie dissera, interpretando as preocupações de Mattie da maneira mais tosca possível. E Mattie nunca mais saíra com Sophie, porque Sophie era mais falsa que amiga e costumava dizer o que achava que as pessoas queriam ouvir, o que só a deixava mais confusa, inspirando-lhe comportamentos ainda piores.

Ray e Mattie caminharam em silêncio por uma quadra, ambos pensativos e um pouco constrangidos. Ela se sentia frustrada por não chegarem aos tópicos que realmente importavam.

— E então, como vai seu namorado? — Ray perguntou. — O altão?

Mattie deu uma cotovelada na costela do irmão.

— Cala a boca — disse, rindo.

Mattie chegou a sair com John Harman algumas vezes, mas ele não era seu namorado e era famoso por sua baixa estatura. O fato de ele ser quase uns dez centímetros mais baixo que ela era um ponto triste da relação.

— Eu o vi na Oitava Avenida, e ele estava de salto alto.

— Ray! Ele não usa salto, usa botas.

— Botas de salto, então.

— Você não sabe do que está falando.

Os dois admiraram as bombas de chocolate na vitrine da padaria da President, depois ficaram em silêncio mais uma vez.

— E então, o que você achou? — Mattie perguntou afinal.

— Do quê?

— Da Sasha.

— Ah, certo. Não sei. — Abre e fecha o zíper. — Ela parecia familiar. O rosto era familiar — ele refletiu. — Foi estranho a gente ser estranhos um para o outro.

Mattie refletiu.

— Familiar como? Você quer dizer que ela se parece com a gente?

— Com a Emma e a Quinn com certeza — ele disse rindo, e fingiu pisar no pé dela. — Você não se parece com ninguém.

11

UMA FAMÍLIA MUITO ESTRANHA

SASHA SENTOU SÓ POR SENTAR numa cadeira à mesa da cozinha de Wainscott, observando o ir e vir da família. Ela estava agitada por causa de seus sentimentos em relação a Ray, então ela precisara sair do quarto. Tudo bem, a cozinha era dele também, mas não de um jeito tão forte.

Sasha viu a mãe e Mattie entrarem e saírem. Quando Quinn entrou, ela abriu a boca: — Posso te contar uma coisa estranha?

Quinn parou com uma caixa de leite na mão e deu meia-volta.

— Pode.

Sasha idolatrava Emma e admirava e temia Mattie, mas ansiava mesmo por Quinn, a quem chamava de irmã, evitando sempre a palavra fantasma “meia”, na esperança de criar uma aproximação maior.

— Conheci o Ray sábado passado.

As sobrancelhas de Quinn arquearam ao máximo.

— Meu irmão Ray?

Sasha se sentiu cortada pela frase. Assentiu.

— Como assim?

— Eu estava numa festa. Ele estava na mesma festa. Só percebi que era ele quando estávamos indo embora, na calçada, com dois amigos.

Quinn observou o rosto de Sasha com atenção, balançando a cabeça.

— Nunca tinha ficado perto dele antes. — Sasha teve de se esforçar para explicar. Evitava falar diretamente sobre Ray e até pronunciar seu nome, por medo de revelar demais. — Só vi fotos de quando ele era criança e o vi do outro lado de um auditório.

Quinn tirou um copo do armário, pensativa.

— Acho que é verdade. “E eles jamais haverão de se encontrar” — disse ela, lembrando-se do verso de Kipling.

Mas eles acabaram se encontrando. Na esquina da 88 com a Lexington.

Mais tarde, Quinn foi até o pátio e sentou na ponta da espreguiçadeira em que Sasha estava sentada, transformando-a numa gangorra. Sasha foi mais para cima para equilibrar.

— Acho que é mais fácil para todo mundo deixar você e Ray em mundos separados.

— É o que a gente sempre fez — Sasha disse.

— Por causa de Lila e do papai.

Mesmo aquela observação cotidiana era difícil. Quinn sempre se referia aos pais do ponto de vista de Sasha, e não do dela. Emma, mais precisa, dizia “minha mãe e o nosso pai”. Mattie dizia “a mãe e o pai”, embora a mãe a que se referisse não fosse a de Sasha. Havia algo meio errado em cada uma dessas formas de falar. Havia duas pessoas que não podiam ser reunidas numa mesma frase.

— De todos nós, você e o Ray são os únicos que não são irmãos, meios-irmãos ou parentes. Não são nada um para o outro, mas são meu irmão e minha irmã. — Quinn apertou o polegar contra a boca, pensativa. — É uma família muito estranha.

Sasha ficou em silêncio por um longo tempo.

— Você acha que iríamos gostar um do outro? Se nos conhecêssemos?

— Eu gosto de você. E gosto do Ray — Quinn disse simplesmente. — Acho que vocês gostariam um do outro. Mas essa fórmula já deu errado outras vezes.

Sasha assentiu.

A expressão triste de Quinn nunca era intensa como a de Mattie e a da mãe delas, mas era mais preocupante. Quinn nutria um amor pelos pais sem se importar o quanto eles se odiavam, nem com a cicatriz que eles traçaram no meio de sua vida.

Os filhos em primeiro lugar. As duas metades adultas da família repetiam esse mantra. Era um dos poucos pontos de concordância, e nenhuma dessas duas metades falava aquilo a sério.

— Quando o Ray era pequeno, eu ficava com ele na beira da lagoa — Quinn disse afinal. — Ele passava horas pegando girinos e sapos com as mãos. Na outra semana você vinha, e a gente juntava coisas da floresta. Você fazia aqueles miniviveiros lindos. Em vezes como essas eu quis poder estar com vocês dois ao mesmo tempo.

Sem saber por quê, Sasha sentiu vontade de chorar.

Quinn baixou o olhar para o rosto de Sasha.

— Acho que eu ia gostar muito que você e Ray se conhecessem. Vocês dois são diferentes em quase todos os sentidos, mas são as duas metades de um todo. Me assusta um pouco. Estou proibida de querer que as duas metades se juntem. Mas sempre quero.

— Você quer o quê?

Mattie parecia perigosamente satisfeita consigo mesma, ali, de pé, com blusinha e shorts de dormir do Pink Floyd, bem no meio do quarto de Quinn.

Quinn sentou na cama.

— Você está falando do mês que vem? Agosto?

— Todo mundo faz festa de noivado. Por que você está me olhando assim?

Os olhos de Quinn revelaram seus pensamentos, sobretudo porque ela nem pensava em

escondê-los.

Mattie sentou de pernas cruzadas num dos cantos da cama.

— Acho que o melhor é se jogar, sabe? Por que deixar todo mundo se estressando um ano inteiro? Por que não começar a quebrar as barreiras agora? Tirar do caminho um pouco do drama. Ganhar um pouquinho de prática antes do casamento de verdade?

Uma coisa legal de Mattie era que ela costumava responder às próprias perguntas, caso você não respondesse. Ela não tinha problemas em manter uma conversa sem a participação do interlocutor.

— Aqui na casa?

— Claro. Por favor. Você vai me ajudar?

Quinn afastou os cobertores e cruzou as pernas.

— Você perguntou para a Emma?

— Não, quero que seja surpresa.

Quinn a encarou, séria.

— Acho que essa é uma das piores ideias que você teve na vida.

Mattie sorriu.

— O que não é pouca coisa.

Ela pulou da cama e andou até o espelho da penteadeira. Ergueu a cabeça, fez sua pose de espelho e se voltou de novo para a irmã: — O.k., tudo bem. A gente conta para eles, então. Não conhecemos Jamie muito bem. E não queremos que ele saia correndo.

Quinn não deixou passar despercebido que ela e Mattie tinham acabado de se tornar o “nós” da missão.

Mattie andou de um lado para o outro, pensativa.

— Será que queremos que ele saia correndo? Talvez sim? — ela considerou. — Não. Se a própria Emma não fez ele sair correndo, talvez a gente deva aceitar o garoto. Afinal, acho que eu gosto dele.

Ela abriu o closet de Quinn e entrou.

— Bom, fico feliz de a gente ter decidido, então — Mattie continuou, de dentro do closet.

— O que você está fazendo aí dentro?

— Nada. Você não tem nada que eu queira. — Ela saiu do closet. — Só espaço livre. Você pede para a mamãe?

— Peço o quê?

— Ou só conta. Você conta para a mamãe da festa?

Quinn sentou na ponta da cama.

— Por quê?

— Porque ela não consegue dizer “não” para você.

— Claro que consegue.

— Bom, ela não consegue dizer “sim” para mim.

— E o papai?

— Você conta para ele também?

— Sério?

Mattie assumiu um ar inocente, mas fingido. Ela estava sem limites.

— Acho que eu não quero.

— Eu sei. — Pela primeira vez, Mattie deixou que Quinn percebesse a intensidade com que fazia o pedido. — Mas vai contar mesmo assim.

Quinn observou Mattie sair do quarto de repente, confiante, sabendo que a irmã faria o que tinha pedido.

Mattie queria que Quinn contasse, justamente porque sabia o quanto era difícil. Porque seus pais também compreenderiam o quanto aquilo custaria a Quinn, e por isso talvez não negassem.

— Agosto? Agora? Daqui a um mês? Você está falando sério? — Emma observou ao redor para garantir que Francis não a flagraria no celular enquanto estava no balcão da padaria.

— Estou. Isso nos dá tempo de planejar a festa, mas não tempo suficiente para eles cavarem as trincheiras e ajustarem os explosivos — Mattie explicou.

Emma balançou a cabeça. Uma coisa era imaginar os pais na mesma sala no verão do ano seguinte. Mas aquilo tinha uma proximidade aterrorizante.

— A mãe e o pai jamais vão aceitar.

— Vão sim. A Quinn vai pedir. Ela nunca pede nada para eles.

— Quinn acha uma boa ideia?

— Ela disse que sim, desde que não pegue ninguém de surpresa.

— Preciso perguntar logo para o Jamie. Os pais dele teriam que vir de Ohio.

— Pergunte para ele.

Emma refletiu por um momento.

— Olha, me sinto lisonjeada e honrada por vocês quererem fazer isso. Mas... por que vocês querem fazer isso?

— Porque a gente te ama. Porque queremos comemorar. Todo mundo faz festa de noivado.

— Não na nossa família.

— Bom, talvez seja a hora de eles se juntarem a nós. Talvez seja hora de eles superarem as diferenças e colocarem os filhos em primeiro lugar.

Emma abriu um sorriso triste.

— Matt, isso é papo de doido, e você sabe disso.

— Mas não deveria ser! Esse é o problema!

Emma riu e depois ficou séria de novo.

— Eu não sei.

— Outro ponto de vista sobre a questão: tiramos do caminho as piores coisas antes do

casamento.

Isso fez certo sentido.

— Tudo bem. Vou falar com Jamie. Preciso desligar.

— Você se lembra de um cara chamado Jonathan Dawes?

Mattie tinha entrado no escritório do pai discretamente.

Ele estava de costas para ela. O notebook dele aberto, um celular na mão, outro na escrivaninha. Estava com um fone de ouvido, um jornal no colo, uma xícara de café a alguns centímetros do cotovelo. Duas telas grandes montadas bem à altura dos olhos mostravam os preços oscilantes das commodities, a maior parte em vermelho.

O pai mal tinha notado a presença da filha. Seu olhar saltava de uma tela para a outra. Ele sempre deixava a porta do escritório aberta, mas as pessoas não costumavam entrar.

Tinha sido muito difícil dizer a pergunta na primeira vez. Ela não conseguiria descansar até perguntar para ele, mas, no fundo, não queria perguntar. Na verdade, ficou aliviada por ele não ter prestado atenção. Não queria que prestasse atenção. Seria um grande alívio dar meia-volta e sair. Mas como ela teria alguma paz desse jeito?

De repente, o pai a encarava. O silêncio de Mattie sempre chamava sua atenção, mais do que a voz dela.

— Matilda. Você disse alguma coisa?

Mattie puxava um fiozinho que pendia da barra do shorts.

— Nada importante. Eu só...

— O quê? — Agora ele estava curioso. Quando ele ficava curioso, não havia como escapar.

Ela podia inventar alguma coisa besta sobre o cartão de débito, ou podia perguntar de novo.

— Trombei com um cara no Black Horse. O rosto dele pareceu um pouco familiar, e fiquei pensando se você o conhecia.

— Quem?

Ela puxou o fiozinho com tanta força que ele fez um corte na palma de sua mão. Tinha que falar agora. Ela se sentia um desarmador de bombas, mas tinha de falar. Alicates prontos, fios na mão.

— Mattie?

— O nome dele é Jonathan Dawes. — *Tic.*

O rosto dele não revelava nada.

— Acho... que ele gosta muito de... surfe. — O volume da voz dela diminuía a cada palavra.

Desarmadores de bombas nem sempre sabiam de cara se tinham acertado ou não. Mattie não sabia. Não sabia nem mesmo o que constituía acertar nesse caso. Ela se lembrou da velha política de Emma: “Não faça uma pergunta ao papai a não ser que você já saiba a resposta”.

As sobrancelhas se arquearam. A boca se contraiu um pouco. Ele limpou a garganta, mas não

disse nada.

— Acho que ele nos ensinou a surfar quando éramos pequenas. Você se lembra de alguma coisa sobre isso?

O corpo dele estava imóvel. Completamente. O celular ainda firme na mão. O preço das commodities caindo por trás da cabeça. O pai estaria pensando? Recordando? Estaria distraído? Com raiva dela?

— Não.

— Você não se lembra dele?

— Não.

— Você não se lembra da gente aprendendo a surfar?

— Não.

Será que o olhar dele era de ódio? Será que ela estava paranoica?

Ela arrancou o fiozinho da barra do shorts.

— O.k.

Ele girou a cadeira de volta para as telas, se movendo o mínimo possível.

— Pai?

Nada. Celular na mesa. Cabeça baixa.

— O.k.

Agora Mattie sabia que fio da bomba tinha cortado: o que causava a explosão. Uma explosão lenta e silenciosa, talvez, mas inconfundível. E de um modo terrível, talvez tivesse acertado. Porque agora ela também sabia que não tinha entrado ali para consertar coisa nenhuma.

O comportamento dele foi estranho. Ela não sabia o que dizer. Ele nunca tinha lhe dado as costas antes. Mattie sentia que devia dizer alguma coisa, mas não sabia o quê. Seu rosto estava quente, a palma das mãos molhadas, e ela desejou poder emendar o fio e desfazer a explosão.

Ela era a menininha do papai, a bebê de cabelo loiro. Montava nos ombros dele. Escalava sua cabeça. Nunca tinha estado perto dele sem saber como agir.

Ela saiu do escritório.

— Feche a porta, por favor — ele disse. Era o tom que usava com o limpador de piscina quando havia sujeira na superfície da água. Não era o tom que usava com ela.

Mattie fechou a porta, mas não conseguiu mexer as pernas. Permaneceu ali, tremendo.

Ouviu uma coisa rolar e quebrar. Alguma coisa de vidro. Pôs a mão na maçaneta e ouviu o silêncio. Podia sentir a respiração dela e dele nos dois lados da porta, mas distante. Seu coração estava disparado, mas ela não ousava atravessar aquela porta de novo.

12

CAIXAS (E LATAS)

NA TARDE DE DOMINGO, Quinn levou para Myrna Chapman um saco pardo de pêssegos. Ela gostava de passar lá uma ou duas vezes por semana depois de sair do pomar dos Reese, levando consigo um pouco do que as árvores tivessem de melhor a oferecer no dia.

Myrna tinha sido a babá da avó Hardy quando jovem e, mais tarde, sua amiga. Vivia numa casa vitoriana perto da estrada da vila, e houvera um tempo em que cultivava o jardim mais bonito que Quinn já vira.

Quinn sempre aparecia na casa de Myrna quando pequena, em momentos que a sua ficava barulhenta demais. Myrna lhe dava biscoitos amanteigados e chá preto de adulto e lhe ensinava sobre as flores.

Quinn tinha sido uma peste quando bem pequena, boa aluna quando um pouco mais velha e uma verdadeira ajuda por volta dos doze anos. Myrna ganhara o prêmio de melhor jardim da cidade um ano “com um pé nas costas”, como todo mundo gostava de dizer na época, e insistira em compartilhá-lo com Quinn na cerimônia.

— Em agosto, Mattie vai dar uma festa de noivado para Emma e Jamie — Quinn anunciou enquanto cortava dois pêssegos e os punha numa tigela no meio da pequena mesa da cozinha de Myrna. — Fui encarregada de pedir permissão para os meus pais.

Myrna pareceu achar graça.

— E o que eles disseram?

Quinn sentou na frente da senhora.

— Os dois disseram “talvez”, mas os dois vão dizer “sim”.

— Como você sabe?

— Porque Mattie decidiu que vamos fazer isso de qualquer jeito, e os pais de Jamie concordaram em vir lá de Ohio. Jamie é o funcionário-estrela do meu pai. Meu pai tem que estar lá para cumprimentar os Hurn como pai de família, chefe e anfitrião. E se meu pai e Evie aceitarem ir, minha mãe vai também. Ela vai odiar, mas você conhece a minha mãe. Lila tem de marcar presença em todas as ocasiões. Ela não ia tolerar o meu pai agindo como se a festa, a casa e a filha fossem só dele.

Myrna assentiu.

— Tem razão.

— É a história de sempre — Quinn disse.

Os dedos de Myrna agora eram tortos e ossudos ao segurarem a fatia do pêssego, mas ela os degustava com grande prazer.

— Você vai?

— Claro — Myrna disse.

Myrna não era convidada para a casa deles havia muitos anos, porque quem mandava era a avó Hardy, e a avó Hardy tinha censurado Myrna por se divorciar numa época em que ninguém ali se divorciava. Vinte anos depois, a própria avó Hardy tinha se divorciado e recasado e passado a morar em Oyster Bay, dizendo coisas como: “Por que, meu Deus, eu demorei tanto tempo?”.

— Nunca vi meus pais juntos na mesma sala — Quinn disse. — Não que eu me lembre.

— Eu já vi.

— E como eles estavam?

Myrna inclinou a cabeça, tentando lembrar.

— Difícil dizer. Seu avô estava bêbado e bancando o machão, a governanta tinha queimado a carne, acho. Um caminhão dos bombeiros apareceu porque o alarme de incêndio tinha tocado, e seus pais estavam tentando acalmar Emma.

Quinn sorriu.

— Nem sempre eles eram a fonte dos problemas.

Myrna sorriu.

— É de geração.

As duas saborearam os pêssegos sem dizer nada por um tempo.

— Acho que vou fazer um bolo com flores para a festa — Quinn disse.

— Lindo. Ainda tenho cravo e borragem. Ficam uma maravilha no bolo.

À medida que Myrna envelhecia, o jardim encolhia cada vez mais para perto da porta da cozinha, e agora não passava de um canteiro de flores resistentes que ladeava a parede dos fundos da casa.

No começo, a redução do tamanho do jardim tinha feito Quinn sofrer.

“Eu podia continuar cuidando dele para você”, ela se oferecera, quase às lágrimas. “De tudo.”

Myrna tinha ficado comovida com a oferta, mas se mantivera firme.

“O jardim deve refletir o que você pode e quer fazer.”

Enquanto Quinn voltava da casa de Myrna, ocorreu-lhe que ela tinha dito uma coisa à senhora que não era inteiramente verdade. Aos onze anos, Quinn contraíra uma doença misteriosa que durou dias. Por fim, a febre tinha ficado tão alta que a internaram. Sua consciência ia e vinha, entre alucinações e sonhos. O que era uma bênção, de verdade, porque ela simplesmente odiava os ruídos e cheiros daquele lugar.

Ela se lembrava com toda clareza do momento em que acordara no quarto escuro do hospital. Observara através da porta aberta o corredor e acreditara ter visto os pais emoldurados pelo batente, os dois juntos. Lembrava-se das cabeças inclinadas próximas, conversando em voz baixa.

Talvez ela estivesse delirando, mas tinha visto o pai segurar a mão da mãe por um instante, depois os dois se retiraram, se afastando em direções opostas.

Violet estava bonita. Ray gostou do brilho em seus cílios. Ele não ligava para o joelho dela esbarrando no dele o tempo todo debaixo da mesa. Mas odiava muito aquela pergunta.

— Nada. Por quê?

Violet ajeitou o cabelo atrás da orelha. Mexeu o café gelado.

— Você parece muito distraído.

Era verdade. Ele estava tão distraído que demorou alguns segundos para processar que ela o tinha acusado de estar distraído.

— É, talvez. Não sei.

Não era bem verdade. Ele não sabia, mas fazia uma boa ideia. Estava comparando uma garota em quem tinha tocado praticamente em todas as partes — uma garota com quem tinha ficado, entre idas e vindas, por dois anos — com uma garota que conhecera por menos de cinco minutos ao ir embora de uma festa.

Com Violet as coisas eram sempre amenas, nunca íntimas de verdade. Mas ela sempre estava pronta, animada e por perto. Enquanto a *outra* garota estava completamente fora do alcance.

Ele conhecia as duas de modos completamente diferentes. Ele conhecia Violet apenas superficialmente: aparência, roupas, a sensação de tê-la em suas mãos. E embora mal tivesse visto (quanto mais tocado) a outra garota, a conhecia pelo que ela escrevia, lia e fazia.

Era uma falha de caráter, seu pai lhe dissera uma vez, preferir o que não se tem àquilo que se tem. O que não se pode ter àquilo que está ao alcance.

Mas será que *ela* lhe perguntaria tantas vezes o que ele estava pensando?

Ele levantou. Pegou o copo caro de café no Hamptons da mesa.

— Preciso estar no trabalho daqui a alguns minutos — ele disse.

Violet também levantou. Ao caminharem em direção à porta, ela deslizou na direção dele. Beijou-lhe o queixo, e ele sentiu um cheiro de flores.

— Você vai no Frasier hoje à noite?

Violet tinha um cheiro diferente toda vez. Sempre bom, forte e feminino, como o de uma perfumaria, mas nunca o mesmo.

Ela o encarava impaciente, já na calçada.

— Desculpa... Frasier? Não, já falei para ele que eu não ia conseguir.

Frasier era um amigo de Wainscott. Ray gostava de surfar e pescar com ele, mas detestava suas festas.

— Vou ficar em casa hoje à noite — ele completou. — Jantar de família.

— Então nos vemos quando você voltar à cidade?

— É. Te vejo semana que vem, eu acho.

— Talvez eu venha passar uma noite aqui.

— Tudo bem — ele disse.

— Isso aqui é um tédio sem você.

Violet se entediava rápido, ele sabia. Ele a beijou e se virou para caminhar até o Black Horse, feliz por seus pensamentos estarem temporariamente livres de gente que queria espia-los.

Será que *ela* se entediava rápido?

Sem saber por quê, Ray pensou na cidade de Lego. Não conseguia imaginar Violet de jeito nenhum, nem a Violet do sétimo ano nem qualquer outra Violet, trabalhando por cinco meses numa cidade de Lego com seis parques e sem escola nem shopping.

Ele tentou evocar o rosto *dela*, mas a lembrança já aparecia turva menos de duas semanas depois de tê-la visto. Na verdade, já tinha ficado turva naquela mesma noite, quando ele tentava dormir, de tão sobreposta que estava por lembranças e expectativas. Ray não tinha problemas ao lembrar do rosto de Violet.

Ele tivera poucos minutos de visão clara, antes de saber que ela era *ela*, no momento em que realmente a viu. Aquele era o momento ao qual tentava voltar, a troca de olhares no corredor em frente à cozinha. Era a parte que borbulhava numa estranha mistura de confusão, vergonha e entusiasmo.

Ray tivera uma visão clara o suficiente para saber que a achava linda. Tão linda quanto Violet. Mais linda. Talvez outros caras discordassem dele. Violet era alta e deslumbrante e chamava a atenção. Mas ele não tinha dúvidas quanto ao próprio julgamento.

Por que estava fazendo isso?

Ele entrou no Black Horse pela porta dos fundos. Falou com Julio e começou o trabalho no estoque.

Tirou espaguete italiano das caixas e pôs nas prateleiras do estoque.

Espiou ao redor do corredor atrás do último conjunto de prateleiras, à procura de mais caixas. Em vez disso, encontrou uma reprodução impecável de três pirâmides, a Necrópole de Gizé feita de latas e caixas.

Sorriu. Encostou-se na velha porta corta-fogo. Seu coração estava completo. Passou a hora seguinte empilhando latinhas de extrato de tomate para formar a Grande Esfinge.

Não, Sasha não se entediava fácil. E ele tinha uma falha de caráter.

Pergunta do dia para a Pequena Ray:

Quinn já te levou para ver os narvais em Coney Island?

Sasha Grande

SG,

Sim! Ela amava e odiava aquele lugar. Chorava por causa da morsa velha: “Ela consegue enxergar o mar aberto de dentro

desse tanque!”. E eu também chorava, claro.

Quinn te levava para debaixo da baleia-azul no Museu de História Natural?

PR

PR,

Várias vezes. Tinha uma história para cada um daqueles dioramas medonhos do fundo do mar.

Ela era a única da família que me levava para passear. Se não fosse por Quinn, eu acabaria igual ao Cameron Reese.

SG

Ah, por favor...

*

— Você acha possível que a mamãe tenha tido um caso quando era casada com o papai? — Mattie escolheu o momento em que Quinn lutava contra ervas daninhas num canteiro de abóboras.

Mattie decidiu pôr todo aquele fardo sobre Quinn. Sabia que Quinn suportaria o peso todo e ficaria tudo bem. Mattie estava cansada de carregá-lo sozinha.

Quinn levantou.

— Por que você está perguntando isso? — Sua reação não foi de surpresa nem de curiosidade, o que talvez não acontecesse com outras pessoas.

— Porque não paro de pensar sobre isso. Sabe aquele cara no Black Horse de que eu te falei?

— Aham. — Ela tinha voltado às ervas daninhas.

— Perguntei sobre ele para a mamãe, e ela se fechou completamente. Não me encara nos olhos desde então.

— O que ela disse?

— Nada de especial. Disse que ele era surfista, que ensinou a ela e a nós a surfar por um tempo. Eu já sabia de tudo isso. Mas foi o jeito dela me olhar e agir.

— Certo.

Mattie respirou fundo.

— Aí eu perguntei para o papai. — Mattie cutucava as unhas com violência. — Ele ficou tão estranho, Quinn. Quase não disse nada. Quietos e frios. Nunca o tinha visto daquele jeito.

Quinn assentiu, mas o rosto, mesmo de lado, demonstrava dor.

— Foi domingo à tarde, e ele estava no escritório. Depois de eu perguntar, ele me pediu para fechar a porta, e logo em seguida ouvi uma coisa de vidro se espatifar. — Ela percebeu que estava trêmula ao contar isso. — O que você acha que isso significa?

— Significa que alguma coisa caiu no chão.

Mattie soltou um suspiro.

— Quinn.

— Você quer saber o que significa?

— Não sei se quero, e por mais que me esforce, não consigo me afastar dessa ideia. — Ela estalou os dedos. Fechou os olhos. — Nenhuma de nós sabe o que aconteceu. Você meio que não quer saber?

— Eles não querem que a gente saiba.

— É óbvio que não. Mas por que não? O que aconteceu? — Mattie sentia-se inquieta, sem controle, e ainda que aquilo parecesse causar mais problemas para Quinn do que para si, continuou. — Você não tem curiosidade?

Quinn bateu a terra das calças.

— Acho que nenhuma informação vai mudar as coisas que sabemos ser verdade — ela disse devagar.

Mattie, que mal ouvia a irmã, abriu as mãos.

— Tem casais que se divorciam de maneira amigável. Continuam amigos. Jantam juntos. Viajam nos feriados, compartilham as férias. Conheço um monte de gente assim. Nossos pais não ficam a menos de trinta metros um do outro há mais de vinte anos. *O que aconteceu com eles?* E por que não podem nos contar?

— Eles querem nos proteger.

— Do quê? Talvez queiram proteger a si mesmos. Talvez seja a única coisa em que estão de acordo nesse tempo todo.

— Talvez só esse ponto de concordância já seja bom.

— Talvez quando éramos pequenas. Mas num determinado momento, eles não vão ter mais poder de decisão sobre isso.

Finalmente os olhos grandes de Quinn se voltaram para a irmã impetuosamente.

— Tome cuidado, Mattie. Por favor.

Não, ela não ia tomar. Ela ia pisotear, avançar, atropelar.

— Talvez eu tenha poder de decisão. Talvez até o porra do Jonathan Dawes tenha poder de decisão.

13

E PASSAMOS PARA A PRÓXIMA PREOCUPAÇÃO

SASHA PASSOU DOIS DIAS TENTANDO PENSAR no que podia escrever para Ray, então, ao ver a esfinge atrás das prateleiras do fundo do estoque do mercado ao lado das pirâmides que tinha montado, quase chorou.

Quase chorou de admiração pela esfinge. Um maremoto levantou-se em seu coração e começou a vazar pelos olhos. Foi estranho.

Mas trouxe consigo um fluxo intenso de lembranças antigas. Sentimentos ligados à cidade de Lego e ao livro *O sol é para todos* e aos animaizinhos de plástico. Nostalgia, mas ao mesmo tempo algo novo e importante: a síntese entre o velho Ray de sua imaginação e o desconcertante e estranho Ray que ela conhecera em frente ao prédio da Samantha Rubin. Ali estava uma bela reprodução de quase toda Gizé feita com latas e caixas empilhadas que se estendiam pelo corredor mal iluminado da última fileira de prateleiras que davam para a porta corta-fogo.

Aquilo trouxe de volta uma versão antiga de si mesma, de que sentia falta e que, na verdade, não sabia que perdera.

Então Francis chegou por trás das prateleiras e a encontrou.

— Que droga é essa?

Ela soltou um suspiro. Merda. Memorizou os últimos momentos da Gizé de caixas e latas.

— São pirâmides?

— São.

— Foi você que fez isso?

Ela não conseguia decifrar bem o tom de voz dele. Se Francis estivesse pelo menos um pouco impressionado, ela mencionaria Ray, mas se estivesse apenas irritado, não.

— Hum.

— Por acaso eu pago você para fazer réplicas do mundo com imperecíveis?

Ela tentou parecer arrependida e não apenas desanimada.

— Desculpe. Tive um tempo livre depois de terminar a reposição e de descarregar o que chegou de manhã. Pensei que talvez pudéssemos usar a imagem nas mídias sociais.

Aquilo era a maior baboseira, mas Francis falava do valor das mídias sociais quase tanto quanto falava de seu MBA.

Deu para ver as engrenagens do cérebro dele girando.

— Você quer dizer postar no Facebook.

— Claro. Talvez abrir uma conta no Instagram.

— O.k. — Ele assentiu, sobrancelhas arqueadas. — Bem pensado. Sabe, é por isso que gosto de contratar gente jovem como você.

— Ray também ajudou. Ele também merece o crédito. — Ela sorriu, sem evitar a sensação de orgulho.

— Você é Ray.

— Me refiro ao outro Ray.

Agora ela sabia exatamente o que escreveria para Ray assim que saísse do trabalho. Seu coração começou a bater acelerado. Os dedos formigavam de ansiedade.

— Ele ajudou?

— Ajudou.

Ele riu.

— E eu pensando que Ray fosse adulto. Quero dizer, você viu aquela namorada maravilhosa que vem buscar o garoto todo dia depois do expediente?

Sasha engoliu em seco. O coração continuou acelerado, mas em um ritmo diferente. Seu sorriso se desfez em incerteza, depois murchou.

Lá se fora o seu triunfo. Ela mal conseguia falar. Sentiu-se um pouco tonta. Não imaginava que Francis fosse capaz de magoá-la, mas havia tantas coisas que a faziam se sentir mal naquela única frase que Sasha nem conseguia processar todas elas.

Ray era um adulto. Ela era uma criança. Ray tinha uma namorada. A namorada era maravilhosa. A namorada era dedicada. Sasha não tinha visto a namorada maravilhosa. Não mesmo. Sasha nem mesmo conseguia imaginá-la. Sasha não tinha ninguém, maravilhoso ou não, para buscá-la depois do expediente todos os dias. Em nenhum dia, na verdade.

Agora ela observava as bobas pirâmides de lata e se sentia apenas idiota. Será que Ray estava tirando sarro dela quando acrescentara a esfinge?

Francis se virou para ir embora.

— Ficou bonito. — Ele apontou para a construção. — Sério. Você já tirou as fotos?

Ela se sentiu abalada. Tentou não se sentir assim.

— Não. Vou tirar.

— Boa. E depois desmonte tudo e deixe as coisas de volta no lugar.

Ela assentiu, desolada.

— Esta noite.

— Acho melhor ligar antes de irmos para o Lexi's — Jamie sugeriu.

Agora que os pais de Jamie tinham concordado em voar para a festa de noivado, ele e Emma

acharam que seria bom ligar para os dois e combinar uma apresentação preliminar antes da confusão em agosto.

Emma apertou o celular contra a orelha para escutar melhor.

— Você consegue sair mais cedo do trabalho?

— Vou tentar. Volto para o escritório depois do jantar, se for preciso.

A voz dele revelava grande tensão. Ela queria poder vê-lo para decifrar seu estado de espírito.

— Vamos nos encontrar na minha casa às seis.

— Tão cedo? — Ela nunca o tinha visto sair do escritório antes das oito durante a semana.

— É, acho que sim.

Emma chegou na frente do apartamento de Jamie em Long Island City ao mesmo tempo que ele. Ele a beijou com sinceridade, mas parecia ansioso. Os pés dele se mexiam durante toda a subida do elevador.

— É só um telefonema — ela disse. — Os seus pais são os f áceis, certo?

Ele deu de ombros.

— Não sei. Quem é que tem pais f áceis?

Ela estava tentando entender. Ele não falava muito da família. Os pais eram casados. Ele tinha uma irmã de quinze anos muito madura para a idade. O pai trabalhava com vendas para uma empresa química. Todos viviam numa casa bonita e arejada num terreno com uma garagem.

Seria ela que o preocupava? Ela tinha pensado nisso antes.

— Eles não vão perceber que sou indiana pelo telefone — ela disse enquanto Jamie abria a porta do minúsculo apartamento.

Ele pareceu horrorizado.

— O que você quer dizer?

— Só estava com medo que ao me conhecerem eles pudessem ficar surpresos por eu não ter a pele um pouco mais... clara.

Ele a agarrou e a abraçou forte.

— Ah, Em, você é tão perfeitamente perfeita. Odeio te ver preocupada com isso. — Ele a soltou. — Aliás, eu contei tudo sobre você para eles. Acho que a descrevi como meio-bengali, meio-hippie. Eles já viram seu pai uma vez durante um décimo de segundo quando vieram conhecer o escritório ano passado.

Então não era isso.

— Vou ligar — ele disse.

Encontraram os três Hurn em casa. Todos foram ternos, polidos, cheios de felicitações, um pouco constrangidos. A mãe de Jamie se derreteu pela garrafa de champanhe que Robert tinha mandado.

— Fico muito comovida por vocês todos virem para cá para a festa de noivado — Emma disse por fim. — Não vejo a hora de conhecer vocês.

— Viu? Não foi tão ruim — ela disse depois de todos se declararem ansiosos pelo encontro e

desligarem.

Jamie assentiu.

— Todos soaram ótimos, na verdade.

Jamie tinha o olhar mais cauteloso que ela já vira nele.

— Minha mãe nem sempre é fácil — ele disse.

— Bom, comparada com a minha mãe, ela parecia num clima de piquenique.

Como Mattie era a única por perto, era a ela que Sasha teria de perguntar. Não era o ideal, mas precisava saber.

— Quem é a garota maravilhosa que vai buscar o Ray no trabalho todo dia?

Aquela informação não era nem um pouco da conta de Sasha, e objetivamente não tinha nenhuma relevância para a sua vida, mas lá estava a pergunta.

Mattie estava pintando as unhas do pé numa espreguiçadeira à beira da piscina. Ela andava tão distraída nos últimos dias que Sasha tinha a esperança de extrair a informação desejada, como uma cirurgia apressada, sem despertar muita curiosidade nem disposição para sermões.

— Está falando da Violet?

Merda. O nome dela tinha que ser um legal, tipo Violet.

— Não conheço. Conheço?

Será que existiam muitas garotas como aquela?

— Acho que você está falando da Violet. Ela sempre aparece. Não sei se é maravilhosa — Mattie ponderou. — É, talvez seja. Você a conhece ou algo do tipo?

— Francis, o gerente, me falou sobre ela.

Mattie fez cara de tédio.

— Francis é um pervertido. Quantos anos ele tem? Trinta? Violet está no *ensino médio*.

Sasha não podia deixar de refletir sobre si mesma. Por que estava surpresa por existir uma Violet? Claro que existia uma Violet. Por que se sentia traída? Tinha ficado doida? Que tipo de ideia estava alimentando? E, mesmo assim, sua boca se abriu novamente: — Eles estão sério?

Mattie estava tentando arrumar uma unha borrada e pareceu não julgar a irmã pela pergunta. Isso, pelo menos, foi bom.

— Sério? Eles são crianças — Mattie disse, como se fosse uma idosa. — É difícil juntar “sério” e “Violet” na mesma frase.

De uma maneira maldosa, Sasha se alegrou ao ouvir aquilo.

— Tem certeza? — Ela queria saber mais.

— Violet e Ray ficam desde o oitavo ou nono ano. Ela estuda no Nightingale, acho, onde nenhum garoto jamais pisou, então o Ray é como uma espécie em extinção. Você sabe como é. Ela é a clássica mimada de East Hampton que fica andando pela avenida principal toda maquiada tentando encontrar alguma celebridade. — Mattie arqueou uma sobrancelha como se fosse juíza

do Supremo Tribunal ou algo do tipo.

O prazer com aquela condenação durou pouco. Agora Sasha passava a outra preocupação. Ray era desse jeito? Era mesmo aquele tipo de garota que ele procurava? Isso não combinava com o que ela tinha imaginado. Mas, de novo, no que dizia respeito a Ray, ela praticamente só tinha a própria imaginação.

— E Ray quer o quê? — Ela nem se esforçou para segurar a pergunta.

Mattie chacoalhou o frasco de esmalte.

— Não sei o quanto Ray se interessa por ela e o quanto só a atura.

Não soava muito romântico, soava?

— Emma a chama de “Só a Violet”.

— Por quê? — Sasha perguntou, talvez um pouco ansiosa demais.

— Porque sempre que ela aparece em casa a gente diz “Ah, é só a Violet”.

Sasha riu. Ela se perguntou se a risada também soava diabólica fora de sua mente.

Mattie terminou o último dedo do pé e lançou a pergunta inevitável: — Mas por que você quer saber?

14

E POR FALAR EM CONSEGUIR MAIS DO QUE SE ESPERAVA

“EU AINDA SURFO TODO DIA EM DITCH PLAINS.”

Ele sabia que Mattie chegaria a esse ponto?

Na hora a frase tinha soado uma informação risível e bizarra. Contudo, ela se lembrava. E lá estava ela agora no Honda seboso de Adam, dirigindo para Ditch Plains numa manhã de sábado.

A mãe de Mattie não queria falar. Seu pai com toda a certeza não queria falar. Mas ela, sem saber por quê, tinha a sensação de que Jonathan Dawes queria.

Enquanto caminhava pela areia, sentia como se a toalha e o livro fossem apenas adereços cênicos. Embora ficasse a apenas a alguns quilômetros de Georgica, a praia pertencia a um mundo mais amplo. Comprida e impetuosa, a arrebentação já estava pontilhada de surfistas. A altura das falésias e a velocidade do vento davam a impressão de que aquilo era a extremidade do mundo. Jonathan Dawes devia ir ao mundo delas, à água mansa da lagoa Georgica, quando equilibrava garotinhas sobre a prancha.

Mattie ficou um pouco constrangida em seu percurso até a água. A praia era dominada por locais notoriamente rabugentos. Se você não surfava ali por uma ou duas décadas, se não sabia usar uma prancha, não era bem-vindo. Contudo, ela notou mais saudações do que caretas. Talvez loiras de biquíni tivessem passagem livre por ali, como acontecia em quase todos os lugares.

Ela o reconheceu pelas costas, uns duzentos metros mais adiante na praia. Usava uma bermuda de mergulho tão notavelmente desbotada que podia ser a mesma da foto de dezessete anos antes. O cabelo tinha uma textura de palha por causa dos anos de sal e sol. Ele segurava uma respeitável longboard surrada e estava ao lado de dois outros surfistas. Dawes era um dos locais, talvez não um dos rabugentos. Quando muito, era o tipo que os rabugentos protegiam.

Ela ficou comovida com ele, de um jeito estranho. Como ele estava à vontade ali, como seu corpo parecia relaxado. Como ele se encaixava perfeitamente naquele lugar. E como ele ainda pertencia àquele tempo antigo, mesmo que todo o resto daquela época tivesse mudado.

Mattie se sentiu honrada que sua vida pudesse vir a cruzar com a dele. Era uma ideia inebriante e traiçoeira.

Ela estava ali, imóvel, agarrada ao livro e à toalha, quando ele se virou e a viu. Dawes inclinou a cabeça, sorriu e foi ao encontro dela.

Mattie quase ficou surpresa por ele a ter notado. Tinha esquecido que estava à vista, que também integrava aquela cena. Tinha alimentado a ilusão de que o observava através de uma tela, como se fosse um par de olhos abstratos contemplando o homem em seu habitat natural. Ela tinha se esquecido de que fora ali para interagir com ele. Já não sabia ao certo se queria isso.

Ele tinha um ar quase solene ao caminhar até ela por causa da luz do sol, das sombras e de seu ar de dúvida e expectativa. Agora ela sabia que estava fazendo uma escolha.

Era essa sua intenção?

Devia ser. Ela não chegou até ali por acidente.

Dawes se aproximou e abriu os braços para lhe dar um abraço. Ela ficou tímida e se agarrou às coisas que carregava. Ele não ficou constrangido e meio que a abraçou por cima das coisas.

— Legal te ver, Mattie. Estava esperando por você.

Isso a assustou. Sua mente retornou depressa às coisas que ele tinha dito, que ela tinha dito. Ela era só mais uma garota idiota de Hampton no Black Horse. O que ele esperava dela?

“Eu me pareço com a minha mãe.” Era por isso que ele a olhava daquele jeito. Com isso, ela voltou a se situar.

— Eu queria te perguntar uma coisa — ela disse corajosa.

Ele assentiu, como se também estivesse esperando por isso.

Agora que estava ali, ela não sabia direito como perguntar.

Estava com raiva da mãe? Queria pegá-la na mentira? Provar alguma coisa? Que bem viria disso?

Nenhum. Mesmo assim ela não era capaz de deixar aquilo de lado.

— Você... — Sua voz sumiu.

Ele não a incentivou nem pareceu querer apressá-la.

— Você e a minha mãe...

Ele inclinou a cabeça mais uma vez. Não parecia nem um pouco nervoso. Não da mesma forma que ela.

— ... estiveram envolvidos?

Ele não pareceu surpreso nem irritado. Não disse nada.

Mas Mattie já queria sair correndo.

— Sei que não tenho direito de fazer perguntas pessoais assim. Você nem me conhece.

A frase o fez rir.

— O que foi? — ela perguntou constrangida.

— Você tem razão. Eu não te conheço. — Dava para notar que ele queria deixá-la à vontade. Ele riu de novo, com menos entusiasmo dessa vez. — Sinto que quase conheço.

Ele a encarou nos olhos por menos de um segundo. Foi ela que desviou o olhar ou foi ele?

— Porque eu me pareço com a minha mãe.

Ele deu de ombros.

— Parece.

— Todo mundo diz isso.

Ele concordou.

— Entendi. Dá para imaginar.

Ela reuniu forças de novo.

— Você a conhecia bem naquela época?

— Por um tempo — ele respondeu, com uma serenidade estranha.

Ela esperou que ele dissesse mais alguma coisa, mas ele não disse nada.

— Temos umas fotos. Com você. Daquela época.

Ao contrário de sua mãe, ele não demonstrou cautela nem inquietação.

— Eu também tenho umas — ele disse.

Ele já tinha sido apaixonado por sua mãe, àquela altura ela não tinha dúvidas quanto a isso.

Ele se afastou um pouco mais da água, até o ponto onde a areia ficava mais alta que a ressaca, e sentou. Gesticulou para que Mattie sentasse ao lado dele. Os dois permaneceram em silêncio por um tempo.

— Você perguntou isso para a sua mãe?

— Tentei perguntar.

— Ela não quis conversar.

Mattie torceu um pouco o nariz.

— Ela se fechou ao ouvir o seu nome. Acho que desde então tem me evitado.

Ele pareceu melancólico, mas não magoado.

— Foi uma época complicada. Você deve saber disso.

— O divórcio, você quer dizer? — Nesse campo ela se permitia ser indiferente.

Pela primeira vez, o rosto dele apresentou um sinal de perturbação. Ele suspirou de novo.

— Eu respeito a decisão da sua mãe nesse caso.

Teria sido ele o motivo do divórcio? Tinha sido assim tão óbvio? Sua mãe traíra seu pai, que a chutara? Tão simples e banal assim?

Ele começou a espalhar a areia de um lado para o outro com as mãos.

— É um prazer te ver por aqui, Mattie. Eu gostaria muito de retomar contato com você. Se um dia você quiser começar a surfar, por favor, não procure alguém além de mim. Estou disponível praticamente o tempo todo, e o meu preço é bem razoável. — Ele sorriu para ela, que imaginou que a parte do preço era provavelmente brincadeira. — Mas se a sua mãe não quer tocar nesse assunto, não me sinto à vontade para falar sobre isso.

Isso. Então havia um “isso”. Que ele não negava.

— “Isso” é você e a minha mãe? — ela perguntou, querendo arrancar um pouco mais.

A voz dele saiu menos segura, mais comedida:

— Eu e ela. E você.

— E *eu*? — ela rebateu indignada, sem nem pensar. — O que isso tem a ver comigo?

Ela desejou não ter perguntado, principalmente não se lembrar daquele diálogo tantas vezes

depois. Provavelmente a recordação daquele momento se tornaria um espinho na sola do pé pelo resto da sua vida.

Ela tinha rebatido sem ouvir nem compreender por causa da velha doutrina dos filhos de um divórcio: “Não tem nada a ver com você. Nunca se culpe pelo que aconteceu”. Mattie tinha escutado isso de todos os adultos da região — até mesmo de gente praticamente estranha —, e repetira para si mesma em mil ocasiões diferentes. Era um reflexo de seu cérebro de criança. As palavras arderam em seus olhos e a cegaram enquanto ela se esforçava para entender aonde ele realmente queria chegar.

Ele não respondeu. Pelo visto não podia, e isso deu a ela um espaço de tempo atordoante e doloroso para pensar.

“E você.” Ela não podia deixar a ideia entrar em sua mente. Mas ela entrou mesmo assim, com pequenos golpes, e cada um deles a machucava e a desorientava.

Ela era apenas um bebê na época. Os golpes continuaram, mais lentos, mais secos, mais contundentes. O que um bebê poderia ter feito? *Poft*. Além da coisa óbvia que fazem para arruinar um casamento.

Mas não podia ser ela. Ela não podia ter sido um bebê assim. Mattie se pegou observando os pés dele.

Quando voltou a olhá-lo no rosto, viu um profundo desconforto. Ele pensou que ela sabia. Ou que ao menos suspeitava. Pensou que Mattie tinha ido ali para averiguar essa suspeita, e que talvez estivesse aberta ao resultado. Agora ela se sentia mal por ele. E pior ainda por si mesma.

Ele apertou as duas mãos contra o chão, com força. Direcionou o olhar para ela e esfregou as mãos para tirar a areia.

— Sinto muito, Mattie. — Ele parecia sentir muito mesmo. — Você precisa conversar com sua mãe.

Na metade das vezes em que Evie ia a Wainscott mais cedo, Robert cuidava para que um carro da empresa o levasse até a casa, assim ele poderia trabalhar durante o trajeto. Geralmente, Sasha ia com a mãe, mas de vez em quando ia com o pai.

Eis uma conversa que Sasha já ouvira antes: banco de trás de um carro preto impecável, talvez uma Mercedes ou um Lincoln Town Car. Hoje é um Chevrolet Suburban. O pai digitando no celular. Então o motorista, geralmente educado e com boa intenção, dizia: — Posso lhe perguntar de onde é, senhor?

O pai tirou os olhos da tela, já impaciente.

— Canadá. Perto de Toronto.

De volta ao celular.

— E antes disso? A sua família?

Quando isso acontecia, todos sabiam o que o motorista queria dizer. O próprio motorista era

indiano ou paquistanês ou do sudeste da Ásia. Ele enxergava uma possível afinidade ali. *Você não é um deles*, o motorista pensava, talvez um pouco orgulhoso. *Você é um de nós, não é? Quem é você de verdade?*

O pai de Sasha não queria saber de nada disso.

— Todos são do sul de Ontário. É isso.

Não havia nada para ver ali, pessoal. Continuem.

O motorista sempre mostrava ceticismo, às vezes até mágoa. Talvez encarasse os olhos bengalis de Sasha em busca de ajuda. Se encarasse, ela lhe lançaria um olhar misto de compaixão e alerta.

Ela sempre sentiu a tentação de dizer mais: “Meu pai é de Bangladesh. Dá para notar, não dá? Pelo menos, a mãe biológica dele era de lá. Ele nunca fala disso, mas uma coisa terrível aconteceu com ela numa guerra em 1971. Ele é um filho da guerra, mas jamais vai dizer isso.

“Aos dois anos, foi enviado para o Canadá para ser criado por pais brancos. Agora ele é alto. Teve leite para beber.”

O pai de Sasha crescera patinando em pistas de gelo caseiras no fundo do quintal, como qualquer criança de Ontário. Pelo que Sasha notava, ele não se mostrava especialmente sensível ao fato de sua aparência ser diferente da dos outros — o fato de ser visivelmente de outra etnia. Ele não ligava muito para isso. “Gosto de me ocupar com coisas que posso mudar”, ele tinha dito uma vez.

Pelo que o pai falava, ele era canadense de corpo e alma. Tivera os melhores pais do mundo. Preferiria cantar o hino do Canadá e uma dúzia de hinos anglicanos em vez de contar que era o bebê indesejado de uma adolescente estuprada, nascido num campo de refugiados em Bangladesh. Ele jogara hóquei em Princeton. Era o fundador da Califax Capital. Tinha quatro filhas lindas. Isso era tudo de que alguém precisava saber.

O pai voltou a dar ordens pelo celular. Ninguém, nem mesmo estranhos, podiam perceber qualquer coisa sobre ele pelo aparelho.

Quinn passara dezenas de vezes pelo estúdio de piercings e tatuagens Body Arts, em Hampton Bays, e jamais tinha pensado em entrar. Em algumas dessas vezes, ela notara a mulher de meia-idade e cabelo vermelho e preto toda tatuada fumando na porta. Por impulso, Quinn encostou a bicicleta no estacionamento.

A mulher estava do lado de dentro. Ela se apresentou como Raven.

— Você põe piercing no nariz? — Quinn perguntou.

— Ponho.

— Dá para pôr um no meu?

— Quantos anos você tem?

— Vinte e um.

Raven franziu a testa.

— Tem mesmo? Eu chutaria dezesseis. Quem anda de bicicleta pela Montauk Highway? Você está com o seu documento?

— Estou.

— Tudo bem. Quer pôr agora?

— Pode ser?

Raven observou ao redor.

— Não estou vendo nenhum outro cliente. Você está?

Quinn fez que não com a cabeça. O lugar era mal iluminado, e as paredes estavam cobertas com modelos de tatuagem. À primeira vista havia montes de serpentes e dragões.

— Você precisa preencher um formulário e escolher a joia, então podemos começar.

— Tudo bem.

Parecia que Raven preferia tatuar desenhos com asas. Borboletas, anjos, aves de rapina, uma coruja, um leão alado, um dragão, um ou dois morcegos.

Quinn preencheu o papel, entregou o documento e escolheu uma pequena argola de titânio para começar.

— O seu nome é mesmo Quinn? — Raven a conduziu até o cômodo nos fundos, onde a atmosfera era menos mística, mas a luz era melhor para furar as pessoas.

— É. Era o sobrenome de solteira da mãe do meu pai.

Raven apontou para uma cadeira reclinável parecida com a de um dentista.

— O seu nome é mesmo Raven? — Quinn perguntou.

— Não. Minha mãe me deu o nome de Barbara.

— Ah.

Raven vestia uma espécie de espartilho de couro bem apertado abaixo dos seios fartos, calça justa e bota preta de salto alto. Sob o monte de asas, a pele parecia enrugada e cansada. Seus dedos curtos estavam cheios de anéis. Era difícil saber se algum deles era uma aliança de casamento. Havia uma cicatriz em seu pescoço e outra em seu antebraço. A mente de Quinn começou a viajar, tentando imaginar a garota cuja mãe havia chamado de Barbara.

Todo mundo tinha uma mãe. Essa era uma questão. Uma semana antes, Emma a tinha arrastado para ver um filme cuja história se passava na Primeira Guerra Mundial. Encolhendo-se no assento enquanto os soldados caíam aos montes, Quinn pensava na mãe de cada um deles. O sr. Reese já tivera uma mãe. Uma das muitas misericórdias da natureza era o fato de as pessoas geralmente não viverem o bastante para verem seus filhos ficarem velhos.

Quinn reclinou-se na cadeira.

Raven teria algum filho? Quinn viajou um pouco mais além. Não sabia bem por quê, mas achava que não.

— Qual foi a sua primeira tatuagem? — Quinn perguntou.

A pistola para piercing fez *pop* e, durante esse instante, Quinn permaneceu concentrada

inteiramente no próprio corpo.

Uma hora e meia depois, a vermelhidão tinha passado, e Quinn tinha um detalhe em titânio na narina esquerda. Também sabia a história das trinta e uma tatuagens de Raven, e assim tinha conhecido praticamente toda a vida dela, desde a primeira tatuagem, aos catorze anos, até a mais recente (“não a última”), feita no seu aniversário de sessenta anos em abril. O primeiro namorado tinha escolhido a primeira, um cordeiro aninhado no decote, e ela tinha escolhido asas para todas as outras.

Quinn abraçou Raven depois de lhe dar cinquenta e oito dólares, gorjeta inclusa, e também um pacote de pêssegos que tirara do cesto da bicicleta. Raven a abraçou por uns segundos a mais.

— Você sabe que enxerga as almas, não sabe?

— O que isso quer dizer? — Quinn perguntou com a cabeça apoiada no ombro dela.

— Esses seus olhos... entram na alma das pessoas.

Quinn achou que aquilo só era verdade em parte. Ela trazia as pessoas para dentro de si, mas era sua alma que fazia a maior parte da viagem.

Pedalandando para a casa no escuro, Quinn se perguntava o porquê de não permanecer mais tempo dentro do próprio corpo. Era um corpo perfeitamente bom; ela não tinha o que reclamar dele. Ele funcionava muito bem — as pessoas costumavam dizer que ela era a melhor atleta da família, mas que, ao contrário de Emma, não se preocupava com hierarquia nem competição. Mas por que ela saía dele com tanta facilidade? Por que suas obrigações com ele não a deixavam mais ligada?

E se ela saísse do corpo alguma vez e se esquecesse de voltar? Como o patinho Ping de um livro infantil, que ficou boiando no rio Yangtse quando a porta do barco de olhos sábios se fechou. Isso seria mesmo uma tragédia ou uma espécie de apoteose?

Quinn pedalou pela fazenda dos Reese e, a certa altura, desconfiou que as alfaces estavam secas. Por isso parou e apoiou a bicicleta na lateral do celeiro sem fazer barulho. A lua despontou enquanto ela estava cuidando das verduras.

Quinn sabia que o tempo passava de um jeito diferente para ela. Era outra questão. Ela não se orientava pelas horas do dia nem pelos dias da semana. Por muito tempo tinha tentado basear-se nessas unidades, mas elas não lhe davam a sensação de coerência e sequência que davam à maioria das pessoas. O tempo encolhia ou se expandia, avançava devagar ou corria para trás, de acordo com a luminosidade, a estação e o estado de espírito de Quinn.

Às vezes ela imaginava que os dias do calendário eram uma série de portas que conduziam de um cômodo a outro. Quinn não passava pelas portas. Não estava nem no prédio.

Quando cuidava das plantas, o trabalho era seu relógio. As plantas marcavam o tempo.

Assim, quando Quinn chegou em casa, se deu conta de que o jantar já estava quase no fim, e que ela deveria ter chegado no começo dele.

O pai se levantou para cumprimentá-la. Ela tinha se esquecido do detalhe no nariz, mas ele o notou na hora.

— Mas que droga é essa que você fez com seu belo nariz?

Ele não estava brincando. Estava chateado.

Ela tocou o piercing e lembrou.

— Acho que isso deixa o meu nariz comum mais bonito — ela respondeu com sinceridade.

— Deixa eu ver — Mattie falou, levantando-se. — Uau.

Sasha também se aproximou.

— Por que você fez isso, Quinn? — o pai quis saber. — Você sabe o que eu penso sobre piercings. Se você tirar isso, o buraco vai fechar? — A voz dele saía entrecortada, num volume incomum.

— Eu achei descolado — Mattie declarou. — Alguma vez Quinn tentou ser descolada desse jeito?

— A maioria das indianas fura o nariz quando chega à maturidade — Quinn disse.

— Você não é indiana — o pai rebateu.

Quinn ficou magoada. Magoada porque o pai ficara perturbado com o piercing. Magoada por Sasha assistir àquela bronca, porque Quinn sabia que Sasha se preocupava com ela e era a sua mais firme defensora.

— Por sangue, sou parte bengali — ela disse com cuidado, sentindo o calor e o desespero de Sasha ao seu lado.

Evie se aproximou, sabendo que àquela altura não conseguiria controlar nem a mesa nem a dinâmica da noite. Pôs a mão sobre o ombro de Quinn.

— Prometa ao seu pai que não vai furar mais nada — ela disse suave, uma campeã na arte de aparar arestas.

Quinn virou-se para ele.

— Prometo — ela disse solenemente. — Nem mesmo as orelhas.

— Não tem problema furar as orelhas — ele resmungou.

A mãe de Quinn chegou domingo para a troca de famílias na casa, mas só depois de metade do dia ter passado, ela parou Quinn na cozinha.

— Ei, espera. Tem alguma coisa diferente em você.

Quinn assentiu.

Lila segurou o rosto de Quinn entre as mãos.

Quinn apontou para o nariz.

A mãe forçou a vista, deu um toque de leve no piercing com a ponta do dedo.

— É bonito. Gostei.

Pequena Ray,

A Quinn já te contou as histórias dos índios de Eel Cove? Sonhei com uma delas noite passada.

Sasha Grande

SG,

Ai, meu Deus, contou! Eu amei a da mãe/ chefe indígena/ curandeira dos cacos de vidro polidos pelo mar. Ainda penso nas poções dela. (Para esquecer o nome, para compartilhar a mente, para ouvir o que os outros dizem do outro lado do mundo.)

Você se lembra de como a família branca ia no médico normal, e todos voltavam piores e carentes, e aí um deles ia escondido procurar a chefe indígena para se curar de verdade?

PR

PR,

Isso foi quando a Quinn ficou doente. Nunca liguei os pontos naquela época. A gente só tinha seis ou sete anos, acho. Lembro de visitá-la no hospital. Lembro que, na noite em que ela voltou para casa, saiu da cama e entrou na lagoa de pijama.

Minhas lembranças dela no hospital são tão obscuras e estranhas que eu nem sabia direito se isso tinha acontecido de verdade. Mas se você também se lembra, acho que aconteceu. Eu deitei na cama com ela. Quinn disse: “Tenho que sair daqui, porque não tem como ficar melhor neste lugar”.

SG

15

O PREÇO A PAGAR

— SÓ ME DIZ QUE ELE NÃO ESTUDOU EM PRINCETON.

— Ele estudou em Princeton — Emma disse sem entusiasmo.

A ida à feira de produtores na manhã de folga tinha parecido uma boa ideia quando Lila a sugerira. Agora, Emma arrastava a mãe com uma sacola feita de rede cheia de raízes estranhas e sentia vontade de chorar. Num minuto a mãe examinava tomates orgânicos, no outro se voltava para ela e dizia:

— Eu simplesmente não entendo o motivo de tanta pressa. Para que correr com isso? Você tem vinte e dois anos! Acabou de conhecer o Jamie!

— Você se casou com vinte e dois.

— Exatamente. E olha o que eu ganhei!

Emma balançou a cabeça, incrédula.

— Muito obrigada, mãe. Você me ganhou, e ganhou a Quinn e a Mattie.

Lila largou os tomates na gôndola e abraçou Emma. Beijou a cabeça da filha.

— Claro, querida. Eu jamais mudaria isso. Mas você sabe o que eu quero dizer.

Emma apertou os dedos na casca espinhosa de um abacaxi. Que tipo de feira de produtores vendia abacaxi?

— Tenho sérias dúvidas de que algum fazendeiro da região consiga plantar abacaxi.

— E essa festa de que a Mattie e a Quinn não param de falar — Lila resmungou. — Meu Deus! Agosto? É mesmo necessária?

— Achei fofa — Emma disse, apenas.

Lila bufou e se virou para uma gôndola de feijões-de-corda emaranhados.

— O que eu não entendo é: o que você ganha se casando? Pode fazer tudo o que quiser sem se casar.

— Você se casou. Duas vezes.

— Porque eu tinha filhos. Não venha me dizer que já está preparada para ter filhos.

Só de raiva, Emma desejou ser capaz de parir um punhado de crianças bem ali naquele instante.

— Quero me casar com ele porque eu o amo. Queremos morar juntos.

— Emma, você tem a vida toda para fazer isso. Agora é hora de ser livre. Você pode viajar. Pode experimentar o que sente por um monte de pessoas diferentes.

— Não quero experimentar um monte de pessoas diferentes. Gosto do que sinto por ele.

A mãe largou a sacola no chão.

— Gosta agora. Mas como você sabe o que vai querer daqui a cinco anos? Ou dez? Ou vinte?

Emma não estava gostando daquela situação nem do rumo que a conversa estava tomando. Ela não gostava daquelas críticas duras se agitando em seu peito.

— Bom, talvez a ideia seja se comprometer com a pessoa amada e ficar com ela, não importa o que aconteça em cinco, dez, vinte ou cem anos. Porque ela é a sua família, porque o casamento é isso e também porque você assumiu um compromisso.

Lila virou a cara. Pegou a sacola de compras e passou para a seção de frutas silvestres. Elas pagaram pelas mercadorias em silêncio e caminharam até o carro sem dizer nada.

Emma odiava o cheiro ruim do carro da mãe depois de ele ficar sob o sol quente. Odiava o monte de lixo que sempre tinha lá dentro: a roda de oleiro e os sacos de argila — ou qualquer outra coisa artesanal que fosse o interesse de Lila no momento —, barras de cereal estranhas meio abertas nas portas ou grudadas na sola do seu sapato. Parafernália de parteira tão confusa e nojenta que nem queria saber o que era. Casacos, sapatos, malas velhas. Era sempre preciso tirar coisas para poder se sentar.

Lila esperou chegarem em frente de casa para quebrar o silêncio.

— Só não me diga que você vai mudar o sobrenome.

Emma saiu do carro e bateu a porta com força. Se antes não queria mudar o nome, agora com certeza queria.

*

De todas as mentiras que Ray contara na vida, a de que mais se arrependia era ter dito que perdera a virgindade. Não era necessariamente a pior. Não fazia mal a ninguém. Mas, ao contrário, da maioria das mentiras, que viravam passado e se deixavam esquecer, essa não parava de voltar.

Por exemplo, toda vez que ele pensava que na verdade não tinha perdido a virgindade, a mentira lhe dava um tapinha no ombro. Toda vez que ele pensava em como perder a virgindade de verdade, a mentira meio que tossia, cética. E isso acabava ocorrendo um monte de vezes.

Como naquele momento, por exemplo. Deitado na cama, sob o luar, enrolado nos lençóis em que Sasha tinha dormido ainda na noite anterior, tentando ignorar o nariz, as terminações nervosas, o cérebro e o corpo inteiro a fim de não pensar demais nela.

Por burrice, Ray tinha contado essa mentira para Parker, que, por fim, nem ligara muito. Parker continuou a ser um amigo bom e verdadeiro, de modo que a mentira passou a acompanhar a amizade.

Por que ele tinha feito isso? Às vezes parecia que quem cedia a esses impulsos imbecis e quem sofria as consequências eram duas pessoas distintas. Parker não o julgara nem tinha se importado. Parker nunca sequer lhe contou o seu status, então qual a necessidade?

Parcialmente porque ele tinha a ideia imatura de que podia livrar-se da virgindade assim que quisesse. Violet já tinha feito isso no nono ano, ela lhe dissera. Ele imaginou que podia perder com ela sem grandes problemas. Como a opção estava assim tão ao seu alcance, era praticamente o mesmo de já ter perdido.

No fim da primavera, Ray tinha jurado que perderia a virgindade no fim do verão, antes de começar o último ano de escola. Simplesmente acabaria logo com aquilo.

Mas agora, por outros motivos, por ter ampliado os limites de seu conceito de amor, sabia que provavelmente não conseguiria perder a virgindade com Violet. Teria que esperar ainda mais tempo, porque considerava que podia ser uma coisa importante.

Em todo caso, ele tinha dito aquilo. Uma pessoa precisava conviver com as próprias mentiras. Era o preço a pagar.

Mattie não queria mais se olhar no espelho. Tinha percebido isso pela primeira vez no dia anterior, ao atravessar o hall de entrada de Wainscott de rosto virado. Ela adorava o espelho do hall de entrada. Gostava mais do seu reflexo naquele espelho do que em qualquer outro, mas naquele momento não conseguia olhar. Passou direto por ele, uma garota com medo e com um segredo.

Desde que descobrira ser notavelmente bonita, no quinto ou no sexto ano, Mattie gastava um número vergonhoso de horas fazendo caras diante do espelho largo sobre a penteadeira de seu quarto. Divertia-se com os reflexos de si mesma da cama: Mattie lendo um livro; Mattie falando ao celular, rindo feliz de uma piada; Mattie fazendo lição de casa, uma expressão séria no rosto. Naquele dia ela evitou o espelho ao chegar do trabalho, sentou inquieta na escrivaninha, fechou as cortinas, desligou a luz e se jogou na cama para mexer no celular.

Aquela noite ela devia ir ao novo restaurante mexicano em East Hampton com Megan Vise e dois amigos da Universidade da Califórnia que estavam na cidade, mas não suportou o próprio rosto no espelho de maquiagem. Não conseguiu escolher um vestido para usar. Ligou para Megan e disse que não estava passando bem.

As mesmíssimas qualidades que costumava apreciar em si agora a assustavam. O cabelo fino e amarelo, os olhos redondos de tom azul-arroxeados. Quinn tinha os olhos escuros, de outro mundo; Emma era uma beldade exótica, com o cabelo grosso e preto descendo até o umbigo; e Sasha, a que parecia mais indiana, era, de forma discreta, a mais linda das quatro. Mas o pai delas era famoso por sua queda por loiras. Tinha sido criado por uma loira. Casou com duas loiras, para o bem e para o mal. O pai de Mattie era maravilhado por ela. E isso a tornava especial para ele, especial para si mesma.

“Eu meio que ganhei tudo” fora a fórmula que, por muito tempo, lhe dera uma sensação de superioridade. Ela tinha sido premiada na loteria genética. Tinha herdado a inteligência e a tenacidade do pai, o mérito de ter vindo de fora, a virtude de quem conquistara tudo sozinho, os

pontos por diversidade étnica. E tudo isso em cores de princesa da Disney. Mattie sentia vontade de vomitar ao pensar nisso agora. Era como enfiar o dedo numa ferida.

E o amor dele. O mais importante de tudo era ter ganhado o amor do pai e a confiança natural que advinha do fato de ser a sua garotinha.

De repente havia tantas coisas para temer naquele espelho: quem ela veria, quem mais ela veria, quem ela não veria. O que perderia, o que descobriria nunca ter tido. Pela primeira vez, odiava ser diferente e odiava ainda mais sua ilusão de superioridade.

Quem era Jonathan Dawes? O que ele esperava? Teria passado todos aqueles anos pensando que tinha uma filha por aí? Sempre soubera que ela era sua filha? Teria pensado nela, em que tipo de garota ela era?

Era assustador pensar em si mesma com relação a ele, àquilo que ele talvez tenha pensado ou esperado dela. Que tipo de filha ele queria? Para ele, ela não era uma de muitas filhas, como sempre enxergara a si mesma, mas uma figura estranha em sua vida. Ela era responsável por ele de alguma maneira?

Mattie pensou em cobrir o espelho, como fizeram na casa da sua amiga Ellie quando estavam de luto pela mãe dela. Mas não dava para cobrir todos os espelhos da casa — e, ao longo dos anos, ela tinha construído uma relação com cada um deles. O do hall de entrada, que refletia a sua Mattie favorita: a Mattie passante. A Mattie acima da lareira na sala de estar, que ela só conhecera ao ficar alta o bastante para ver. E o espelho oval da sala de TV captava a Mattie que assistia à tela, caso ela curvasse um pouco o pescoço. Havia a Mattie iluminada no espelho do solário, que depilava a sobrancelha porque a luz era boa. Havia até os retratos de família na escada, onde ela encontrava o próprio reflexo no vidro. Ela sempre via uma versão andante de si mesma refletida nos escuros trajes de juiz do tio-avô Henry Harrison.

Mattie se levantou. Não suportava ficar a sós com seus pensamentos no escuro. Não suportava contemplar a própria imagem no espelho.

Odiava a sua superioridade, e odiava sua suposta cruzada por justiça. Lá estava ela, a jovem detetive, descobrindo a verdade sobre a família, flagrando a mãe na mentira e se preparando magnanimamente para lhe conceder seu perdão depois da devida confissão e do devido sofrimento. Lançando luz sobre a escuridão, ela ajudaria a todos a encerrar um ciclo, faria a família renascer, de preferência a tempo para uma festa de arromba.

A única presa de sua caçada tinha sido ela mesma. O sofrimento seria seu, e o perdão não viria de ninguém.

Mattie desceu para a sala de TV e ligou o aparelho. Encolheu-se no sofá e zapeou por programas idiotas, chegando a outros ainda mais idiotas. Decidiu por um programa horrível que envolvia uma câmara de bronzamento e um monte de cirurgias plásticas. Atendia à sua necessidade: ela podia assistir a outras pessoas que não a si mesma, com ódio e perplexidade.

Ouviu uma movimentação na cozinha. O ruído da porta da geladeira. Passos macios pela sala de estar e pelos três lances de escada. Ela não tinha se dado conta de que Quinn estava em casa.

Quinn, que lhe tinha dito para ser cuidadosa, que praticamente a tinha avisado que ela comprometeria a própria felicidade se continuasse a bisbilhotar.

Quinn apareceu na entrada da sala de TV, banhada pela luz da tela. Mattie manteve a cabeça baixa, mas Quinn leu seu estado de espírito em menos de um segundo.

— O que foi?

Mattie balançou a cabeça. Ela sempre contava tudo para Quinn. Era impossível não dizer; na maioria das vezes, Quinn sabia antes mesmo que lhe contassem. Era muito bom passar os problemas para ela, que os tomava para si e os carregava sem reclamar.

Mattie se esforçou para descobrir se havia alguma parte daquele fardo que ela pudesse descarregar. Mas dessa vez não dava. Tudo era incerto demais, complicado demais. Ela não tinha nada de concreto, só uma suspeita nauseante e a vergonha de ter exigido, por pura petulância, uma informação que não estava preparada para ouvir. Apenas admitir a Quinn que ela mais uma vez estava certa. Nem era preciso dizer que Quinn estava certa. Abrir-se só tornaria a situação mais real do que ela era capaz de suportar no momento.

Os olhos grandes e belos de Quinn ficaram enevoados de preocupação.

Mattie se encolheu ainda mais, na tentativa de fugir do olhar sobrenatural da irmã. Manteve a boca bem fechada. Se tentasse dizer algo, acabaria chorando.

Quinn permaneceu parada e pensativa. Mattie sabia que a irmã fazia uma ideia da origem do problema, mas Quinn não a cutucou. Essa era mais uma diferença entre ela e sua horrível irmã Mattie. Em vez de perguntar de novo, Quinn foi para trás do sofá. Começou a fazer tranças francesas em seu cabelo, como de costume.

Mattie sentiu um calafrio ao ser tocada por ela e deixou os ombros e o pescoço relaxarem.

— Duas tranças ou uma? — Quinn perguntou.

Lágrimas grandes já rolavam pela face de Mattie. Ela se perguntou se Quinn sabia, se compreendia que ela precisava chorar sem dar explicações. Mattie ergueu dois dedos.

As mãos hábeis de Quinn repartiam o cabelo e trançavam, repartiam o cabelo e trançavam. Mattie chorava em silêncio. Quinn fazia as tranças e dava a impressão de não notar. Nenhuma das duas disse mais nada, mas o conforto foi maior do que qualquer palavra lhe daria.

Ei, Pequena Ray,

Posso te contar uma coisa estranha? (Mais uma coisa estranha.)

Penso muito em mim mesmo com relação ao seu pai. Desde quando eu era bem pequeno, achava que, por ele ser o pai das minhas irmãs, era meio que meu pai também. Nem conheço o cara. Imagino que ele tem uma opinião sobre mim, apesar de saber que não tem. Por causa das histórias que minhas irmãs contavam, eu pensava que ele era do jeito que um pai deveria ser, e não queria decepcioná-lo. Que loucura.

Sasha Grande

SG,

Eu fico impressionada, acho engraçado e às vezes chego a sentir medo de todo esse paralelismo das nossas vidas. Sim, eu entendo o que você quer dizer sobre o meu pai. Sim, pensei as mesmas coisas, exatamente as mesmas, sobre a sua mãe. E para piorar, cheguei a desejar que Lila fosse a minha mãe. Jogava a minha própria mãe aos cães (em sentido figurado), no meu coração, para ser igual a nossas irmãs, para ser uma delas, e não meia. Considero Lila a mãe “real”, a que é séria e tem força de vontade para fazer frente ao meu pai. Considero a minha mãe uma espécie de impostora suplente. Como isso é horrível! (Não acredito que acabei de escrever isso.)

Acho que eu preciso dizer que embora Robert seja um homem de caráter, ele não é nada fácil.

PR

PR,

É triste, mas o paralelismo funciona. As linhas avançam juntas para sempre, mas nunca se encontram.

Por falar em suplentes impostores, Adam perdeu o emprego de professor no final do semestre passado e não é dono de nenhuma das duas casas em que moramos. Deixou dois filhos na Califórnia para se casar com a minha mãe, e agora nem os conhece direito. Quando eu era criança, passava muito tempo pensando nesses filhos, tecnicamente meu meio-irmão e minha meia-irmã, que estão a quase um país de distância. Será que um pai pode simplesmente fazer isso? Qual é a força dos vínculos entre ele os filhos, afinal?

Amo meu pai. Eu o respeito em vários sentidos, mas não quero ser como ele.

SG

16

COMO JOGAR SUJO

— VOCÊ PODIA FICAR AQUI MAIS UM MINUTO?

Ao fugir da cozinha de Wainscott com a xícara de chá alguns segundos depois de Adam, a mãe de Mattie estava com o mesmo olhar furtivo que vinha exibindo havia algumas semanas.

— Por favor? — Mattie se levantou rápido da mesa. Não tentou manter a voz num volume regular.

A mãe parou. Pelo menos sentiu que era preciso ouvir a filha. Ainda não tinha desistido por completo de suas funções de mãe.

— Está tudo bem?

— Bom — Mattie refletiu. Ela tinha a atenção da mãe, ou parte dela, ao menos por alguns segundos. Não queria afugentá-la para a sala de estar. — Mais ou menos. — Ela não devia ter ficado surpresa por começar a chorar.

A mãe lançou um olhar a Adam, que já estava quase na sala de TV, e se aproximou de Mattie.

— O que foi, meu amor?

Mattie se empoleirou na mesa, meio sentada. Raios quentes do sol do fim da manhã projetavam-se através da porta de correr de vidro da cozinha. A luz revelava a pele suave que começava a ficar flácida no pescoço da mãe, as tênues manchas marrons no rosto.

Mattie respirou fundo, e as coisas começaram a sair. Não dava mais para voltar atrás. Ela foi em frente.

— Não sei nem quem eu sou agora.

A mãe se aproximou, pôs a mão sobre a mão de Mattie. Lila estava inquieta, ainda de pé, as pernas em posição de fuga, mas ao menos permaneceu ali.

— Eu sei do Jonathan Dawes, apesar de você não querer que eu saiba.

Medo, autoproteção e amor materno lutavam na expressão tensa de sua mãe. Sob a camiseta do pijama, Mattie sentia as gotas de suor rolarem das axilas para as costelas.

— Ele não me contou, porque disse que a decisão tinha que ser sua, mas sei que aconteceu alguma coisa entre vocês. — Mattie chorava mais agora, e a mãe a abraçava ainda mais forte, de modo que já não dava para decifrar seu rosto. O que era um alívio. Ela preferia falar do assunto seguinte, por entre as lágrimas, contra o pescoço da mãe.

— Sei que tenho a ver com isso. Não quero pensar nisso, mas não consigo evitar. Não consigo parar de pensar que pareço bem mais com ele... do que com o pai.

A mãe a abraçava quase apertado demais.

— Isso não significa nada.

Mattie se afastou.

— Não quero que você me evite nem minta para mim. — Ela secou os olhos e o nariz na manga do pijama. — Só quero que você me conte a verdade. Só isso.

O conflito no rosto da mãe continuava. Não a deixava bonita. Ela parecia devastada, envergonhada, desafiadora, mas não disse nada.

— O papai é meu pai?

A mãe começou a chorar também.

— O seu pai é seu pai. — Ela ainda estava na defensiva.

Mattie gostaria de parar por aí, mas não conseguia. Finalmente tinha a mãe para si num cômodo silencioso. Tinha dezenove anos de segredos. Não ia deixá-la escapar.

— Se eu fizesse um teste de DNA, qual seria o resultado?

A mãe pareceu pesarosa.

— Mattie, por que você ia querer fazer um negócio desses?

— Eu não ia querer. Não mesmo. Só quero que você me conte a verdade.

A mãe chorava abertamente agora.

— Tente não ser severa no seu julgamento, Mattie. Quando a gente está infeliz, faz besteira. Faz escolhas ruins. Procura consolo de um jeito destrutivo. A gente magoa pessoas que ama.

— Foi isso o que você fez?

— Eu estava muito infeliz na época. E seu pai também. Eu estava confusa. Talvez você entenda melhor quando for mais velha, quando for esposa e mãe.

Mattie sentiu compaixão e censura crescerem juntas dentro de si. Uma não anulava a outra.

— Espero não saber.

A mãe sentiu o golpe. O ar desafiador já tinha quase se desfeito por completo. Ela assoou o nariz num pedaço de folha de papel toalha e ofereceu a outra metade a Mattie. Espantou as mosquinhas que orbitavam uma penca de bananas maduras.

— A única coisa que você precisa saber é que seu pai te adora e sempre te adorou, desde quando você nasceu. Nunca existiu qualquer dúvida de que você era filha dele.

E aqui vinha a pergunta mais difícil de todas, e Mattie não sabia sequer que tinha essa dúvida.

— Mas ele sabe?

Sasha G,

O que eu não falei antes, mas que também é verdade, é que eu rejeito minha mãe e também me sinto a protetora dela. Ela já tem três enteadas, e duas não veem a hora de botá-la pra escanteio. Sou eu quem tenho que a apoiar. Eu tento. Ela é uma pessoa generosa, de verdade. A minha pior deslealdade provavelmente está nos pensamentos.

PR

PR,

Isso me lembra uma coisa que não consegui contar para ninguém. Uma vez eu fui fazer uma surpresa para o meu pai e assistir a uma aula dele na Faculdade de Direito do Brooklyn, onde ele dá aula. (Dava.) Era uma sala que comportava duzentos alunos... e havia apenas dois. Ele dava a aula como se o lugar estivesse lotado. Fiquei lá porque achei que seria ainda pior sair, mas me senti mal por ele. Então veio aquele constrangimento no caminho para a casa, nós dois tentando amenizar a coisa, um não querendo sentir vergonha por causa do outro. Quando preciso pegar mais leve com o meu pai, lembro desse dia. Não sei se ajuda.

Acho que fui um apêndice na minha família, talvez mais um erro mesmo. Sou aquela complicação final que faz as pessoas perderem o controle. Na época em que nasci, Lila já tinha três filhos, e Adam tinha abandonado dois. Lila mal iniciara sua nova carreira. Adam tinha quarenta e cinco anos. Eu sou o filho “é, tanto faz”.

A avó Hardy tem certeza de que não sou parente dela. “Você é um garoto tão bom. Quem é a sua mãe?” Encontrei a minha meia-irmã Esther pouco mais de cinco vezes. O marido dela acha que o meu nome é Roy. Quando Mattie foi para a faculdade, meus pais alugaram o andar térreo da casa no Brooklyn, e ouvi minha mãe dizer aos vizinhos que era porque finalmente “os filhos estavam criados”.

Não estou reclamando. É um alívio não ter que suportar toda a investigação e pressão que vários amigos meus sofrem. Só que a sensação de dispersão, falta de amarras e de ser diminuído às vezes me põe pra baixo.

Lila tenta me psicanalisar de vez em quando. É puramente tortura. Ela fala que o meu apego aos verões na casa da praia acontece por causa da minha incapacidade de abrir mão do passado. Mas com ela e o meu pai se desprendendo de tudo, acho que tem mais a ver com a minha incapacidade de abrir mão do presente e do futuro.

Desculpe o desabafo. Não sei o que deu em mim hoje.

SG

SG,

Comigo é o contrário. Sou a primeira e única filha de Evie, e ela não tem muito mais o que fazer, então eles valorizam muito a nossa pequena família. Férias especiais, jantares especiais. Ambos demonstram “interesse ativo” na minha educação, o que é um saco, em todos os sentidos. Quando Mattie foi para a faculdade, meus pais arranjaram uma casa nova e maior.

Sei que é uma sorte ter pais que cuidam da gente. Tento ser grata. Mas, para ser totalmente sincera, devo admitir que sempre que as nossas irmãs faziam as malas para a casa no Brooklyn, o que eu mais queria era ir com elas. Quando elas iam embora, eu praticamente parava de existir. Era tipo o robô C-3PO de Star Wars: “Vou desligar agora”.

Por favor, pode desabafar sempre que quiser. Aqui é seguro. E, como você viu, também vou desabafar.

PR

— Não quero mais fazer essa festa. — Na hora do almoço, Mattie estava comendo um sanduíche à sombra do celeiro enquanto Dana cuidava do quiosque.

Quinn parou em frente à porta e largou no chão os sacos de adubo que estava carregando. Dava para sentir a fragilidade de Mattie. Ela não estava apenas voltando a bombardear tudo e todos como sempre.

— Por quê? — Quinn sentou de pernas cruzadas na grama, de frente para a irmã.

— Nossos pais são insuportáveis.

— A gente sabia disso.

— A mamãe basicamente falou para o George e a Esther não se darem ao trabalho de atravessar o país para o noivado. Disse para eles esperarem o casamento, se Emma e Jamie chegarem até lá. *Se chegarem até lá.* Ela disse isso.

Quinn assentiu.

— O papai está dividido entre o desejo de impressionar os Hurn e o de castigar Lila. Adivinhe qual está ganhando?

— Castigar Lila.

— Exato. Então ele concordou em dar a mesma quantia de dinheiro que a mamãe der. Adivinhe quanto dinheiro a mamãe deu?

— Nada.

— Exato. A contribuição dela é uma salada de vagem. Então o papai disse que tudo bem, que também daria uma salada. Adivinhe de quê.

— Lagosta.

— Exato.

— Podemos cuidar do resto — Quinn disse. — Não precisa ser chique. E você sabe que a Evie vai ajudar.

— Quem vai comprar as bebidas?

Quinn deu de ombros.

— Podemos usar as que temos na casa. — Robert mantinha uma boa quantidade de cerveja e vinho por lá, pois sabia que Lila não bebia. — E eu tenho um dinheiro guardado.

— Por que *você* vai bancar a festa? Por que eles agem sempre como duas crianças?

Quinn observou a irmã com atenção.

— Mattie, sei que esses não podem ser os motivos de você não querer mais a festa. Sabíamos que seria assim. Os dois foram bem corajosos em aceitar ficar frente a frente com tão pouca antecedência, e isso já é uma espécie de milagre.

Mattie suspirou.

— É. Acho que sim.

— Qual é o verdadeiro motivo?

Mattie pôs o sanduíche na grama.

— É que... não tenho mais estômago para isso.

Quinn sabia que Mattie lutava com algo maior do que aquilo. Tinha uma forte intuição de qual era a questão, mas também sabia que Mattie ainda não queria lhe contar.

— Quer cancelar?

— Não quero magoar Emma, e estou preocupada porque os pais do Jamie já compraram as passagens. Então me sinto muito mal por isso. Mas, sinceramente, não sei no que eu estava pensando. Como pude pensar que era uma boa ideia? — Mattie levou as mãos à cabeça. — Acho

que é bom que ninguém mais vá viajar por causa da festa. Não ia ser um alívio não ter que fazer nada? A verdade é que acho que até a Emma ficaria aliviada.

Quinn sentiu o sol nos joelhos. Seria um alívio. Mas não era alívio o que ela buscava. O alívio era um péssimo conselheiro, se é que poderia ser considerado um.

Você não pode negar a dor e não pode evitá-la. Abrace-a. Esse era o mantra de Quinn, e, no entanto, veja o que estava acontecendo com sua própria família, durante quase toda a sua vida. Às vezes você dá voz à dor, se for preciso. E se fosse esse o caso?

— Acho que a gente deve ir em frente — Quinn disse finalmente. — Se você quiser, eu me encarrego de tudo.

— Por quê?

— Porque já estamos evitando isso há muito tempo. Precisamos seguir em frente. Todos nós.

— Tem certeza? — Mattie lhe lançou um olhar cético, carregado de reminiscências. Porque Quinn nunca aparecia nos lugares em que deveria aparecer, nunca se vestia adequadamente para nenhuma ocasião e não se animava nem para prestar vestibular.

— Tenho.

— Talvez seja péssimo.

— Talvez. Mas isso não é motivo para não fazermos.

Sasha/ Ray,

Meu alter ego, minha contraparte, minha soma-zero. (Eu sou o zero, porque você é a soma.) Nunca estamos no mesmo lugar ao mesmo tempo. Anulamos um ao outro? Alguém consegue provar que somos dois? Verso e reverso, escuridão e luz, garota e garoto, yin-yang.

Que tal essa ideia: somos complementares em vez de opostos, minha cara. Como forças contrárias, não anulamos um ao outro, damos origem um ao outro.

Mas e se, por apenas uma vez, quero simplesmente estar com você?

Ray/ Sasha

P.S.: Escrevi isso meio bêbado. Por favor, dê um desconto (de um litro de cerveja).

— Foi você que veio dirigindo esse Audi preto estacionado ali nos fundos?

Mattie estava tentando carregar dois baldes cheios de zínias. Não parava de derrubar a água fria nas pernas.

— Foi.

Matt Reese sorriu.

— Acho que a Dana acabou de tirar uma foto dele.

Mattie revirou os olhos com um gostinho a mais.

— É o carro do papai?

— Não, da minha madrasta. Algum babaca passou por cima da roda da minha bicicleta quando

a deixei na porta do Dreesen's. Meu pai falou para eu usar esse carro até consertarem.

Matthew pegou um dos baldes dela.

— Fico surpreso de você não ter o próprio carro.

Ela pôs o outro balde de flores em cima do balcão.

— E o que você quer dizer com isso?

— Sei lá. — Ele deu de ombros. — Você é a garotinha do papai.

— Meu pai tem quatro garotinhas — Mattie respondeu seca, com um olhar desafiador.

— Nenhuma como você. A Quinn disse que você é a que consegue o que quer.

— A Quinn disse isso?

Matthew sentou numa das duas espreguiçadeiras que eles guardavam atrás do balcão. As tardes de quarta-feira eram sempre pouco movimentadas depois que eles terminavam a colheita e seleção.

— Disse. Não é uma coisa ruim. É uma coisa ótima. É uma sorte. — Havia um tom nas palavras dele que soava pessoal.

Ela soltou o corpo na espreguiçadeira ao lado, reclinando-se sobre os tubinhos flexíveis verdes que formavam o encosto. Aquele estranho soro da verdade da fazenda Reese tinha voltado a fazer efeito.

— Acho que é porque sou a destinatária da maior parte da culpa que eles sentem pelo divórcio. Porque eu era muito pequena. Porque a Emma não precisou disso e Quinn não quis. Porque a Sasha não merece.

Porque não sou filha dos dois. Ela sentiu os olhos marejarem.

— Sinto muito — ele disse.

Ela tentava evitar que seu rosto assumisse uma expressão trágica, mas mesmo assim ele notou.

— Minha intenção não era te deixar triste.

— Tudo bem.

— Não ligue para o que eu falo. Não tenho nada a dizer sobre pais. Não sei nada sobre eles. — Era admirável como ele conseguia manter o tom de voz leve. — Mas posso dar uma ou duas contribuições sobre avós.

— E eu não tenho muito o que dizer sobre isso. Exceto que o avô Harrison levou a família à falência, depois morreu, e a avó Hardy leva talheres na bolsa sempre que vem nos visitar.

Ele riu.

— Você sabia que a sua avó Hardy tentou contratar a minha avó para limpar a casa dela quando as duas eram recém-casadas? Minha vó nunca se esqueceu.

Mattie arregalou os olhos.

— Bom, pode dizer para a sua avó que a antes poderosa Gloria Hardy Harrison agora rouba talheres. Daqueles baratos, de inox. Isso vai fazê-la se sentir melhor.

Matthew refletiu um pouco.

— Talvez eu mesma conte a ela — Mattie disse.

A conversa murchou, mas Matthew não foi embora.

Mattie encheu os pulmões com o ar do final de julho.

— Quinn tem razão, sabia? Todo mundo pega leve comigo. É verdade que eu consigo um monte de coisas. — Ela esfregou os olhos. — Mas as coisas nem sempre são o que parecem. Talvez eu tenha sido a garotinha do papai. Mas não sei o que sou agora.

Ele assentiu, como se esperasse ouvir mais.

De repente, ela se perguntou se todo mundo sabia ou pelo menos suspeitava daquilo o tempo todo. Talvez fosse uma das fofocas corriqueiras da cidade: “E o coitado do Robert Thomas acha mesmo que a loirinha é dele...”. E se por todos aqueles anos tivesse sido óbvio para todo mundo, menos para ela e para o pai?

Ela enfiou a mão na água fria do balde de flores para pescar folhas soltas.

— Tudo o que eu achava que sabia sobre mim mesma, não sei mais — ela disse bem baixinho.

Mais tarde, à noite, Mattie estava sentada numa espreguiçadeira à beira da piscina. A superfície da água estava coberta de folhas, porque a empresa de manutenção de piscinas parou de vir quando a mãe delas parou de pagar a sua metade das contas. Sempre que o pai via o estado da água, falava um monte.

Era sempre a mesma história: Robert odiava a piscina suja. Lila não ligava muito para isso. Mais do que odiar a piscina suja, Robert odiava bancar Lila.

— Eu gosto mais assim — Quinn disse ao sair da casa.

— Os sapos e as libélulas também — Mattie comentou.

— Eu gosto disso.

— O papai não.

Quinn assentiu e sentou na espreguiçadeira ao lado de Mattie.

— Ele vai vir com a rede de novo — Mattie previu. — Fique aí olhando. Ele vai limpar. E quando o fim de semana acabar, vai pôr todas as folhas e o lixo de volta.

Quinn riu.

— Ele não percebe que a mamãe não liga.

Elas permaneceram em silêncio por um tempo.

— Você sabe alguma coisa sobre o pai do Matthew Reese? — Mattie perguntou.

Quinn balançou a cabeça devagar.

— Acho que ninguém sabe.

— Nem ele sabe quem é?

— Se a mãe dele sabia, nunca contou. Matthew perguntou uma vez para o avô, e ele respondeu: “O seu pai pode ser qualquer homem da merda deste país”.

Mattie levou algum tempo para assimilar a informação.

— O pai do Cameron não deve ser o pai do Matthew — ela especulou.

— Provavelmente.

Elas ficaram em silêncio de novo.

— Eu vi a mãe deles uma vez — Quinn disse quase num murmúrio.

— Sério? Eu pensava que ela tinha ido embora para sempre.

— Dois verões atrás, eu estava cuidando dos pêssegos bem tarde da noite. Ela estava sentada na soleira do fundo da casa, na chuva, esperando que a deixassem entrar, mas todas as luzes estavam apagadas. Ela me perguntou se eu tinha dinheiro.

— O que você fez?

— Disse que tinha vinte dólares, dei para ela e ela foi embora. Não sei se voltou desde então.

— Que triste.

Quinn concordou.

— Ela e a mamãe eram amigas quando eram mais novas.

Quinn concordou de novo.

— Carly Reese partiu o coração do papai. O coitado do sr. Reese mal consegue falar o nome dela. Ela partiu o coração de todo mundo, várias vezes.

Putá merda, copessoa. A festa vai acontecer mesmo. Vamos estar no mesmo lugar ao mesmo tempo!

Vou ver seu rosto de perto em agosto. Os convidados devem vestir colete à prova de balas e roupas de proteção.

Sasha leu e releu o e-mail de Ray. Desceu as escadas e circulou pela casa até encontrar a mãe na lavanderia.

— A festa de noivado da Em e do Jamie vai acontecer mesmo? O papai aceitou?

Mesmo na lavanderia, na companhia de seu único familiar de sangue, a mãe foi diplomática.

— Parece que sim — ela disse animada.

— Por quê?

— Porque as garotas pediram a ele.

— Simples assim? Todos esses anos. Por que ninguém me avisou antes?

— Não seja sarcástica, Sasha. É indecoroso.

Indecoroso. A mãe dela dizia muito isso. Sasha sabia que era ruim, mas não compreendia muito bem o significado. Afinal, o que era ser decoroso? Ser decoroso era bom? Ela conteve o desejo de perguntar porque sarcasmo é uma coisa indecorosa.

— E a Lila concordou? Isso é ainda mais difícil de imaginar.

A mãe voltou a dobrar as cuecas do pai.

— No começo disse que não. Pelo que sei. Mas depois mudou de ideia.

Ela veria mesmo Ray na noite de 9 de agosto? Ela tentou se imaginar apertando a mão dele ou lhe dando um daqueles abraços que mal tocam a pessoa ou um beijo na bochecha. Eles fariam

isso mesmo? O mundo permitiria?

E os pais deles? Dividiriam o mesmo espaço? Ouviriam as vozes um do outro? Apertariam a mão um do outro? O mundo permitiria isso?

— A família de Jamie faz ideia de onde está se metendo?

— Não precisa ser dramática. Somos todos adultos. — A mãe de Sasha tinha aquela expressão severa de porteiro de igreja.

Sasha tentou resmungar de maneira inaudível:

— Ninguém vai precisar fingir que a nossa vida é uma série de volteios para que o papai possa evitar Lila e vice-versa.

A mãe interrompeu o trabalho e a olhou feio.

Sasha fez cara de inocente.

— Ou... talvez a gente precise *mesmo* fingir.

O olhar da mãe parecia ainda mais irritado.

Sasha deu de ombros.

— O.k., tudo bem. Você é a responsável pelo fingimento, então, bom, me dê as ordens.

Por que, oh, por que ela sempre fazia isso com a mãe?

A raiva fez o rosto da mãe finalmente ganhar vida.

— Não entendo, Sasha. Por que você é meiga com todo mundo menos comigo?

Sasha sentiu vergonha. Tinha oficialmente sido indecorosa. Mas ela era assim. Provocava e tornava a provocar a mãe, até ela dizer uma verdade.

Putá merda, você está certo. Estou empolgada e com medo. Tipo quando um furacão está vindo e vai derrubar tudo. Não é nem a Mattie que está levando isso para a frente agora. É a Quinn. ???

Nunca é fácil acompanhar os pensamentos da Quinn, mas é sempre divertido tentar. É como localizar uma toupeira. Ela desaparece e reaparece num lugar totalmente diferente. Mas dessa vez eu me perdi. Pqp, o que ela está pensando?

Bem que eu queria saber te dizer. Não dói em ninguém mais do que nela, ninguém sente mais do que ela. Ninguém deseja a paz mais do que ela nem sofre mais ao ver que a paz nunca chega.

Sábias palavras, irmã. (Quero dizer, não minha irmã. Irmã da Quinn.) Não consigo parar de pensar no que você escreveu. Muito verdadeiro, muito. É uma puta loucuuura, não é?

17

PÉS TORTOS

“NUNCA CONVERSAMOS SOBRE ISSO.” Foi o que a mãe de Mattie dissera quando ela tinha perguntado se o pai sabia.

Mattie se sentou na beira do cais, balançando os pés na lagoa. A luz do sol do fim do dia era agradável. O céu e a lagoa estavam ambos perfeitamente rosados e lisos como uma pérola, exceto na parte que ela remexia com os pés. Seu pai, Evie e Sasha chegariam a qualquer minuto. Ela queria saber quando, mas não estava muito preparada para vê-los.

Era horrível, era triste, mas muito provável. A mãe pariu uma bebê loira de olhos azuis depois de um caso com um californiano instrutor de surfe, e, segundo ela, nem ao menos *chegou a conversar sobre isso* com o marido nascido em Bengala.

Algum dia eles conversariam sobre o assunto? Ele sabia? Pela reação do pai ao ouvir o nome de Jonathan Dawes, ele devia saber alguma coisa. Mas quanto? Antes ela pensava que aquilo tinha sido a causa da separação — o momento e a sensação geral de indignação davam sustentação a essa ideia —, mas agora estava chegando à conclusão de que o caso tinha sido apenas parte de um desastre maior.

Às vezes Mattie se perguntava se as coisas mais importantes eram aquelas de que eles nunca falavam.

Ela ouviu o carro passar sobre o cascalho. Notou que era o pai quem dirigia, porque estava rápido demais. O coração de Mattie bateu mais forte, acelerando à medida que o carro diminuía a velocidade até parar.

Ela nunca tinha ficado apreensiva porque ia vê-lo, nunca tivera a sensação de esconder um segredo de verdade dele. Nem mesmo quando voltou para casa depois do acampamento, sentindo-se muito importante após a primeira menstruação. Ele reagiu de um jeito tranquilo e divertido. Tirou um pouco de sarro, mas não muito.

Talvez ele não soubesse mesmo.

Por outro lado, ele era muito bom em ignorar coisas que não queria saber.

Ela permaneceu ali, imóvel, prestando atenção, os pés ainda na água. A batida das portas do carro. O cascalho rangendo sob seus sapatos. O pai abriu a porta da frente da casa com a natural tranquilidade de proprietário. Mattie mais imaginava do que ouvia.

Não importava que a casa tivesse sido comprada pelo avô de sua amargamente odiada ex-mulher, reformada pelo pai dessa ex-mulher e habitada por metade das semanas do ano por essa

mesmíssima mulher com o seu novo marido. Quando o pai dela estava lá, ele ocupava o lugar por completo, feliz e sem remorsos.

— Tem alguém aqui? — ele gritou. — Mattie? — Sabia que Emma ia passar a noite com Jamie na casa de amigos na Ilha Shelter e que Quinn estava trabalhando. Como todas as portas de correr estavam abertas, ele sabia que tinha alguém em casa.

Ela o ouviu na cozinha. Não conseguia distinguir os passos silenciosos de Evie nem os de Sasha, mas com certeza seria capaz de distinguir cada passo do pai.

— Matt?

Ela mantinha os olhos na linha em que a lagoa se encontrava com o mar. Será que ele notaria ao ver seu rosto? Sentiria que algo tinha mudado?

Como ela poderia entrar na casa? O que iria dizer? Deveria apenas se levantar e entrar? Não conseguia, mas o que pensariam se não o fizesse?

Por fim, ela não precisou entrar. Lá estava seu pai abrindo a pegajosa porta telada da sala de estar e avançando pela grama úmida.

— Mattie, é você que está aí?

Ela sentiu vontade de chorar. Não conseguia nem imaginar como abriria a boca. Ela se virou e assentiu, sem saber ao certo se ele conseguiria ver o gesto àquela luz fraca.

Ele caminhou até ela, direto para o cais, deslocado em seu terno chique de Londres e sapatos brilhantes de trabalho.

— Oi, querida! O que você está fazendo aqui?

Nada diferente no rosto dele, no jeito de andar, na voz. Se a voz dela estava diferente de alguma maneira, ele pareceu não notar. Ele avançou até o fim do cais e a abraçou.

Ele sempre chegava até você. Não era um homem complicado; não te cobrava antes de ele próprio se comprometer. Não ficava de pé atrás.

Do jeito dele, era corajoso de uma maneira impressionante. Depois de tudo por que passara, de tudo o que perdera e tinha a perder, ela não entendia aquela coragem.

As coisas mudariam se ele soubesse? Ela perderia a casa? Mattie se orgulhava de seu espírito rebelde, mesmo quando ele se tornava descontrolado, mas, diferentemente dele, desconfiava ser bem covarde quando se tratava de perder.

Seu coração doeu com a lembrança de Ditch Plains, com o pensamento traiçoeiro.

Ele a abraçou e então fingiu que a ia jogar do cais. Era uma antiga brincadeira dos dois. Era fácil fazê-la de novo. Ela esperneava, ria, tentava jogá-lo na água. Ele fingia cambalear na ponta do cais. Mas ele era grande, forte e esperto, e àquela altura Mattie sabia que o pai jamais cairia se não quisesse.

Ele passou o braço por cima do ombro dela, e os dois caminharam de volta à casa.

— Vamos fazer hambúrgueres na churrasqueira. Evie arrumou um tempero especial. Como vai a fazenda? Você trouxe mais pêssegos amarelos para casa?

Ela apoiou a cabeça no ombro dele enquanto caminhavam. Lágrimas escorreram de seus olhos,

mas ele não percebeu.

Ele sempre pegava leve com ela. Era fácil amá-lo, fácil ser amada.

Ele não sabia, sabia?

E como seria se soubesse?

Mais ou menos uma semana antes do noivado, a mãe de Jamie mandou uma ansiosa nota de apresentação e parabéns à mãe e ao pai de Emma, e a diferença na reação dos dois não podia ser maior.

Lila ainda não tinha respondido à sua nota.

— Meu Deus, me dá calafrios ver um texto escrito à mão em papel de carta — ela retrucou quando Emma lhe perguntou sobre a correspondência. — Era a maldição da minha infância. E “sra. Stewart Hurn”? Sério? Ela não tem nome? Emma, me diga a verdade. Esse pessoal é gente de clube country?

— Mesmo assim você podia responder — Emma comentou, séria. — Antes que eles cheguem para a festa.

Em contrapartida, o pai de Emma, não apenas enviara uma nota radiante como resposta, mas também uma garrafa de champanhe.

Emma falou abertamente com Jamie de sua preocupação com a teimosia da mãe, e ele respondeu: — Bom, a minha mãe ainda não parou de tagarelar sobre o champanhe.

Mas essa era a questão. O contraste era o problema. Quem tem pais casados tende a crer na ideia de que um pai reforça o outro, que ambos contribuem para uma espécie de maravilhoso conjunto parental. Os pais de Emma eram o oposto disso. Os gestos de Robert faziam dele o herói, mas à medida que ficava mais velha, Emma compreendia o lado menos heroico dessas ações: ele sempre jogava Lila para as sombras.

Na noite de sexta...

— O Jamie vai vir?

— Hoje não, pai. Vai trabalhar até tarde. Amanhã, espero que sim. Ele vai tentar pegar o ônibus da madrugada, que é mais barato.

— Bom, vamos ficar felizes em recebê-lo.

Na manhã seguinte...

— Vamos ver o Jamie hoje à noite?

— Assim que ele sair do escritório.

— Ele trabalha duro, não?

E depois, na hora do jantar daquele dia, com o admirado Jamie presente, o pai continuou a importuná-la: — O casamento é a coisa mais maravilhosa do mundo — ele passou o braço em volta de Evie, que enfim havia se sentado depois de tanto cozinhar e servir.

Emma queria ficar quieta, mas também queria vomitar. Ela estava num estado de espírito

estranho, agitada e com os nervos à flor da pele. A constante atitude desafiadora de Lila sobrepunha-se à complacência arrogante do pai, que ostentava as glórias de um casamento com uma mulher que não era a sua mãe. Nenhum dos dois parecia enxergar Emma.

— Pai, do que você está falando? Não está sendo simplista demais? Você e a mamãe se desprezam.

O pai recolheu o braço e se endireitou na cadeira. Parecia surpreso, como se a samambaia acima da mesa tivesse estendido um de seus caules e o beliscado.

— E é por isso que a sua mãe e eu não estamos casados — ele respondeu tenso.

— Mas foram casados. É óbvio. Alguns casamentos são maravilhosos. Outros claramente não. Jamie parecia constrangidíssimo.

O pai de Emma não estava a fim de discussões nem mesmo de uma conversa a sério. Era fim de semana, sua barriga estava cheia, ele tinha bebido algumas taças de vinho. Estava mais no clima de fazer afirmações incontestáveis.

— O seu casamento com o Jamie vai ser maravilhoso — ele disse de maneira conclusiva, como se fosse um decreto.

Céus, com os pais dela as coisas sempre pareciam uma guerra.

— Vai. Se nos esforçarmos muito para que seja — ela disse.

Mais tarde, na mesma noite, Emma e Jamie se sentaram no pátio, fora do círculo da luz.

— Por que eles estão fazendo isso? — Emma não estava suspeitando de algo ou tendo uma intuição especial; estava apenas profundamente triste com o fato de que ela e Jamie cultivavam algo especial, um broto jovem que tentava criar raízes, com a promessa de chegar fundo e crescer muito. E o veneno do passado dela, ainda regularmente destilado e fermentado pelos pais, mataria tudo. Toda a promessa poderia vir a ser apenas uma coisa que ela e Jamie imaginaram juntos um dia.

Jamie foi para trás dela, pôs as mãos em seus ombros, apertando nós e tendões, e ela começou a derreter-se.

— Acho que a ideia é sermos felizes — ele disse.

— Felizes de que jeito? — ela perguntou.

Emma deixou o queixo tombar sobre o peito. Inalou o cheiro da grama cortada, do cloro e da luz do sol desvanecendo-se nas pedras do calçamento. Apreciava o calor do corpo dele envolvendo o seu.

— Celebrando a nós mesmos, o nosso casamento. Levando-nos a sério, apesar de sermos jovens e termos nos conhecido em abril e ninguém nos levar a sério de verdade.

— Mas nós sim.

— Nós sim.

— É o que importa.

— É o que importa.

— Então, por que temos que dar essa festa?

Ele correu os polegares pela coluna dela, que não conseguiria continuar a conversa por muito mais tempo.

— Talvez a gente não tenha.

— Não?

— Temos?

Ela ponderou. Mattie queria. Quinn queria. Por que queriam? Mattie talvez quisesse por motivos egoístas. Experimentar canapés novos, comprar um vestido sexy, tomar um pouco de vinho, fazer algum drama. Mas Quinn não. Emma confiava em Quinn de um jeito que nem sempre admitia abertamente. Para Quinn, que odiava festas, nunca se arrumava e absorvia as dores de todos, aquilo era um sacrifício, uma tortura em câmera lenta. Então por que ela queria aquilo?

— Talvez seja uma provação.

— Não parece muito divertido.

— Talvez seja o dia em que todos vão passar por essa provação. Se passarmos, significa que somos fortes.

— Fortes o bastante para a cerimônia de casamento?

— Fortes o bastante para o casamento em si. E para a cerimônia também. Mas tenho a sensação de que se superarmos essa festa, a cerimônia vai dar certo. Você já percebeu que é preciso ser forte para fazer um casamento funcionar nesta casa.

— Em qualquer casa.

— Ainda mais aqui.

— Você e eu vamos superar isso — ele disse, corajoso. — Não tenho medo.

Ela se deixou cair com o rosto na grama.

— Mas devia ter — ela disse com a voz abafada.

Sasha precisava afastar um obstáculo à sua frente.

Você vai levar a sua namorada para a festa?

Minha namorada? Está falando da Violet?

Sim, o Francis é um grande fã dela.

Ah, o Francis. Talvez eu devesse ficar chateado ou surpreso com a informação, mas não. E o principal motivo de eu não ter uma reação típica de namorado é o fato de ela não ser minha namorada. E não, ela não vai à festa.

De repente, um pensamento terrível veio à mente dele.

E você?

Se vou trazer namorada? Não. Nem namorado.

Nossa, como Ray ficou aliviado. Não tinha pensado que ela poderia ter um namorado ou trazer um namorado, e quando parou para pensar no assunto, de repente se consumiu em dor e inquietação. Ficou feliz por ter se consumido de dor e inquietação só por uns doze minutos.

Quinn avistou a mãe no corredor da papelaria do Stop & Shop na Newton Lane antes que a mãe a visse. Isso lhe permitiu um momento livre da interação com ela; duas estranhas num lugar estranho.

No espaço de um instante uma história podia se desenrolar. Diante de pratos de papel e guardanapos, um mundo podia se revelar. Isso aconteceu quando Quinn se transformou de estranha em filha aos olhos de sua mãe.

Parecia um erro Quinn estar ali; ela parecia deslocada naquele lugar. Era o tipo de erro que fazia alguém não querer acreditar nos próprios olhos, como uma baleia viva secando em plena areia, imóvel, de lado, contemplando o próprio destino através de um único e grande olho ainda capaz de enxergar. Ou talvez ela apenas se sentisse assim.

Lila não queria uma filha comum. Essa era a questão. Professava sua descrença com relação a Emma, que sempre era a líder de todas as turmas e organizava seus livros por cor. “Essa é a minha rebelde”, Lila gostava de dizer sobre Emma sempre que alguém perguntava em qual faculdade ela estudava. Lila se irritava com Mattie, com a fortuna que gastava com produtos para cabelo, com os chinelos cor-de-rosa com plumas, com roupas curtíssimas de cair o queixo. Nesse quesito, Quinn era a esperança de Lila.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou, e suas pupilas pareciam dilatar-se.

— Compras.

— Dá para ver. *Por quê?*

Lila adoraria ter uma filha vegana, com dreadlocks no cabelo, que vestisse couro falso, fumasse maconha e fosse uma socialista com presença confirmada em festivais de música folk. Uma garota que pudesse usar tranquilamente como arma na guerra contra o ex-marido. Quinn sabia dessas coisas, as sentia. Às vezes, queria ser essas coisas. Mas Quinn não era esse tipo de garota. Não se encaixava na versão de Lila. Não se encaixava na versão de ninguém. Seus amigos eram

as plantas e os idosos; seus laços mais fortes eram os que formava com estranhos; era um arco não contínuo. Seu lugar não era em uma escola nem em um prédio de escritórios e com certeza tampouco no Stop & Shop. Quinn deixava o pai confuso, e provavelmente as irmãs envergonhadas. Até Lila, com todos os seus conflitos, não conseguia evitar o desejo materno de que a filha se encaixasse em algo.

— Para a festa — Quinn explicou.

— O negócio da Emma e do Jamie? — Lila não precisou dizer: “Você? Aqui? Para isso?”.

Quinn baixou os olhos para os dois pacotes de copos de plástico rolando em sua cesta.

— É.

Essa era a história que ela viu por um instante nos olhos de Lila, o medo da diferença real, do genuíno, da ameaça de uma fera avançando sorrateira.

— Quinn, mas *por quê*, meu Deus, você se meteu nessa bagunça? — Lila soltou a cesta vazia, que caiu no chão fazendo barulho.

— Não é bagunça, é uma festa.

— O.k., é uma festa. Desde quando você gosta de festas? Você odeia festas. Não consigo te imaginar aparecendo numa festa dessas, quanto mais se jogando de cabeça na organização.

Quinn deteve-se ao ouvir a palavra, estranhamente adequada. Ela queria jogar. Jogar tudo contra a parede, com força, se necessário, e vê-la se abrir. Deixá-la se despedaçar, se fosse preciso. Ela não podia mais se esconder.

Talvez fosse uma bagunça.

E talvez depois eles pudessem fazer uma faxina.

Sasha não sabia como lidar com todas as coisas com que teria de se ocupar, então decidiu se preocupar com o vestido que usaria.

Numa estranha maré de sorte, tanto Emma como Mattie estavam em casa e quiseram ir às compras com ela. Se tivessem combinado, ainda que com semanas de antecedência, isso jamais teria acontecido.

— Você já tem vestido, Em — Mattie comentou quando elas entraram no carro de Emma.

— Eu sei. Mas ainda posso ajudar Sasha. — Emma olhou feio para Mattie. — E você.

— Você acha que pode domesticar a irmã vulgar para poder apresentá-la aos pais de Jamie — Mattie especulou.

Emma riu, mas não muito.

Caminhando pela rua principal de East Hampton, em meio a Lamborghinis e homens calvos e suas namoradas supermodelos, entre duas das suas três irmãs mais velhas, Sasha sentiu suas inseguranças de sempre acompanhando seus passos.

Emma e Mattie eram altas, e ela não. Suas pernas longas davam passadas largas, enquanto Sasha avançava aos tropeços em seu gingado estranho, com a consciência dolorosa do próprio

defeito, o pé torto. Quanto mais pensava naquilo, mais exagerado lhe parecia, ao ponto de se surpreender por ser capaz de andar.

Emma sempre fora “alta para a idade”, até ser simplesmente alta. Mattie era a mesma coisa. Até Quinn, com a estatura de um garoto de doze anos, era uns dois dedos mais alta do que ela. Sasha lembrava-se de uma vez ter se lamentado com Evie: “Acho que sou baixa para a minha idade”.

As irmãs corriam, pulavam e saltavam o tempo todo; chutavam, jogavam e montavam coisas. Sasha esperava que seu pé ficasse reto, o que acabou acontecendo, mais ou menos. Exceto em dias como aquele, em que ele parecia entortar de novo.

Sasha se perguntou, não pela primeira vez, se suas irmãs tiravam sarro dela por causa disso. Não na sua frente, mas pelas costas, como era justo e esperado? Comentavam com Ray o quanto ela era sem graça? Agora o medo de sempre tinha um significado novo para ela.

Elas seguiram pela Newton Lane e entraram nas lojas da moda primeiro, tão iluminadas, tão coloridas e tão perfumadas que a cabeça de Sasha chegava a doer.

— Não — Emma disse, reprovando o vestido curto frente única que Mattie tinha pegado.

— Não — ela disse sobre o vestido justo e sobre o vestido com estampa imitando couro de jacaré.

Depois de um tempo, Mattie e Sasha já estavam pegando os mais escandalosos que encontravam, só para irritá-la.

— Nada de rosa-choque, nada de elastano, nada de plumas, nada de correntes — Emma afirmou.

— Acho que vamos ter de comprar numa loja para a terceira idade.

Sasha riu.

— Eu podia simplesmente usar o uniforme da escola.

Emma começou a achar menos graça.

— Preciso estar no trabalho à uma — ela disse, e em seguida conduziu as duas pela calçada até a escadaria de um brechó chique. — Menos caro, com opções menos indecentes — declarou ao entrar no lugar.

Emma escolheu um monte de roupas e levou até o provador. Sasha pegou um vestido longo listrado em azul-marinho e branco para agradar a irmã.

— Acompanha burca? — Mattie perguntou por trás da cortina.

Emma e Mattie esperavam que ela saísse. Sasha se sentiu toda suada ao experimentar o vestido naquele provador. Sentiu que todas as partes de seu corpo se destacavam demais, expandindo-se demais.

— Hum, olha só você. — Emma deteve-se no decote, admirada, e ajeitou a cintura do vestido na irmã. — De quatro garotas, pelo menos temos uma apresentável.

Mattie concordou:

— A nossa própria deusa da fertilidade. Vai ser cesárea para mim e as outras.

— Acho que você está me chamando de gorda.

— Estou te chamando de linda — Mattie disse, sincera. Às vezes Mattie fazia Sasha se sentir mal por causa da carne extra, mas naquele dia ela estava mais generosa.

— Experimente o preto — Mattie disse.

— Por que você não experimenta nenhum? Por que só eu?

— Nenhum é vulgar o suficiente — Mattie disse, com um sorriso de lado para Emma.

Sasha experimentou obediente o preto e saiu suada para a avaliação.

Emma a girou.

— Olha só que cintura minúscula. Se eu tivesse uma dessas, ia mostrar por aí toda hora.

— Eu também — Mattie disse.

— Se Mattie tivesse o seu corpo, jamais usaria outra roupa — Emma declarou.

— Só no frio — Mattie concordou.

As três encararam o reflexo de Sasha no espelho. Sasha se mostrava inquieta e pouco à vontade.

Era difícil fazer aquilo na frente delas. Pela primeira vez, ela se importava de verdade. O dia 9 de agosto possivelmente era o dia de sua vida previsível em que ela veria Ray ao vivo, em carne e osso, e seria vista por ele.

Ela queria estar bonita. Queria que ele a achasse bonita. Será que acharia? Será que pensava nela daquele jeito? Será que ficaria horrorizado de saber que Sasha pensava nele daquele jeito? Porque ela suspeitava que sim, pensava. Em meio a tudo o mais, tinha quase certeza de que pensava nele daquele jeito.

Ela queria que a roupa fosse sexy, mas não sexy demais. Queria atenção, mas só uma atenção específica, não a atenção de qualquer um. Queria um vestido que fosse como um apito para cães, uma frequência que somente ele escutasse. Uma piada interna, íntima, mas não engraçada.

— Para quem você está se vestindo? — Emma perguntou.

Sasha parou de respirar. Sentiu o rosto esquentar. No espelho, a vermelhidão escalava pelo seu pescoço.

— Quê?

Será que Emma sabia?

— Sempre me pergunto isso — Emma continuou com ar filosófico. — A Myrna Chapman comentou isso uma vez. Ela disse: “Quando você se veste bem de verdade, quase sempre se veste para uma pessoa específica”.

Mattie estava fazendo palhaçadas com uma estola de penas turquesa, mas percebeu que Emma tinha tocado num assunto interessante. Ela ajeitou a barra do vestido preto.

— Por exemplo, no meu caso é óbvio que vou me vestir bem para o Jamie, mas também para a mãe dele, que eu nem conheço. Quando estava escolhendo o vestido, me dei conta de que estava pensando nela.

Sasha engoliu em seco.

— E você, Matt?

Mattie levantou os olhos.

— Matt — ela respondeu.

— Você mesma?

— Não, o Matt. Matt Reese.

Emma soltou um longo suspiro.

— Todas nós — disse.

— É sério. Eu me visto bem ou mal para ele todo dia, mas parece que ele não percebe.

Emma fez uma careta.

— Como ele não percebe? Com certeza percebe.

Mattie refletiu.

— Então talvez seja mais correto dizer que ele não se interessa pelos meus esforços nem os aprecia.

— Então talvez ele seja o único — Sasha comentou. — Cameron com certeza aprecia.

Mattie fez uma cara de nojo.

Emma olhou novamente para Sasha.

— Você ainda não respondeu.

Sasha dirigiu sua atenção para uma arara de roupas em frente aos provadores. Escolheu uma cor bonita — entre verde-limão e hortelã — e puxou da arara. Ergueu. Era um vestido de alcinha de seda pura, comprimento mid, com a barra em corte diagonal. Era etéreo, mas muito simples.

Ela voltou ao provador e vestiu a peça pela cabeça.

Amou a sensação do tecido escorregando pelo seu corpo, desenhando seus contornos, mas sem puxar ou destacar nada. Tímida, abriu a cortina. Afastou o cabelo quente e pesado do pescoço.

As duas irmãs olharam, impressionadas.

— Estou chocada — Mattie disse.

— Uau, Sasha — Emma disse. — É esse.

— Não é decotado demais?

— Não, é perfeito — Mattie disse. — Só vai ter que afrouxar um pouco o busto.

Elas observaram impressionadas por mais um instante.

— Sasha, não me esqueci que não quis nos contar para quem está se vestindo assim. Mas, seja quem for — Emma disse — certamente vai se apaixonar.

— Eu espero que não seja para a mãe do Jamie — Mattie acrescentou.

18

A VERDADE E DOIS CORTADORES DE GRAMA

NO QUE DIZIA RESPEITO A MATTIE, não era uma boa hora para Jonathan Dawes parar no estacionamento de terra do quiosque da fazenda.

Talvez fosse uma boa hora.

A festa de noivado, a grande convergência da vida deles, iria acontecer a menos de quarenta e oito horas, e o que Mattie esperava que fosse um evento edificante, não seria.

Na casa, a grama estava descuidada e alta demais. Quando o pai dela chegara no domingo, tinha ficado de cabelo em pé. E Mattie não conseguiu convencer nem subornar nenhuma das empresas locais de jardinagem para ajeitar as coisas. Todas tinham sido prejudicadas pela guerra entre os pais dela em algum momento. Com as empresas de piscinas, era a mesma história. E também com o pessoal que ia remover a árvore caída em frente à garagem. Na maioria das vezes, Mattie não se importava muito para essas coisas. Mas naquele dia, se importava.

— Gostamos de dinheiro, não de promissórias — disse Mike, da Cercas Hampton.

Justo.

Nem mesmo o manobrista queria saber de negócio com eles.

— Ouvimos as histórias — o cara disse. — Uma casa de donos que se detestam.

Quando Jonathan Dawes parou o carro, Mattie estava sentada com o celular no colo, atrás do balcão, à sombra de um carvalho, juntando maços de coentro e tentando descobrir o lugar em que o pai havia alugado um cortador de grama certa vez.

Ela não sabia que estava brava com Jonathan Dawes até ele fechar a porta de seu Toyota Prius vermelho-cereja e se aproximar do quiosque da loja. Ou ele não se surpreendeu ao vê-la, ou era um ótimo ator.

— Mattie — ele disse, quase como uma pergunta, arqueando as sobrancelhas.

Ela levantou quando ele se aproximou, feliz porque o balcão erguia uma barreira entre os dois. Estava aliviada por não ter mais ninguém por perto: nem outros clientes nem qualquer membro da família Reese. Em vez de estender os braços para abraçá-lo, ela fechou os braços e abraçou a si mesma.

— Você trabalha aqui? — ele perguntou.

— Só nos últimos quatro anos. — Sim, ela estava com raiva. Sentia seu gosto na boca.

Ele deu de ombros.

— Acho que não passo muito por aqui.

— Acho que não.

Ele inclinou a cabeça de leve. Havia certo constrangimento no ar.

— Tudo... bem? — ele perguntou.

Ela sentiu a tentação de responder apenas “sim, obrigada” e o despachar com alguns tomates, grãos e o que fosse, mas a raiva ainda estava na sua boca.

— Tirando a confusão por ter perdido a minha identidade, está tudo bem. É, vai tudo bem.

Ele manteve as sobrancelhas arqueadas, mas seu semblante revelava grande perturbação. Ele levou um tempo para se recompor.

— Por causa... do que eu falei em Ditch Plains?

— Digamos que causou certo impacto.

— Claro — ele disse devagar, e em seguida esfregou as mãos no rosto. — Eu repassei aquela conversa cem vezes na minha cabeça. Você precisa entender que eu achei que você soubesse. Ou achei que pelo menos suspeitava. Pensei que foi por isso que você me procurou.

Mesmo depois de certo tempo, Mattie não sabia se queria resolver a questão. Seu lado perverso queria. Ela sabia *do quê*? Suspeitava *do quê*? O outro lado não queria de jeito nenhum.

— Fui porque você me convidou — ela disse. — E o que eu me pergunto é: por que você me convidou? Por que me procurou? Por que começou isso tudo?

Fosse ou não a intenção, Jonathan Dawes tinha lançado uma granada no meio da vida dela. Destruíu seu equilíbrio, sua confiança, e ainda nem tinha terminado de explodir.

O corpo dele pareceu ao mesmo tempo cansado e mais ereto. Ele pôs as mãos sobre o balcão.

— Ouça, há muito o que explicar. A história é longa — ele começou. Pouco à vontade, mudou de posição. — Pensei muito em você ao longo dos anos. Quando você era menor, te vi algumas vezes com suas irmãs pela cidade, mas nunca entrei em contato. Esperei até você ficar adulta, capaz de escolher por si só o que queria saber da própria vida.

— Eu não sabia que tinha alguma coisa para saber — ela cortou. — Era bem mais fácil desse jeito.

Ele suspirou.

— Quando me aproximei de você no Black Horse, imaginava que ia dizer “oi” e só. Foi você quem escolheu ir até Ditch Plains. Não era o que eu esperava que acontecesse.

Mattie endireitou a postura, ficando quase tão alta quanto ele. Deixou os braços penderem ao longo do corpo.

— Mas era o que você queria que acontecesse?

Ele baixou a cabeça. Quando seus olhares se encontraram de novo, a percepção que ele tinha dela mudara.

— Porque você fez um belo estrago na minha vida — ela se apressou em acrescentar. — E na dos meus pais. Na da minha mãe, claro, mas o grande problema é com o meu pai. E você devia

saber disso.

— Eu não...

Mattie estava ignorando qualquer cautela, e pela primeira vez fazia isso movida pela sinceridade.

— Talvez você não tenha pensado muito nisso — ela disse. — Não digo que sei qual era a sua intenção. Mas você não pode agir como se tivesse sido um mero espectador de tudo o que aconteceu entre os meus pais.

Ao ouvir isso ele ficou imóvel. Depois de um tempo, assentiu.

— Você tem razão. Não posso.

— Provavelmente, você saiu ferido disso tudo também — ela disse, surpresa com a própria franqueza.

Ele estava visivelmente abalado. Examinou o rosto dela por um bom tempo, tentando avaliar o quanto deveria dizer. Não era tão jovem quanto tentava parecer.

— Saí. Você tem razão nisso também.

Ele observou ao redor. O lugar estava tranquilo. Carros distantes rumavam para a luz além dos campos: — Podemos sentar e conversar em algum lugar?

— Pode ser aqui — ela disse. Ela pensou por um instante no soro da verdade da Fazenda Reese.

— Tudo bem. — Ele olhou para o céu. Olhou para o chão de terra. — Vou ser totalmente inconsequente e contar a verdade. Eu amava sua mãe. Naquela época, odiava seu pai. E odiava não poder estar com ela e com você.

Mais um enigma resolvido. Mattie agora sabia de onde vinha sua inconsequência. Mas, naquele momento, em vez de sentir-se satisfeita, se sentia o oposto disso: infinitamente velha, capaz de aguentar todos os segredos e as possibilidades: — Por que não podia?

Ele balançou a cabeça.

— Foi uma catástrofe total. Não sei o quanto você sabe.

— Não muito.

— E quanto quer saber?

— Mais. Por que você e minha mãe não puderam ficar juntos? Depois da separação? — A voz de Mattie estava vagarosamente calma, um desdobrar intencional.

— Depois que você nasceu, o casamento dos seus pais se desfez. E aí a Lila quis se separar, mas o Robert não deixava. Foi uma época terrível. — Ele olhou para cima, como se pudesse ver a lembrança. — A sua irmã Quinn nos viu juntos uma vez, sua mãe e eu. Sempre me senti péssimo por isso. Ela era tão pequena, não sei se lembra, mas aquele olhar...

Mattie assentiu. Conhecia bem aquele olhar e duvidava que se esquecesse de alguma coisa.

— Enfim, Robert ficou louco quando a Lila quis ir embora. Foi como se fosse o dono dela. Na época ele já estava ganhando muita grana. Botou seus advogados no meio. Queria castigar a Lila. Fez uma denúncia de violência no meu apartamento quando soube que estávamos juntos.

— Meu Deus.

— Três policiais invadiram meu quarto. Me levaram para a delegacia de Montauk com base na informação falsa do Robert. Começaram a circular boatos pelo East End. Lila teve que carregar a letra escarlate.

— Eu não sabia de nada disso.

— Isso foi só o começo. A Lila aguentaria a vergonha. O problema eram as filhas. Ele ameaçou tomar dela. E chegou a tomar. Por seis dias ficou com todas vocês num hotel em Manhattan, e sua mãe entrou em pânico, sem saber onde estavam. Um juiz finalmente ordenou que ele trouxesse todas de volta para Wainscott. Era verão. O juiz mandou que vocês ficassem na casa enquanto seus pais se alternavam a cada semana.

Isso explicava algumas coisas. Será que Emma se lembrava daquilo? Quinn?

Jonathan Dawes fez uma pausa. Esfregou os olhos. Seu rosto parecia envelhecer à medida que continuava a história.

— E eu fiz uma besteira. Tentei conseguir a sua guarda. Claro, os seus pais eram casados quando você nasceu. Seu pai moveria montanhas antes de admitir a possibilidade de você não ser filha dele. Eu não tinha suporte na lei, mas tinha raiva. Não conseguia aceitar aquilo. Até sua mãe me implorou para deixar isso pra lá, por você. Foi isso que nos distanciou.

Mattie inclinou a cabeça. Respirou fundo. Mais fundo. Olhou para o rosto dele e sentiu pena. O mundo dela tinha passado a fazer mais e menos sentido.

Era quase noite quando Jonathan Dawes terminou de falar. Qualquer que fosse o produto que tinha ido buscar lá, já não era necessário.

— Bom... — Ele suspirou. Parecia querer se aproximar dela, mas já não dava mais nada como certo. — Perdão — ele disse baixo, se virou e caminhou de volta para o carro. — Que a verdade te liberte, Mattie.

Lenta e cuidadosamente, Mattie fechou o quiosque da fazenda e foi a pé para casa, empurrando a bicicleta. Precisava permanecer o máximo que podia naquele espaço intermediário.

Contemplava mentalmente o rosto marcado pelo sol de Jonathan Dawes, seu corpo que parecia jovem, seu jeito de surfista cansado. Ele estava abalado como todo mundo, não? *Que a verdade nos liberte*, ela pensou.

Um dia antes da festa, Quinn passou na casa de Myrna levando cerejas, e Myrna ainda estava de roupão.

— Está tudo bem?

— Está, querida. É só um resfriado. Normal.

Quinn se aproximou e pôs a mão na bochecha macia e suave de Myrna.

Myrna examinou a garota com um olhar penetrante.

— Você também está parecendo um pouco abatida, Quinn.

Quinn deu de ombros.

— Estou bem. Vou te fazer um chá. E essas cerejas têm muita vitamina C.

— Eu adoraria um chá.

Quinn encheu a chaleira na pia.

— Mas receio não poder ir à festa amanhã.

Quinn pôs a chaleira no fogo.

— Ah, sério? E se eu vier te buscar de carro?

— Não precisa.

— E que tal eu vir depois do almoço ver se você pode ir?

— Não, querida. Sério. Cuide-se e não se preocupe. Só me traga um pedaço de bolo quando acabar.

A troca de famílias seria ao meio-dia, como sempre, e a festa de noivado de Jamie e Emma, às quatro. Pela primeira vez em sua vida, Ray ia sair da casa como ocupante e voltar para ela quatro horas depois como convidado.

O lugar estava um lixo. Era isso que o preocupava. Ele não era nenhum perito em decoração, mas tinha alguns requisitos mínimos. Uma imagem do seu quarto no Brooklyn saltou à sua mente. O.k., os requisitos eram realmente mínimos.

O motivo de ele ter acordado às quatro da manhã tinha sido a ideia de que Robert e Evie (e Sasha!) chegariam à casa bagunçada por Lila com menos de quatro horas para ajeitar tudo. Ele não parava de imaginar a cara de decepção de Robert, apesar de nem saber como era a cara de Robert.

E era por isso que Ray estava montado num cortador de grama John Deere giro zero de um metro, que tinha alugado da Power Equipment Plus em East Hampton, e cortando a grama feito louco.

Ele não conseguia fazer contornos iguais aos dos caras profissionais, mas era melhor do que nada.

A mãe dele e Adam partiram antes de ele voltar com o cortador, o que, para falar a verdade, era um alívio para os quatro filhos dela. Ela e Adam não iam voltar até o Brooklyn. Iam almoçar na avó Hardy em Oyster Bay e depois trazê-la para a festa.

Ray planejava tomar banho e trocar de roupa na casa de seu amigo Frasier antes de voltar para a festa, mas agora temia não terminar de cortar a grama a tempo.

Ele nunca tinha ultrapassado o horário da troca de famílias. Sempre tinha imaginado que a casa sumia no ar ao meio-dia de todos os domingos e então, cintilante, se rematerializava na forma de uma casa um pouco diferente.

E era o velho negócio problemático de ter de sair às pressas feito um bandido, enquanto suas irmãs podiam ficar e assistir à metamorfose. Ele imaginava que elas também faziam parte da

magia. Quando dava meio-dia, passavam a fazer parte de outra família.

E se ele simplesmente continuasse cortando a grama até depois do meio-dia e a outra família chegasse? Podia fingir que era o cara da empresa de jardinagem. Eles não o conheciam, logo não o reconheceriam. Pelo menos, Robert e Evie não.

Ele viu Mattie sair pela porta da frente de pijama e descer pela pista da garagem.

— O que você está fazendo? — ela berrou mais alto que o som do cortador.

— Cortando a grama.

— Percebi. Ótimo. Onde você arranhou o cortador?

Ray freou o cortador e pôs o motor em ponto-morto.

— Aluguei.

— Sério?

Ele fingiu parecer insultado.

— Eu trabalho.

— E como você o trouxe para cá?

— Aluguei uma carretinha.

— Para engatar no quê?

Ele começou a se sentir menos orgulhoso e mais burro.

— No carro que eu aluguei em outro lugar.

Ele ligou de novo o motor e se afastou antes que ela lhe fizesse mais perguntas. O negócio todo, na verdade, tinha custado mais dinheiro do que ele ganhava por semana no Black Horse.

Mais tarde, quando fez uma pausa perto da cerca da piscina para secar o suor do rosto, Quinn saltitou pela grama e pulou na parte de trás do cortador. Ray tinha certeza de que aquele veículo não era adequado para duas pessoas, mas ela se encolheu como se não pesasse nada, como uma cigarra, e se empoleirou, com o rosto para trás. Ele dirigiu da lagoa à piscina, do pátio à mata.

Ele gostava da companhia de Quinn. Virou-se para olhar para ela. Sorriu. Havia barulho demais para dizer qualquer coisa. Enquanto iam para a frente e para trás, ela segurava um talo de grama entre os dentes feito um fazendeiro de antigamente.

De vez em quando, dava-lhe uma cotovelada nas costas.

— Isso não. São trevos. — E ele desviava.

No fim, ela desceu. O silêncio ficou mais silencioso depois de toda a barulheira. O cheiro úmido e intenso da grama cortada inundou o nariz de Ray.

— Espera um pouco, por que essa cara? — ele perguntou.

— Que cara?

Havia malícia, sem dúvida.

— Essa cara.

— Ótimo — ela disse. — Me acompanhe.

Ray a seguiu pela grama até a casinha onde guardavam as bicicletas velhas e as ferramentas de jardinagem. Quinn abriu a porta e ele espiou a escuridão. Seus olhos mal precisaram adaptar-se

para enxergar, de tão brilhante e novo que era aquilo. Um cortador John Deere giro zero de quase um metro e meio.

— Merda.

— Meu pai mandou entregar de manhã — Quinn explicou com um sorriso, dando de ombros.

— Chegou quando você estava fora.

19

QUEM SEMEIA VENTOS...

O.k., Pequena Ray, lá vamos nós. Seja o que Deus quiser.

Sasha viu a mensagem de Ray quando ouviu a porta se abrir no andar de baixo para os primeiros convidados, e seu coração acelerou um pouco mais..

Ela ficou no topo das escadas, espiando sorrateiramente lá embaixo. Não dava para considerá-los bem convidados. Como combinado, os coanfitriões chegaram primeiro, para se reunir antes que os Hurn chegassem do aeroporto.

— Olá? — Lila chamou ao abrir a porta da frente. Não dava para esperar que ela batesse antes de entrar na própria casa, certo? A casa de seu bisavô. Não do jeito que as coisas se encontravam àquela altura.

Sasha prendeu a respiração e deu um passo para trás, na esperança de ainda não ter sido avistada. Queria um instante para observar, para saciar os olhos, sem ter que ser vista.

Lila foi a primeira a entrar, alta e autoritária. Mas Sasha já conseguia distinguir pequenas manchas de suor sob as mangas do vestido de linho claro. O cabelo loiro acinzentado era liso e curto, os sapatos de salto, bege e pontudos. Ela usava meias-calças simples, e Sasha ficou estranhamente fascinada com as sardas laranja desbotadas que lhe cobriam as panturrilhas, os pés, as mãos e as outras partes visíveis da pele. Apesar de ter imaginado Lila tantas vezes, não tinha imaginado as sardas.

Sasha sentiu-se morena em comparação, uma morena que não tinha nada a ver com sardas.

Em seguida veio Adam. Era menor do que Sasha tinha imaginado. Não era o que se pode chamar de baixinho, mas ocupava menos espaço. Seu cabelo era desgrenhado e grisalho e enrolava atrás das orelhas. Ele estava de paletó azul e óculos redondos de metal, como os do Trotsky.

E então veio Ray. Ela precisou se estabilizar para encará-lo. Era mais do que mais alto do que o pai, mas não tinha o mesmo ar de Lila. Estava confuso, nervoso, um pouco cauteloso. Sasha sentiu o ritmo rápido de seu coração. Tentou enxergá-lo como o indivíduo que ele era, tentou enxergar com olhos calmos em traços claros, mas não era fácil. Como ele poderia reunir tudo o que ela pensara dele numa pessoa só?

Ele olhou para cima como se soubesse que ela estava lá. Não disse nada. Apenas a viu, sorriu,

deu de ombros disfarçadamente. Não fez sinal para que parasse de espionar, mas ela sabia que era hora de descer a escada. Manteve os olhos nele, abriu um sorriso deliberado, mostrando-se cautelosa para acompanhar a cautela dele. Por mais nervosa que estivesse, não desviou o olhar.

Sasha desceu as escadas no momento exato em que seu pai e sua mãe vieram da sala de estar. Ela sentia o verde-claro da seda do vestido roçando seus joelhos, combinando com o prateado fosco dos sapatos.

Lá vamos nós.

Ela olhou de novo para Ray. Era um consolo ter uma contraparte. Embora não tivesse quase nenhuma proximidade com a carne dele, com o corpo dele, ela tinha a sensação de que ambos observavam seus pais através dos mesmos olhos.

Robert fez o primeiro movimento. Primeiro, apertou a mão de Adam, depois a de Ray. Enquanto isso, Lila estendia a mão para Evie, depois para Sasha. Estariam as outras mãos tão suadas e frias como as dela? Houve muitas trocas de “oi” e de “prazer em conhecer você”.

Sasha tinha a dolorosa consciência de quão vermelho o vermelho do vestido de sua mãe pulsava ao lado do bege de Lila, de quão vermelho os lábios da sua mãe pareciam em comparação com o brilho simples dos de Lila. De novo, sentimentos em guerra, a covardia e a vergonha em combate. Será que Lila aprovaria o vestido que ela própria usava? Aprovaria, não? Aprovaria o de Evie? Não. Talvez até risse dele depois.

Ainda pior, ela sentiu a força inegável da confiança de Lila, do seu sentimento de estar no próprio território. O vestido de Evie provavelmente custava dez vezes o de Lila, mas só Lila sabia o que fazer: como se apresentar, como agir. Só pela sua postura dava para sentir que a casa ainda era dela, que a família ainda era dela, por mais que Robert tentasse contar outra versão da história.

Quando todos os apertos de mão acabaram e chegou o momento de Robert e Lila se cumprimentarem, nada aconteceu. O tempo fez-se lento e espesso. Lila inclinou a cabeça para o lado e cerrou os lábios. Robert apertou o queixo. Ele envolveu Evie com um braço. Sasha sentiu a outra mão do pai no ombro, não firme e possessiva, como seria de esperar, mas levemente trêmula. E isso a fez tremer também.

Sasha estava nervosa de ficar olhando para ele. A presença de Lila a fazia enxergar o pai com outros olhos, e ela não sabia bem se queria isso.

Robert interpôs seu corpanzil no lugar onde o hall se abria para o resto da casa, como se tudo fosse dele, e ele fosse o guardião. A entrada de Lila era inexorável, mas ele agia como se pudesse dizer quando.

Sasha lançou um olhar a Ray e viu sua trepidação refletida nele. Estavam tão unidos que ela se lembrou de repente que não tinham se cumprimentado. Numa ocasião tão importante quanto aquela, aparentemente ninguém prestava muita atenção a eles. Ela se virou, deu um passo na direção dele e estendeu a mão.

— Oi, Ray — disse.

— Alguém quer uma bebida? — Robert perguntou. Ele se virou e desceu os três degraus até a sala de estar. E foi assim. Robert disse quando.

Como eles se cumprimentariam? Não se cumprimentariam. Eis a resposta.

Todos os pais atravessaram o hall de entrada até a sala de estar. Ray segurou a mão dela por um segundo a mais.

— Oi, Sasha — ele disse para ela.

Quinn veio da cozinha. Trajando uma túnica com motivos indianos num tom azul-claro levemente esverdeado, seu cabelo fino e repicado estava mais arrumado do que o normal, com um raminho de jasmim sobre a orelha. Um ponto dourado cintilava em seu nariz, apesar de seu pai ter exigido que ela não usasse nenhum piercing. Mas seu rosto revelava a perturbação e a confusão que pairavam em sua mente. Seu olhar estava tão distante que parecia enxergar uma outra casa, uma outra festa.

Ela abraçou Sasha, embora a tivesse visto dez minutos antes. Em seguida Sasha viu Quinn abraçar Ray.

Quando ela era pequena, sentia ciúmes quando Quinn falava de Ray. Invejava quando Quinn saía do antigo apartamento na rua 83 para voltar ao Brooklyn. Ela sabia que Ray estava lá e que sua perda sempre seria um benefício dele. Sabia que Quinn o amava. E agora via pela primeira vez: por um instante, o rosto dela ficou sereno pela ternura e sensação de conforto que Ray lhe inspirava. Em resposta, Sasha viu que o semblante dele se iluminou. Ao ver aquela cena, não sentiu mais ciúmes.

Sasha assistia de fora o que possuía, e sentiu-se feliz pelo fato de uma família como a deles ter uma pessoa como Quinn — e ambos a tinham. Numa família em que sempre havia demais, em que nunca havia o bastante, Quinn era o milagre que todos compartilhavam. Sua influência sobre ambos era silenciosa e forte como a que exercia sobre os outros membros da família. Era por causa dela que Sasha e Ray se entendiam daquela maneira.

Era estranho, era maravilhoso ter uma contraparte.

Ray não conseguiu se lembrar das feições de Sasha nem dez minutos depois de tê-la visto. Por isso o impacto tinha sido tão grande. Ele balançou. Ele caiu. Preocupava-se em perdê-la de novo caso simplesmente se virasse.

Da última vez, de roupas casuais num corredor meio escuro, a forma dela lhe parecera criada em sua imaginação no calor do momento. Então, ela ainda era uma estranha, com as próprias possibilidades de uma estranha.

Dessa vez ele apenas ficou atônito, um impasse violento de desejos e inibições. A delicadeza e os contornos belos eram sugeridos pelo vestido verde-claro — uma imagem melhor do que o seu cérebro era capaz de inventar.

Ela estava conversando com a irmã de Jamie. Ele mal conseguia olhar para ela, mas também

não conseguia olhar para qualquer outro lugar.

As inibições já não eram tão fortes, eram? Ray tentou se concentrar no que estava dizendo ao sr. Folkes, o vizinho da Eel Cove Road, mas se distraía o tempo todo. O sr. Folkes era muito senil, então os dois interlocutores combinavam bem.

Sasha/ Ray, é você mesmo? O yin do meu yang pode mesmo ser assim? Pode fazer com que eu me sinta assim?

Uma brisa misteriosa soprou pelo pátio, por sobre a lagoa. Robert passou por perto e o observou de alto a baixo, e as inibições de Ray voltaram.

Um pouco antes do início da festa, Emma tinha começado a descartar toda aquela ideia de provação. Pensou numa coisa perigosamente ilusória: *E se for legal de verdade?*

Sentia-se confiante em seu vestido salmão. Jamie a tinha beijado apaixonadamente atrás da cerca antes de a família dele chegar. Ela tinha pensado que, bom... talvez aquela festa fosse mesmo deles. Eles controlariam a situação, se divertiriam.

Suas irmãs tinham se esforçado ao máximo para deixar tudo lindo. Os pais de Jamie pareceram saudáveis e amistosos. No começo.

— Você pode dar um recado ao barista? Diga a ele para não dar mais gim tônica para a minha mãe, tudo bem? — Jamie se apressou em sussurrar em seu ouvido quando ele estava sendo puxado pela avó Hardy, levando-o de reboque.

Emma observou ao redor. Susan Hurn estava a uns pouco metros do bar improvisado, conversando animadamente com Evie; na mão, um copo grande com um limão espetado. O pai de Jamie estava perto da piscina com o pai dela, falando de golfe ou pesca, consertos domésticos ou coisas assim. O pai dela não parava de gesticular amplamente com o braço.

As nuvens ao oeste exibiam um cinza muito forte, e uma brisa errática começava a soprar. Os convidados da festa começaram a prender pratos de papel e guardanapos debaixo de copos e garrafas.

Emma viu sua mãe perto da casa, com um prato de comida intocado, mal se aguentando. Adam se mantinha cuidadosamente a seu lado. Emma sabia que ele também sentia o perigo.

Estava preocupada ao ver que os Hurn pareciam esnobar Lila. Seria por causa do bilhete idiota em papel de carta? Lila não chegou a responder? Devem ter sentido a hostilidade dela com relação àquilo tudo. “Ela vai superar”, Emma ouvira Jamie comentar com a mãe no telefone na noite anterior.

Emma entrou na casa e viu Quinn montando o bolo de flores na cozinha. Mattie, vestida como uma puritana, considerando seu histórico, e com uma timidez nada típica de sua personalidade, cuidando do buffet. O pequeno grupo de amigos de Princeton tinha ido até a lagoa.

Queria que isso acabasse.

Ela observou a mãe de Jamie dar um passo em direção ao bar e pedir mais uma bebida ao

garoto espinhento da vizinhança que bancava o barista.

O que Emma podia fazer? Tomar a bebida da mão de sua futura sogra? Uma mulher com quem até então tinha trocado apenas cinco frases? A relação parecia recente demais para permitir uma intervenção mais firme.

Por que ele não comentou que a mãe dele tinha problemas com bebida?, ela pensou maldosamente. Mas ele deu pistas, não deu? Se ela tivesse prestado atenção. Se tivesse se interessado em perguntar. Ela se interessou?

Emma sempre foi uma pessoa rigorosa, mas até então não tinha tido um pensamento ruim sobre Jamie.

Ela ouviu o som de um garfo batendo contra um copo. Seu pai também estava de olho no céu, atento à instabilidade do tempo. Era um passo constrangedor, mas necessário, rumo ao fim da festa. Ela lançou um olhar de cautela a Jamie. *Lá vai.*

O pai de Emma se posicionou no centro do pátio, com Evie por perto. Ele bateu no copo de novo, e os convidados começaram a se aproximar. Jamie pôs a avó Hardy numa cadeira robusta e foi ver como estava sua mãe. Seu pai já tinha encontrado um assento para ela. A irmã de Jamie, Grace, parecia apreensiva.

Era para vocês serem os normais, Emma refletiu.

Lila ainda estava encostada na parede da casa, participando meio a contragosto. Ninguém quis comer sua salada de vagem.

Mattie saiu da casa e deu uma boa volta para evitar Lila. Quinn saiu pela porta de correr da cozinha carregando seu bolo emoldurado por flores silvestres, o presente mais lindo de todos, e o ajeitou sobre a mesa do buffet. Meio sem jeito, Sasha se posicionou ao lado de Evie; Ray ficou perto do sr. e da sra. Reese, à sombra do caramanchão.

Jamie apareceu ao lado de Emma e a tomou pela mão. Ela viu as manchas de suor nas costas da camisa dele e sentiu uma onda de ternura.

— Primeiramente, Evie e eu gostaríamos de dar as boas-vindas aos convidados — seu pai começou a dizer em um volume alto o bastante para ser ouvido por todos os presentes. Ele estendeu o braço e abraçou Evie.

Emma lançou um olhar apreensivo à mãe. Não ajudava o pai apresentar as coisas desse jeito.

— Especialmente à família Hurn, que veio lá de Ohio para estar conosco — ele continuou. Não parecia especialmente nervoso, mas parecia um pouco tenso.

Falou de como estava orgulhoso dela e de Jamie por causa do compromisso que assumiam um com o outro e com a grande instituição que era o casamento blá-blá-blá.

Alguns aplausos por educação, principalmente dos convidados mais velhos.

— Emma, você é uma jovem linda e bem-sucedida — ele ergueu o copo, e ela retribuiu o gesto. — Jamie, você é um orgulho para a sua família e para a nossa empresa.

— Obrigado, senhor.

Emma gostava de elogios de qualquer tipo, mas podia passar sem esses. Elogios íntimos para

ouvidos públicos nunca lhe pareceram adequados. Em todo caso, esses nem eram para ela e Jamie. Eram em grande parte para ele próprio e os Hurn.

— Um brinde a vocês dois.

Muitos aplausos, copos erguidos e chamadas cafonas como “Atenção aqui, pessoal!”.

Stewart, o pai de Jamie, foi para o lado de Robert. Limpou a garganta, aguardando silêncio.

— Susan e eu gostaríamos de agradecer a Robert e Evie por nos abrir sua bela casa.

Emma ficou à espera de um agradecimento a Lila e Adam, mas não aconteceu. O pai de Jamie tagarelou mais um pouco e terminou com outra frase de doer:

— E gostaria de agradecer a Robert por dar a Jamie uma oportunidade ótima, que é trabalhar na Califax. E outra ainda melhor, que é casar com a filha dele.

Robert riu, satisfeito, e algumas pessoas riram de leve, um tanto constrangidas. Emma não conseguia sequer olhar para a mãe. Meu Deus, que dolorido.

Será que a família de Jamie não entendia o que se passava ali? Que já havia hostilidade suficiente entre os dois lados da família sem que eles se intrometessem? Emma lançou um olhar desesperado a Quinn.

Quinn deu dois passos destemidos em direção ao centro do grupo.

— Com licença, sr. Hurn, desculpe interromper. Mas antes de o senhor continuar, gostaria de dizer que a minha...

Mas era tarde demais. Lila pôs a taça de vinho na mesa com tanta força que a estilhaçou. Todos os olhares se voltaram para ela. Foi mais eficaz que meras batidinhas com um garfo.

Lila nem mesmo olhou para os cacos.

— Stewart, você está enganado — ela disse, afastando-se alguns metros da parede. Emma não saberia dizer se Lila se dirigia somente a Stewart e Robert ou a todos os convidados. — Em relação a várias coisas. — Ela endireitou a postura e sua voz saiu alta o suficiente para ser ouvida por todos.

Lila era a bruxa que tinha vindo amaldiçoar o casamento. E, no entanto, a simpatia de Emma naquele momento pendia para a bruxa.

Jamie apertou firme a mão de Emma, que se sentia paralisada.

— Não sei bem o que Jamie te falou, mas esta casa não é do Robert. Meu avô a construiu num terreno comprado pelo seu pai. Sim, você é convidado dele, mas é meu também. O Robert não é dono desta casa e não é dono da Emma.

Jamie tentou dizer alguma coisa, mas Robert o fez ficar quieto.

Àquela altura, o pai de Emma estava espumando de raiva, já à beira do descontrole. Vê-lo assim deixava Emma assustada.

— Eu gostaria de explicar — ele não parava de dizer.

Nem olhava para Lila; só se dirigia ao pobre Stewart Hurn. Emma era capaz de sentir a agonia geral ao redor do pátio quando o pai começou a contar ao sr. Hurn que havia comprado a casa do palhaço do pai de Lila antes que ele a perdesse para o banco. Os coitados daqueles convidados

teriam de continuar a ouvir?

Emma mal conseguia entender o conteúdo das palavras do pai. Ouviu a força reprimida de sua raiva, como se ele tivesse esperado vinte anos para soltá-la.

Até Lila parecia encolher diante de tanto ódio, mas não ia se curvar.

— Ainda éramos casados na época. Compramos juntos.

Emma não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Será que eles não conseguiam ter o mínimo de controle sobre si mesmos? Aquilo era exatamente o que temia e, ao mesmo tempo, era ridículo e inimaginável.

Foi então que Robert enfim se voltou para Lila, e Emma teve que desviar o olhar. Seu coração batia absurdamente acelerado. Havia amargura e ressentimento na atitude dele, o que era esperado, mas havia outras coisas também, coisas que o Robert público e orgulhoso jamais teria desejado deixar transparecer.

— Éramos casados? Sério? Você não agia como se fôssemos. — Emma ouviu pela primeira vez uma espécie de dor singela na voz dele.

Emma percebeu, anestesiada, que a maioria dos convidados se afastava educadamente. Saíam rumo ao cais ou entravam na casa. Era brutal demais, excruciante demais assistir à cena.

— Pai — Sasha disse baixo.

Lila levou as duas mãos à garganta. Sua pele não estava com uma cor boa.

— Por que você está fazendo isso?

Jamie se posicionou entre os pais da noiva. Emma provavelmente o teria segurado se estivesse em condições de pensar direito.

A voz dele saiu controlada e baixa:

— Vamos deixar isso de lado agora — ele pediu —, em honra àquilo que, esperamos, será uma ocasião feliz no futuro.

Emma sabia que Jamie sempre tinha o impulso de fazer o que era certo, e quando o certo não estava claro, procurava fazer alguma coisa.

Emma observou o rosto da mãe à procura de um pouco de sanidade, mas não encontrou.

— Por favor, não se meta, Jamie — Lila disse em um tom ríspido.

Sasha assistiu à cena num estado de aflição profunda, levantando de vez em quando os olhos para o céu, que não anunciava nada de bom.

Havia muito tempo que ela queria escapar, mas Evie segurava sua mão com tanta força que seus dedos estavam dormentes.

“Aperte os meus dedos com a mesma força da sua dor”, Sasha lembrou que sua mãe sempre lhe dizia isso quando ela, ainda pequena, tinha de levar pontos ou tomar injeção.

Ela viu Jamie, com a postura rígida, levar o olhar do rosto implacável de Lila para o rosto em ebulição de Robert. E então se voltou para a mãe, que se levantava de um assento a alguns

metros de onde Sasha estava. Jamie murchou na hora.

Sasha só conseguia enxergar parte do rosto de Susan Hurn, mas dava para notar que estava trêmula e furiosa. A mãe de Jamie resmungou algumas palavras acaloradas para Lila, e então uma frase soou alta e penetrante.

— E não *ouse* dizer ao meu filho o que fazer.

— Susan — o marido dela balbuciou.

— Merda — Jamie sussurrou para si mesmo.

Agora a mãe de Jamie estava em pé, agitando os braços e cobrindo Lila de injúrias.

— Você me *ouviu*?

Ai, meu Deus. Sasha lançou mais um olhar furtivo para Ray.

Lila estava atônita demais para reagir. Finalmente houve uma brecha na fala do pai, mas era tarde demais. Sasha era capaz de jurar ter visto uma centelha de piedade por Lila no rosto de Robert. Eles colheram a tempestade em grande estilo.

Naquele momento, Sasha odiava a ambos, mas também sentia pena. Mas ela amava Emma. Sentia-se ainda pior pela irmã.

— Bêbada vadia.

Sasha respirou fundo. Ouviu os talheres tilintarem contra o chão. No começo não conseguiu ver quem tinha dito aquilo, mas claro que tinha sido Mattie. Mattie, que evidentemente estava chorando.

Meu Deus. Sasha levou a mão livre à boca.

A irmã de Jamie, Grace, que também estava chorando, puxava a mãe pelo braço.

Susan Hurn se desvencilhou de Grace, recuou um passo e então derrubou a mesa do buffet no chão. Porcelana, vidro e talheres explodiram no piso de pedras do terraço. Estilhaços de festa voaram pelos ares. Quilos de salada de lagosta desmoronaram sobre a salada de vagem. Pães rolaram e pedaços de melão escorregaram.

Segundos e impressões se confundiam, mas, sabe-se lá por quê, Sasha e Ray pensaram a mesma coisa ao mesmo tempo. O bolo de Quinn com as flores — flores que ela cultivara desde as sementes e flores silvestres colhidas com todo cuidado dispostas sobre o bolo, pétalas frágeis transformadas com amor em massa. Continham em si a magia especial de Quinn. A magia estava sobre a mesa e a mesa estava virando.

O bolo parecia projetar-se no ar quando os dois partiram de lados opostos e correram na direção dele. Sasha percebeu de maneira desconexa, em câmara lenta, que o bolo não estava completamente inteiro. Faltava um pedaço triangular bem cortado.

Sasha e Ray estenderam os braços na direção do bolo ao mesmo tempo. Mas nenhum dos dois foi rápido o bastante para salvá-lo. Sasha viu, desesperada, o bolo cair; ar e magia, açúcar e manteiga murchando devagar sobre as pedras.

Isso está acontecendo?

Por favor, não deixem que isso aconteça.

Ray estava com raiva demais da mãe para sentir pena dela. Pela primeira vez, Robert não era nada para ele. Ele não se importava com a porra da mãe psicopata de Jamie nem com a comida no chão nem com o vidro quebrado espalhado pelo pátio. Contudo, se o pai de Jamie desse mais um passo em direção a Lila, Ray daria um soco na cara dele.

Ele se importava, sim, com as tentativas hesitantes de Sasha de buscar consolo. Importava-se com as tentativas corajosas de Quinn de se postar entre os pais idiotas, ela que era uma filha tão melhor do que eles mereciam.

Ficou angustiado pelo lindo bolo de Quinn, agora esmagado sob pés irrefletidos em fuga, arrastado pelos quatro cantos do pátio e além.

Tudo bem que os pais dele tenham decidido exercitar um pouco de sua amargura primitiva, mas o que Quinn tinha feito de errado? Por que Sasha tinha que testemunhar aquilo? E ele?

Uma expressão ardente de combate ainda ardia no rosto da mãe de Ray. Ainda que ele pegasse fogo, ela não perceberia. Mas o corpo belo e jovem de Sasha definhava de tristeza. Por que as pessoas sem ressentimentos eram as que mais sofriam? Como todas as guerras lentas e terríveis, quem sofria eram aqueles que não tinham ressentimento algum, e os mais inocentes padeciam o pior.

Porque somos os que querem paz entre os adultos, e eles ainda querem guerra.

Por que aquilo ainda importava tanto para eles? Para ele e suas irmãs e para Sasha? Por que precisavam continuar a amar aquelas pessoas, apesar do egoísmo e do espírito destrutivo delas? Seria melhor que pudessem simplesmente desistir. Por que precisavam contar com eles, mesmo agora? Será que teriam de seguir em frente, carregando as mesmas rixas corrosivas?

Ray lançou um olhar impotente para Sasha, a mesa do buffet ainda entre eles. Sem saber muito bem por quê, ela segurava a bolsa de Evie, de pé, confusa, perto de uma cadeira virada. Um líquido estranho desenhava uma faixa no seu vestido verde-claro. Será que ela o culparia por estar do outro lado daquele desastre? Ele fechou os olhos.

Abriu-os em tempo de ver aliviado a família Hurn sair pela lateral da casa. O pai de Jamie caminhava curvado sob o peso de uma mistura de raiva e vergonha; os passos da mãe vacilavam. O rosto de Grace estava inchado de dor.

Jamie ainda se aproximou de Emma uma última vez, sussurrando-lhe alguma coisa antes de seguir com sua família. A família precisava se instalar em algum lugar. Havia muito o que conversar.

Como juntar todas aquelas peças e deixar tudo no passado? Eles foram muito além do ponto em que era possível fingir que nada tinha acontecido.

Emma apanhava os cacos de vidro do pátio e os punha dentro de uma saladeira grande de madeira. Quando se levantava, deixava ver o rastro das lágrimas misturadas ao rímel. Que bagunça do caralho.

Mas onde estava Quinn?

Robert estava parado diante da porta com os braços cruzados feito um capanga, pelo visto

esperando que Lila e Adam passassem.

Ray ouviu gritos no gramado da frente da casa. Àquela altura, não sabia de quem eram nem queria saber. Carros patinavam no cascalho, desciam pela garagem até escapar para a estrada lisa da cidade. Quem não preferiria tomar distância dali?

Apenas eles, os filhos, ainda que crescidos, não tinham opção. Era o mais injusto de tudo.

Mas não, eles não levariam aquelas rixas adiante. Sasha levantou a cabeça e os olhos de ambos se encontraram. Ela não o culpava nem o culparia. Ele percebeu no mesmo instante.

Dentre todas as pessoas do mundo, ele era o único que sabia como ela se sentia. E ela sabia como ele se sentia. Nenhum dos dois precisava falar. Em certo sentido, jamais precisariam falar.

Ele se aproximou dela sem muita consciência do que estava fazendo. Não havia uma intenção clara na sua mente quando contornou a mesa caída e passou por cima das cadeiras e pratos para ficar perto dela. A presença física de Sasha ainda lhe era estranha, mas ele baixou a mão até a dela e a segurou. Ambos permaneceram ali no meio, mãos unidas, contemplando os destroços do reino.

Ele não se importava com quem os veria agora. Do que protegiam os pais? Da harmonia, meu Deus. Da compaixão e de um tipo incomum de amor.

Os pais deles não mereciam ser perdoados, e mesmo assim seriam. Onde estava a cura para isso?

20

EU NÃO ESTAVA CHORANDO, MAS NÃO PUDE ME CONTER

AS NUENS FINALMENTE DECIDIRAM desfazer-se em chuva. Foi o maior alívio que podia haver. Ela veio forte e pesada.

Quinn observava a chuva bater de lado na lagoa e na piscina. O vapor se erguia do chão, e o céu descia para encontrá-lo.

A chuva encharcou a comida caída no pátio e formou uma gosma única e rastejante. Chuva e lágrimas uniam-se e voltavam para poça, piscina e lagoa.

Os pés descalços de Quinn afundaram no chão úmido. Sua cabeça esvaziou-se quando as gotas grossas derramaram-se sobre ela. Ela ergueu o rosto para o céu e deixou a água abençoar suas pálpebras.

Deixe vir a dor. Dê-lhe uma voz, se for preciso.

Agora ela tinha voz. Feia, mas tinha. Talvez nenhum deles pudesse sentir a mudança no ar, mas Quinn sentia. Talvez todos pudessem seguir em frente a partir de agora.

Quase todos já tinham ido embora. Nenhuma das palavras ou imagens se manteve nas pedras quentes. Ela deixou que todas fossem levadas pela água, exceto uma: a imagem de Sasha de seda verde e Ray de blazer, de pé, juntos no centro da confusão. Pequeno e grande, escuridão e luz, esquerda e direita. Quinn viu que os dois estavam de mãos dadas. Todos os opostos, tudo se juntou num instante. O desespero foi levado pelas águas, e foi aquilo que ficou. Havia o passado e havia o futuro. Dava a sensação de completude.

Quanta esperança tínhamos e temos. Como poderíamos ser de outro jeito?

Ela sentou na grama molhada e observou a chuva tocar a superfície da lagoa milhares de vezes. Na sua mente, via as mãos unidas dos dois.

Podia permanecer assim até o sol se pôr e provavelmente até ele nascer de novo. Podia se refazer ali por um tempo. Mas ainda havia algo que precisava fazer. O que precisava fazer? Naquele momento, aquilo lhe parecia vago.

E então ela lembrou que devia uma fatia de bolo a Myrna.

O pai de Sasha já estava no carro, sua mãe lhe disse. Sem emitir nenhum som, ela formou as palavras com os lábios, num apelo dramático: “Por favor, venha *agora*”.

Sasha tentava organizar suas impressões, medos, sentimentos, até que eles simplesmente transbordaram. Com a pressão da mão de Ray contra a sua, todos os sistemas chiaram, entraram em curto-circuito e apagaram.

Àquela altura, sua mente era uma tela em que sensações fugazes arranhavam feito roedores. A dor da bolha que a tira de seu sapato prateado tinha formado em seu calcanhar. Os dedos brancos e vorazes de Susan Hurn à mesa. O bolo de flores erguendo-se devagar contra o céu de chumbo.

Sasha precisava encontrar Quinn antes de entrar no carro. Precisava ver seu rosto e saber que tudo ficaria bem. Mattie disse que tinha visto Quinn deitada na grama à beira da lagoa.

A chuva caía enquanto Sasha, descalça, avançava pela grama aos tropeços. A lama macia se espalhava sob seus dedos, o vestido pesado com a água grudava em suas pernas, atrapalhando seus passos. Caía a noite. Seu vestido verde perfeito perdia o brilho. Agora, parecia simplesmente preto.

Quinn não estava lá. Sasha cambaleou de volta para a casa. Sentia a forte presença do pai no carro, janelas fechadas por causa da chuva, vapor chegando ao mundo externo, o ar dentro tão pressurizado pela indignação que tudo podia explodir como num efeito especial de um filme do Vin Diesel. Ela imaginou pedaços da Mercedes do seu pai espalhados de Manorville a Montauk.

Emma tinha partido no próprio carro minutos antes. Foi o que Mattie dissera. E, sim, parecia calma o bastante para dirigir. Mattie iria embora com Lila e Adam. E Ray tinha sido escolhido para dirigir o carro de Mattie e levar a avó Hardy de volta à casa de repouso em Oyster Bay.

Através da janela banhada de chuva, Sasha viu Lila de relance no banco do passageiro de um carro. *Você não é como imaginei. Te imaginava melhor.*

Ela já sentia a necessidade de reconstruir o pai e Lila e toda a mitologia que dependia deles. E, contudo, sabia que não devia fazer aquilo. Eles não mereciam. *Talvez os suportemos por nós mesmos, não por eles.*

Somos um bando de sonhadores, ela pensou. A realidade batia à porta de vez em quando, e todos tropeçavam uns nos outros na tentativa de fugir.

Talvez com a exceção de Quinn. Ela não tinha medo.

Sasha saiu pela porta da frente. Impaciente, sua mãe baixou o vidro do carro.

— Pegue o que for preciso e vamos! Encontramos você na porta da garagem.

Quem ia querer ficar no lugar do desastre? Ninguém. *Corram para as saídas, afastem-se mais, larguem o problema nas mãos dos outros e livrem as suas.*

Com a exceção de Quinn. Onde ela estava?

Sasha encontrou no pátio os sapatos apertados que ela tinha tirado de qualquer jeito. Encontrou o celular e a bolsa na cozinha.

No caminho pela pista de cascalho que dava para a garagem, ela finalmente encontrou Quinn. Quinn estava montada na bicicleta, ainda com a túnica longa toda encharcada e com a barra suja de lama. O cabelo pingava; o piercing no nariz brilhava. Uma mochila de lona vermelho-cereja pendia de seu ombro.

— Está tudo bem?

— Está. Eu vou voltar. Só preciso fazer uma coisa antes — Quinn disse e saiu pedalando pelo ar do anoitecer.

Havia mais uma coisa que Sasha precisava perguntar, mas não conseguia se lembrar o que era. Folhas pesadas vergavam os galhos dos dois lados da garagem, formando um arco gótico sobre a cabeça de Quinn.

A irmã ainda pedalava de pé, como se estivesse no quarto ano, e aquilo era mais uma coisa que fazia Sasha ter vontade de chorar.

Pouco importava o que tinham desejado; era tarde demais. Talvez não fosse tarde demais.

Em meio ao trânsito do Queens, a quase dois quilômetros do túnel Midtown, o celular do pai de Sasha tocou. Ele estava dirigindo. Ainda estava nervoso demais para conversar com a mulher e a filha, quanto mais no celular. O aparelho continuou tocando.

Tocou de novo. Ele ficou com mais raiva. Xingou e ignorou.

E então tocou de novo.

Sasha se endireitou no assento, o coração disparado, pesado.

— Amor, você devia atender — Evie disse. — E se for uma emergência?

— Meu Deus, Evie. O que mais pode dar errado hoje? — Robert urrou.

As palavras dele coincidiram com o início de um quarto toque, e o medo se cravou no coração de Sasha. Em sua crença particular, aquele tipo de coisa nunca devia ser dita.

Ele se levantou um pouco do banco para puxar o celular do fundo do bolso.

— Merda — resmungou. — Perdi.

Robert jogou o celular para Evie, como se estivesse imune à decepção e ao medo.

— É um número de Long Island. Não conheço — ela disse.

— Todas as ligações?

— Quatro ligações. — Evie esperou o carro parar para mostrar o celular. — Você reconhece?

Robert forçou a vista e negou com a cabeça.

— Escute a mensagem de voz.

Instintivamente, Sasha apoiou os dois pés no assoalho do carro, espalmou as mãos nos dois lados do assento. Ela se deu conta de que a vibração em seu ventre não era apenas agitação, mas o toque de seu próprio celular. Ela deixou tocar, querendo ouvir o correio de voz.

Evie apertou o celular de Robert contra o ouvido, de modo que apenas sons vagos vazaram.

— Robert, pare o carro.

Evie nunca tinha dado uma ordem a Robert. Robert não teria obedecido se a voz dela não tivesse soado daquele jeito. Robert virou o volante com tudo para a direita, atravessou duas faixas de trânsito e parou no acostamento. Duas faixas de carros buzinaaram para ele.

As mãos dele ainda estavam grudadas no volante, apesar de ele ter parado de dirigir.

— Quem era?

— Uma mulher do centro de traumatologia de Brookhaven.

O queixo do pai de Sasha enrijeceu; os olhos fecharam. Sasha temeu por ele. Por que por ele? Por que imaginou que a notícia seria dele e não dela?

Evie emitiu um ruído estranho e animalesco seguido por quatro palavras:

— Quinn sofreu um acidente.

Tragédias de verdade não acontecem por etapas. Não preparam você com insinuações, como nos livros e filmes. Não culminam com lições aprendidas ou com um novo equilíbrio da escala moral.

Tragédias de verdade acontecem em quatro segundos, em quatro palavras. Esperam você se enfiar no túnel Midtown e esmagam a sua cabeça. Levam quem você ama e deixam você sem nada.

Sasha ouviu uma voz irreconhecível sair da própria boca:

— Ela está bem?

A cara de Evie deixou Sasha ao mesmo tempo desesperada para saber e sem vontade de ouvir a resposta. Sasha levou as duas mãos à cabeça, como um boxeador tonto por ter levado muitos socos, à espera do nocaute, protegendo os ouvidos de mais palavras.

O pai dela era um buraco negro de medo, frangalhos gravitacionais, terrível demais de se ver.

— Falaram para irmos ao hospital.

Não, não. Estamos deprimidos demais. Não estamos preparados, Sasha pensou.

21

DEPOIS DISSO, VOCÊ FAZ UMA LIMPEZA

OS PAIS DE RAY FICARAM NO QUARTO deles na casa do Brooklyn com as luzes apagadas. De tempos em tempos, Ray ouvia um gemido agudo da mãe, e então o silêncio voltava.

Emma e Mattie tinham adormecido nos sofás da sala de estar.

Um médico de Brookhaven tinha oferecido um frasco de tranquilizantes, e Ray suspeitava que as irmãs haviam tomado esse caminho para o esquecimento temporário.

Quanto tempo passaram no hospital naquele dia? O meio da tarde passara para noite, e ainda assim tudo parecia tão abrupto que ele chegava a se perguntar se tinha imaginado tudo aquilo. Eles tinham ido cuidar de Quinn, curá-la. Mas quando chegaram, já era tarde demais. Ela já tinha partido. Não havia ninguém a quem abraçar ou consolar. Não havia ninguém para consolá-los. *Como você pôde, Quinn?*

Havia apenas duas metades mudas de uma família problemática e desorientada encarando-se dos dois lados do abismo. *Como vamos seguir em frente sem você?*

Havia questões para os pais resolverem. Ray não sabia como e quando essas coisas aconteceram. Deixou-se dominar por sua confusão e não ousava tentar examinar o problema a fundo. Eles foram encontrar Quinn, e Quinn não estava lá nem em lugar nenhum. O que fazer então? Ir para a casa.

Ele cogitou tomar uma ou duas pílulas de tranquilizante também. Era uma agonia ficar consciente, mas, se apagasse, acabaria acordando de novo e deixando a verdade do acontecimento assaltá-lo num estado de fraqueza e confusão mental. Ele sabia que deveria permanecer em contato com o real, manter com cuidado o foco nele por mais tempo que conseguisse.

Por isso, não dormiria. Estava agitado demais para sentar. Não suportava ficar dentro de casa e não suportava ficar fora de casa. Não suportava *ficar*.

Caminhou para cima e para baixo pela rua Carroll; percebia a chuva, mas não a sentia. O brilho ocasional de um relâmpago despertava-lhe a consciência.

Ele já tinha descido a rua até sentir o mau cheiro do canal Gowanus quando concluiu para onde precisava ir. Andou então até a estação da avenida Atlantic e pegou o último trem da noite rumo a Montauk.

Percorreu o corredor do trem várias vezes. Parecia haver poucas pessoas em cada um dos vagões. Sim, ele incomodava os outros, mas não conseguia fazer suas pernas dobrarem e se sentar.

Mandou uma mensagem do trem. Era difícil imaginar que as palavras do seu celular voariam pelo espaço e aterrissariam no celular dela. Mas talvez atravessassem. E talvez ela se sentisse tão só quanto ele.

Os nomes das cidades formavam um estranho poema infantil a seus ouvidos, mas naquela noite assumiram um caráter fantasmagórico: *Wantagh, Seaford, Amityville, Babylon, Islip, Speonk*.

Sua mente saltou para uma história que Quinn lhe contara uma vez sobre um gambá de Speonk. Ele sentiu seu rosto se contrair e percorreu chorando os três últimos vagões do trem. Perguntou-se se Sasha conhecia a história.

Tinha visto os olhos de Sasha de novo, encontrando com os seus, do outro lado da sala de espera no hospital. Ele não conseguiu manter a imagem em mente por muito tempo.

Como era possível?

Ele desejava não ver nem fazer mais do que o absolutamente necessário, porque qualquer experiência acabaria maculada por aquela noite, por aquele horror, e talvez infectada pela proximidade. E qualquer experiência amanhã e depois de amanhã. E talvez qualquer experiência pelo resto de sua vida pudesse ser envenenada pelo fato de acontecer num mundo sem Quinn.

Ele desceu em East Hampton. A estação estava vazia. Havia um táxi do lado de fora, e o motorista dormia. Ray se pôs a andar.

O vento aumentava à medida que ele seguia para o sul, rumo ao mar. Depois de um tempo, ele não conseguia mais sentir os pés. Talvez a insensibilidade tomasse conta de todo o seu corpo.

Prometeu a si mesmo manter-se em contato com o real, mas era difícil. E se não fosse ela? E se ela não tivesse partido? E se ela ainda pudesse voltar?

E se ele apenas estivesse imaginando que isso acontecera, e uma realidade mais real surgisse para salvá-lo?

Sua mente não parava de voltar no tempo. E se ela não tivesse pegado a bicicleta? Se tivesse saído uns minutos antes ou depois? E se não estivesse chovendo? Se tivesse feito um caminho diferente?

E se o motorista não tivesse sido um imbecil do caralho? E se não tivesse bebido margaritas demais numa festa ao ar livre? Os policiais declararam que ele não ultrapassara o teor alcoólico permitido, mas ainda assim...

E se Quinn tivesse caído na grama em vez de ter caído no asfalto? Por que ela foi cair no asfalto?

E então Ray teve que voltar à realidade, porque se ela fugisse, se viesse por trás, poderia derrubá-lo de tal maneira que ele nunca mais seria capaz de levantar.

Sasha não contou aos pais que ia sair. A ideia tinha vindo ainda antes de ela ler as palavras de Ray na tela do seu celular. Ela simplesmente escapou. Não que seus pais fossem perceber naquela hora, naquele dia.

Ela não conseguia encarar o pai de novo. Temia por ele. *Ele não sabe o que fazer numa situação dessas*, ela se pegou pensando.

Não que ela própria soubesse. Mas ela sabia que amava Quinn além da razão. Compreendia que Quinn era a magia secreta e especial da família. Quinn era a história e a contadora da história. Sem ela, eles teriam que vagar por aí, sem sentido. Esvaziariam. Podiam ainda ter a sensação de que seus reservatórios ainda estavam repletos dela, mas secariam logo e, sem ela, não voltariam a se encher.

No fundo de seu coração enlutado, Sasha sabia que seu pai ainda tinha que tomar consciência de tudo aquilo. Estava preocupado com piercings e teares manuais indianos, horários erráticos e notas baixas. Confundia essas coisas com o que era importante. “Pais de adolescentes e jovens acabam se apegando às coisas mais idiotas”, ela ouvira um professor dizer certa vez, e pensava nisso com frequência. Seu pai se mostrara obcecado pelo nariz de Quinn para tomar certa distância dela, talvez. Para tentar amá-la um pouco menos à medida que ela crescia e se afastava dele.

E agora só lhe restava cair e cair e cair, um trauma a cada colisão, enquanto Sasha já o esperava lá no fundo.

Ela saiu depressa para a rua e em silêncio. Não havia nada de Quinn na casa dela. Sasha subira as escadas e percorrera os corredores, ansiando por alguma coisa, mas não havia nada. Quinn tinha o próprio quarto ali, mas nos dois anos desde que Robert e Evie compraram a casa, nunca dormira lá. Quinn preferiria dormir num banco do parque. É provável que tenha dormido. Quinn jantara na sala de jantar umas poucas vezes e nunca parecera à vontade em nenhuma delas.

Tudo que sobrara de Quinn vindo do apartamento antigo na rua 81 tinha sido substituído, reformado, melhorado. Sasha precisava apegar-se ao que havia. Quaisquer aromas e sabores e sons que ainda guardassem algo de sua irmã precisavam ser absorvidos antes de perderem seus últimos vestígios.

O último trem noturno para Long Island já tinha partido, e ela pegou o carro no estacionamento. O atendente pareceu surpreso, mas não fez perguntas. Ela dirigiu pelas ruas chuvosas no estilo dela: uma garota nova-iorquina com menos de um ano de habilitação.

O pai teria um ataque cardíaco se soubesse o que ela estava fazendo, mas não havia sobrado muito o que atacar em nenhum dos dois.

Ela sabia mais ou menos como ir. Talvez tivesse planejado essa escapada antes. Ela digitou o destino no sistema de navegação. Fizera isso em diversas viagens com o pai dirigindo. O senso de direção dele não era confiável.

Sasha seguiu o curso da ponte da rua 59. Não conseguiria passar de novo pelo túnel Midtown.

Ela percebeu que estava descalça. Com certeza tinha tirado o vestido verde-claro e posto uma

legging e uma camisa de flanela em algum momento depois de ter voltado do hospital, mas não se lembrava.

Era bom dirigir. Como ela não tinha prática, o volante absorvia a maior parte de sua atenção. Praticamente não havia outros carros na temida estrada para Montauk.

Decidida a chegar lá a todo custo, assim que parou o carro em frente da casa, ficou desesperada, sem ter a menor ideia do que fazer. Ela apoiou o rosto no volante e seu corpo amoleceu.

Quando saiu do carro, deu com a porta da frente trancada. Ela foi andando com cuidado pelas pedras até o fundo da casa.

Ray ouviu um carro estacionar. Como sua mente estava confusa, o fato não o alarmou nem interessou, como se fosse algo normal. Todo o ser dele estava reduzido a uma uva-passa na base de sua cabeça. Ele estava desprovido de curiosidade, de esperança e de medos casuais.

Ray caminhava de um lado para outro na grama, suas pernas eram tocos gastos mal conectados ao tronco. Ocorreu-lhe, vagamente, que ainda calçava os sapatos novos que comprara para a festa e que estavam triturando seus pés. Ray sentiu uma tontura ao tirá-los. Havia tantas bolhas que ele mal sentia os pés. As unhas ficariam pretas e cairiam. Ele não ligava muito para isso. Sobretudo, não conseguia parar de se mover, por causa dos “e se”. Não sabia se conseguiria continuar, mas, se desmaiasse, a realidade teria uma chance de pegá-lo desprevenido. Ele sabia.

Ele avançou penosamente até a margem da lagoa e refrescou os pés. Pegou uma pedra chata, cheia de musgo e a atirou o mais longe que pôde. Foi bom. Ele pegou outra e mais outra. Seu braço estava tão frouxo que ele temia que se soltasse do corpo e fosse parar na lagoa também.

Tempo para atirar pedras.

De onde era aquilo? Da Bíblia. Ele tinha ouvido no funeral. No funeral do avô Harrison.

Ele atirou outra. Atirou com tanta força que a imaginou rasgando o ar por cima de toda a lagoa e acertando a casa do outro lado. Ouviu-a bater na água como as outras.

Mesmo no escuro, Sasha enxergou as formas dos destroços espalhados pelo pátio. Não tinha esquecido, mas eles tinham ficado enterrados sob uma camada grossa de cinzas. As lembranças começaram a soar como uma orquestra afinando os instrumentos. Não se transformaram em música, e foram ficando cada vez mais feias e cacofônicas.

Ela tropeçou numa taça de vinho. Pegou os dois pedaços e os fitou. E então os atirou no chão, reduzindo-os a centenas de cacos. Respirou fundo.

Mais adiante havia um prato branco de porcelana. Ela o pegou e o arremessou na horizontal, com as duas mãos, fazendo-o explodir ruidosamente. Outro prato piscou para ela como um olho grande e branco. Ela também o estilhaçou. Cacos de vidro quicaram em sua perna. Ela deu um passo, e alguns deles enterram-se em seus pés descalços. Os pratos estavam à sua mercê; seus

pés, à mercê deles.

Ela estava pronta. O que mais?

Ray ouviu o barulho de vidro se quebrando vindo da direção da casa. Mais barulho. Suas pernas o arrastaram morro acima, rumo aos sons.

A uva-passa dentro de seu crânio não estava curiosa nem assustada e tampouco capaz de se surpreender. Era ela? Ele levou alguns segundos para organizar os fatos em sua mente. Sasha, a soma do seu zero, estava naquela casa, no escuro, destruindo a louça. A uva-passa era capaz de se fascinar.

Fazia muito sentido. Era a única coisa a fazer. Ele cambaleou até o pátio e pegou o primeiro prato que viu. Jogou no chão num gesto eletrizante de vingança. Os cacos voaram tão alto que alguns tocarem-lhe a testa.

Sasha ficou paralisada, prato de bolo na mão. Fitou Ray. Ele a fitou. Sob a luz das lâmpadas solares, ele a contemplou desde o rosto feroz até os pés brancos e descalços.

Entre eles ocorreu um exaltado sentimento de reconhecimento. A agonia de Ray foi ao encontro da de Sasha. A tensão no queixo dela mostrava sinais de um conflito interior. O rosto dele começou a se contrair. Ele ainda não conseguia soltar as feras que se agitavam dentro de si.

Em vez disso, quebrou outro prato. Ela jogou um jarro de limonada contra a casa como se fosse um arremessador de beisebol. Um rodeava o outro num estranho balé de demolição, num diálogo de explosões.

O sol finalmente despontou no horizonte e iluminou o que os dois tinham feito. Eles pararam. A chuva tinha parado. Tudo o que tinha permanecido inteiro agora estava quebrado.

Sem palavras, ela encontrou os grandes sacos de lixo na casinha perto da piscina. Ele pegou a vassoura para faxina e começou a varrer possesso. Com o primeiro raio de sol, ele viu sangue dos pés deles por todo o pátio, e não suportava mais vê-la caminhar sobre ele.

Nos instantes seguintes, o balé continuou, em silêncio, em sentido contrário. Pilhas de vidro quebrado, pedaços de lagosta, papéis encharcados foram para os pesados sacos de lixo. Mesas e cadeiras foram erguidas do chão. Com a mangueira na pressão máxima, Ray lavou o resto do sangue e da comida.

Juntos, empilharam os sacos ordenadamente no compartimento do lixo. Ele admirou o comportamento profissional dela, como fizera muitas vezes no mercado Black Horse.

Ray a seguiu através do gramado até a pequena elevação que dava para a lagoa, sob a tília favorita de Quinn. Observando do ângulo certo, ainda dava para ver restos da casa da árvore dela.

Sasha parou, e ele fez o mesmo. Embora fosse apenas uma mera uva-passa, se pegou tomando-a pelas mãos. Corajosamente, ela levantou os olhos para ele, que se sentiu perdido. Ele viu a dor no rosto dela e não conseguiu mais se segurar. O rosto dela estava transtornado pela dor, assim como o de Ray. Sua angústia se mostrava tão crua que ele não quis que ela visse.

As pernas dele fraquejaram, e ele se viu ajoelhado no chão. Sasha o envolveu em seus braços,

enterrou a cabeça dele em seu peito. Ele a abraçou pela cintura e chorou.

A certa altura, ela se abaixou também e ambos se deixaram cair sobre a grama. Permaneceram ali agarrados um ao outro por um longo tempo. Os soluços dela faziam coro com os dele.

No fim, ambos ficaram em silêncio. Sasha virou-se para cima e ele sentiu o coração dela bater sob sua mão. Seu corpo lindo aninhado no seu. Ray encostou o rosto no pescoço dela, logo atrás da orelha. Aquele cheiro, aquele cheiro bom e suave, que ele sentira apenas em doses mínimas, de segunda mão, pelo qual ansiou anos, agora roçava seu corpo e o envolvia, como um manto de misericórdia.

Ele deixou a consciência se dissolver e os músculos relaxarem. A realidade poderia esgueirar-se e sufocá-lo quando despertasse, mas ele estaria ali com ela.

Os olhos de Sasha se abriram. Ela emergiu à superfície do sono com cuidado, devagar, temendo o que certamente encontraria quando estivesse totalmente acordada.

Sua cabeça estava pousada na grama. Os braços de Ray ao redor dela, o rosto dele contra seu pescoço. Esse era Ray. Sasha notou pelo peso do corpo que ele ainda dormia. Ela se manteve bem imóvel. Examinou as partes do seu corpo e do dele. Seus pés estavam enroscados nas panturrilhas dele e ardiam.

Com cuidado, ela juntou as peças que tinham trazido ambos até ali. Não deixou o fato mais frio chegar logo de cara. Mas não conseguia escapar dos sentimentos. Seus olhos marejavam o tempo todo, e as lágrimas não paravam de correr. Tentava se manter imóvel. Lágrimas rolavam da ponta do nariz e caíam na grama. Ela se esforçava para não tremer.

O sol estava a meio caminho do topo e os pássaros começavam a se agitar. Seus pais entrariam em pânico. À claridade crua da manhã, ela percebeu que não podia aumentar a dor deles.

Com muito cuidado, virou o corpo para ficar de frente para Ray. Ele se agitou no sono e a puxou para mais perto. Ela o abraçou com carinho e força. Tentou guardar sua imagem na memória.

Ousou dar um beijo no seu queixo, outro perto da orelha.

— Desculpa, mas tenho que ir embora — ela cochichou enquanto desvencilhava braços e pernas dos dele.

— Por favor — ele murmurou, e então ela o abraçou ternamente, durante o desafio daquele duro despertar.

Depois, ele ficou um pouco constrangido ao levantar. Ele quis acompanhá-la até o carro. Ambos mancavam. Não tentaram falar nada, o que foi um alívio.

Ele a observou tirar o carro da frente da garagem. Esfregou os olhos.

Ela sentiu uma corda que os prendia esticar-se e se retesar. Sasha o deixou lá, com as mãos no bolso e os cabelos bagunçados.

A corda se esticou e se esticou até vibrar como uma corda de banjo conforme ela dirigia.

Puxava seu coração com força, mas não arrebatava.

22

“A ARRUDA É PRA VOCÊ E ESSA AQUI É PRA MIM... OH, O SENHOR TEM QUE USAR A ARRUDA DE OUTRO JEITO”

— NÃO POSSO MAIS ME CASAR.

Emma vinha ruminando isso ao longo de muitas horas de semissono, em meio a idas e vindas da consciência, idas e vindas dos sonhos sem forma e dos dias sem tempo. Existia algo que ela e Jamie tentavam proteger, a que tentavam desesperadamente se agarrar, mas ela não conseguia mais continuar com aquilo. Não conseguia sequer lembrar o que era.

Ela disse a Jamie para não aparecer, e ele esperou alguns dias. Enviou comidas da Fresh Direct. Enviou uma caixa gigante de frutas da Dean & DeLuca. E finalmente enviou a si mesmo. Ele a abraçou no sofá da sala de estar da casa da rua Carroll.

— Não precisamos pensar nisso — ele lhe disse.

— Não quero te ver por um tempo. Só quero ficar em casa deitada na cama.

— Tudo bem, eu entendo.

— Não quero pensar no futuro nem em ninguém nele.

— O.k.

Ele a tinha entre os braços, mais perto de si do que nunca, e era bom. Mas também lhe despertava sentimentos confusos, que apontavam para o futuro e a lembravam de coisas sobre as quais ela não queria pensar.

— Isso significa que você pode parar de me abraçar e ir embora — ela disse.

— Agora?

— Sim.

— Posso voltar amanhã?

— Não.

— Semana que vem?

— Não. Não sei. Não consigo pensar. Não quero tomar nenhuma decisão. Só sei que preciso de um tempo e preciso que você faça o que eu digo.

— O.k. — Ele apoiou a testa no rosto dela. — Não quero, mas eu vou.

— Obrigada.

— O difícil é que a minha mente está aqui com você o tempo todo. Eu quero ajudar.

— Eu sei, mas agora não dá.

Ele suspirou.

— O.k. Vou ficar longe até você estar pronta para me receber.

— Que bom.

— Enquanto isso, promete me ligar se precisar de alguma coisa? Se eu puder fazer alguma coisa? Qualquer coisa mesmo, não importa se é grande ou pequena.

— Prometo.

— Certo.

— Então agora você vai tirar os braços de mim — ela disse. Ela chorava e ele também.

— Tudo bem. Eu tiro. — Ele tirou. — Em?

— O quê? — ela perguntou. Ele não se mexeu.

— Você vai ter que tirar os braços de mim também.

Nas idas e vindas das longas horas e dias de sonho, Emma pensou na pequena macieira que sua mãe dera a seu pai no último aniversário dele antes de se divorciarem. Como era fim de outubro, eles a deixaram na caixa e guardaram no barracão durante o inverno, para plantarem na primavera.

Mas pouco depois as coisas começaram a ruir. A primavera e o verão chegaram e se foram, e ninguém abriu a caixa. Ela foi ficando lá, mês após mês.

“Bom, a essa altura já morreu faz tempo”, o pai dissera quando outro inverno tinha passado, mas ela notara que ele não tinha jogado a árvore fora.

Emma devia ter cinco ou seis anos na época. Ela imaginou como a mãe se sentia cada vez que ia pegar um rastelo ou uma pá e via a caixa alta e estreita ainda fechada. A caixa era mais um impasse amargo entre os pais, com outra vítima inocente definhando em seu interior.

Foi Quinn que finalmente levava a caixa para fora do barracão. Emma a ajudara a abrir. Ambas fecharam os olhos, temendo ver apenas os tristes restos. A muda realmente parecia raquítica e sem condições de sobreviver, mas Quinn não deixaria que jogassem fora. Ela tinha pedido para Adam ajudar a cavar um buraco perto da floresta. Eles soltaram as raízes com cuidado e a colocaram na terra, apesar de saberem que estava morta.

“Nós estamos plantando ou enterrando?”, Emma perguntara a Quinn.

“Dá na mesma”, Quinn respondera, sentara-se ao lado daquele arremedo de árvore e conversara com ele por horas.

Talvez tenha sido aí que Quinn tinha embarcado no seu peculiar sistema de crenças sobre o crescimento. Todos os dias, a primeira e a última coisa que as duas costumavam era correr para ver como estava a arvorezinha.

Em seis dias, folhas minúsculas brotaram da ponta de dois galhos finos e marrons. Ela se lembrava do silêncio úmido do ar da manhã, do som da respiração dela e de Quinn, do encanto. No dia seguinte apareceram mais. Ao fim da segunda semana, folhas verde-claras tinham

brotado de cada ramo seco e marrom.

Depois de um mês, elas trouxeram o pai, cada uma segurando uma mão.

“Não é a aquela macieira velha e seca?”, ele perguntara.

Elas fizeram um solene “sim” com a cabeça.

“Não pode ser.”

“É.”

Ele se retirara balançando a cabeça, considerando a resposta um engano infantil.

No fim do verão, Lila tinha visto também.

“Seu pai finalmente plantou?”

Emma lançara um olhar para Quinn, meio paralisada, e Quinn assentira devagar. Aquele era o único fiapo de mentira que Quinn, pelo que Emma sabia, tinha contado na vida.

Diversas vezes ao dia por vários dias seguidos Emma caminhou pelo corredor escuro e escutou atentamente o que se passava no quarto da mãe. Às vezes os soluços a faziam afastar-se assustada. Às vezes o silêncio a assustava ainda mais. Naquele dia ela ouviu um suspiro que soou como um convite.

— Mãe? — Ela abriu um pouco a porta.

— Emma?

— Sim.

— Entre.

A mãe sentou na cama. As cortinas estavam abaixadas, mas não por completo. Lila vestia uma camiseta desbotada e calças de ioga. O cabelo loiro estava tão despenteado que quase formava dreadlocks.

Emma sentou ao seu lado na cama.

— Quer uma massagem nas costas?

Era isso que Lila sempre lhes dizia — quando dormiam tarde e ela entrava de fininho no quarto, quando ficavam doentes em casa e não iam para a escola.

— O.k. — Lila disse, e se deitou de bruços, com os braços debaixo do corpo.

Emma deslizou a mão para a frente e para trás, usando a técnica mais reconfortante da mãe.

— Como está o mundo lá fora? — a mãe perguntou com uma voz fraca.

— Igual antes. No geral. Para os outros. Para nós, menor do que era.

Lila concordou, a cabeça pousada no travesseiro.

— Sempre será menor. Mas chegará a ser alguma coisa?

— Chgará a ser alguma coisa.

— Ela era tão fácil de amar. Eu nem prestava atenção.

— Nenhum de nós prestava. — Emma começou a chorar.

— Foi por causa dela que me tornei parteira, sabia?

— Sabia.

— Ela nasceu na minha cama. Nesta mesmíssima cama. Dá pra acreditar?

Emma conhecia essa história, mas percebia que era um conforto para a mãe contá-la de novo.

— Houve uma tempestade de neve maravilhosa, linda, na noite em que ela nasceu. Desesperado, seu pai tentava tirar a neve do carro com uma pá. Queria chamar uma ambulância, mas eu disse que não. O que acelera mais o trabalho de parto do que uma ambulância?

Emma não sabia.

— Então, em vez disso, ele descobriu a Monica, que na época morava na rua Union.

Emma sabia que essa era a Monica que também tinha feito o parto de Mattie e Ray e se tornara conselheira e, por fim, sócia de Lila.

— Quinn nasceu com uma coifa. Era como um véu cintilante sobre sua cabeça e seu rosto. Monica nunca tinha visto um bebê com coifa. Disse que era um sinal.

— Do quê?

— De um destino especial.

— E foi.

— E foi.

A respiração de Lila desacelerou. Elas ficaram juntas ali por um longo tempo até Emma achar que a mãe estava dormindo.

— Como está o Jamie? — Lila perguntou com uma voz suave. Não estava dormindo.

— Não sei. Faz um tempo que eu não o vejo.

— Por causa de mim?

— Por causa de tudo.

Lila virou-se para cima de novo para encarar a filha.

— Você o ama de verdade, não ama?

— Amo.

— Percebi.

— Gostaria que você tivesse percebido antes.

— Vou lhe dizer uma coisa: eu também. — Lila fechou os olhos. Lágrimas escorreram sobre os lençóis.

Emma apoiou a cabeça no cotovelo.

— Ontem eu disse para a Mattie: “Gosto mais de mim quando estou com ele”. E sabe o que a Mattie disse?

Lila fez que não.

— Ela disse: “Eu também gosto mais de você quando você está com ele”.

Lila esboçou um sorriso.

— É verdade. Reconheço que sou uma pessoa mais suave e mais calma quando ele está perto.

— Devia falar isso para ele. Você precisa estar com ele.

Emma suspirou.

— Isso soa meio engraçado, vindo de você.

Lila também apoiou a cabeça.

— Meu Deus, eu sei. — As lágrimas recomeçaram. — Admito meu erro. Eu me arrependo. De tantas coisas. Dia após dia eu fico aqui deitada e só me arrependo.

Havia tanto naquelas palavras, tantos sentimentos que acabavam de se expor, que Emma começou a chorar também. Sua mãe não estava sequer tentando se proteger.

— Ah, mãe.

— Eu sei, querida. Eu sei. — Lila acariciou o cabelo de Emma, afastando-o do rosto.

Era o que Emma queria, que sua mãe finalmente abaixasse as armas, mas, por outro lado, aquilo era ainda mais assustador.

23

TENROS E ENCOLHIDOS

— TENHO CERTEZA DE QUE VOCÊ NÃO PRECISA TRABALHAR — a mãe de Ray lhe disse quando ele apareceu na cozinha da casa de Wainscott barbeado e vestindo uma roupa que não era a calça de pijama do Batman. Ele sabia que Lila ia querer mantê-los por perto o máximo que pudesse.

— Eu sei, mas eu quero. A Emma foi. A Mattie foi.

— Elas são loucas — Lila disse.

Eles tinham passado nove dias numa casa escura no Brooklyn antes de sua mãe poder encarar um retorno a Wainscott. Houve telefonemas, cartas, flores, entrega de comida e alguns visitantes, incluindo George Riggs, que fizera uma breve aparição vindo da Califórnia para dar seus pêsames. Depois, passaram quatro dias numa casa iluminada em Wainscott, durante os quais Lila saiu da casa exatamente uma vez: para visitar Myrna. Foi um ato corajoso e criou uma imagem tão triste na mente de Ray que ele não teve coragem nem mesmo de perguntar como ela estava.

Era segunda-feira, dez da manhã, o primeiro dia, hora de sair do breu. Ele precisava sair de perto dos pais.

— Elas precisavam fazer alguma coisa. Eu também. Preciso mudar de ares e fazer algo com as minhas mãos.

No trabalho, Francis e os demais prestaram condolências constrangidas a Ray. Parecia que ninguém na cidade era capaz de encará-lo diretamente, como se não soubessem lidar com uma tristeza tão grande.

Ray estava apático no estoque. Fumou um cigarro perto das lixeiras com Julio. Foi péssimo, mas provavelmente o melhor momento do dia.

Depois, ele voltou para a casa e subiu as escadas sem falar com ninguém. Prendeu a respiração ao abrir a porta. Toda vez que entrava, sentia o cheiro e a presença dela.

Não sei o que fazer, ele lhe disse mentalmente.

Havia uma ânsia inclemente em seu coração. Uma dor constante. Vinha em ondas, algumas insuportáveis. Os acontecimentos de nove de agosto foram tão obscuros e misteriosos que ele começava a duvidar que tivessem ocorrido. Sabia apenas que Quinn partira, assim como Sasha.

Ele não conseguia distinguir entre sentir falta de Quinn e sentir falta de Sasha, mas sentia um pouco mais de esperança na saudade de Sasha. Ray não conseguia distinguir a sua dor da dor de Sasha. Era a mesma dor, a mesma perda. Pensar nela piorava e amenizava ao mesmo tempo, o que era estranho.

Ele foi até o chuveiro. Entrou e o ligou, preferindo a água quente, o vapor espesso e a ardência nas costas.

Pensou em Sasha no chuveiro. Pensava em Sasha em toda parte. As mãos dela abriam aquela mesma maçaneta fria e teimosa. Seus dedos cortados pisavam a mesma cerâmica escorregadia que os dedos cortados dele. Ray guardava um monte de sentimentos complicados. Alguns involuntários eram claramente voluptuosos, mas não todos.

Ele tinha a sensação de que ambos eram prisioneiros: da própria dor e da dor de suas famílias. Supôs que ela, como ele, tinha pais incapazes de a deixarem ficar longe dos olhos deles. Muitas vezes também pensava na culpa. Ele saiu e se pôs diante do espelho. Aquele espelho via Sasha; por que ele não?

Ray esticou o indicador e escreveu palavras no vapor condensado. Abriu a porta, e o ar fresco do quarto deles apagou o que tinha escrito.

O céu se tingira de um agourento tom amarelado sobre a fazenda dos Reese, e o vento mudava de direção o tempo todo. Mattie já tinha passado toda a colheita e os cestos para debaixo do abrigo de toldos.

— Você quer que eu guarde tudo no depósito para esta noite? — ela perguntou a Matthew.

Matthew saía apressado do celeiro com dois rolos gigantes de lona. Seu olhar revelava ansiedade.

Ela se pôs a caminhar com ele.

— O que está acontecendo? Parece que vem uma tempestade grande, não é?

Matthew continuou ansioso. Eles ainda mal conseguiam se olhar.

— Provável que seja granizo. Que é um desastre do caralho.

— O que você vai fazer?

— Cobrir tudo que puder.

— Sozinho?

Ele soltou os dois rolos ao lado do canteiro de abóboras.

Mattie sabia que Matthew não era mais velho do que Emma — nasceram no mesmo mês, na verdade. Ela tinha visto fotos das duas mães cansadas com seus dois bebês gordos. Lila uma vez dissera que Carly tinha ficado na cidade o tempo necessário para posar para aquela foto, e não muito mais. Mas às vezes Matthew parecia ter quarenta anos, quando não cem, e isso a deixava triste.

Ela sabia que ele estava sozinho. Patsy e a besta da Dana já tinham partido e não voltariam mais naquele verão.

Mattie se lembrou de uma noite, alguns anos antes, em que Quinn não voltara da fazenda. A hora do jantar passara. Era mais de meia-noite, e seu pai andava de um lado para outro quando ela finalmente voltara dos Reese, encharcada e entusiasmada, contando o que se devia fazer

numa fazenda comercial em caso de granizo.

— Posso ajudar? — Mattie perguntou.

— Nem era para você ter vindo hoje — Matthew respondeu.

Ela sabia que Matthew estava tentando protegê-la durante o luto. Tinha sido a sra. Reese quem telefonara e pedira para ela voltar ao trabalho. A sra. Reese não disse, mas Mattie sabia que Matthew também estava mal. Fazia um esforço tremendo. Todos faziam.

— Não ligo.

Ele balançava a cabeça enquanto voltava ao celeiro.

— É um trabalho duro, complicado e sem fim.

Ela continuou a segui-lo. *Por favor, não me dispense assim tão fácil, pelo menos desta vez.* Ela seguiu Matthew para dentro do celeiro para pegar mais material para proteger as plantações e saiu com ele rumo ao pomar.

— Sei que eu não sou a Quinn — ela disse com a voz trêmula.

Ele finalmente parou e se virou para ela. Mattie não sabia que o rosto dele era capaz de exprimir um desespero tão grande. Ele assentiu.

— Você pode ajudar se quiser — Matthew disse.

No começo, Mattie apenas continuou a segui-lo, tentando ter uma ideia da coisa. Reconhecia que talvez estivesse incomodando, mas talvez incomodasse muito mais se ficasse bombardeando Matthew com centenas de perguntas. Ela o observou cobrir e prender com estacas a primeira fileira de melões. Ele a deixou ajudar na segunda fileira. Na terceira, ele a deixou fazer do começo ao fim enquanto ele fazia as outras.

A chuva começou enganosa. No início, morna, mas logo esfriou. Quando Matthew foi ao celeiro de novo, trouxe uma jaqueta com o cheiro dele. Enquanto ela a vestia, ele olhou incrédulo para os seus pés. Chinelos de dedo de cor metálica, unhas pintadas de azul-piscina.

— Quanto você calça?

Ali estava um número que ela nunca mais falara em voz alta desde os catorze anos. Não falara para as amigas, nem para as irmãs, nem mesmo para a mãe, e com certeza nem para o jovem mais bonito que ela já vira na vida. Mattie levantou os olhos para o céu. O que havia a temer depois que tudo de ruim já tinha acontecido?

— Quarenta e um.

— Ótimo — ele disse com toda sinceridade, correndo de volta para o celeiro. — Você pode pegar um par meu.

Mattie baixou a cabeça e trabalhou. Seus braços latejavam e seus pés doíam. A mão estava em carne viva. Sob essa dor, escondia-se outra num lugar mais profundo, abaixo dos músculos, causada por todo o seu trabalho de se emperiquitar entre zínias e mirtilos ao longo dos últimos quatro verões, querendo se mostrar encantadora no balcão, onde era vista pelos clientes.

Ela se exibia no trabalho, posava como se ganhasse muito dinheiro e disputava com a idiota da Dana para ver quem se vestia melhor e flertava mais. *Eu me odeio.* Não à toa Matthew balançava

a cabeça e dava meia-volta. Aquela era a vida dele, o trabalho de sua família, seu sustento. Enquanto o ajudava, ela sofreu uma autopunição visceral, uma reorientação necessária.

Quando Matthew já confiava o bastante para deixar as plantas rasteiras por conta dela, correu para o pomar. Mattie percebeu que era o que mais o preocupava.

A chuva veio forte e transformou o chão em lama. Ela deslizava de uma fileira para outra, caindo duas vezes de maneira tão desastrosa que se sujou de lama até na testa. A fazenda era pequena, mas, meu Deus, como parecia grande naquela noite. Berinjelas, couves-flores, milho, pepinos, abobrinhas. Os tenros filhinhos de Quinn, cuidados por suas mãos místicas, agora indefesos e encolhidos sob um céu que se agitava rápido. O coração de Mattie estava com eles, e um pouco com ela própria também. *Sentimos saudades. Precisamos de você. Como pôde nos abandonar?*

Ela tinha se tornado a sombra de Matthew, seu alter ego, sua gêmea com casaco e botas combinando, correndo para lá e para cá entre o celeiro e as plantações. Uma fileira após a outra: tomates-cerejas, pimentas, batatas, mirtilos, amoras, mais melões. Enfiando bem as estacas para garantir que a cobertura ficasse mais firme onde o chão estava mais mole.

Ainda havia quatro fileiras de mirtilo diante dela. Ela sentiu uma energia frenética e desesperada aumentar uma concentração profunda. Mattie perdeu a noção do tempo. Não podia suportar a ideia de deixar uma única frutinha, um único galho, desprotegido. Ela podia ser mais rápida, e foi. Sua mente normalmente dispersa conseguiu concentrar-se naquela finalidade única e simples.

Quando ela começou a duvidar que o granizo viria, o granizo veio. Apenas lascas e fagulhas de gelo que zuniam à passagem, quase como uma brincadeira. Ao sair correndo do celeiro, Matthew trouxe consigo um capacete de bicicleta e o jogou para Mattie.

— Sério? — ela disse. Foi bom ele não ter ouvido. Ela afivelou a tira debaixo do queixo.

Ah, se Dana a visse naquele momento.

Ela já não sentia o próprio corpo. Apenas a cobertura de plástico esticando sob seus dedos. As picadas dos gelinhos afiados a incomodavam. Que efeito teriam sobre um mirtilo?

Quando viu que não conseguiria terminar a última fileira, parou, aninhou três arbustos jovens sob seu corpo e esperou. Estava tão envolvida com aquilo que se assustou um pouco, mas a Mattie assustada e essa nova mãe de mirtilos tinham pouco a ver uma com a outra.

“Não sei mais quem sou”, ela tinha dito a Matthew. Havia palavras mais verdadeiras que aquelas? O som das pedras de gelo caindo do céu, batucando contra um capacete de bicicleta emprestado no meio de uma plantação, a lama cobrindo-a até as sobancelhas, o corpo debruçado sobre mirtilos: tudo era mesmo uma novidade.

Matthew encontrou Mattie ali um tempo depois.

— Acho que o pior já passou — ele disse com cautela.

Ela fez que sim, se desvencilhou dos arbustos, endireitou o capacete. Tentou não vacilar nem cambalear ao caminhar na direção dele. Não dava para abrir mão de toda a dignidade de uma

vez.

— Você está bem?

Ela assentiu.

Ele observou os campos com uma expressão próxima da incredulidade.

— Você fez um trabalho *incrível*.

Ela começou a tremer.

— Nem sei o que dizer.

Ela assentiu de novo.

— Se dois de mim estivessem aqui, acho que não teria ficado tão bom.

Ela deu de ombros. Com mãos tremulas, tirou o capacete. Era difícil articular alguma palavra.

Quando finalmente conseguiu pensar, disse-as com grande esforço:

— V... você não conhecia a minha capacidade.

O rosto dele se abriu por inteiro e ele aparentou não ter mais do que os vinte e dois anos que tinha. Ele percorreu os poucos centímetros que os separavam com um passo largo e passou os dois braços em volta dela. Abraçou seu corpo trêmulo e aninhou o rosto cansado em seu cabelo.

— Eu nem conhecia você de verdade.

24

A MAGIA MAIS PROFUNDA

ERA DIFÍCIL VOLTAR ALI. TODOS ACHAVAM.

Tinham se passado quase três semanas. Depois da primeira noite frenética, Sasha prometera aos pais que sosseitaria, e cumprira.

O verão acabara. Lila e a família já tinham voltado ali na semana anterior. Talvez por isso eles precisassem voltar também.

O pai de Sasha andava ao redor dos quartos como um figurante em um filme. Sua postura tinha mudado desde o acontecido. Dizia que seu corpo já não digeriria a comida direito. Sua barriga não estava nem um pouco grande agora. Era o vácuo em que as outras partes dele começaram a afundar.

Evie vivia agitada feito um inseto. “Ele vai superar. Todos vamos”, costumava dizer nervosamente, o que fazia Sasha temer o contrário.

A única estrutura sustentando suas vidas era a cerimônia em memória de Quinn, planejada para setembro.

No começo da manhã, Sasha ouviu o pai tentar acertar os detalhes com Evie enquanto seu café da manhã continuava intocado, acertar tudo como se os dois fossem os únicos responsáveis. E de repente, zás, por entre os destroços da mente de Sasha veio, cortante, a dúvida: *Não avançamos nem um passo?*

Sasha parou em frente à mesa da cozinha.

— Você precisa ligar para a Lila e combinar com ela — disse ao pai.

Ele a fitou, confuso. Não havia mais espírito de luta, apenas a poeira que ainda não assentara depois do fracasso.

Mais tarde, na mesma manhã, enquanto o pai caminhava ao redor dos quartos, ela viu uma luz crescer aos poucos dentro dele. Ao meio-dia, ouviu-o conversar apressadamente com Lila pelo telefone. Sasha tentou distinguir um tom de amargura ou censura em sua voz, mas percebia apenas cansaço. Juntos, combinaram os últimos detalhes.

Era difícil para Sasha entrar no seu quarto, e permanecer lá a deixava confusa.

Ray tinha tentado arrumar a cama. Com quase toda a certeza, era a primeira vez, desde que a usavam alternadamente, que ele tinha feito isso. Os músculos para sorrir, enferrujados, puseram-se a trabalhar no rosto de Sasha. A cama parecia ter sido arrumada por uma criança de cinco anos.

Era assustador pensar em Ray. Era assustador lembrar-se da sensação de seus corpos aninhados durante aquelas poucas horas de sono sobre a grama. Porque e se aquilo tivesse resultado em um acordo que ela não tivera a intenção de fazer? E se ela inconscientemente tivesse trocado a maior das suas dores pelo mais velho dos seus desejos?

Sua crença barata, atrofiada e não mística exigia que ela oferecesse sua felicidade em troca de um pouco menos de frustração, um pouco menos de medo. É sofrendo que se deposita dinheiro na conta do banco cármico. Sempre havia mais contas a pagar. Nenhuma alegria podia vir disso.

Mas Quinn tinha uma crença diferente. Corajosa e expansiva. Ela diria para não ter medo da dor. Não fugir daquilo que se sente. Não trocar sua felicidade por nada. Abrir as portas para a alegria.

Sasha estava sentada cuidadosamente na cama, na cama deles, respirando fundo o ar do fim do verão, sentindo a presença de Quinn e permitindo-se pensar em Ray. “Eu queria que parássemos de nos dividir”, Quinn tinha dito no dia do acidente. Ela não ia deixar que a morte de Quinn se tornasse outro motivo de divisão.

Sasha entrou no banheiro. Às vezes, uma ducha ordenava seus pensamentos. Às vezes uma ducha a fazia ver as coisas de um modo diferente.

Ela girou a torneira e deixou a água esquentar. Já estava entrando no chuveiro quando viu as palavras aparecerem como magia no espelho embaçado: EU QUERIA PODER TE VER

— Como está o Jamie? — Emma perguntou não muito depois de ter chegado em Wainscott no fim da semana. Ela não queria perguntar, mas precisava. Não conseguia se conter.

O pai estava sentado à beira da piscina, calças arregaçadas, balançando os pés na água fria. Parecia não notar mais que a piscina estava cheia de folhas e sapos. Ele virou a cabeça na direção da filha.

— Por que está perguntando para mim?

Ela notou que ele não ia facilitar as coisas.

— Porque sei que você passou algumas horas no escritório na quarta-feira. Evie me contou.

Ele deu batidinhas no espaço ao seu lado para que ela se sentasse.

— Eu passei no escritório, mas não o vi, porque ele não trabalha mais lá. Achei que você sabia.

Ela se voltou para o pai e arregalou os olhos:

— Eu não sabia. Faz algumas semanas que não falo com ele. A gente está dando um tempo... porque... depois de tudo... — A sua meta do dia era simplesmente ir dormir sem ter chorado, e ela só conseguiu se segurar até as quatro da tarde.

O pai pôs o braço em volta dela.

— Ah, minha querida. Eu entendo. Claro que entendo.

Ela limpou o nariz na manga da camisa sem a menor cerimônia.

— Quando ele saiu? Por quê?

— Ele avisou sexta-feira passada. Deu uma explicação respeitável para os meus sócios. Mas ele me chamou pessoalmente e explicou que seria mais fácil assim para vocês dois. Ele não queria que você pensasse que o emprego interferia nos sentimentos dele em relação a você.

— Ele disse isso? Nem estamos juntos.

— Exatamente. É por isso que a princípio fiquei surpreso.

Ela assentiu e suspirou.

— Acho que ele não considera esse nosso afastamento como um término.

— E você?

Ela balançou a cabeça.

— Também não. Ele não sai da minha cabeça o dia todo. Sinto uma saudade enorme. Só acho que não consigo ficar com ninguém neste momento.

— Entendo — ele disse de novo, e sua voz saiu carregada de emoção. Ele respirou fundo algumas vezes. Chutou a água e observou as gotas voarem. — Tenho a sensação de que ele vai ter paciência.

— Ele diz que vai.

— Ele agiu de uma maneira muito correta, como você pode imaginar.

Ela sorriu. Apoiou a cabeça no ombro dele. Às vezes, ela e o pai tinham as melhores conversas quando sentados lado a lado.

— Falei que esperava que ele soubesse que não o culpo pelo incidente na festa. Você sabe que eu já pedi desculpas pessoalmente a ele e aos pais dele.

Emma se lembrou de que ainda não tinha criado coragem para abrir o envelope creme contendo a carta de pêsames dos pais de Jamie.

Pelo jeito com que o pai falava, ocorreu a Emma que eles estavam reescrevendo aquele dia juntos. À luz da verdadeira tragédia que veio depois, a festa de noivado começava a parecer uma mentira para eles.

Emma assentiu.

— E o que ele disse?

— Disse que entendia e aceitava as minhas palavras pelo que eram: generosas. Disse que não guardava nenhum rancor, apenas compaixão, e que não estava saindo da empresa por causa do passado, mas porque queria começar do zero um futuro com você.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— E o que você disse?

Robert deu de ombros.

— O que eu poderia dizer? Disse exatamente: “Você é um homem bom, James Hurn, e tem razão em amar mais a minha filha do que este emprego, porque ela é infinitamente mais importante do que este emprego jamais será”.

Ray achou que tinha que conversar com sua mãe.

Encontrou-a sentada à mesa da minúscula cozinha da casa do Brooklyn, diante de uma caneca de chá. Pela janela dos fundos, ela via Hank, o inquilino do andar de baixo, regar o jardim.

Quando Ray sentou diante dela, Lila lhe deu um sorriso distante e distraído.

— Mãe?

— Oi, querido. — O rosto dela estava pálido nos últimos dias.

— Lembra que você estava falando com o papai que a cerimônia vai acontecer no nosso fim de semana e que nós devíamos sugerir a Robert que passasse a noite de sexta-feira na casa, e a gente ficasse no sábado? — ele precisou falar bem rápido, para soltar tudo.

— Lembro.

— Bom... — Ele respirou fundo. — Acho que não devemos tratar esse assunto desse jeito.

Ela segurou a caneca com as duas mãos e inclinou.

— Como assim?

Ele agitou os pés. Sempre ficava ansioso naquela mesa.

— A casa pertence a todos nós. Acho que devíamos dividir.

Ela assentiu devagar.

— Eu sei. Concordo. Por isso disse aquilo.

— Não, mas não dividir como sempre, tipo você fica sexta, a gente sábado. Devemos partilhar de verdade.

A mãe o encarou. Sua expressão não era tanto de defesa ou desacordo. Parecia mais um computador que não conseguia processar os dados.

— Tipo, todo mundo ficar lá junto no final de semana — ele explicou.

O computador de Lila ainda não conseguia processar.

— Então, tipo, todo mundo ficar na casa ao mesmo tempo.

De repente, os circuitos dela ganharam vida, chiando e estalando.

— Ficar juntos na casa? *Ao mesmo tempo?*

— Sim.

— Mas...

— O quê?

Os olhos dela revelavam certo pânico.

— Eu não...

— Mãe, tem um monte de espaço. Não vai ser como se vocês não tivessem a privacidade de seus próprios quartos e banheiros. É uma casa grande. Não estou sugerindo uma mudança permanente ou algo do tipo. Só dessa vez.

Ele deixou a imagem de Quinn aparecer em sua mente, mas só em flashes.

— Acho que seria o mais adequado nessa ocasião — continuou. — De verdade.

Lila levou as mãos ao rosto. Ainda não entendera bem. Mas Ray via que ela estava tentando. Começava a compreender o que havia por trás da sugestão. Ela olhou pela janela. Hank tinha

desligado a mangueira.

Os olhos de Lila estavam cheios de lágrimas quando ela voltou a encarar o filho.

— Mas você acha... — a voz saiu um pouco trêmula. — O Robert e a Evie...

— Acho que você devia ligar para o Robert e dar a ideia.

Lila ponderou naquilo com olhos grandes e sem foco. Sua placa-mãe emitiu uma última fagulha.

— Onde a Sasha dormiria?

Ray finalmente escreveu para Sasha.

Não sei o que dizer. O mundo está difícil demais. Só queria checar se você ainda está nele. Eu ainda estou. Com certeza. Comprei uma calandiva nova pra gente. Você não precisa regar nem nada. Comprei porque tem as mesmas florezinhas laranja da antiga.

Sasha passou um bom tempo pensando no que dizer.

Também queria poder te ver.

Mesmo biquíni. Mesmo cabelo loiro. Mesmos pés grandes. Mesma praia de Ditch Plains. Ainda assim, Mattie sabia que tudo estava diferente dessa vez.

Jonathan Dawes ficou surpreso ao vê-la. Largou a prancha no mesmo instante, encerrou a conversa com outro surfista grisalho. Ele se aproximou de Mattie e lhe deu um abraço.

— Sinto tanto, Mattie.

— Eu sei. Obrigada. Obrigada pela carta.

Ele tinha escrito três lindas páginas com suas lembranças de Quinn, a fadinha selvagem, e Mattie derramou lágrimas sobre elas.

Ele assentiu.

— Como você está?

Depois de tudo o que se passara entre eles, ela queria responder com sinceridade e não apenas dizer “bem”.

— O começo foi pura tristeza. Agora estou mais... desanimada... boa parte do tempo. Mas isso nem sempre é uma coisa ruim.

Ele tocou a mão dela.

— Garota sábia. E sua mãe, como está?

Mattie soltou um suspiro.

— Acho que começou a voltar à vida. Um pouco.

O rosto dele se contorceu de pesar.

— Não consigo nem começar a imaginar o que deve ter sido.

— Ela ficou no quarto por um bom tempo. Ontem preparou o café da manhã para a gente.

— Renascendo — ele disse.

— Espero que sim — ela respondeu. — Nenhum de nós vai voltar a ser o que era antes.

— Eu sei.

— Sinto falta dela o tempo todo. — Os olhos de Mattie começaram a cota diária de lágrimas.

Ela se deu conta de que confiava em Jonathan. Ele tinha lhe dito a verdade. Ela continuaria a lhe dizer a verdade.

Ele parecia prestes a chorar também. Ficou em silêncio por um instante, mas a expressão de seu rosto dizia que ele estava refletindo no que dizer.

— Fiquei preocupado várias vezes de ter agido mal ao contar o que aconteceu naquela época... E depois quando Quinn... Me desculpe se eu deixei o seu fardo mais pesado.

Ela chutou areia para o alto.

— Não. — Ela sentiu o calor do sol no alto da cabeça. — Não se desculpe por isso.

Ela tinha se perguntado antes. Tinha sido errado? Estava com raiva dele? Não tinha. Ela não estava.

— Não foi errado — ela disse, e o observou com cuidado. — Agradeço por você ter me levado a sério o bastante para me contar a verdade e por ter... me acordado, acho. Me fez repensar alguns jeitos que eu tenho, que nós temos de ser, que não estavam fazendo muito bem para nós...

— Ela respirou fundo. — É difícil explicar.

Ele assentiu.

Ela respirou fundo outra vez.

— Eu também queria dizer que, apesar de tudo o que eu sei agora, e apesar de todos os defeitos, eu já tenho um pai.

Ele assentiu de novo. E meio que inclinou a cabeça.

— Eu já tenho filha.

Ela olhou para cima.

— Tem?

— Tenho. Ela se chama Julia. Do meu primeiro casamento. Tem vinte e sete anos e mora em Los Angeles. Acho que você ia gostar dela.

— Uau.

Mais uma irmã em potencial, uma irmã parcial. Que estranho. E que estranhamente libertador. Ela tinha imaginado que só restariam vazios e arrependimento para Jonathan Dawes, mas ele já tinha tudo resolvido antes mesmo de ela nascer.

— Eu ia gostar de conhecê-la — Mattie disse.

— Eu também gostaria que a conhecesse.

Eles ficaram em silêncio por alguns instantes, um silêncio companheiro.

Por que existiam coisas que você podia ter aos montes, tipo filhas e irmãs, e outras que não, tipo pais e maridos?

— Ei, Mattie?

— Sim?

— Respeito isso de você não estar procurando outro pai. Eu também não estou procurando outra filha. Mas estou aberto à amizade, se você estiver. Agora que pusemos as cartas na mesa. Eu entenderia perfeitamente se você não quisesse. Mas gostaria de saber se você quer se deixar conhecer, se quer me conhecer. Sem pressão. Sem obrigações. Sem rótulos.

Ela o observou. Não estava mais com raiva dele. Gostava dele. Ele tinha pés grandes.

— É uma boa ideia — ela disse.

Quando Ray viu a calandiva laranja, quis abraçá-la. Sentia-se como um pai para ela. Consequia enxergá-la do lugar onde se deitava na cama e percebeu-se preocupado com o bem-estar da planta.

Como não conseguia dormir, escreveu para Sasha.

Eu meio que consigo acordar de manhã, mas não é fácil. Eu luto para dormir de noite. Tem noite que parece impossível. Se eu pudesse te abraçar de novo, acho que conseguiria.

Acordada no quarto em Nova York, Sasha queria dizer algo inteligente, acrescentar alguma coisa importante. Mas sobretudo queria chorar.

Se eu pudesse te abraçar de novo, acho que também conseguiria dormir.

— Onde você está? — Emma perguntou ao celular.

— Estou na rua Carroll. Bem na frente da sua casa.

— Por quê?

— Porque trouxe sorvete. Mas só crocante e com pedaços de cookie e chocolate.

— Jamie.

— Eu sei. Mas eu tenho uma pessoa que te ama e um pouco de sorvete. Então por que eu ficaria longe?

— Porque eu te pedi.

— Bom, é verdade. Mas você precisa de mim um pouco, pelo menos. E de sorvete.

Ela sentia tanta saudade dele que o peito até doía. O que ela poderia fazer?

— O.k., tudo bem.

Assim que ele entrou, os dois sentaram no chão da sala com duas colheres e comeram sorvete direto do pote. Ela o fez contar sobre sua saída da Califax Capital.

— Alguns dos sócios ficaram bem bravos — ele explicou. — Na reunião de saída, ameaçaram não pagar rescisão e acionar a cláusula de não concorrência, para eu não poder trabalhar no mesmo ramo pelos próximos três anos.

— Isso é horrível.

— Eu sei.

— É isso que se ganha por ser indispensável. Que saco. Se você tivesse sido um funcionário ruim, teriam te despachado sem problema.

— Mas não é tudo. A história fica melhor. Porque o seu pai ficou sabendo pelo meu chefe direto, o Gary. O Gary também não estava muito contente. O seu pai convocou uma reunião com os sócios. Ele foi lá na segunda. Gary disse que ele rugiu feito um leão. Disse que sempre devemos ser leais a quem trabalha duro. Se formos bons para eles quando saírem, podem ser que voltem. Se retaliarmos, só vão querer nos esmagar. Ele falou para me demitirem sem segurar a rescisão, sem cláusulas de não concorrência, e que ele mesmo ia escrever uma boa carta de recomendação.

Emma riu.

— Com certeza ele vai. Eu gostaria de ver essa carta.

— Ele não te contou nada disso?

— Não.

Jamie suspirou.

— Seu pai é uma pessoa maravilhosa.

— Eu sei. Ele é. — Ela riu. — Se a gente não der certo, acho que você e o meu pai deveriam se casar.

25

ABERTURA

PARA SASHA PARECIA QUE TODOS TINHAM entrado no mundo da vida após a morte. De algum jeito, entraram escondidos e disfarçados, em versões alteradas de si próprios, à procura dela. Tentando ser dignos dela.

Faríamos qualquer coisa para te encontrar, Quinn.

O pai dela não apenas tolerava Lila, a mãe de Quinn, mas a abraçava. Ficou ao lado dela, com água até a cintura, na lagoa fria de outono, enquanto todos os oito espalhavam as cinzas de Quinn. Quem mais compreendia o amor e a dor daquilo?

Claro que o olhar de Sasha foi para Ray. Quem mais compreendia? Era bom, era um milagre que alguém compreendesse.

Todos ficaram de pé na água de mãos dadas, em círculo, como se nunca tivessem feito as coisas de um jeito diferente. Evie de mãos dadas com Lila, Robert entre Lila e Adam. Robert, seu pai, usava a bata indiana que Quinn lhe comprara anos antes e parecia um autêntico cavaleiro bengali. Mattie encaixou um raminho de jasmim atrás da orelha, como Quinn tinha feito em seu último dia. Eles choravam.

Estamos um pouco com você, Quinn, não estamos?

Quinn teria amado aquilo. Essa era a melhor e a pior parte. A melhor, por ter acontecido. A pior, por ter acontecido sem ela.

Mas você está aqui, não está? Sei que está. Estamos aqui por sua causa.

A magia de Quinn estava no auge. Estranha e inegável. O reservatório deles tinha esvaziado, mas Quinn deixara meios para que um ajudasse o outro a reabastecer.

Você fez isso? Você queria que acontecesse?

Ninguém amava a harmonia e a integração mais do que Quinn. Ninguém sofria mais com a discórdia. Mas ela não fugia. Abraçava-a e a suportava. Era uma coragem típica dela.

O coração de Sasha estava mais pleno do que nunca quando ela deitou na cama e repassou todas as imagens do dia, observando a lua cruzar o centro da claraboia.

Como imaginar Lila e Robert, Adam e Evie, todos dormindo sob o mesmo teto? Até o dia 9 de agosto, seria simplesmente inimaginável, como várias coisas das últimas semanas, e sobretudo o horror de tudo isso para eles. Mas aquele dia tinha sido muito diferente. Ela imaginou os oito membros da família de olhos arregalados na cama, ainda acordados pensando na estranheza daquela noite.

E depois imaginou que estavam todos em estado de elevação espiritual na lagoa, juntos, atravessando turbilhões de sentimentos como se fossem bolsões de água quente e fria. Era uma elevação silenciosa e arrebatadora. Mas no fim era preciso sair.

Mas será que poderiam permanecer ali por um pouco mais de tempo? Poderiam tomar café da manhã juntos como tinham feito no jantar — todos muito cheios de dedos, mas amigáveis? Será que seu pai vestiria o avental de novo e escolheria alguma comida para pôr na churrasqueira? Será que ele e Lila voltariam a recordar pedaços da história, da noite de nevasca em que Quinn nascera na sua cama sem discussões?

Será que Lila voltaria a apertar a mão de Sasha e dizer: “Você me lembra tanto as minhas meninas que sinto que já te conheço”?

Será que o pai dela e Ray voltariam a examinar juntos o defeito no compressor de ar, balançando as cabeças ao estilo masculino, seu pai um pouco mais ereto?

Será que ela e Ray continuariam com seus olhares vidrados à mesa, tentando fingir que se conheciam apenas vagamente, enquanto ela ansiava por agarrá-lo e tocá-lo e sentir a sensação do corpo dele contra o seu?

Será que Emma, sem saber de nada, diria aos dois: “Sabe que eu acho que vocês podem se dar bem”?

Todos navegavam em águas estranhas.

O único problema era Ray dormindo em outro quarto, na outra ponta do corredor. Ela sentia que faltava sua outra metade, que vagava pela casa feito um zumbi.

Ela chegara a se oferecer para ficar no quarto de hóspedes, mas ele tinha insistido, como cavalheiro, que dormiria lá. Ela odiava o fato de estar ali numa noite como aquela, e ele não. Ela não queria mais jogos de soma-zero. Queria estar junto.

Não haveria sono naquela cama naquela noite. Já era difícil se render ao sono antes, mas agora Sasha estava a menos de quinze metros de distância dele.

Havia a estranheza e a doçura insuperáveis do dia. E, em honra a Quinn, ele tentou acolher tudo dentro de si: o ruim e o bom, o confuso e o estranho.

Apesar disso, aquele quarto era o último lugar onde queria estar. Aquele local anônimo, inabitado, com o tapete áspero com cheiro de lavanderia. A colcha, de textura grosseira, era estampada com flores azuis horríveis. Não tinha nem um pouco o cheiro de Sasha. Ele odiava isso.

Era o mesmo que estar num Holiday Inn, enquanto milagres ocorriam sob o teto da sua própria casa.

Ele levantou e andou de um lado para o outro sobre o tapete do quarto. Seus pés estavam quase bons, doíam menos que o resto do corpo. No dia anterior, ele tinha deixado seus novos sapatos de festa numa caixa de doações da igreja.

Ele preferia dormir no sofá da sala de TV que naquele quarto horrível.

Ele preferia dormir no gramado dos fundos.

Ele provavelmente preferiria dormir no cascalho em que o cachorro velho do avô Harrison corria.

Na verdade, ele preferiria dormir na sua cama. Na cama de Sasha. Na cama deles. A cama *deles*. Com vista para a lua e para a calandiva *deles*.

Eles estavam na mesma casa! Estavam no mesmo lugar ao mesmo tempo. À noite! Aquilo era simplesmente inconcebível.

Sasha está na minha cama, e eu não. Era insuportável.

Ele contemplou a escuridão além da janela. Vagas lâmpadas pontilhavam a entrada para o cais. Quanto mais olhava, mais via outros pontos de luz, luzes móveis e cintilantes: vaga-lumes.

Ele saiu do Holiday Inn e passou pelo quarto grande do outro lado do corredor, em que Robert e Evie dormiam. Aquele quarto nunca esteve ocupado numa noite em que ele se encontrava na casa. Ele mal tinha pisado dentro dele; era como um território estrangeiro. Era como o Vaticano dentro de Roma, a única parte da casa que pertencia exclusivamente “à outra família”. Ele entrou no corredor e se viu novamente na casa que lhe era familiar. Passou pelos quartos de Emma e Mattie. Na porta de Quinn, forçou-se a parar em frente e respirar fundo.

Fique aberto a tudo, ele disse a si mesmo. Era o que Quinn faria. Sentir tudo.

Ele passou pela porta do quarto em que seus pais dormiam. Nunca se tinha dado ao trabalho de pensar no motivo de os seus pais dormirem na suíte principal, e Robert e Evie não. Ray se aproximou da porta do seu quarto. Do quarto de Sasha.

De repente, notou algo bom na porta que, em circunstâncias normais, era sua: não estava fechada, mas entreaberta.

Ela estava mesmo lá dentro? Parecia fantástico. Ele não estava lá dentro, o que tornava a ideia um tanto plausível.

Será que Sasha a deixou entreaberta de propósito? A respiração dele se acelerou. Tentou se acalmar, irritado consigo mesmo. *Quantos anos você tem? Doze?*

Será que ele podia bater? Será que deveria? Não, alguém podia ouvir. Não Robert, a não ser que tivesse ouvidos biônicos, nem Adam, que era meio surdo, mas era bem provável que Lila ouvisse.

Suas mãos suavam. Seus pés quase curados suavam. Ele empurrou de leve a porta, e ela se abriu. Ele passou quase o corpo todo, sem saber ao certo se era o que pretendia ou não.

Agora ele tinha ido longe demais. Era uma boa ideia? Não importava. Ele não podia ter agido de outra forma.

Ray fechou a porta atrás de si. Prendendo a respiração, virou-se para olhar a cama. O quarto estava escuro, mas a luz tênue do luar derramava-se pela claraboia sobre Sasha, como tantas noites fizera com ele. Ela estava lá, como ele tinha sonhado. Vestia até aquela espécie de camisola de seda que ele tinha cheirado um número vergonhoso de vezes.

Ele deu mais um passo. Estava tão atônito por vê-la que por um instante se esqueceu que ele próprio estava ali. Então os olhos dela se abriram de repente, e ela o encarou. Isso significava que ele estava lá.

Sasha sentou na cama.

Como ele iria se explicar? Seria tarde demais para pedir permissão para entrar? Ele sentia tanto carinho por ela. Mal conseguia se manter de pé.

— Tem uma garota dormindo na minha cama — ele sussurrou, erguendo as mãos como que admirado. — Como você veio parar aqui?

Ela riu. Não parecia aborrecida ou triste. Ela foi mais para o lado da cama.

— Vem — ela disse. E abriu espaço para ele.

Nenhum lugar seria mais adequado para aquele encontro que a cama deles. Uma cama para duas pessoas transformava duas pessoas em uma: respirando, pulsando, abraçando-se, e por fim completas. Ele via suas expressões no rosto dela, sentia o desejo dela no próprio peito, ouvia as próprias emoções na voz dela. Tudo misturado, compartilhado. Ele não conseguia mais se distinguir dela, nem queria fazer isso.

Foi uma avalanche bem silenciosa. Teve que ser silenciosa, porque os pais dos dois estavam no fim do corredor. Cada um dos milhões de momentos em que ele pensara nela ao longo dos anos, cada molécula do cheiro dela que ele sentira em todo aquele período parecia amplificar a força daquilo. A energia acumulada não deu margem a tropeços.

Ray não sabia que um corpo pudesse ser capaz de tais extravagâncias. Admirou-se com a estranha maravilha do ato todo. Que ele pudesse se sentir daquela forma. Que ela pudesse ser daquele jeito, parecer daquele jeito, mover-se daquele jeito. O corpo dela, as formas, os cheiros, o gosto. Como era possível?

Quando a intensidade diminuiu e a parte calma começou, ele sentiu o peso da cabeça dela em seu peito nu, o corpo úmido dela contra o seu. Ela levantou o rosto para ele, e ele teve de desviar o olhar por um instante. Não queria perder nenhum vislumbre dela, nenhum instante daquela sensação, mas não era capaz de aguentar. Prazer demais. Desejo demais. Sempre seria assim, dois lados da mesma devoção.

Milagres estranhos ocorriam em abundância. Mattie e a mãe e Evie preparavam um bolo na cozinha. Mattie sentiu um nó na garganta ante o tagarelar simpático mas cauteloso das duas: a concordância quanto à quantidade de manteiga e de ovos, o perfeito consenso quanto às virtudes da baunilha, o desejo oculto de dizer mais do que falavam. Adam estava em sua mesa, trabalhando num livro. O pai de Mattie pescava no cais. Emma caminhava pela praia, onde o sinal do celular era melhor, e contava a Jamie tudo o que tinha acontecido. Ray e Sasha foram juntos ao centro para comprar comida. Era mesmo muita coisa. O que Quinn teria pensado disso?

Você está aqui, não está? O que acha?

A sensação era de que tudo tinha uma fragilidade deslumbrante, e ela temia respirar forte demais e fazer tudo se esfarelar e voar pelos ares, como uma folha de outono. Mas então Mattie se forçou a respirar forte. O que mais havia a temer?

Era domingo e, àquela noite, depois de um jantar final em honra de Quinn, todos voltariam para suas vidas normais. No dia seguinte, voltariam à escola, ao trabalho, à velha alternância de semanas.

Aquela poderia ser a última vez que Mattie veria o pai e a mãe juntos na casa. Por mais amistosos e generosos que se mostrassem, ela não esperava que aquilo virasse um costume. As divisões retornariam. Claro que sim. A grama cresceria. Folhas cairiam. Contas ficariam por pagar.

Com uma forte sensação de entusiasmo e inquietação ao mesmo tempo, ela imaginou Sasha e Ray caminhando juntos para o carro. Algumas coisas mudariam para sempre.

Ela saiu para fazer companhia ao pai.

— Oi, querida — ele disse. Vestia seu traje de praia clássico com estampas Paisley, suéter texturizado, o Ray-Ban marca registrada no alto da cabeça. A roupa respirava tradição e otimismo. O rosto ainda era pura mágoa.

— Oi, pai. Fiskou alguma coisa? — ela perguntou espiando o balde dele.

— Ainda não.

Ela sentou ao lado dele no cais e balançou os pés na água como fizera tantas e tantas vezes quando pequena. Ele se inclinou e despenteou seu cabelo.

O ar carregava um frio de outono. As árvores ao redor da lagoa pulsavam de cor.

— Gostei de ter meu pai e minha mãe juntos na casa — ela disse. — Confesso. Amo vocês dois. Amo minhas duas famílias. Amo esta casa. — Ela sentia isso com muita força e gratidão, apesar de tudo o que sabia.

Ele assentiu. Seu rosto não proibia nada, então ela seguiu em frente.

— Eu já tive isso antes? Você e a mamãe já ficaram aqui juntos depois que eu nasci?

— Não por muito tempo. Talvez dois meses. Só o tempo suficiente para você começar a sorrir.

— Eu sorria?

— Ah, sim. Maravilhosamente. Sempre. — Ele deu um sorriso franco ante aquela lembrança.

— Foi o que nos fez seguir em frente.

— Sério?

— Nos meus piores dias, ainda faz.

Ela viu as lágrimas dele. Já não tinha mais medo delas. Quando muito, estava se acostumando com elas. Ela baixou o queixo e chorou também. Lágrimas pontilharam suas pernas.

Ela sabia que aquele era um momento de estranha magia, quando rotas misteriosas se abriam no ar. Logo voltariam a se fechar. Os velhos limites e restrições voltariam aos lugares de sempre. Ela precisava ter coragem para finalmente forçar caminho através deles enquanto podia.

— Meu nascimento foi o ponto final para afastar você e a mamãe? — ela perguntou.

Ele a encarou, horrorizado.

— Não. Não foi isso.

E mais corajosa, ela continuou:

— Eu não parecia com os outros bebês. Sei que não. Ainda não pareço. Sei que sou diferente.

Foi difícil dizer aquilo.

Ele assimilou suas palavras. Deu-se conta do que ela queria dizer. Pôs de lado a vara de pescar. E reuniu suas forças. Ela viu acontecer. Podia quase ouvi-lo investindo contra os cipós, sacando o facão, pronto para combater o espesso matagal. Ele era o corajoso. Porque claro que ele sabia. Sempre soubera.

Ele se virou para ela e segurou suas mãos, suas mãos brancas e rosadas nas mãos morenas dele. O olhar dele não vacilou nenhum instante.

— Você sabe que eu fui criado e amado por duas pessoas com quem eu não tinha qualquer semelhança física. Você sabe disso, certo?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Você viu as fotos da minha querida mãe, Matilda, que lhe deu o seu nome.

Ela fez que sim de novo.

— Minha mãe e meu pai me deram tudo o que tinham, tudo o que sou.

Ela chorou abertamente. Tentava evitar que o rosto traísse seu descontrole.

— Eles me amaram e cuidaram de mim, então são meus pais. Não existem outros pais. É simples assim.

— É mesmo?

Ele a puxou para si e lhe deu um abraço.

— Eu te amo e me preocupo com você. Sempre amei, sempre vou amar.

Jamie veio no ônibus no fim da manhã de domingo. Emma queria que ele presenciasse aquele acontecimento estranho antes que a magia se dissipasse. Ela o buscou no ponto de ônibus. Eles fizeram um plano durante o curto trajeto até a casa e decidiram anunciá-lo quando chegassem lá.

— Prepare-se — ela o alertou.

Porque era como entrar num sonho, vê-los todos sentados amistosamente em volta da mesa da cozinha, comendo rabanadas. Jamie parecia ver alucinações.

— Bem-vindos — Lila disse, levantando-se e puxando mais cadeiras, como se ela nunca tivesse sido outra diferente daquela pessoa acolhedora.

Jamie olhou para Robert e Lila, para Adam e Evie, para Ray e Sasha, incrédulo.

— Vamos fugir para casar em novembro — Emma anunciou ao grupo, direta. — Vocês todos estão convidados.

Aprovação geral, muitos parabéns, pouca surpresa. Ray assoviou.

— Por que não um casamento? — Lila perguntou. — Vamos nos comportar dessa vez. — Ela

olhou para Robert, e seu rosto ficou mais sério. — *Eu* vou me comportar dessa vez.

Robert olhou para Lila. Não foi bem um olhar afetuoso, mas também não continha amargura.

— Eu também.

— Eu faço outra salada de vagem — Lila propôs.

Emma virou bruscamente para ela.

— Nada de salada de vagem.

— Era brincadeira. — Era uma grande novidade Lila ter progredido a ponto de fazer brincadeiras.

Emma e Jamie se entreolharam.

— Bom, pela primeira vez, o problema não são vocês — Emma explicou.

Jamie pareceu chateado, mas aguentou firme.

— Podemos ir à câmara municipal juntos.

Viu só, Quinn? Queria muito que você visse isso.



SIGRID ESTRADA

ANN BRASHARES estudou filosofia no Barnard College, em Nova York. Interrompeu uma pós-graduação na área quando começou a trabalhar como editora. Anos depois, resolveu ser escritora em tempo integral e se tornou uma autora best-seller com a série A Irmandade das Calças Viajantes. Mora em Nova York com o marido e os quatro filhos.



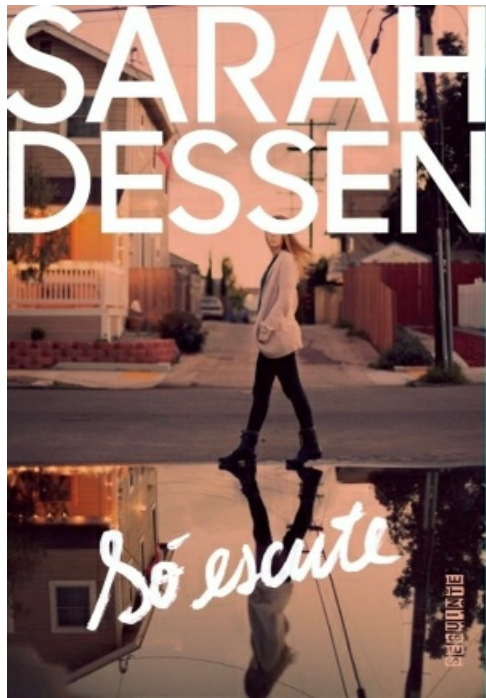
Uma canção de ninar

Dessen, Sarah 9788543806228

352 páginas [Compre agora e leia](#)

Remy não acredita no amor. Sempre que um cara com quem está saindo se aproxima demais, ela se afasta, antes que fique sério ou ela se machuque. Tanta desilusão não é para menos: ela cresceu assistindo os fracassos dos relacionamentos de sua mãe, que já vai para o quinto casamento. Então como Dexter consegue fazer a garota quebrar esse padrão, se envolvendo pra valer? Ele é tudo que ela odeia: impulsivo, desajeitado e, o pior de tudo, membro de uma banda, como o pai de Remy — que abandonou a família antes do nascimento da filha, deixando para trás apenas uma música de sucesso sobre ela. Remy queria apenas viver um último namoro de verão antes de partir para a faculdade, mas parece estar começando a entender aquele sentimento irracional de que falam as canções de amor...

[Compre agora e leia](#)



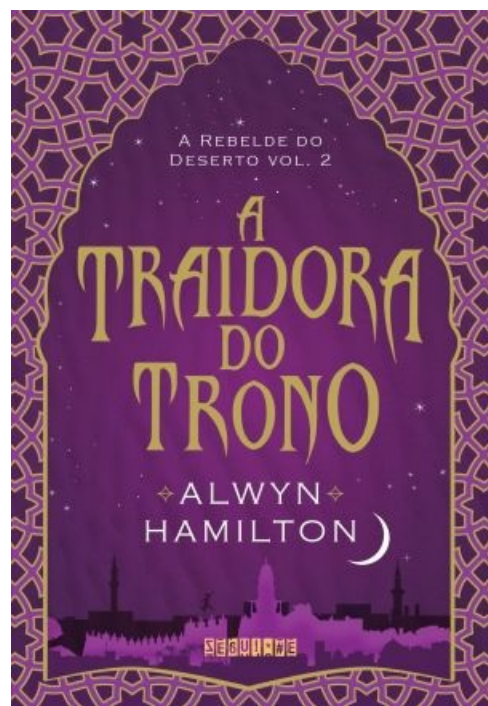
Só escute

Dessen, Sarah 9788543810973

352 páginas [Compre agora e leia](#)

Para encarar a verdade, você precisa estar disposta a ouvi-la. Ano passado, Annabel era a típica “garota que tem tudo” — inclusive era esse o papel que interpretava no comercial de uma loja de departamentos da cidade. Este ano, porém, ela é a garota que não tem nada: não tem mais a amizade de Sophie; não tem uma família feliz desde a descoberta do distúrbio alimentar de uma de suas irmãs; e não tem ninguém com quem passar a hora do almoço na escola. Até conhecer Owen Armstrong. Alto, misterioso e obcecado por música, Owen é um garoto que vivia se metendo em brigas, mas agora está tentando mudar. Um de seus novos lemas é sempre falar a verdade, não importa qual seja, e jamais guardar ressentimentos. Será que com a ajuda desse amigo inesperado Annabel vai conseguir encarar a verdade e enfrentar o que aconteceu na noite em que brigou com Sophie?

[Compre agora e leia](#)



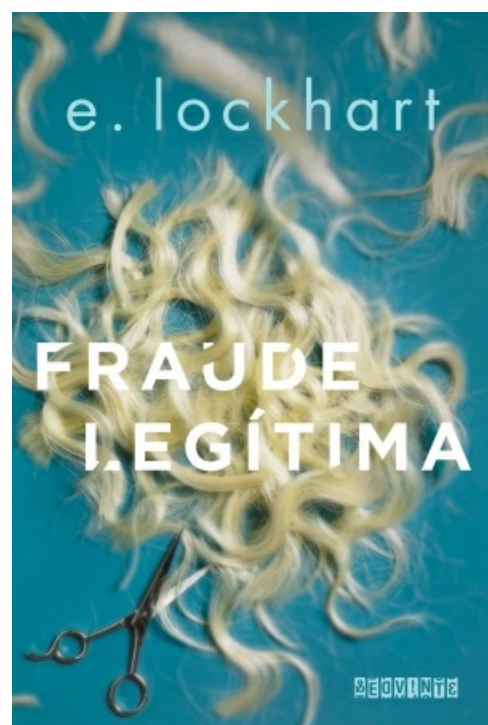
A traidora do trono

Hamilton, Alwyn 9788543808567

440 páginas [Compre agora e leia](#)

Depois de A rebelde do deserto, a melhor atiradora de Miraji está de volta numa continuação repleta de reviravoltas. Amani Al'Hiza mal pôde acreditar quando finalmente conseguiu fugir de sua cidade natal, montada num cavalo mágico junto com Jin, um forasteiro misterioso. Depois de pouco tempo, porém, sua maior preocupação deixou de ser a própria liberdade: a garota descobriu ter muito mais poder do que imaginava e acabou se juntando à rebelião, que quer livrar o país inteiro do domínio do sultão. Em meio às perigosas batalhas ao lado dos rebeldes, Amani é traída quando menos espera e se vê prisioneira no palácio. Enquanto pensa em um jeito de escapar, ela começa a espionar o sultão. Mas quanto mais tempo passa ali, mais Amani questiona se o governante de fato é o vilão que todos acreditam.

[Compre agora e leia](#)



Fraude legítima

Lockhart, E.

9788543810966

280 páginas [Compre agora e leia](#)

Neste novo suspense da mesma autora de Mentirosos, você deverá decidir se uma pessoa é tão ruim quanto suas piores ações. Jule West Williams é uma garota capaz de se adaptar a qualquer lugar ou situação. Imogen Sokoloff é uma herdeira milionária fugindo de suas responsabilidades. Além do fato de serem órfãs, as duas garotas têm pouco em comum, mas isso não as impede de desenvolver uma amizade intensa quando se reencontram anos depois de terem se conhecido no colégio. Elas passam os dias em meio a luxo e privilégios, até que uma série de eventos estranhos começa a tomar curso, culminando no trágico suicídio de Imogen e forçando Jule a descobrir como viver sem sua melhor amiga. Mas, talvez, as histórias das duas garotas tenham se unido de maneira inexorável — e seja tarde demais para voltar atrás.

[Compre agora e leia](#)

UM CONTO DE A SELEÇÃO



O PRÍNCIPE

KIERA CASS

SEGUINTE

O príncipe

Cass, Kiera 9788580866827

72 páginas [Compre agora e leia](#)

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

[Compre agora e leia](#)